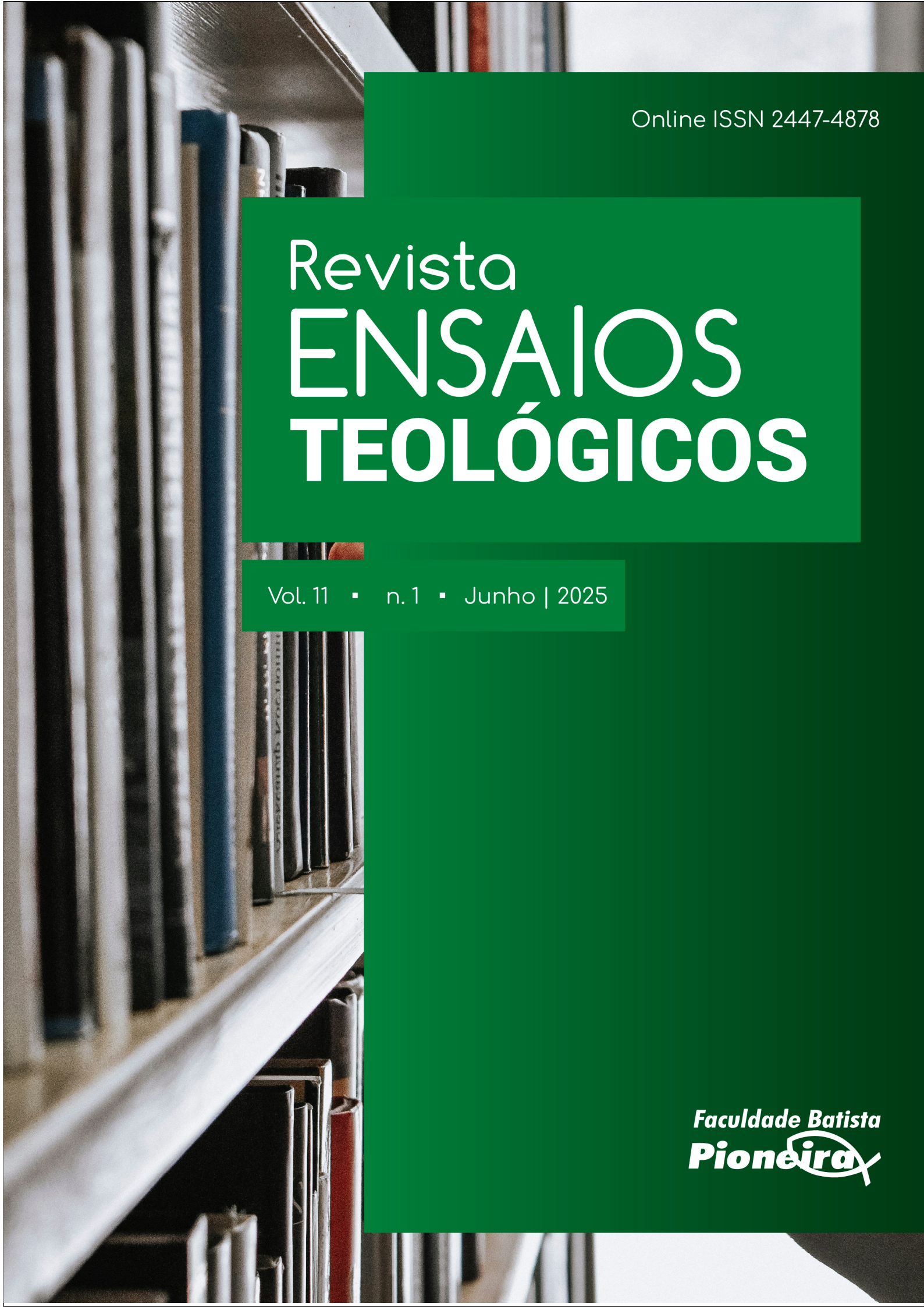


Online ISSN 2447-4878

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Vol. 11 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2025

Faculdade Batista Pioneira

ISSN 2447-4878

REVISTA
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 11 – Número 01 – Junho / 2025

Missão
Proporcionar espaço para compartilhamento
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica

Faculdade Batista Pioneira

R454 Revista Ensaios Teológicos: Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz
v. 11, n. 01, Jun. 2025. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2025. -
159 p.

Semestral
ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador

Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000
(55) 3332-2205 – faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

Editora Responsável

Drª Marivete Zanoni Kunz

Conselho Editorial

Dr. Alcir Souza (Seminário Teológico Batista de Queluz / Portugal)
Drª. Analzira Nascimento (Faculdade Batista de SP)
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)
Dr. Gleyds Silva Domingues (Faculdades Batista do Paraná)
Drª. Madalena Molochenco (Faculdade Evangélica de São Paulo)
Drª. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)
Me. Carlos Alberto Bezzera (Faculdade Batista do Cariri)
Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)
Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)
Dr. Efstathios Tsotsos (Faculdade Teológica Batista de SP)
Me. Gabriel Girotto Lauter (Séminaire Baptiste Évangélique du Québec / Canadá)
Ma. Hariet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)
Dr. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)
Drª Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)
Me. William Tenório Quintela (Faculdade Teológica Batista de SP)

Revisão

Drª Marivete Zanoni Kunz

Diagramação e Editoração Eletrônica

Dr. Claiton André Kunz

Capa

Delize Grando

Faculdade Batista Pioneira

LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico, tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão Missionária

SUMÁRIO

Apresentação 08

ARTIGOS

É EM CASA QUE OS FILHOS PRECISAM APRENDER SOBRE DEUS!
It is at home that children need to learn about God!
Dr. Josemar Valdir Modes *10*

RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO: FRAUDE VERSUS VERDADE
Resurrection of Jesus Christ: fraud versus truth
Lucas Felicio da Rolt *29*

O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO E SUA RELAÇÃO COM A CONVERSÃO
Baptism in the Holy Spirit and Its Relationship to Conversion
Denilson Silva Araújo *41*

COSMOVISÕES FECHADAS: FATORES QUE EXPLICAM CONFLITOS DE COSMOVISÕES
Closed worldviews: factors explaining worldview conflicts
Paulo Nogueira Real *54*

GUTENBERG E A PRODUÇÃO DA PRIMEIRA BÍBLIA IMPRESSA
Gutenberg and the Production of the First Printed Bible
Felipe Claus Rauber *68*

OS DESIGREJADOS E A ECLESIOLOGIA: UNIDADE, COMUNHÃO E EDIFICAÇÃO DO CORPO DE CRISTO EM EFÉSIOS 4.1-16
The “Churchless” and Ecclesiology: Unity, Fellowship, and the Edification of the Body of Christ in Ephesians 4.1-16
Paulo Henrique Pedrão *84*

CRISTOLOGIA DE MICHELANGELO: REFLEXÕES SOBRE AS PINTURAS DA CAPELA SISTINA
Michelangelo's Christology: reflections on the Sistine Chapel paintings´
Bernardo Stollmeier Kuss.....*93*

AS TEOLOGIAS DA LIBERTAÇÃO COMO TERMÔMETRO DA ATUAL CONDIÇÃO DO EVANGELICALISMO BRASILEIRO
Liberation Theologies as a Thermometer of the Current Condition of Brazilian Evangelicalism
Carlos Eduardo Brechani *108*

OS DEZ MANDAMENTOS ESTABELECEM UMA BASE ÉTICA UNIVERSALMENTE VÁLIDA?
Do the Ten Commandments establish a universally valid ethical foundation?
Pedro Henrique Winter *120*

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE, COSMOVISÃO E FORMAÇÃO CRISTÃ: IMPLICAÇÕES PARA O CONTEXTO FAMILIAR
Prosperity Theology, Worldview, and Christian Formation: Implications for the Family Context
Allison Roberto Campos Mendonça *147*

Normas para publicação 158

APRESENTAÇÃO

Com alegria disponibilizamos mais uma edição da revista Ensaios Teológicos!

Nesta edição, reunimos dez artigos que abordam diferentes temas da reflexão teológica, relacionando a Bíblia à família, à igreja, à história, à cultura e à sociedade contemporânea. O primeiro artigo, ***É em casa que os filhos precisam aprender sobre Deus!***, de Josemar Valdir Modes, destaca a responsabilidade da família na formação espiritual das crianças, com ênfase no ensino bíblico, no exemplo dos pais e na oração. O segundo, ***Ressurreição de Jesus Cristo: fraude versus verdade***, de Lucas Felicio da Rolt, examina o testemunho bíblico da ressurreição e as principais hipóteses que procuram contestá-la, ressaltando sua centralidade para a fé cristã. O terceiro, ***O batismo no Espírito Santo e sua relação com a conversão***, de Denilson Silva Araújo, apresenta diferentes interpretações sobre o batismo no Espírito Santo, considerando perspectivas pentecostais e reformadas e episódios como Pentecostes e a conversão de Cornélio.

O quarto artigo, ***Cosmovisões fechadas: fatores que explicam conflitos de cosmovisões***, de Paulo Nogueira Real, analisa fatores que dificultam o diálogo entre diferentes perspectivas, com destaque para a natureza pecaminosa, a condição emocional e a capacidade crítica. O quinto, ***Gutenberg e a produção da primeira Bíblia impressa***, de Felipe Claus Rauber, aborda a importância da imprensa para a circulação das Escrituras e para as transformações religiosas e sociais que favoreceram a Reforma Protestante. Seguindo, o sexto texto, ***Os desigrejados e a eclesiologia: unidade, comunhão e edificação do Corpo de Cristo em Efésios 4.1-16***, de Paulo Henrique Pedrão, reflete sobre a comunhão cristã, a unidade da igreja e a participação dos membros na edificação do Corpo de Cristo. ***Cristologia de Michelangelo: reflexões sobre as pinturas da Capela Sistina***, de Bernardo Stollmeier Kuss, é o sétimo texto e o autor propõe uma leitura artística e teológica das pinturas de Michelangelo, relacionando-as à reflexão sobre Cristo, a condição humana e a reconciliação com Deus.

Nosso oitavo artigo tem por título: ***As teologias da libertação como termômetro da atual condição do evangelicalismo brasileiro***, e foi escrito por Carlos Eduardo Brechani. O autor discute a relação entre essas teologias e os desafios do evangelicalismo brasileiro, especialmente no que diz respeito à resposta das igrejas às necessidades concretas das pessoas. O nono artigo: ***Os Dez Mandamentos estabelecem uma base ética universalmente válida?***, de Pedro Henrique Winter, investiga a validade universal dos Dez Mandamentos e sua influência na formação moral, na legislação, na educação e em diferentes manifestações culturais. Por fim, o décimo artigo, ***Teologia da Prosperidade, cosmovisão e formação cristã: implicações para o contexto familiar***, de Allison Roberto Campos Mendonça, analisa a influência da Teologia da Prosperidade sobre a família e defende uma formação cristã integral, bíblica e cristocêntrica, que contemple temas como sofrimento, trabalho, dinheiro, discipulado e esperança.

Os dez artigos trazem temas diversos da produção teológica, articulando interpretação bíblica, reflexão doutrinária, formação cristã, história, ética e prática eclesial. Nosso desejo é que este material contribuía para o debate acadêmico e inspire uma prática cristã cada vez mais fundamentada nas Escrituras e comprometida com os desafios da contemporaneidade.

Drª. *Marivete Zanoni Kunz*
Editora Responsável

Este artigo é parte integrante do Vol. 11 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2025 ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.001

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

É EM CASA QUE OS FILHOS PRECISAM APRENDER SOBRE DEUS!

It is at home that children need to learn about God!

Dr. Josemar Valdir Modes[1]

RESUMO

Este artigo busca despertar pais e líderes do ministério com crianças para a responsabilidade compartilhada na formação espiritual infantil, ressaltando que a família constitui o principal espaço de aprendizagem e vivência da fé, enquanto a igreja deve apoiar e instrumentalizar os responsáveis nessa tarefa. A partir de princípios bíblicos, especialmente Deuteronômio 6, discute-se a importância do exemplo dos pais, do ensino cotidiano da Palavra, da oração e do culto doméstico na formação das crianças. Defende-se que o discipulado infantil não deve ficar restrito às programações eclesiásticas, mas integrar-se à rotina familiar, com a participação de diferentes pessoas da comunidade cristã. Conclui-se que a parceria entre família e igreja fortalece o desenvolvimento da fé, sem transferir à instituição religiosa a responsabilidade primordial que cabe aos pais e responsáveis.

Palavras-chave: Crianças. Discipulado. Pais.

ABSTRACT

shared role in children's spiritual formation, emphasizing that the family is the primary setting for learning and practicing the faith, while the church should support and equip those responsible for this task. Drawing on biblical principles, especially Deuteronomy 6, it discusses the importance of parental example, the everyday teaching of Scripture,

[1] Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, tem especialização em Liderança e Gestão de Pessoas pela FABAPAR, mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela FABAPAR. É doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor de crianças na PIB em Ijuí e como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5094-1173. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

prayer, and family worship in children's spiritual development. It argues that children's discipleship should not be limited to church programs, but should be integrated into family life and supported by other members of the Christian community. The article concludes that partnership between family and church strengthens the development of faith without transferring to the church the primary responsibility entrusted to parents and caregivers.

Keywords: Children. Discipleship. Parents.

INTRODUÇÃO

A pior apropriação que a igreja fez ao longo da história foi a de pensar equivocadamente que a educação espiritual das crianças é tarefa sua. A percepção de que é na igreja que se aprende sobre Deus tem limitado imensamente o desenvolvimento espiritual dos nossos pequenos e gerado um grupo de pais omissos quanto ao seu compromisso de falar sobre Deus em seus lares. Isso se torna mais intenso ainda quando se olhar algumas pesquisas "como a registrada por Lionel Hunt em livro. A chamada Janela 4/14 aponta que 85% das conversões a Cristo acontecem, geralmente, dos 4 aos 14 anos, sendo esta a faixa etária ideal para intensificar o trabalho de evangelismo".[2]

Religião se aprende em casa e é no lar que se deve vivenciar as reais e profundas experiências com Deus. Talvez aqui surja o questionamento: se os pais não têm vida com Deus, como a criança poderá aprender sobre Ele? Essa desculpa tem feito líderes e pastores usurpar o papel dos pais na condução espiritual das crianças, fazendo-os esquecer do seu papel de apoio às famílias e responsáveis pelo desenvolvimento infantil. A igreja deve, em seus ministérios com crianças, alcançar os adultos que estão em torno dos pequenos, mostrando a importância da vida com Deus e fazendo com que eles queiram comunicar em seu dia a dia estas verdades. Não se pode abrir mão deste princípio! Se os pais ou responsáveis não são cristãos, precisam ser evangelizados para que assumam o seu compromisso.

Se a liderança dos ministérios fechar seus olhos para esta realidade se contentará com o mínimo possível de impacto na vida das crianças, permitindo que no tempo em que não estão na igreja recebam diferentes instruções que muitas vezes as afastam da Palavra de Deus. É preciso pensar num trabalho conjunto, coordenado e de impacto. Se a intensão é salvar as crianças, é preciso recorrer aos maiores influenciadores infantis: os pais!

Este artigo tem como propósito despertar os pais e a liderança do ministério de crianças a buscar uma parceria constante e intensa de trabalho entre famílias e a igreja. Falar-se-á o tempo todo sobre o ministério com crianças, ministério infantil, mas no fundo estar-se-á pensando em um ministério com a família e os responsáveis pelas crianças.

Envolvê-los nos ministérios não é apenas trazer os pais para uma programação; é se fazer presente em todos os aspectos da rotina da criança, num movimento em que os pais são apoiados pela igreja em todas as suas demandas. Os pais precisam de ajuda e a igreja pode ajudar.

[2] FARIAS, Carlos Eduardo. Uma lição aos pequeninos. **Revista Lar Cristão,** ed. 173, jan./fev. 2021. Disponível em: https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/uma-lição-aos-pequeninos. Acesso em: 15 set. 2022.

1. FAMÍLIA E IGREJA: ENSINANDO ATRAVÉS DA SINERGIA

Quando se pensa em *sinergia* está se trabalhando com o conceito de "cooperação, a partir de um termo de origem grega (*synergía*). Sinergia é um trabalho ou esforço para realizar uma determinada tarefa muito complexa, e poder atingir seu êxito no final. Sinergia é o momento em que o todo é maior que a soma das partes".[3]

A expressão sinergia evidencia o que deve ser a missão de um Ministério com Crianças na igreja: um trabalho conjunto, com todos os envolvidos e especialistas possíveis, para a transformação de vida dos pequenos. O trabalho com crianças sempre será o trabalho *com...* e aí inúmeros agentes precisam ser acionados e envolvidos, principalmente os pais e/ou adultos responsáveis, que de alguma forma assumem o papel de família para a criança.

É preciso destacar aqui que o contexto familiar assume papel de importância fundamental na formação do indivíduo.

> A família caracteriza-se como a primeira instituição social que irá promover o desenvolvimento individual das pessoas; é a primeira formação. Ela é considerada a base de tudo, extremamente necessária para a evolução do ser humano, sendo nesse meio em que a criança terá seus primeiros contatos com os sujeitos que contribuirão para sua formação pessoal.[4]

Um sociólogo, ao refletir sobre a família, destaca que

> o ponto de partida é a família, o espaço privado das relações de intimidade e afeto, em que geralmente pode-se encontrar alguma compreensão e refúgio, apesar dos conflitos. É o espaço onde se aprende a obedecer a regras de convivência, a lidar com a diferença e a diversidade.[5]

Tendo em mente a importância da família, pode-se afirmar com absoluta certeza de que ela é a base para a formação do indivíduo, ou seja, "a família é a primeira agência socializadora – base das primeiras relações, interações e aprendizado"[6], de onde a pessoa levará "a bagagem de casa para a vivência em sociedade. Sendo assim, pode refletir positiva ou negativamente em sociedade, de acordo com o conhecimento informal adquirido".[7]

Biesdorf amplia a importância da família ao afirmar que ela "é a principal instituição responsável pela educação informal, através da qual são ensinados os costumes humanos

[3] **SIGNIFICADO de sinergia.** Disponível em: https://www.significados.com.br/sinergia/. Acesso em: 24 ago. 2022.

[4] WIECZORKIEVICZ, Alessandra Krauss; BAADE, Joel Haroldo. Família e escola como instituições sociais fundamentais no processo de socialização e preparação para a vivência em sociedade. **Revista Educação Pública,** v. 20, nº 20, 2 de junho de 2020. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/19/familia-e-escola-como-instituicoes-sociais-fundamentais-no-processo-de-socializacao-e-preparacao-para-a-vivencia-em-sociedade.

[5] DÜRKHEIM, Émile. **De la división del trabajo social**. Buenos Aires: Schapire, 1973, p. 34.

[6] SILVA, A. **A construção da parceria família-creche:** expectativas, pensamentos e fazeres no cuidado e educação das crianças. 189 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, p. 8.

[7] FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, p. 76.

como falar, andar, comer, religião, cultura".[8] O que o ser humano é, está diretamente relacionado às pessoas que mais convivem com ele.

Na Escritura Deus incumbe os pais da missão de ensinar sobre todas as matérias pertinentes à vida humana, especialmente no que se refere ao ensino sobre a religião. Um dos textos bases sobre o legado espiritual é o de Deuteronômio 6, no qual Deus incumbe os pais desta nobre função:

> Guardem sempre no coração as leis que eu lhes estou dando hoje e não deixem de ensiná-las aos seus filhos. Repitam essas leis em casa e fora de casa, quando se deitarem e quando se levantarem. Amarrem essas leis nos braços e na testa, para não as esquecerem; e as escrevam nos batentes das portas das suas casas e nos seus portões (Dt 6.6-9).

O propósito de Deus é transformar o coração das crianças, usando principalmente os pais neste processo. Duas são as ações centrais nesta transformação através dos pais: instrução e correção. Na instrução os pais alimentam seus filhos; na correção administram remédios para as enfermidades decorrentes da falta de nutrientes. A vida espiritual é sustentada pela instrução e corrigida pela disciplina.[9]

A igreja entra nesta perspectiva como uma agência que potencializa o indivíduo que tem contato com ela. Não é a igreja que transforma, mas a Palavra de Deus aplicada *no* e *pelo* ser humano, palavra esta que é pregada pela Igreja. A tarefa de guiar o ser humano poderia ser repassada à Igreja, desde que se tivesse a perspectiva de um intenso contato entre o convertido e a instituição religiosa. O problema reside no fato dos cristãos estarem pouco tempo na igreja e muito tempo fora dela. Se o crescimento espiritual depender apenas da igreja, este processo será lento, deficitário e limitado.

As comunidades religiosas precisam ser vistas por aquilo que elas verdadeiramente são: grupos que ajudam os convertidos a buscar mais a Deus, a conhecer mais da Sua Palavra, tendo suas vidas transformadas. Aqui se torna irreal a ideia de que a igreja é que levará meu filho ao conhecimento pleno de Deus. A igreja ajudará, mas a tarefa repousará principalmente sobre os agentes que convivem mais com as crianças. Essa visão precisa ser incorporada pela igreja e seus líderes, como também pelos participantes em suas expectativas para que se desenvolva um verdadeiro trabalho de parceria em que um potencializa o outro.

Santos, em um de seus escritos, sintetiza a importância desse trabalho conjunto. Ela destaca que uma das coisas mais importantes da humanidade é fazer parte de uma tribo - de um grupo. Há a necessidade de fazer parte de uma comunidade e saber que se está contribuindo para algo importante.[10]

---

[8] BIESDORF, Rosane Kloh. O papel da educação formal e informal: educação na escola e na sociedade. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí,** v. 1, nº 10, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.5216/rir.v1i10.1148. Acesso em: 2 dez. 2018.

[9] MACHADO, Luís Eduardo. **Educando filhos no dia a dia segundo os preceitos bíblicos**. 3.ed. Disponível em: https://aprimoramento.com.br/educandofilhos.pdf. Acesso em: 31 ago. 2022.

[10] SANTOS, Juliane Baal T. **Juntos somos mais fortes.** Disponível em: https://www.penselaranja.com.br/2022/04/juntos-somos-mais-fortes/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 20 out. 2023.

A comunidade certa para os filhos não é aquela que mais oferece programas ou eventos, mas sim aquela a quem eles podem se dar mais. As crianças precisam de um grupo, uma tribo que lhes dê um sentimento de pertencer e significado na vida, no qual eles usam seus dons e talentos, gerando seu desenvolvimento. Algo poderosamente importante acontece, quando os pais constroem uma parceria com outras influências que os ajudam a colocar um senso de missão no coração de nossos filhos. Outros adultos podem dar uma visão diferente para as crianças – uma visão de seu lugar neste mundo. Outros adultos podem transferir uma paixão diferente para eles que a sua família de origem não vai conseguir.

Outras pessoas podem ser como espelhos que refletem para as crianças a importância que eles têm. Mentores são pessoas que mostram para os pequenos como eles podem se tornar melhores e como podem desenvolver o seu potencial. Professores e líderes são instrumentos poderosos nessa área.

Quando pais e líderes da igreja trabalham juntos para encorajar os filhos a servir, a pertencer, a se dar, uma fé muito mais forte é desenvolvida. Moisés passou esses valores para toda a comunidade porque ele sabia que precisavam de múltiplas influências para guardar a fé de uma geração. Nunca foi a intenção de Deus que a nossa vida fosse vivida de forma isolada, e o que é verdadeiro para indivíduos é verdadeiro também para as famílias.[11]

Não há como realizar um Ministério com Crianças sem envolver os pais nesse processo, buscando inclusive uma inserção em outros segmentos da sociedade, como escolas e creches. A necessidade de somar forças se torna clara a partir de uma análise muito fria e simples: a igreja é uma grande influência na vida das crianças, mas elas passam pouco tempo nesse lugar. Estima-se que ao longo do ano a criança (quando os pais são bem assíduos e responsáveis) passe somente 40 horas nesse ambiente comunitário de estudo da Palavra de Deus. Na escola elas passam pelos menos 800 horas anuais e o tempo em casa ultrapassa as 3000 horas no ano! Os pais e a escola chegam a ter 100 vezes mais influência em relação aos filhos do que qualquer programa de igreja. Se a vida espiritual das crianças for reduzida às programações da igreja, as chances de elas conhecerem a Cristo se tornam minúsculas!

Ao mesmo tempo fica evidente a necessidade de a igreja aproveitar aqueles minutos, que podem ser horas nas quais as crianças têm contato com os professores e outros envolvidos com o ensino da Bíblia. Cada minuto é importante e saber o que e como será feito é fundamental para que se atinjam alguns resultados palpáveis, pois nem sempre essa criança terá pais participativos em termos de desenvolvimento espiritual e, ainda, contará com toda a propaganda e trabalho contra realizados por algumas escolas, pela sociedade e pelas mídias (Cl 2.8).

A necessidade de se estabelecer uma rede de cuidados às crianças se justifica pelos resultados vivenciados na evangelização de crianças pela família. Boa parte dos cristãos que aceitaram Jesus durante a infância apontam os pais como os principais fomentadores dessa tomada de decisão. Como pastor me alegro em ouvir (e muitas vezes ouço) crianças testemunhando sobre a tomada de decisão feita em sua casa, junto com os seus pais. Os

[11] SANTOS, Juliane Baal T. *apud* JOINER, Reggie; NIEUWHOF, Carey. **Ampliando sua capacidade de educar filhos.** Pompéia: Universidade da Família, 2012, *passim.*

líderes religiosos e líderes de ministério podem ser instrumentos para essa decisão, mas jamais podem se apropriar indevidamente desse privilégio que os pais receberam em conduzir seus filhos a Deus.

Tendo a influência familiar em mente, precisa-se pensar no culto como uma experiência em família. Essa experiência jamais será vivenciada de forma plena se as crianças forem colocadas num culto de adultos, com linguagem difícil para os pequenos e imaginar que elas ficarão entusiasmadas com isso. Uma experiência de família deve ser o projeto do Ministério com Crianças, com o qual os pais vão se entusiasmar em participar do ensino juntamente com as crianças! Se as crianças se sentem acolhidas e conseguem externar sua adoração a Deus, com toda a certeza os pais compartilharão dessa mesma experiência!

> Quando pastores, professores e pais ensinam a Palavra de Deus para os filhos, a eficiência é multiplicada. Todavia, não raras vezes, os pais, principais formadores e influenciadores na vida das crianças, adolescentes e jovens, ensinam, moldam e aplicam coisas diferentes. A eficácia no ensino da Bíblia somente poderá ser vivenciada quando a igreja e a família estiverem alinhadas e concentradas na real necessidade deles: conhecer a Jesus Cristo. Os pais precisam saber o que está acontecendo com os seus filhos. Qual a lição que eles estão estudando aos domingos? Eles têm entendido a pregação do pastor? Estão aprendendo tudo o que leem e/ou ouvem da Bíblia? Procure estudar a lição do seu filho e certifique-se de que você também está lendo a Palavra de Deus.[12]

Assim, a atuação do ministério com crianças alcança maior consistência quando deixa de ser compreendida como uma atividade isolada da igreja e passa a fortalecer a vida espiritual no lar. A parceria não diminui a importância da comunidade cristã; ao contrário, permite que o ensino recebido nela encontre continuidade nas relações, nas conversas e nas práticas cotidianas da família.

2. ENSINAR SOBRE DEUS É RESPONSABILIDADE DOS PAIS

Vida religiosa se aprende em casa! Essa mentalidade deve ser ensinada aos pais e os envolvidos no ministério de crianças precisam ter clara noção deste conceito. Isso nem sempre está tão claro, até porque os pais não fazem curso para ter filhos e a igreja gosta de assumir o papel de gestora e propagadora da vida espiritual.

Com relação aos filhos, cabe aos pais *"criá-los com a disciplina e os ensinamentos cristãos*" (Ef 6.4), compreendendo que a missão é de educar *"a criança no caminho em que deve andar*" (Pv 22.6). Esta missão se estende às próximas gerações, conforme o Salmo 78.4-8:

> Não as esconderemos dos nossos filhos, mas falaremos aos nossos descendentes a respeito do poder de Deus, o Senhor, dos seus feitos poderosos e das coisas maravilhosas que ele fez. O Senhor deu leis ao povo de Israel e mandamentos aos descendentes de Jacó. Ordenou aos nossos antepassados que ensinassem essas leis aos seus filhos para que os seus descendentes as aprendessem, e eles, por sua vez, as ensinassem aos seus

[12] DE quem é a responsabilidade de ensinar as verdades bíblicas? **Revista Lar Cristão,** ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/de-quem-é-a-responsabilidade-de-ensinar-as-verdades-b%C3%ADblicas. Acesso em: 15 set. 2022.

> filhos. Assim eles também porão a sua confiança em Deus; não esquecerão o que ele fez e obedecerão sempre aos seus mandamentos. Eles não serão como os seus antepassados, um povo rebelde e desobediente, que nunca foi firme na sua confiança em Deus e não permaneceu fiel a ele (Sl 78.4-8).

A perspectiva Bíblica que recai sobre os pais é da criação de discípulos em suas casas que irão propagar a Palavra de Deus às próximas gerações. O texto de Deuteronômio 6 apresenta com detalhes a tarefa de conduzir as crianças a Deus, a partir da sua família com o envolvimento da comunidade ao seu redor:

> Guardem sempre no coração as leis que eu lhes estou dando hoje e não deixem de ensiná-las aos seus filhos. Repitam essas leis em casa e fora de casa, quando se deitarem e quando se levantarem. Amarrem essas leis nos braços e na testa, para não as esquecerem; e as escrevam nos batentes das portas das suas casas e nos seus portões (Dt 6.6-9).

O comportamento dos pais exerce enorme influência, este é um aspecto significativo e o outro é que as crianças precisam de pessoas para se espelharem, e os pais serão os principais agentes refletidores da graça de Deus.[13] O contato dentro de casa, as conversas e orações à mesa, o momento antes de dormir e a vida com Deus que os pais manifestam de forma pessoal são significativos para o desenvolvimento da fé nos pequenos. Não se pode ignorar aqui o culto doméstico também![14]

Se o propósito é ensinar aos filhos sobre Deus, a preocupação dos pais deve levar em conta a forma como as crianças veem, sentem e pensam. Precisa haver uma intencionalidade no ensino. De nada adianta uma reprodução adulta que não chega ao coração. Também não se trata de ter todas as respostas, mas de vivenciar conjuntamente as buscas. Conforme Remí Klein, "o mais importante no processo educativo-religioso não são as respostas e as certezas, mas as buscas e os questionamentos".[15] Citando Jeremie Hughes, Klein diz que "a nossa habilidade em responder às perguntas das crianças depende, em alto grau, das respostas que encontramos para nós mesmos para as grandes e pequenas questões existenciais".[16]

Cabe fazer a ressalva aqui que o ensino sobre Deus é responsabilidade dos pais, não a conversão. A transformação de vida é ação do Espírito Santo, a partir de uma decisão pessoal. Pode-se citar o texto de João 6.44: *"Só poderão vir a mim aqueles que forem trazidos pelo Pai, que me enviou, e eu os ressuscitarei no último dia*". Esta informação tira um peso sobre os ombros dos pais e ao mesmo tempo fornece um reforço imensurável: Deus, em Sua infinita graça, misericórdia e poder é quem fará este trabalho na vida das crianças. Ele pode ir além da capacidade limitada de qualquer pai.

Mas não fazer nada não é deixar Deus agir na vida deles; muito pelo contrário: Deus age através dos pais, trazendo a Sua salvação aos filhos. Muitos pais usam a desculpa moderna de que deixarão seus filhos decidirem quando chegar a hora certa, por aquilo que eles julgarem

[13] CRUZ, Elaine. **Amor e disciplina para criar filhos felizes.** Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 26.
[14] GOLDSMITH, 1995, p. 19-20.
[15] KLEIN, Remí. A pergunta sob um novo olhar no ensino religioso. In: WACHS, Manfredo Carlos; FUCHS, Henri Luiz; BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí (Orgs.). **Práxis do ensino religioso na escola.** São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 130.
[16] HUGHES, Jeremie *apud* KLEIN, 2007, p. 131.

certo. J. C. Ryle destaca os riscos dessa forma de pensar em The Duties of Parents (Os Deveres dos Pais), apresentados por outro autor com o título *como mandar seus filhos para o inferno*:

> Se você for educar seus filhos corretamente, então, em primeiro lugar, eduque-os no caminho em que devem andar e não no caminho em que eles escolheriam. Lembre-se: crianças nascem com uma inclinação decidida para o erro e, portanto, se você permitir que escolham por si mesmas, elas certamente escolherão errado. A mãe não pode dizer o que seu frágil infante será ao crescer: alto ou baixo, fraco ou forte, sábio ou tolo; ele pode ser qualquer uma destas coisas ou nenhuma delas, pois elas são incertas. Mas uma coisa a mãe pode dizer com certeza: ele terá um coração corrupto e pecador. É natural para nós portar-nos mal. "A estultícia", diz Salomão, "está ligada ao coração da criança" (Pv 22.15). "A criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe" (Pv 29.15). Nossos corações são como a terra que pisamos; deixe-a abandonada e certamente produzirá ervas daninhas. Se, então, você for lidar de modo sábio com seu filho, não deve deixá-lo sujeito a sua própria vontade. Pense por ele, julgue por ele, aja por ele, do mesmo modo que você faria por uma pessoa fraca e cega; mas, pelo amor de Deus, não o entregue aos seus próprios gostos e inclinações voluntariosos. Não devem ser suas preferências e desejos que são consultados. Ele ainda não sabe o que é bom para sua mente e alma, mais do que o que é bom para seu corpo. Não o deixe decidir o que ele deve comer, o que ele deve beber, e como ele deve se vestir. Seja consistente, e lide com a mente dele da mesma maneira. Eduque-o no caminho que é bíblico e correto e não do jeito que ele imagina. Se você não pode decidir-se a este primeiro princípio da educação cristã, é inútil continuar lendo. A vontade própria está perto de ser a primeira coisa que se manifesta na mente da criança, e precisa ser sua primeira resolução, resistir a ela. Ignore este conselho se você for colocar seu filho rumo à destruição, e ao invés disso, ensine-lhe autoestima positiva; ensine-o que o maior amor está dentro dele e que o mundo, de fato, gira ao seu redor.[17]

"Estudiosos da área da psicologia e pedagogia afirmam que os primeiros cinco anos são essenciais para a formação da criança. Se esses anos são importantes para o desenvolvimento emocional, mental e físico, será que não o são para os valores espirituais também?"[18] A ação proativa dos pais no ensino sobre Deus começa pelo **exemplo.** A ordem de Paulo a Timóteo é de que ele seja exemplo: *"seja um exemplo na maneira de falar, na maneira de agir, no amor, na fé e na pureza*" (1Tm 4.12).

> F. M. Huizenga escreveu: "Pais sinceros estão conscientes do fato de que em todo momento que estiverem juntos com seus filhos, eles os estão treinando para a vida. Eles treinam pelo exemplo, caráter, vida, bem como pelas palavras que falam. Palavras e expressões casuais, acidentais e sem cautela causam uma impressão tão profunda e permanente quanto as palavras ditas deliberadamente para influenciar uma criança. Os pais não podem esperar exercer, sobre uma criança, uma influência que seja superior ao seu próprio caráter. Os seus filhos verão muito além do seu disfarce. Eles o conhecem

[17] RYLE, J. C. *apud* SCHISSEL, Steve M. **Como Mandar seus Filhos para o Inferno.** Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/familia_casamento/filhos_inferno.htm. Acesso em: 01 set. 2022.

[18] FARIAS, Carlos Eduardo. Uma lição aos pequeninos. **Revista Lar Cristão,** ed. 173, jan./fev. 2021. Disponível em: https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/uma-lição-aos-pequeninos. Acesso em: 15 set. 2022.

> como você é. Eles seguirão o seu exemplo real. Será impossível esconder o seu ego, crenças e convicções reais e verdadeiras. O treinamento da criança deve começar com o seu próprio treinamento…"[19]

Muitos pais esperam que seus filhos sejam melhores do que eles, o que é uma grande ilusão. Gastam horas orando por isso, quando deveriam pedir a Deus auxílio para serem a mudança que esperam ver em seus filhos.

Além do exemplo, mostrar **autoridade** e **amor,** com a mesma intensidade e frequência, auxiliará os pais no seu compromisso de falar e ensinar sobre Deus. De um lado os pais devem ditar as regras sobre a vivência dos filhos, lugares que podem frequentar, o que assistem, o que fazem, mas tudo com uma grande dose de amor, permitindo a expressão de sua vontade a manifestação da sua contrariedade às regras. Há os pais que amam ao ponto de serem extremamente permissivos, e seu amor leva seus filhos ao inferno; outros são ditadores e seus filhos se revoltam contra este Deus que seus pais servem, indo igualmente para o inferno.

Orar constantemente pelos filhos é uma ferramenta preciosa. O texto de João 15.7 destaca a ação de Deus em abençoar seus filhos: *"Se vocês ficarem unidos comigo, e as minhas palavras continuarem em vocês, vocês receberão tudo o que pedirem".* Orar pelos filhos não deve ser uma ação feita em secreto apenas; é importante que os filhos enxerguem e ouçam os seus pais orando por eles.

É preciso desenvolver nosso conceito sobre a oração. O que é a oração? Um monólogo? Um diálogo? Ela é muito mais do que isso, pois nestes termos há a impressão de que orar é falar. Se assim fosse, como cumprir-se-ia o texto que diz *orai sem cessar?* (1Ts 5.17). A oração é a consciência de se está perto, até porque para pedir não é preciso usar palavras, basta olhar – os filhos fazem isso constantemente, e com uma simples olhada os pais entendem o que eles querem. Uma palavra usada na Bíblia para a oração e que ajuda a compreender isso é o termo desejo, que carrega consigo a ideia de querer estar com.[20]

Você já reparou no texto em que Jesus pede que cada um faça a sua oração no seu quarto (Mt 6.6), Ele diz: o teu Pai que te vê em secreto (não diz ouve, mas vê), o que aponta para além das palavras. Isso não significa que não se pode falar; na verdade é preciso primeiro calar todas as vozes (orar bastante) até que não tenha ruído, expondo tudo o que se sente, e aí sim a oração começa. Certa vez questionaram a Madre Teresa de Calcutá sobre a sua vida de oração: "O que a senhora fala com Deus quando ora: nada, eu só escuto – disse ela; o que Deus fala com a senhora: nada, Ele só escuta".[21] O ser humano ora quando tem plena consciência da presença de Deus ao seu lado, o tempo todo. Quando se vivencia esta profunda experiência de oração, é porque Deus estará presente em todos os momentos do dia a dia, e isso trará um impacto sem tamanho na vida dos filhos.

---

[19] HUIZENGA, F. M. *apud* HINNANT, Greg. Como os pais podem levar seus filhos a Cristo. **Revista Impacto,** 09 ago. 2017, Americana. Disponível em: https://www.revistaimpacto.com.br/como-os-pais-podem-levar-seus-filhos-cristo/. Acesso em: 01 set. 2022.

[20] KIVITZ, Ed René. **Vivendo com propósitos:** a resposta cristã para o sentido da vida. São Paulo: Mundo Cristão, 2003, p. 1111-115.

[21] KIVITZ, 2003, p. 113.

Estas ações devem vir permeadas de muita **paciência**. Alguns pais desistem muito cedo, quando a influência deve ocorrer a vida toda e pode produzir seus frutos apenas depois de muito tempo. O tempo é sempre um desafio! É mais fácil entender a vontade de Deus do que o tempo de Deus. Quando leio Eclesiastes capítulo 3, me deparo com uma grande e imutável verdade: a de que existe um tempo determinado para todas as coisas debaixo do céu. O texto faz pensar na diversidade desses tempos e na importância de saber qual tempo vive-se.

Neste texto fica evidente que *há o tempo de Deus e o tempo do homem*. O Tempo de Deus é o tempo que já está determinado, é o que vai acontecer; o tempo do homem é o tempo que ele leva para aceitar o que já está determinado. Não poucas vezes o ser humano luta contra Deus porque não aceita o tempo dEle na sua vida, e perde-se tempo tentando mudar o imutável! Tempo de Deus fala de um tempo soberano que está acima de todos os outros tempos. O tempo do homem precisa ser um tempo de sujeição, de entrega, de reconhecimento. Só assim haverá um encontro dos tempos e viver-se-á a promessa de Deus que diz que: *"...Eu, o Senhor a seu tempo farei isso prontamente"* (Is 60.22b). Não se trata de resignação completa ou de um fatalismo absoluto, mas de reconhecer que Deus é soberano, que Ele age na vida do ser humano e que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus. Deus fará a Sua obra na hora certa, cabe aos pais fazerem a sua parte, entregando seus filhos a Deus.

Pelo texto ainda pode-se perceber que *nem tudo vai dar certo – pelo menos na perspectiva de cada um!* As derrotas fazem parte da caminhada e mais, são necessárias para nosso crescimento e amadurecimento como cristãos. O que é preciso é aprender a perder! Alguém disse que estes diferentes tempos são como a fórmula de um remédio: se tomadas de forma isolada, poderiam matar, mas na mistura curam e cuidam de cada indivíduo. Não são poucos os relatos bíblicos de pessoas que enfrentaram esses diferentes tempos e entenderam que esta é a vontade de Deus, e nestes diferentes tempos encararam dificuldades gigantes (1Pe 4.12-16; 2Co 4.8-10; 16-18). A percepção que os pais muitas vezes terão é que nada está dando certo, quando na verdade Deus está trabalhando nas adversidades para preparar o coração dos pequenos.

Não podem faltar estratégias para os pais. Muitas vezes, para ensinar sobre Deus, será necessário

> "desespiritualizar" os assuntos espirituais. Não se trata somente de doutrinas, devocionais, histórias bíblicas, mensagens de cultos, aulas da escola dominical e estudos bíblicos. Assuntos espirituais têm a ver com a participação de Deus em todas as áreas da nossa vida e não dependem de estarmos na igreja, em casa, na escola ou no trabalho. Na realidade, todo assunto pode ser espiritual quando Deus e seus princípios são considerados, vividos e obedecidos.[22]

"Deus nos confiou o sublime trabalho de formar e preparar pequenas pessoas para se tornarem cidadãos responsáveis e tementes ao Senhor. Essa concessão tem significado

[22] COMO conversar com seu filho sobre assuntos espirituais. **Revista Lar Cristão,** ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/como-conversar-com-seu-filho-sobre-assuntos -espirituais. Acesso em: 15 set. 2022.

eterno".[23] Aqueles que investirem sua vida poderão vivenciar a realidade de Atos 16.31: *"Creia no Senhor Jesus e você será salvo — você e as pessoas da sua casa*".

Portanto, ensinar sobre Deus envolve presença, coerência e perseverança. Os pais não controlam a resposta de fé dos filhos, mas são chamados a testemunhar e comunicar o Evangelho de modo intencional, confiando que Deus atua nesse processo. A igreja, por sua vez, pode encorajar e capacitar as famílias para que essa formação aconteça de maneira contínua, para além dos encontros e das atividades formais.

3. A VIDA FAMILIAR COMO PREPARO DO CORAÇÃO DAS CRIANÇAS

As vivências do lar são preparação para as vivências comunitárias. O referencial será determinante para a vivência alcançada ou esperada, uma das primeiras preocupações desta argumentação. Os pais devem ser referência! Talvez o seu questionamento seja: *mas do que sou referência?* E a resposta é muito simples: de tudo aquilo que sou, serei referência. Como filho, serei referência de filho e, quando pessoas vierem visitar minha família poderão sair de casa afirmando: *"Que filho sem educação aquele!"* Ou me associarão a um bom filho e, quando chegarem em suas casas, chamarão a atenção dos seus: *"O filho de fulano, não é igual você…"* Se for pai, aluno, professor, jogador de futebol, caberá sempre uma avaliação: sou uma boa referência ou péssima referência no que sou?

O texto de 1 João 1.6 diz: *"se dizemos que estamos unidos com Deus e ao mesmo tempo vivemos na escuridão, então estamos mentindo com palavras e ações*". Quando afirmo ser homem de fé (grande ou grão de mostarda), quando me defino como um cristão, torno-me passível de ser referência ao outro. O ser humano pode ser o tipo de cristão que ninguém realmente deve ser ou ser referência de alguém que seja realmente cristão e traga Cristo aos outros. Não importa se cada um é Judas ou João, Deus usará, e esta percepção impactará diretamente os pequenos. Eles sabem o que é verdadeiro!

O referencial nunca é dúbio; ele é claro e transmite com exatidão o que acredita. A segunda preocupação aqui é com a adoração manifesta por este referencial. Muitos pais acham que adoram a Deus, mas o que fazem na verdade é um desserviço à adoração, levando seus pequenos a não quererem participar das manifestações cúlticas da igreja.

A adoração a Deus em casa precisa ser legítima. Se os pais levam a vida com Deus de forma leviana, gerarão o afastamento de seus filhos. Uma frase que me marcou profundamente sobre esta realidade: "quando uma geração negligencia o Evangelho, a outra tem grande possibilidade de rejeitá-lo completamente". Compreender a profundidade da adoração a Deus levará os pais a formar pequenos (apenas em estatura) adoradores em suas casas.

"O que adoramos/cultuamos determina aquilo em que nos transformamos".[24] A adoração/culto são coisas sérias. Alguns pensam que culto é o que fazemos na igreja; para

[23] DEDIQUE-SE ao privilégio e à responsabilidade de ser pai. **Revista Lar Cristão,** ed. 166, jan./fev. 2019. Disponível em: https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2019/01/31/dedique-se-ao-privilégio-e-à-responsabilidade -de-ser-pai. Acesso em: 15 set. 2022.

[24] BLANCHARD, 1993, p. 12.

outros tem a ver com a devocional que é lida em casa. Estas percepções estão corretas, mas são parciais. E há um episódio na Bíblia em que a importância da adoração/culto é ressaltada sobremaneira. Quando você pensa em Jesus, que imagem vem a sua cabeça? De um homem calmo, tranquilo, sereno, sempre sorridente, não é isso? Mas nem sempre Jesus se apresentava desta forma.

O autor do texto de João 2.13-22 mostra uma atitude singular de Jesus! Muitas vezes o Mestre encontrou pessoas em pecado, como a mulher adúltera, por exemplo, mas não reagiu de forma tão drástica quanto neste texto. Isso mostra que há algo peculiar neste episódio. O que irritou tanto a Jesus?

1 – Jesus ficou irritado diante da hipocrisia dos adoradores – a adoração se tornou algo exterior apenas, uma mera formalidade. Os fariseus cultuavam porque queriam aparecer e porque se sentiam obrigados.[25] Era muito comum encontrar um fariseu cultuando a Deus em praça pública, visando as aparências meramente: "Quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas para serem vistos pelos outros. Eu afirmo a vocês que isto é verdade: eles já receberam a sua recompensa" (Mt 6.5).

Por que você vai à igreja, ou faz a tua devocional, ou o seu culto familiar? Mera formalidade? Seus pais sempre fizeram isso? Há alegria em realizar estas ações? O que é feita para Deus, seja em casa, no nosso trabalho ou na igreja, precisa ser fruto de um coração que busca, de forma sincera, agradar a Deus. Se houver qualquer outra motivação, desperta a ira de Deus e não pode ser chamado de culto.

2 – Jesus ficou irritado pela distorção do propósito divino para a casa de Deus – o templo deveria ser um lugar de comunhão com Deus, de adoração, de gratidão, mas era considerado como um lugar qualquer, uma praça, uma rua. Os fariseus faziam na casa de Deus o que bem entendiam, ao ponto de negociarem neste lugar.[26]

Esta é outra dura crítica: tanto o espaço como a forma do culto/adoração devem atender aos anseios e a vontade de Deus. E aí é importante notar que a casa de Deus não é apenas uma estrutura física, mas o ser humano é chamado de casa de Deus (1Co 3.16). Interessante como o ser humano fica escandalizado pelo que acontece no templo material, mas não se importa com aquilo que as pessoas fazem com o corpo! Se a vida não é um culto, o cristão como templo, não cumpri seu propósito. O cuidado com a vida em todas as dimensões é uma manifestação de culto.

3 – Jesus ficou irritado pelo roubo da preparação do culto/adoração - Jesus chama os mercadores de ladrões. Mas o comércio que estavam exercendo não era ilegal. Foi autorizado pelos Fariseus e autoridades. Há um roubo maior e mais profundo acontecendo, provavelmente de âmbito espiritual. É preciso entender o sistema de sacrifícios do Antigo Testamento. A pessoa deveria oferecer o melhor animal que havia criado, o que implicava num preço (cuidado) e num valor sentimental (apego). O pecador caminhava por dias com

[25] WIERSBE, 2008, vol. 5, p. 376.

[26] CARRIKER, Timóteo. **Para que serve a igreja?** 28 out. 2013. Disponível em: < http://ultimato.com.br/sites/timcarriker/2013/10/28/para-que-serve-a-igreja/>. Acesso em: 11 jun. 2019.

aquele animal que nada havia feito. Seu único defeito era ser perfeito e ter um dono pecador. Quando finalmente chegavam ao local de cultos, o coração do pecador já estava arrebentado. Apenas as pessoas que moravam muito longe é que podiam vender o seu animal, mas era o seu animal, para então comprarem outro equivalente. O que estavam roubando de Deus era esta preparação para o culto. O cultuador não tinha a mínima noção do que estava fazendo: estava oferecendo um animal completamente desconhecido, e geralmente deficiente (Ml 1.6-8).[27]

Quantas vezes não se rouba de Deus a preparação do culto? Se chega à igreja sem as menores condições para cultuar. Vive-se a rotina sem o menor preparo para os momentos especiais com Deus. Vive-se correndo, brigando, com a mente cheia de coisas que não prestam e, principalmente, sem ter prestado culto durante a semana. O culto começa em casa! Se não há culto antes de ir à igreja, também não haverá nela.

A raiva de Jesus é contra os que aparentam ser, que aparentam cultuar, mas que nada fazem na sua rotina para encontrar Deus. A falta de adoração é uma clara demonstração de indiferença a Deus, e indiferença é falta de amor. Quando os pais não amam a Deus de todo o coração, dificilmente seus filhos desenvolverão este sentimento pelo Criador.

Amar a Deus e demonstrar este amor é a essência da adoração, é uma necessidade na formação de adoradores em nossas casas. O evangelho de Lucas registra um episódio singular e destaca que o amor a Deus implica num processo: começa com o coração e termina com a mente, e não o contrário (Lc 10.27-28). O fariseu já conhecia apenas mentalmente o mandamento. Nosso amor a Deus não deve ser teórico! O amor a Deus é demonstrado essencialmente:

1 – Pelo espaço que Deus ocupa em cada um – enquanto você estiver cheio de si, Deus não pode enchê-lo! Agora, quando você se esvazia de si mesmo e deixa Deus ocupar toda a sua vida, você passa a ser um vaso de adoração a Deus. A Bíblia está repleta de homens assim: Mateus, em seu Evangelho, menciona seu nome apenas duas vezes, e em ambas se denomina coletor de impostos. Na lista dos apóstolos, ele se coloca em 8º lugar; João nem se menciona em seu Evangelho e se autodenomina "o outro discípulo"; Lucas também não se identifica; Paulo se denomina como "insensato" (2Co 12.11) e como o "menor dos apóstolos" (1Co 15.9); Davi não escreveu um Salmo da vitória sobre Golias, mas um poema público de seu pecado (Sl 51).[28] Jesus ordena aos Seus seguidores esta prática do auto esvaziamento (Mt 16.24). "Nunca podemos desejar a plenitude até que estejamos convictos de que estamos vazios"[29] Os filhos veem pais altivos, cheios de si, ou submissos ao Criador, buscando nEle as respostas para as necessidades da vida?

2 – Espaço que Deus ocupa ao redor do ser humano – (Lc 5.3) – neste texto Jesus exige o barco de Pedro! Ele pode fazer isso. Todos os barcos pertencem a Cristo. Seu barco está onde você passa o dia, ganha a vida, e em grande parte, é onde vive a sua vida. O carro que

[27] WOLFF, Günter. João 2.13-22. **Proclamar Libertação - Volume: XIX,** 1993. Disponível em: < http://www.luteranos.com.br/textos/joao-2-13-22>. Sinodal. Acesso em 11 jun. 2019.

[28] LUCADO, Max. **Você: a ideia mais fantástica de Deus.** Traduzido por Valéria Lamim Delgado Fernandes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007, p. 154-155.

[29] BLANCHARD, 1993, p. 56.

você dirige, o estábulo que você limpa, o escritório onde você planeja, a cozinha onde você prepara seus alimentos. Cristo bate nos ombros de cada um para lembrar: este lugar é meu![30] "Se gastamos dezesseis horas por dia em contato com as coisas desta vida e apenas cinco minutos com Deus, será de admirar que as coisas desta vida sejam para nós 200 vezes mais reais do que Deus?"[31]

Os olhos de Deus recaem sobre o trabalho das mãos de cada um. Para ele, as quartas-feiras são tão importantes quanto o domingo do ser humano. Uma mãe de casa pôs este aviso na cozinha: *tarefas divinas são realizadas aqui;* já uma executiva: *minha mesa é meu altar*. Para Deus o trabalho do cristão é adoração. Você não se dirige a um escritório, mas a um santuário; você não frequenta uma escola, mas um templo. Em todos os lugares há a manifestação da sua vida com Deus, e isso de forma clara e aberta!

3 – Espaço que o ser humano faz, Ele ocupar através de sua vida – quando no uso dos dons seus filhos são ajudados, você não acha que Deus fica radiante? Não seria esta uma enorme prova de nosso amor? Cada um é singular e deve usar isso para deixar o Pai orgulhoso. "Faça algo importante para Deus: torne-se quem você é para Ele".[32] O texto de 1 Pedro 2.9 diz que os cristãos foram escolhidos e capacitados para, de forma única e pessoal, anunciar a Cristo. "Uma vida comum? O céu não conhece esta expressão".[33] Deus deu dons para que por cada um seja tornado conhecido. "Pensar que você não pode fazer nada é quase tão arrogante quanto pensar que pode fazer tudo".[34] "Para que foram feitas as velas, senão para queimar?".[35] Pais que fazem a obra de Deus comunicam o Evangelho aos seus filhos.

Se o ser humano amasse como deveria, não precisaria haver preocupação em como adorar! Reduzir o culto a um momento especial no domingo, restrito a um lugar não é, nem na melhor das hipóteses, uma manifestação de amor por Deus, muito menos pode ser chamado de culto, pois o amor deve ser manifesto o tempo todo, em todas as dimensões.

O que se faz em casa é determinante! Se as referências são negativas, a percepção de culto limitada e o amor a Deus demonstrado de forma parcial, não é de estranhar que os pequenos não vejam importância em ter vida com Deus. E a questão não se restringe a demonstração apenas, mas a demonstração exagerada e intensa, para que captem com clareza a necessidade de terem vida com Deus.

Você sabe o que é uma hipérbole, não sabe? É um exagero, comum em nossos diálogos diários: já falei mil vezes com esse menino e ele não me obedece; faz umas dez horas que ela ajeita esse cabelo; se você for embora chorarei rios de lágrimas; esta história me faz morrer de rir. Há algumas hipérboles bíblicas: "Vimos ali gigantes... e éramos aos nossos próprios olhos como gafanhotos... as cidades são grandes e fortificadas até aos céus" (Nm 13.33); "Nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam, escritos" (Jo 21.25); "Rios de águas correm dos meus olhos, porque não guardam a tua lei" (Sl 119.136).

[30] LUCADO, 2007, p. 172-173.
[31] BLANCHARD, 1993, p. 68.
[32] LUCADO, 2007, p. 44.
[33] LUCADO, 2007, p. 44.
[34] BLANCHARD, 1993, p. 375.
[35] BLANCHARD, 1993, p. 375.

Usa-se este recurso porque a mensagem a ser transmitida não pode ficar numa compreensão mínima e, ao ser transmitida numa linguagem normal, sem exageros, a pessoa não compreenderia a profundidade do que se diz. Quando um pai quer alertar o filho de um perigo eminente, ele grita, gesticula, exagera na comunicação para que a mensagem seja compreendida.

Na maioria das vezes, a aproximação do leitor do texto de Deuteronômio 6 faz com que ele enfatize o imperativo encontrado nos versos 7 a 9: "você as inculcará a seus filhos, e delas falará quando estiver sentado em sua casa, andando pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se. Também deve amarrá-las como sinal na sua mão, e elas lhe serão por frontal entre os olhos. E você as escreverá nos umbrais de sua casa e nas suas portas". Ou seja, é preciso ensinar veementemente!

Inculcar pode ser traduzido por gravar, esculpir, forjar. Representa algo permanente e duradouro. Algo do qual nunca se esquecerão! Você consegue ver quão grande é a dificuldade de repassar o Evangelho às próximas gerações? Os avós dedicados, os pais presente e os filhos sem o menor envolvimento – é a realidade em muitas igrejas.

Mas é importante perceber que o imperativo desses versos se fundamenta em duas afirmações anteriores. A primeira é: "Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração" (v.6). Essa afirmação considera fundamental que aquele que ensina tenha, anteriormente, se apropriado do que ensinar. Ela pressupõe uma relação necessária entre aquilo que cada um ensina e aquilo que é. É preciso ser!

O ensino é apropriado pelo exemplo principalmente. É assustador ver como os filhos imitam os seus pais, mesmo quando eles são um mau exemplo e trazem sofrimento para os seus próprios filhos. E o exemplo não é algo com o qual se deve preocupar apenas quando se torna pais. As experiências vivenciadas na adolescência e juventude ficam registradas nas memórias das pessoas ao redor e volta e os filhos terão acesso a estas memórias.

No entanto, precede o verso 6, um princípio ainda mais abrangente: "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força" (v.4-5). Os pais são o que adoram, e é isso que passam aos seus filhos. Eis a estrutura pressuposta por Deuteronômio 6: ADORAR-SER-EDUCAR. O que é ensinado (v.7-9) é determinado pelo que se é (v.6), e o que se é por quem se adora (v.4-5). Esta sequência precisa ser visitada e revisitada pelos pais com exagero para que os filhos compreendam a importância do recado repassado.

Desse modo, Deuteronômio 6 apresenta uma sequência fundamental para a formação espiritual: o amor a Deus orienta a vida de quem ensina, e essa vida dá consistência ao ensino oferecido aos filhos. Mais do que transmitir conteúdo ou cumprir uma rotina religiosa, os pais são chamados a cultivar uma fé que se manifeste nas escolhas, nas relações e nas práticas diárias. É nesse ambiente de coerência entre adoração, modo de viver e educação que as crianças podem encontrar referências concretas para compreender e desenvolver sua própria caminhada com Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É uma triste constatação perceber que a vida espiritual das nossas crianças foi delegada gentilmente pelos pais à igreja. Valorização das técnicas e conteúdos tem servido como desculpa para este direcionamento: *as pessoas da igreja sabem fazer melhor esta parte*. Talvez até saibam, mas não é tarefa dos líderes, pastores e professores ensinar a vida com Deus. Eles podem ensinar sobre, mas não são os responsáveis únicos ou principais desta jornada espiritual.

A igreja e sua liderança não podem se apropriar indevidamente desta responsabilidade. Ao mesmo tempo cabe à igreja empoderar os pais, instrumentalizá-los com recursos e subsídios para que possam realizar esta nobre e grande tarefa. Muitos pais, de fato, têm poucas condições de fazer o trabalho, mas se forem instruídos, além de aprofundarem seu relacionamento com Deus, experimentarão os benefícios de conduzir seus filhos nesta jornada espiritual transformadora.

Sem sombra de dúvida o primeiro passo a ser dado é destacar nos púlpitos das igrejas e nos discursos eclesiásticos a necessidade de os pais assumirem a sua responsabilidade e a instrução dos líderes para não assimilarem este trabalho como sendo seu. Os pais precisam ser alertados primeiramente, até porque serão os primeiros cobrados por Deus.

Antes de qualquer recurso, os pais precisam compreender a importância do culto doméstico. Não há um modelo único, mas há leitura da Bíblia, oração e vivência espiritual no lar. Este fato é transformador da realidade familiar e servirá de base para se oferecer diferentes recursos e oportunidades para a família, bem como dará a igreja a oportunidade de complementar o trabalho realizado.

REFERÊNCIAS

BIESDORF, Rosane Kloh. O papel da educação formal e informal: educação na escola e na sociedade. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí,** v. 1, nº 10, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.5216/rir.v1i10.1148. Acesso em: 2 dez. 2018.

BLANCHARD, John (comp.) **Pérolas para a vida.** Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1993.

CARRIKER, Timóteo. **Para que serve a igreja?** 28 out. 2013. Disponível em: http://ultimato.com.br/sites/timcarriker/2013/10/28/para-que-serve-a-igreja/. Acesso em: 11 jun. 2019.

COMO conversar com seu filho sobre assuntos espirituais. **Revista Lar Cristão,** ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/como-conversar-com-seu-filho-sobre-assuntos -espirituais. Acesso em: 15 set. 2022.

CRUZ, Elaine. **Amor e disciplina para criar filhos felizes.** Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

DE quem é a responsabilidade de ensinar as verdades bíblicas? **Revista Lar Cristão,** ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/de-quem-é-a-responsabilidade-de-ensinar-as-verdades-b%C3%ADblicas. Acesso em: 15 set. 2022.

DEDIQUE-SE ao privilégio e à responsabilidade de ser pai. **Revista Lar Cristão,** ed. 166, jan./fev. 2019. Disponível em: https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2019/01/31/dedique-se-ao-privilégio-e-à-responsabilidade -de-ser-pai. Acesso em: 15 set. 2022.

DÜRKHEIM, Émile. **De la división del trabajo social.** Buenos Aires: Schapire, 1973.

FARIAS, Carlos Eduardo. Uma lição aos pequeninos. **Revista Lar Cristão,** ed. 173, jan./fev. 2021. Disponível em: https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/uma-lição-aos-pequeninos. Acesso em: 15 set. 2022.

FARIAS, Carlos Eduardo. Uma lição aos pequeninos. **Revista Lar Cristão,** ed. 173, jan./fev. 2021. Disponível em: https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/uma-lição-aos-pequeninos. Acesso em: 15 set. 2022.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GOLDSMITH, Joel S. **A arte da cura espiritual.** Petrópolis: Vozes, 1995.

HUIZENGA, F. M. apud HINNANT, Greg. Como os pais podem levar seus filhos a Cristo. **Revista Impacto,** 09 ago. 2017, Americana. Disponível em: https://www.revistaimpacto.com.br/como-os-pais-podem-levar-seus-filhos-cristo/. Acesso em: 01 set. 2022.

KIVITZ, Ed René. **Vivendo com propósitos:** a resposta cristã para o sentido da vida. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

KLEIN, Remí. **A pergunta sob um novo olhar no ensino religioso.** In: WACHS, Manfredo Carlos; FUCHS, Henri Luiz; BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí (Orgs.). Práxis do ensino religioso na escola. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

LIVE.CHUCH. **YouVersion.** Disponível em: https://www.bible.com/pt/bible/1840/DEU.6.NAA. Acesso em: 31 ago. 2022.

LIVE.CHUCH. **YouVersion.** Disponível em: https://www.bible.com/pt/bible/211/1JN.1.NTLH. Acesso em: 31 ago. 2022.

LIVE.CHUCH. **YouVersion.** Disponível em: https://www.bible.com/pt/bible/211/1TI.4.12.NTLH. Acesso em: 31 ago. 2022.

LIVE.CHUCH. **YouVersion.** Disponível em: https://www.bible.com/pt/bible/211/ACT.16.31.NTLH. Acesso em: 31 ago. 2022.

LIVE.CHUCH. **YouVersion.** Disponível em: https://www.bible.com/pt/bible/211/EPH.6.4.NTLH. Acesso em: 31 ago. 2022.

LIVE.CHUCH. **YouVersion.** Disponível em: https://www.bible.com/pt/bible/211/JHN.21.25.NTLH. Acesso em: 31 ago. 2022.

LIVE.CHUCH. **YouVersion.** Disponível em: https://www.bible.com/pt/bible/211/JHN.6.NTLH. Acesso em: 31 ago. 2022.

LIVE.CHUCH. **YouVersion.** Disponível em: https://www.bible.com/pt/bible/211/NUM.13.NTLH. Acesso em: 31 ago. 2022.

LIVE.CHUCH. **YouVersion.** Disponível em: https://www.bible.com/pt/bible/211/PRO.22.6.NTLH. Acesso em: 31 ago. 2022.

LIVE.CHUCH. **YouVersion.** Disponível em: https://www.bible.com/pt/bible/211/PSA.119.NTLH. Acesso em: 31 ago. 2022.

LIVE.CHUCH. **YouVersion.** Disponível em: https://www.bible.com/pt/bible/211/PSA.78.NTLH. Acesso em: 31 ago. 2022.

LIVE.CHUCH. **YouVersion.** Disponível em: https://www.bible.com/pt/bible/211/MAT.6.5.NTLH. Acesso em: 18 mar. 2023.

LUCADO, Max. **Você:** a ideia mais fantástica de Deus. Traduzido por Valéria Lamim Delgado Fernandes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

MACHADO, Luís Eduardo. **Educando filhos no dia a dia segundo os preceitos bíblicos**. 3.ed. Disponível em: https://aprimoramento.com.br/educandofilhos.pdf. Acesso em: 31 ago. 2022.

RYLE, J. C. apud SCHISSEL, Steve M. **Como Mandar seus Filhos para o Inferno.** Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/familia_casamento/filhos_inferno.htm. Acesso em: 01 set. 2022.

SANTOS, Juliane Baal T. apud JOINER, Reggie; NIEUWHOF, Carey. **Ampliando sua capacidade de educar filhos.** Pompéia: Universidade da Família, 2012.

SIGNIFICADO de sinergia. Disponível em: https://www.significados.com.br/sinergia/. Acesso em: 24 ago. 2022.

SILVA, A. **A construção da parceria família-creche:** expectativas, pensamentos e fazeres no cuidado e educação das crianças. 189 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

WIECZORKIEVICZ, Alessandra Krauss; BAADE, Joel Haroldo. Família e escola como instituições sociais fundamentais no processo de socialização e preparação para a vivência em sociedade. **Revista Educação Pública,** v. 20, nº 20, 2 de junho de 2020. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/19/familia-e-escola-como-instituicoes-sociais-fundamentais-no-processo-de-socializacao-e-preparacao-para-a-vivencia-em-sociedade.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo:** Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2008.

WOLFF, Günter. João 2.13-22. **Proclamar Libertação** - Volume: XIX, 1993. Disponível em: http://www. luteranos.com.br/textos/joao-2-13-22. Sinodal. Acesso em 11 jun. 2019.

Este artigo é parte integrante do Vol. 11 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2025 ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS
Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.002

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO: FRAUDE VERSUS VERDADE

Resurrection of Jesus Christ: fraud versus truth

Lucas Felicio da Rolt[1]

RESUMO

A presente pesquisa traz um relato de um Deus que se tornou homem para realizar o ato mais nobre que o mundo já conheceu. Antes que o mundo fosse formado Deus já tinha em mente o que fazer para que o homem, voltasse a se relacionar com ele. Vários profetas anunciaram a vinda de Jesus a terra para cumprir o plano de Deus. Depois de ser batizado iniciou seu ministério, e começou a anunciar que morreria mais ao terceiro dia ressuscitaria. Foi uma tarefa árdua, mas em nenhum momento retrocedeu, pois sabia que teria que passar pelas afrontas, humilhações, flagelos para que o plano divino fosse consumado. Recrutou doze homens para que após a sua ascensão, continuassem falando da esperança de um dia estarem com Cristo, por causa da ressurreição. Passaram-se mais de 2.000 anos e o nascimento, morte e ressurreição de Cristo continuam sendo lembrados, continuam vivos nos corações e nos lábios daqueles que levam a mensagem de salvação. Mesmo que o tempo tenha passado, essas verdades jamais serão esquecidas. O Ao longo do artigo, são examinados o testemunho bíblico da ressurreição de Jesus Cristo e as explicações que procuram contestar esse acontecimento, incluindo a hipótese de fraude e a possibilidade de reanimação após a morte aparente. A discussão reafirma a centralidade da ressurreição para a fé cristã, destacando sua importância para a mensagem proclamada pelos discípulos e para a esperança cristã.

Palavras-chave: Nascimento. Morte. Ressureição. Catalepsia. Saduceus.

[1] Bacharel em Administração, com ênfase em Comércio Exterior pela Escola Superior de Criciúma - ESUCRI. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada – FATIN. Pós-Graduação Lato Sensu em Teologia do Novo Testamento aplicada e Mestrando em Teologia, pelas Faculdades Batista do Paraná – FABAPAR. ORCID: https://orcid.org/0009-0008-2179-9778; E-mail: lucasfdarolt@gmail.com

ABSTRACT

This research brings an account of a God who became a man to perform the most noble act the world has ever known. Before the world was formed, God already had in mind what to do so that man could relate to him again. Several prophets announced the coming of Jesus to earth to fulfill God's plan. After being baptized, he began his ministry, and began to announce that he would die more on the third day he would be resurrected. It was an arduous task, but at no time did he go back, for he knew that he would have to go through, affronts, humiliations, scourges for the divine plan to be consummated. He recruited twelve men so that after his ascension, they would continue to speak of the hope of one day being with Christ, because of the resurrection. More than 2,000 years have passed and the birth, death and resurrection of Christ are still remembered, still alive in the hearts and lips of those who carry the message of salvation. Even if time has passed, these truths will never be forgotten. Throughout the article, the biblical testimony concerning the resurrection of Jesus Christ is examined, along with explanations that seek to challenge this event, including the hypothesis of fraud and the possibility of revival after apparent death. The discussion reaffirms the centrality of the resurrection to the Christian faith, highlighting its importance for the message proclaimed by the disciples and for Christian hope.

Keywords: Birth. Death. Resurrection. Catalepsy. Sadducees.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trará um estudo sobre as evidências da ressurreição de Jesus Cristo. Desde o seu nascimento até a sua morte, não havia nada de incomum, pois isso acontece com todos os seres humanos. Jesus Cristo, porém, ultrapassou todos os limites conhecidos da sua época até nos dias de hoje quando ressuscitou. Existem muitas pessoas que acreditam nesse acontecimento, porém ainda existem pessoas que não conseguem entender essa verdade, como nos tempos de Jesus no qual existia uma classe de religiosos, mas especificamente os saduceus que não acreditavam na ressurreição. Se passaram mais de dois mil anos que esse fato aconteceu, e muitas das pessoas que acreditam que Jesus Cristo ressuscitou, não conseguem de alguma maneira provar a veracidade da ressurreição. Todo cristão precisa entender que sem a ressurreição de Jesus Cristo, não existe esperança alguma, todo o cristianismo é comprometido. Por isso, a fé deve ser aprofundada, deve ser deixada mais sólida, mais concreta procurando entender e passar adiante essa verdade que pode mudar muitas vidas. O fato de algumas pessoas não acreditarem não muda essa verdade, mas aqueles que acreditam e não procuram validar essa realidade, melhor seria nunca ter conhecido a Jesus Cristo.

Muitas pessoas que não são cristãs, conhecem a história do seu ídolo, do seu Deus, e se forem confrontados saberão defender sua fé. Infelizmente muitos cristãos não conseguem conhecer a história do seu Deus, e se forem confrontados poderão ser persuadidos, ou serão envergonhados, pois não procuram saber a razão da sua fé. Muitas pessoas importantes, líderes religiosos, pessoas que fizeram história no mundo morreram, e se alguém for ao seu túmulo encontrará apenas os restos mortais, mas se alguém for a Jerusalém, onde colocaram o corpo de Jesus Cristo, encontrará apenas uma placa com a seguinte descrição: Ele não está

aqui, pois ressuscitou. A morte foi vencida, Cristo está vivo. E essa verdade precisa estar viva dentro de cada cristão, esta certeza precisa estar gritante dentro de nós, como o ar é respirado, ainda assim há a convicção da sua existência, mesmo que não possa ser visto. Jesus sempre deixou claro para seus discípulos e para quem escutava seus ensinos, que ele morreria, mas ao terceiro dia ressuscitaria.

Em nenhum momento Jesus faltou com a verdade, sempre deixou claro que isso aconteceria. Nem mesmo o passar dos anos foi capaz de extinguir a veracidade da ressurreição. Muitas teorias, ensinamentos tem surgido para desabonar a ressurreição, mas o verdadeiro cristão ainda acredita que os céus e a terra passarão, mas as palavras de Deus jamais passarão. Ainda que a ciência não tenha métodos para provar a ressurreição, ela também não tem como desqualificá-la. Mas a cientificidade da teologia, a teologia como ciência, como conhecimento, como experiência da revelação e da razão, isso nos permite afirmar que a ressurreição não é uma fraude e sim uma verdade. Que essa pesquisa possa contribuir de maneira positiva na importância de conhecer quem está no controle da vida. Não se pode estar nas mãos de quem não se conhece, não se pode entregar o coração, emoções, sentimentos, razão para um desconhecido.

Diante desse cenário, pretende-se neste artigo apresentar os principais fundamentos bíblicos da ressurreição de Jesus Cristo e discutir algumas hipóteses que procuram oferecer explicações alternativas para esse acontecimento. Para isso, examinar-se-á os relatos evangélicos relacionados à crucificação, ao sepultamento, ao túmulo vazio e às aparições de Jesus aos discípulos, considerando também as hipóteses de roubo do corpo, desmaio seguido de reanimação e substituição por um suposto irmão gêmeo. A análise será desenvolvida em perspectiva bíblico-teológica e apologética, com base nas narrativas do Novo Testamento e na literatura consultada. Ao final, destacar-se-á a centralidade da ressurreição para a fé cristã e para a esperança na vida futura.

1. O TESTEMUNHO BÍBLICO DA RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO

Antes que o mundo fosse criado, Deus já havia traçado todo o plano de salvação para o homem. Deus jamais foi ou será surpreendido por coisa alguma. Antes que o homem pecasse, na Sua onisciência tudo já estava resolvido. Antes que Jesus viesse à terra em forma de homem, Deus usou alguns profetas para anunciarem a sua encarnação. Isaías profetizou acerca do nascimento de Cristo. Isaías é considerado o profeta que mais anunciou a vinda do Messias. Seu próprio nome tem um significado que comprova essa veracidade: Isaías significa “o Senhor é salvação”. Isaías também profetiza acerca da morte de Cristo. Ele vê o sofrimento de Cristo na Cruz. Isaías descreve agora um homem que deve padecer para que os homens fossem libertos da escravidão.

Outro profeta chamado Miquéias profetizou onde nasceria o Salvador. Ele vê que o Messias não nascerá nos imponentes ambientes da realeza em Jerusalém, mas em Belém, entre as famílias mais insignificantes de Judá. “E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti sairá o que será Senhor em Israel, e cujas origens são desde os dias da eternidade” (Mq 5.2).

Deus fala através de Miquéias que o Messias será Senhor em Israel. O rei prometido não seria homem comum, pois suas origens são desde a eternidade; isso nos mostra a encarnação, pois somente Deus é desde a eternidade. Nos dias de Herodes, os líderes judeus sabiam bem essa passagem e citaram quando ele indagou onde nasceria o rei de Israel.

A profecia de Miquéias se cumpriu de maneira literal quando nasceu Jesus. A partir do nascimento de Jesus, as profecias começam a se cumprir. O nascimento de Jesus ocorreu de maneira sobrenatural. Foi concebido no ventre de uma virgem chamada Maria, sem que ela precisasse de um pai humano. Jesus teve uma mãe terrena, porém não teve pai humano. Que coisa espetacular, um tanto até cômico: como uma virgem poderia ter filho sem haver tido relações sexuais? Lucas 1.34 diz: "E disse Maria ao anjo: Como se fará isso, visto que não conheço varão?" Maria ainda não estava casada, estava apenas prometida a um homem chamado José. O homem que teve oportunidade de ser o pai adotivo de Jesus. O sobrenatural entra em ação, o Espírito Santo desce sobre Maria, e a sombra do Altíssimo cobre-a com sua sombra, e ela, então, fica grávida de Jesus. Aqui está o segredo dessa concepção virginal.

Nos dias que antecedem o nascimento de Jesus, acontece algo surpreendente: saiu um decreto por parte de César Augusto para que os súditos de todas as províncias do Império Romano fossem recenseados.

> O mencionado senso, como todas as operações dessa natureza, consistia em inscrever em registros públicos o nome, a idade, a profissão a fortuna, os filhos dos cabeças das famílias de uma comarca, cuja intenção na maioria das vezes, era lançar sobre eles impostos.[2]

José, por ser da linhagem de Davi, era obrigado a ir até Belém, para fazer o senso. Maria não ficou para trás nessa viagem, pois ela estava grávida e tudo dava a entender que a criança estava prestes a nascer. Ao chegarem em Belém, não havia mais casas particulares, nem pousadas para que pudessem se hospedar. Provavelmente, outros israelitas, que também eram da linhagem de Davi, haviam chegado primeiro. "E deu à luz o seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem" (Lc 2.7). Por não encontrarem um lugar decente para que pudessem descansar, refugiaram-se numa estrebaria.

Nasce, então, Jesus. Apenas José, Maria e alguns animais presenciam esse fato maravilhoso. Cristo nasce para cumprir tudo aquilo que foi falado acerca dEle. Nascer não foi o suficiente, pois o próprio Isaías que anuncia a sua vinda, também anuncia a sua morte. Ainda há um longo caminho pela frente.

Não existem muitos relatos inspirados da infância de Jesus. Isso não quer dizer que Jesus não teve infância. Há um silêncio nos evangelhos quanto à infância de Jesus, pois apesar de registrarem a sua vida, o foco principal tem sido o seu ministério, o calvário. Para Soares, "o plano divino revelado na Bíblia é a redenção humana, e os evangelhos registram o cumprimento do propósito de Deus para a salvação da humanidade".[3] O evangelista Lucas

[2] FILLION, Luis Claude. **Enciclopédia da vida de Jesus**. 2.ed. Tradução de Jefferson Magno Costa. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008, p. 153.

[3] SOARES, Esequias. **Cristologia**: a doutrina de Jesus Cristo. São Paulo: Hagnos,2008, p. 76.

mostra, com clareza, que Jesus teve um desenvolvimento humano natural. Passou pelas fases progressivas dos seres humanos, ou seja, supõe-se que teve uma infância como a de uma criança comum, brincava, corria, pulava, e ajudava seu pai na carpintaria.

> "E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens... E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele (Lc 2.40, 52). Lucas apresenta, ainda que apenas um lampejo, o desenvolvimento físico "em estatura" (2.52), espiritual e intelectual de Jesus "e o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele (2.40)".[4]

A infância de Jesus foi a mesma de uma criança gerada por apenas pais terrestres, isto é, sofrendo e participando das mesmas circunstâncias de uma pessoa humana. O último relato da infância de Jesus antes de ser batizado, foi na Festa da Páscoa, quando Jesus tinha 12 anos de idade.

Com 30 anos de idade, Jesus é batizado por João Batista no rio Jordão. Inicia-se, então, de maneira pública, o ministério de Jesus. João afirma diante de todos que ali estavam que Jesus é o Messias, o cordeiro que veio tirar o pecado do mundo. O batismo de Jesus deu continuidade ao plano de salvação, mostrando a todos que o cordeiro de Deus estava entre o povo, e tinha um propósito para cumprir, a fim de resgatar o homem, que estava afastado de Deus pelos seus pecados.

Jesus precisava compartilhar com alguém aquilo que veio fazer na terra, e também para que fosse dada continuidade aos seus ensinos. Assim, separa para si 12 homens, que se tornam seus discípulos. Os nomes dos discípulos são: André, Simão que se chamava Pedro, João, Tiago, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago que era filho de Alfeu, Tadeu, Simão o Zelote e Judas Iscariotes.

Jesus sabia que seu ministério seria curto na terra, por isso revela aos seus discípulos o plano de salvação para a humanidade, que seria consumado no calvário e confirmado na ressurreição. Jesus começa a instruir seus discípulos e prepara-os, dizendo que ele haveria de morrer, mas que venceria a morte e ressuscitaria.

Aquilo que seus discípulos temiam, aconteceu. Jesus é preso. Jesus passou pelo julgamento de Anás, do Sumo Sacerdote Caifás, do Sinédrio, de Pilatos, de Herodes e de Pilatos novamente. Jesus foi preso na época da Páscoa, e o costume era soltar um preso. Pilatos chama Barrabás para competir com Jesus. O povo, então, escolhe Barrabás. Pilatos lava suas mãos, e diz que está livre do sangue daquele justo. Começam então as torturas. Ao sair do julgamento, Jesus é açoitado. Os açoites eram praticados de forma cruel, eram permitidas 39 chibatadas pelos judeus, porém com os romanos não havia limite algum. Eles chicoteavam na intenção de deixar o acusado a um centímetro da morte.

> Naqueles dias, havia dois tipos de açoite: o judeu e o romano. O método judeu é descrito em Deuteronômio 25:1-3, onde se afirma que uma pessoa não poderia ser chicoteada mais de 40 vezes. Visto que os judeus tinham medo de quebrar a lei de Deus, eles comumente batiam na vítima 39 vezes, estando seguros meticulosamente da contagem, e que não ultrapassasse as

[4] SOARES, 2008, p. 77.

> 40 chicotadas. Mas na tortura romana, não há quantidade específica de golpes que a vítima poderia receber. Entendendo assim, os romanos chamavam a sua tortura pelo espancamento de "meio caminho para a morte.[5]

A humilhação continua: colocam nele uma veste vermelha, que simbolizava a cor que os reis se vestiam. Fazem uma coroa de espinhos, colocam sobre a sua cabeça, porque um rei deveria ter uma coroa. Deram uma cana no lugar de um cetro, zombaram dele, cuspiam e bateram com a cana em sua cabeça. Jesus já havia sido julgado, torturado, humilhado; tudo estava pronto; então se inicia a caminhada rumo à crucificação. Ao chegar no Gólgota, que significa lugar de caveira, Jesus é crucificado. Como se não bastasse as atrocidades que já haviam feito com Jesus, mesmo estando pendurado na cruz, continuaram zombando dele. As primeiras palavras de Jesus pregado na cruz foram: "Pai perdoa-lhes porque não sabem o que fazem". Às 3 horas da tarde, Jesus dá seu último suspiro. Nesse momento, o véu do templo rasgou-se de cima para baixo. Nesse mesmo horário, acontecia o sacrifício no templo, onde um cordeiro sem mancha era sacrificado. Nesse dia, o único sacrifício que Deus recebeu foi o do seu filho. O cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo foi imolado para a salvação de todos aqueles que creram e creem nele.

A lei de Moisés não permitia que os cadáveres passassem a noite no madeiro. Descumprir essa lei era atrair a maldição divina. Para terem a plena certeza de que Jesus estava morto, traspassaram-lhe o lado, de onde verteu sangue e água. A morte de Jesus não foi acidental, estava escrito nas Sagradas Escrituras.

Depois de confirmada sua morte, um homem chamado José de Arimatéia pede o corpo de Jesus a Pilatos para sepultá-lo. O pedido foi concedido; então, José de Arimatéia envolve o corpo de Jesus em lençóis com especiarias, conforme o costume dos judeus. Assim foi sepultado Jesus, num túmulo que nunca fora utilizado; a porta do sepulcro foi fechada com uma grande pedra, para que ladrões e feras não entrassem no sepulcro. Foi solicitado pelos príncipes dos sacerdotes e pelos fariseus que o túmulo de Jesus fosse guardado por soldados, porque temiam que o mesmo fosse roubado pelos discípulos e dissessem que Jesus havia ressuscitado. Assim foi feito: colocaram guardas para vigiar o local do sepulcro em que Jesus foi colocado.

O nascimento de Jesus e sua morte seriam em vão se ele não tivesse ressuscitado. Jesus havia dito que morreria e ao terceiro dia ressuscitaria. Nunca uma palavra que saiu da boca do Messias foi enganosa. Tudo o que ele falava se cumpria; ele nunca enganou ninguém.

Os soldados que estavam guardando a entrada do túmulo não viam a hora de revezar as tropas, pois nunca tinham recebido um serviço tão insensato em ficar guardando alguém que estava morto. No terceiro dia após a morte de Jesus, tudo estava tranquilo; mas, de repente, acontece um grande terremoto. Esse terremoto era o anjo do Senhor que havia removido a pedra que bloqueava a entrada do túmulo de Jesus. Algumas mulheres foram até o sepulcro para ungirem o corpo do mestre com aromas. No caminho, iam conversando de que maneira iriam remover a pedra. Mas, para surpresa delas, a pedra já estava removida; um jovem, de

[5] SWINDOLL, Charles R. **Marcado para morrer**. São Paulo: Naós, 2005, p. 118.

roupa comprida e branca, diz para elas não ficarem assustadas, e que não procurassem vivos onde há somente mortos. A ressurreição de Cristo é o pilar da religião cristã; é o que a diferencia de todas as outras religiões da terra. Todos os fundadores de denominações, seitas, formadores de opiniões, filósofos e pessoas que arrastaram multidões, morreram e continuam mortos. Se forem nos seus sepulcros, encontrarão seus restos mortais e algumas homenagens. Mas, Cristo venceu a morte e está vivo.

Dessa forma, o testemunho bíblico apresentou a ressurreição de Jesus Cristo como elemento central da mensagem cristã, em continuidade com as promessas anunciadas e com as palavras do próprio Jesus a respeito de sua morte e ressurreição. Entretanto, a importância desse acontecimento também tornou necessário examinar as explicações que procuraram contestar sua veracidade, questão que será abordada na sequência.

2. HIPÓTESES DE FRAUDE E EXPLICAÇÕES

O próprio evangelho registra que o corpo de Jesus poderia ter sido roubado do túmulo, ou seja, esconderiam o corpo de Jesus, e usariam um outro personagem para representá-lo. Existe ainda na medicina uma doença chamada catalepsia, que pode ser confundida com a morte; a pessoa perde a capacidade de mover seus membros e a sua respiração também é afetada.

> Ordena, pois, que o sepulcro dele seja guardado até o terceiro dia, para que não venham seus discípulos e, roubando o corpo, digam ao povo que ele ressuscitou dentre os mortos (Mt 27.64).

Se a própria Bíblia registra a possibilidade de uma fraude na ressurreição, é evidente que nos dias atuais ainda se apresentem algumas teorias, onde isso possa ser sustentado. Desde a ressurreição até nos dias de hoje, surgiram muitos mitos em relação à ressurreição de Jesus. Há quem acredite que Cristo não ressuscitou, mas que houve uma ressuscitação. Essa teoria diz que Cristo já havia planejado sua morte e como iria ressuscitar. José de Arimatéia ficou encarregado de não dar o vinagre tradicional para Jesus, mas uma droga, que faria com que ele ficasse inconsciente, como se estivesse morto. Depois no sepulcro, ele seria reanimado e, então, ressuscitaria.

> Para assegurar a retirada segura de Jesus da cruz, José e um judeu não identificado prepararam um plano no qual Jesus não receberia o vinagre tradicional, mas uma droga que o deixaria inconsciente e o faria parecer morto. Ele seria retirado da cruz em um transe semelhante à morte, levado por cúmplices ao túmulo, onde seria reanimado e então ressuscitaria. Assim, o sepulcro estava vazio não por causa da ressurreição, mas de ressuscitação.[6]

Se for analisado, eles não deixam de acreditar que Cristo “ressuscitou”, porém, a maneira com que acreditam na ressurreição, demonstra que Cristo não teria morrido, mas que apenas ficou inconsciente por algumas horas. Isso mostra que, com sutileza, querem

[6] HANEGRAAFF, Hank. **Ressurreição**: uma poderosa defesa do principal acontecimento do Cristianismo. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 28.

inculcar na cabeça das pessoas que Cristo, de alguma forma, falhou, principalmente quando disse que morreria e que no terceiro dia ressuscitaria.

As teorias não param por aí. Uma outra maneira que os críticos do cristianismo explicam a ressurreição é que Jesus tinha um irmão gêmeo. Jesus e seu irmão são separados no nascimento e ficam sem se ver até a crucificação. Em uma determinada ocasião, o irmão de Jesus vai até Jerusalém, e vê sua imagem refletida na cruz, e percebe que Jesus era idêntico a ele. Então ele planeja o sepultamento de seu irmão e finge ser o Cristo ressuscitado.

> A teoria do desmaio não é a única noção moderna que os críticos do cristianismo usam para explicar a ressurreição. Outra é a teoria dos gêmeos. Em certo debate ocorrido em 1995 com o apologista cristão William Lane Craig, o filósofo Robert Greg Cavin defendeu que Jesus tinha um irmão gêmeo idêntico, a quem ele deu o nome de Hurome.[7]

Essa teoria não deve ser levada a sério, pois Cristo foi fatalmente atormentado, o sepulcro estava vazio, e os discípulos foram convencidos de que Jesus lhes aparecera e que, por meio da ressurreição, suas vidas foram totalmente transformadas. Os críticos estão prontos em mostrar que as narrativas bíblicas da ressurreição são evidentemente falíveis. Eles alegam que a Bíblia é uma cópia de uma cópia de uma cópia, com novos erros introduzidos durante cada fase do processo.

Durante o tempo de Cristo e do Novo Testamento, aqueles que eram saduceus eram aristocratas. Ocupavam cargos poderosos, tinham a tendência de ser ricos. Ocupavam a maior parte dos 70 lugares no Sinédrio. Religiosamente, os saduceus eram mais conservadores na área de doutrina que os fariseus. Os fariseus enxergavam a tradição oral como tendo autoridade igual à palavra escrita de Deus, enquanto os saduceus consideravam apenas a palavra escrita como sendo de Deus. Os saduceus trabalhavam arduamente para preservar a autoridade da palavra escrita de Deus, especialmente os livros de Moisés (Gênesis até Deuteronômio). Enquanto eles poderiam ser elogiados por isso, eles não foram perfeitos em suas opiniões doutrinárias.

Os Saduceus não acreditavam na ressurreição de Cristo, como negavam qualquer ressurreição dos mortos.

> Alguns dos saduceus, que dizem que não há ressurreição, aproximaram-se de Jesus com a seguinte questão: “Mestre, disseram eles,” Moisés nos deixou escrito que, se o irmão de um homem morrer e deixar a mulher sem filhos, este deverá casar-se com a viúva e ter filhos para o seu irmão (Lc 20.27-28).

Eles negaram qualquer vida depois da morte, defendendo a crença de que a alma perecia com a morte; eles acreditavam que não há qualquer penalidade ou recompensa depois da vida terrena. Os saduceus deixaram de existir em 70 d.C. Já que este grupo existia por causa de seus laços políticos e sacerdotais, quando Roma destruiu Jerusalém e o Templo em 70 d.C., os saduceus também foram destruídos.

A análise dessas hipóteses permitiu considerar as tentativas de explicar a ressurreição de Jesus por meio de interpretações alternativas ao testemunho bíblico. A discussão, contudo,

[7] HANEGRAAFF, 2005, p. 30.

não se limitou às explicações propostas para o acontecimento, pois também envolveu as consequências da ressurreição para aqueles que a anunciaram. Por isso, torna-se necessário considerar o testemunho dos discípulos e a centralidade que a ressurreição assumiu na fé cristã.

3. O TESTEMUNHO DOS DISCÍPULOS E A CENTRALIDADE DA RESSURREIÇÃO

O sepulcro vazio testifica que Cristo está vivo. Os apóstolos defenderam essa verdade com seu sangue, entregando sua própria vida para o martírio. Somente a ressurreição de Jesus Cristo faz com que alguém possa dar a sua própria vida.

> Maria Madalena descobriu o sepulcro aberto e, apressada e erroneamente, concluiu que alguém havia roubado o corpo. Sem demora, ela foi contar a Pedro que, juntamente com João, correu até a tumba. A pedra havia sido deslocada, de modo que eles adentraram e viram os panos deixados para trás no sepulcro vazio. Então, eles se convenceram de que Jesus estava vivo (Jo 20.1-10). Contudo, uma coisa é ver a evidência e outra totalmente distinta é encontrar-se com o próprio Cristo vivo! Maria permaneceu à entrada do túmulo e encontrou-se com Jesus, mas pensou que ele fosse o jardineiro. Ao ouvir Cristo pronunciar o seu nome, Maria o reconheceu, e a sua confusão transformou-se em certeza.[8]

Jesus foi o único que pode vencer a morte, e voltar a viver para sempre. Se Cristo não ressurgisse dos mortos, não saísse da sepultura, em vão teria sido seu sacrifício. Maria Madalena avisa aos discípulos que tinha visto o mestre. No mesmo dia da ressurreição, dois discípulos do Salvador estavam indo de Jerusalém para Emaús. Eles conversavam entre si acerca dos acontecimentos dos últimos dias. De repente, enquanto conversavam, alguém começou a caminhar com eles. No primeiro momento, eles não reconheceram que aquele que estava os acompanhando era o mestre. O viajante pergunta por que eles estavam tão tristes, e qual era a conversa deles. Os discípulos ficam surpresos com essa fala, e um deles, chamado Cleopas, pergunta se ele é estrangeiro, por não saber o que tinha recentemente acontecido. O mestre, então, pergunta que acontecimentos seriam esses. E eles então disseram que falavam de Jesus de Nazaré, um profeta que tinha palavras e obras boas, e foi entregue à morte e crucificado, sendo ele justo.

> Jesus escutou os seus companheiros de viagem sem interrompê-los. E, quando estes pararam de falar, ele declarou com um tom entre severo e bondoso: Ó néscios e tardos de coração para crer em tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória? (Lc 24.25-26).[9]

Os discípulos estavam tristes, pois já havia se passado 3 dias após esses acontecimentos. Pensavam que Jesus tinha falhado e o mestre não havia ressuscitado. Ao se aproximarem de Emaús, Jesus fez que ia mais adiante. O viajante trazia consigo uma paz muito

[8] WIERSBE, Warren W. **Os eventos mais importantes da vida de Jesus**. Tradução de José Fernando Cristófalo. Santo André: Geográfica, 2017, p. 105.
[9] FILLION, 2004, p. 994-995.

grande, tanto que eles pedem que fique com eles porque já estava tarde. Jesus aceita o convite e senta-se à mesa com eles, pega o pão, abençoa-o e o parte, entregando para eles. Na mesma hora, os discípulos reconheceram que era Jesus quem esteve caminhando com eles, seus corações se encheram de alegria e esperança; não tinham mais dúvidas, Jesus havia ressuscitado. Na mesma hora, voltaram para Jerusalém e confirmaram a todos que o mestre estava vivo. Aquilo que Jesus havia dito aos discípulos, de que estaria três dias no ventre da terra, mas que no terceiro dia ressuscitaria, aconteceu: Jesus venceu a morte e ressuscitou.

> Naquele primeiro dia de ressurreição, as notícias sobre o túmulo vazio e as aparições de Jesus ressurreto começaram a chegar aos discípulos. Jesus havia aparecido a algumas mulheres. Pedro e João viram o túmulo vazio. Jesus aparecera a Pedro e, depois, a dois discípulos na estrada de Emaús.[10]

Os vinte longos séculos do cristianismo foram baseados na verdade da ressurreição de Jesus Cristo. Afirmar que o cristianismo nasceu e cresceu em cima de uma mentira e fraude seria supor um milagre ainda maior do que a própria ressurreição.

É de se notar que a pregação dos apóstolos era severamente controlada pelos judeus, de tal modo que qualquer mentira vinda deles seria denunciada de imediato pelos membros do Sinédrio. Se a ressurreição de Jesus não fosse real, se fosse uma fraude, os judeus teriam desmentido. Mas eles nunca puderam fazer isso.

O testemunho dos apóstolos sobre a ressurreição era convincente e arrastava. A ressurreição de Jesus é o ponto fundamental da fé cristã, a ponto de o apóstolo Paulo dizer: “Se Cristo não ressuscitou vazia é a nossa pregação; vazia também é a vossa fé... Se Cristo não ressuscitou, vazia é a vossa fé; ainda estais nos vossos pecados” (1Co 15.14,17). A ressurreição de Jesus é a base da fé, pois assim como o cristão crê que ele ressuscitou, também crê que ressuscitará.

> A doutrina bíblica da ressurreição envolve não somente a ressurreição de Cristo. Embora a ressurreição de Cristo seja muito importante, há mais envolvido na história – o plano bíblico de nossa salvação. Outra parte gloriosa da história é esta: Cristo é as primícias dos que ressuscitarão dos mortos, para que todos os que creram nele sejam ressuscitados como ele foi.[11]

Essa fé não surgiu mais tarde, mas é o resultado da missão de Cristo, acompanhada dia a dia pelos apóstolos. As aparições logo após a ressurreição, concebidas e transmitidas pelos discípulos imediatos de Jesus, são argumentos suficientes para anular qualquer teoria que queira negar a ressurreição corporal de Cristo. Em nome de uma miragem, de uma fantasia, milhares de fiéis não enfrentariam a morte diante da perseguição romana. O cristianismo não é uma fraude ou uma debilidade mental. É muito mais lógico acreditar na ressurreição de Jesus do que explicar a potência do cristianismo por uma fantasia de pessoas desonestas ou alucinadas.

[10] CARSON, Donald A. **Escândalo**: a cruz e a ressurreição de Jesus. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2011, p. 155.

[11] WARE, Bruce. **Cristo Jesus Homem**: reflexões teológicas sobre a humanidade de Cristo. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2013, p. 212-213.

A ressurreição de Jesus Cristo não é apenas o milagre de um cadáver reanimado. Não se trata do mesmo episódio que aconteceu com outros personagens bíblicos, como Lázaro ou a filha de Jairo, que foram trazidos de volta à vida por Jesus, e que depois de um certo tempo morreriam fisicamente, novamente. A ressurreição de Jesus não se reduz à revitalização de um indivíduo qualquer, mas através da sua ressurreição; todos aqueles que creem no seu nome, ainda que morram, voltarão à vida, e serão semelhantes a Jesus.

Após a ressurreição, por um período de 40 dias, Jesus continuou aparecendo aos seus discípulos e à multidão, de maneira geral. Sua última aparição aconteceu, especificamente, no Monte das Oliveiras. Ali o Senhor os abençoou e começou a flutuar, e uma nuvem o recebeu, até que não pode mais ser visto.

> Ele não desapareceu subitamente para nunca mais ser visto, mas foi subindo aos poucos, enquanto eles observavam, e então uma nuvem (aparentemente a nuvem da glória de Deus) tirou-a da vista deles. Mas os anjos disseram imediatamente que ele voltaria da mesma maneira que havia ido para o céu.[12]

Até na sua partida Cristo tem uma palavra de esperança. Esperança essa que se aguarda até nos dias de hoje: a sua vinda. Assim como Cristo falou que ressuscitaria, ele também afirmou que voltaria. Para o verdadeiro cristão, essa esperança, essa certeza, nunca morrerá.

O testemunho dos discípulos evidenciou a importância que a ressurreição de Jesus Cristo assumiu na proclamação do evangelho e na esperança dos primeiros cristãos. Assim, ao retomar o testemunho bíblico e as explicações examinadas ao longo do artigo, reafirmou-se a centralidade da ressurreição para a fé cristã, não apenas como fundamento da mensagem anunciada pelos discípulos, mas também como expressão da esperança de salvação e de vida eterna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deus sempre quis ter o ser humano perto dele. Em nenhum momento Deus foi pego de surpresa com o pecado. Pelo contrário, o astuto inimigo, o Diabo, não sabia o que Deus faria com o ser humano caso ele pecasse. Deus já tinha todo o plano para resgatar o ser humano antes da fundação do mundo. Deus começou a anunciar, por meio das pessoas, o que aconteceria: seu Filho viria ao mundo para resgatar a humanidade. Quando Jesus nasceu, iniciou-se o cumprimento de tudo o que havia sido anunciado a respeito do Messias. Jesus cresceu e cumpriu toda a justiça. Depois, começou a falar do seu Reino e de tudo o que viera fazer na terra. Escolheu doze homens para que, depois de sua ascensão ao céu, continuassem espalhando a esperança da salvação. O próprio Cristo anunciou que seria preso, açoitado e morto, mas que ressuscitaria ao terceiro dia. De nada adiantaria se Cristo apenas tivesse nascido e morrido, pois não faria sentido que ele nascesse, morresse e, depois, seus seguidores nunca mais pudessem vê-lo. Para confirmar o cumprimento de suas palavras, ressuscitou e apareceu aos discípulos, para que eles testemunhassem esse acontecimento.

[12] GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 516.

O cristianismo se espalhou e cresceu apesar da perseguição, não por causa do poder ou da personalidade dos apóstolos, nem das regalias da fé, pois os apóstolos eram fracos e enfrentavam penalidades, não regalias, mas por causa da experiência da ressurreição vivenciada pelos primeiros cristãos. O fato histórico da ressurreição de Cristo, em seu corpo glorificado, constituiu o alicerce de todo o cristianismo.

Ao longo da história da civilização humana, a ressurreição de Cristo continuou sendo amplamente anunciada e discutida. Isso não diminuiu a importância de seu nascimento nem de sua morte, mas evidenciou que ambos estavam relacionados à vitória sobre a morte. Foi por causa da ressurreição que se manteve a esperança de um dia estar definitivamente com Cristo, a certeza de sua presença e a continuidade da fé cristã. Também foi por causa da ressurreição que muitas vidas foram alcançadas e transformadas e que o autor desenvolveu a presente pesquisa.

Diante do que foi apresentado, a ressurreição de Jesus Cristo permaneceu como o ponto central da fé cristã e da esperança da salvação. O testemunho bíblico e a análise das explicações que procuraram contestar esse acontecimento reforçaram a importância da ressurreição para a mensagem proclamada pelos discípulos e para a compreensão da fé cristã. Assim, o artigo reafirmou que a ressurreição não poderia ser compreendida como um acontecimento secundário, mas como elemento fundamental da mensagem cristã.

REFERÊNCIAS

CARSON, Donald A. **Escândalo**: a cruz e a ressurreição de Jesus. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2011.

FILLION, Luis Claude. **Enciclopédia da vida de Jesus**. 2.ed. Tradução de Jefferson Magno Costa. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HANEGRAAFF, Hank. **Ressurreição**: uma poderosa defesa do principal acontecimento do Cristianismo. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

INTERNACIONAL, Nova Versão. **Bíblia Leitura Perfeita**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018.

SOARES, Esequias. **Cristologia**: a doutrina de Jesus Cristo. São Paulo: Hagnos, 2008.

SWINDOLL, Charles R. **Marcado para morrer**. São Paulo: Naós, 2005.

WARE, Bruce. **Cristo Jesus Homem**: reflexões teológicas sobre a humanidade de Cristo. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2013.

WIERSBE, Warren W. **Os eventos mais importantes da vida de Jesus**. Tradução de José Fernando Cristófalo. Santo André: Geográfica, 2017.

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS
Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.003

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO E SUA RELAÇÃO COM A CONVERSÃO

Baptism in the Holy Spirit and Its Relationship to Conversion

Denilson Silva Araújo[1]

RESUMO

Nota-se, nos dias atuais, o surgimento de várias interpretações envolvendo a doutrina do Espírito Santo, especificamente no que diz respeito ao batismo no meio cristão. Isso tem causado sérios problemas à aplicação do culto e até mesmo ao que se conhece como Teologia Prática. Sendo assim, este artigo aborda-se a ação e os conceitos do Espírito Santo no decorrer da história bíblica, desde o Antigo Testamento até seu cumprimento após a ressurreição de Jesus, apoiados em sua promessa. Também se faz uma breve apresentação das visões pentecostais e reformadas do Batismo no Espírito Santo, com suas bases bíblicas. Para que se chegue a esse objetivo, foi necessário fazer a exposição de alguns textos com algumas palavras-chave em sua língua original, com o propósito de esclarecer seu sentido real. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, na qual uma das principais conclusões alcançadas foi a de que o Batismo no Espírito Santo é, na verdade, um dom concedido e efetuado pelo próprio Senhor Jesus nos corações libertos pelo conhecimento da Palavra de Deus. Diante desse contexto, a discussão concentra-se na relação entre o batismo no Espírito Santo e a conversão, considerando especialmente se a experiência descrita no Novo Testamento deve ser compreendida como uma bênção posterior à conversão ou como parte da própria obra de Deus na vida daquele que crê. Para desenvolver essa questão, o artigo percorre o testemunho bíblico acerca da atuação do Espírito Santo, examina o acontecimento de Pentecostes e considera o episódio da conversão de Cornélio e de sua casa, buscando fundamentar a posição defendida pelo autor.

[1] Mestrando em Ministério pela Carolina University. Formado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil; Bacharelado em teologia pela FATIN; Pós-graduado em Ciências da Religião pela FATIN; Pós-graduado em Sermão Expositivo pelo Ministério Pregue a Palavra; Pós-graduado em Aconselhamento Bíblico pelo Instituto Palavra da Vida. Atualmente é Pastor titular da Primeira Igreja Batista em Tacaimbó /PE. ORCID: https://orcid.org/0009-0000-9631-4052. E-mail: denis.canaa@gamil.com

Palavras-chave: Batismo no Espírito Santo. Perspectiva Pentecostal. Perspectiva Histórica. Perspectiva Reformada.

ABSTRACT

In recent times, various interpretations regarding the doctrine of the Holy Spirit, specifically concerning baptism within Christian circles, have emerged. This has caused significant issues for worship practices and even for the field of Practical Theology. Consequently, this article aims to examine the work and concepts associated with the Holy Spirit throughout biblical history, tracing the narrative from the Old Testament to the fulfillment of the promise following Jesus' resurrection. It also presents a brief overview of Pentecostal and Reformed views on the Baptism in the Holy Spirit, along with their biblical foundations. To achieve this objective, the study analyzes specific texts, including key terms in their original languages, to clarify their true meaning. The methodology employed is bibliographic research; a key conclusion drawn is that the Baptism in the Holy Spirit is, in fact, a gift bestowed and enacted by the Lord Jesus Himself upon hearts liberated through the knowledge of God's Word. In this context, the discussion focuses on the relationship between the baptism in the Holy Spirit and conversion, particularly whether the experience described in the New Testament should be understood as a blessing subsequent to conversion or as part of God's work in the life of the believer. To address this question, the article examines the biblical testimony concerning the work of the Holy Spirit, the event of Pentecost, and the conversion of Cornelius and his household, seeking to substantiate the author's position.

Keywords: Baptism in the Holy Spirit. Pentecostal Perspective. Historical Perspective. Reformed Perspective.

INTRODUÇÃO

Durante todo o decorrer da história da fé cristã, nota-se que muito pouco se tem abordado sobre a Teologia do Espírito Santo. Pouco material foi escrito e uma grande maioria carece de muita profundidade no assunto. A obra do Espírito Santo se mostra um dos temas mais relevantes da teologia, ao mesmo tempo que é carente de elucidação, principalmente em nossos dias. Com o aparecimento do Pentecostalismo surgiu um crescente interesse no assunto. Ainda que esse fato tenha despertado a Igreja para mudanças positivas dentro de sua teologia e vivência prática, também tem sido resultado de muita controvérsia no que diz respeito à interpretação que se dá de algumas passagens relacionadas. Excessos têm sido praticados e até mesmo heresias têm surgido, frutos de erros teológicos provenientes de exegese e hermenêuticas tendenciosas e deficientes.

A presente pesquisa tem por finalidade priorizar algumas passagens cruciais do Novo Testamento, utilizando para isso apoio bibliográfico, bem como algumas visões distintas da teologia do Batismo no Espírito Santo, comparando-as com uma análise bíblica histórica e textual desses textos, incluindo ainda a análise de algumas palavras na língua original. Será abordada também a visão pentecostal do Batismo no Espírito Santo, bem como seus desdobramentos, com apoio à visão defendida. Em seguida, far-se-á um estudo do texto de Atos 10, respondendo à visão pentecostal do Batismo no Espírito Santo como segunda bênção, separados ou não da conversão. Por fim, far-se-á uma avaliação dos conceitos abordados,

concluindo com uma breve reflexão do que se pode acarretar um entendimento equivocado da doutrina do Batismo no Espírito Santo.

1. A PROMESSA DE JESUS E A ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NO DECORRER DA HISTÓRIA BÍBLICA

Uma das bases sólidas em torno da Doutrina do Batismo no Espírito Santo é a "Promessa de Jesus" feita aos discípulos antes de sua ascensão. Para um entendimento correto do assunto, faz-se necessária uma compreensão do contexto da época. Nos dias turbulentos e perigosos para qualquer seguidor de Cristo nas ruas de Jerusalém, já era de se esperar um êxodo por parte de muitos. Jerusalém não era mais um lugar seguro para um discípulo de Jesus, ainda mais quando o sinédrio destilava ódio e repúdio em forma de repressão ao grupo simpatizante da causa do Messias. Foi em meio a todo esse cenário que Jesus reaparece no capítulo 1 de Atos, agora ressurreto, e reafirma o que antes tinha dito sobre a promessa da descida do Espírito Santo sobre seus discípulos:

> Mas que esperassem a promessa (v. 4): Isto foi dito a crentes armados com poder espiritual (Mt 10.1), que tinham nomes escritos nos céus (Lc 10.20), que estavam limpos moralmente (Jo 15.3), que estavam em contato com Cristo como o ramo ligado na videira (Jo 15.5), que conheciam que o Espírito Santo estava com eles (Jo 14.17), que tinham sentido o fôlego de Cristo ressuscitado quando dizia: "Recebei o Espírito Santo" João 20.22. Contudo deviam permanecer em Jerusalém até receber o batismo no Espírito Santo. É indispensável que as testemunhas de Cristo permanecessem diante de Deus até ficar cheias do Espírito Santo. "Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes?" (At 19.2).[2]

Assim, percebe-se que o que Jesus afirmou aos discípulos acerca da promessa se deu de forma intencional, mas também relacional. Cristo ensinou tais verdades de inúmeras maneiras, desde citações públicas das Escrituras, por parábolas e até mesmo vivenciando situações corriqueiras que podem ser interpretadas como chaves hermenêuticas (aquilo que pode abrir o entendimento para a compreensão do que se pretende ensinar), para extrair significado e sentido sobre esses e outros ensinamentos direcionados aos ouvintes. Com isso, pode-se entender que a promessa de Jesus se consumou na vida de seus discípulos como sinal de sua relação e obediência. Isso jamais aconteceria se o próprio Cristo não agisse de maneira que lhes lembrasse que o Batismo que receberiam possuía um fundamento: a promessa do Pai.

1.1 O Espírito Santo no Antigo Testamento

Ao se analisar as linhas do Antigo Testamento, percebe-se que o Espírito Santo está atuando em conjunto com as duas outras pessoas da Trindade. O termo mais usado para defini-lo é "*rûah Yahweh",* ou "Espírito do Senhor". Ele não apenas interage como também é

[2] BOYER, Orlando. **Atos - o Evangelho do Espírito Santo.** Comentário sobre Atos dos apóstolos. Penha: Livros Evangélicos, 1961, p. 22.

revelado como sendo a ação de Deus na criação do universo, conforme se vê em Gênesis 1.2: "A terra era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre as águas". O Espírito partilha de profundidade com o próprio Deus, possuindo relação de extrema comunhão como terceira pessoa da Trindade, enquanto é revelado como princípio criador:

> O *rûah Yahweh,* no Antigo Testamento não é uma entidade separada, distinta; é o poder de Deus – a atividade pessoal na vontade de Deus para alcançar um objetivo moral e religioso. O *rûah* de Deus é a fonte de tudo que está vivo, de toda vida física. O Espírito de Deus é o princípio ativo que procede de Deus e dá vida ao mundo físico (Gn 2.7). É também a fonte de todas as preocupações religiosas, despertando líderes carismáticos, como juízes, profetas ou reis. "O *rûah Yahweh* é um termo usado para designar a ação histórica criadora do Deus único, a qual, muito embora desafie a análise lógica, é sempre a ação de Deus".[3]

Nota-se com isso que o Espírito Santo é atuante no Antigo Testamento por razão de sua íntima relação com o Deus Criador, chegando a ser reconhecido, como em algumas passagens, como "o poder de Deus", dando vida a tudo, operando de forma capacitadora por meio de homens e mulheres que foram separados para um fim específico na história bíblica. Sua atuação no Antigo Testamento se deu de forma transitória, pois visava o cumprimento de um propósito. Com isso, havia a possibilidade do Espírito se retirar daqueles em quem habitava, caso alguma prescrição da aliança exigida fosse quebrada. Esse conceito foi compreendido por alguns, como foi o caso do salmista Davi no Salmo 51.11: "Não me lances fora da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito".

Sendo assim, essa habitação do Espírito se deu para que se cumprissem os desígnios de Deus, seja para encher os profetas com os oráculos de Deus ou mesmo para conceder habilidades especiais àqueles que seriam usados com o propósito de cumprir tarefas especiais para Deus:

> Outra área geral de atuação do Espírito é a transmissão das profecias e da Escritura. Os profetas do Antigo Testamento testificavam que seus pronunciamentos e escritos provinham do fato de o Espírito Sant ter vindo sobre eles. Ezequiel oferece o exemplo mais claro: "Então, entrou em mim o Espírito quando falava comigo, e me pôs em pé, e ouvi o que me falava" (2.2; cf. 8.3; 11.1, 24; veja tb. 2Pe 1.21). Ainda outra obra do Espírito de Deus no Antigo Testamento era a transmissão de certas habilidades necessárias para várias tarefas. Por exemplo, lemos que ao apontar Bezalel para construir e mobiliar o tabernáculo, Deus disse: "o enchi do Espírito de Deus, de habilidade, de inteligência e de conhecimento, em todo artifício, para elaborar desenhos e trabalhar em ouro, prata e bronze, para lapidação de pedras de engaste, para entalho de madeira, para toda sorte de lavores" (Êx 31.3-5). A administração também parece ter sido um dom do Espírito.[4]

Com isso, pode-se perceber claramente que o Espírito Santo atuou de forma consciente e conjunta com os planos de Deus. Sua ação se deu de maneira progressiva e temporária;

[3] LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 416-417.
[4] ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 352.

ainda assim, os indivíduos alvos de sua ação deveriam cumprir alguns requisitos básicos dessa habitação, como é o caso da sujeição incondicional ao Espírito. Ao contrário do que alguns creem, o Espírito não é simplesmente uma força operante de YHWH, mas também Deus, pois o caráter de interação e relação com aqueles em quem habitava está explícito em passagens como a de Ezequiel 2.2: "Enquanto falava comigo, o Espírito entrou em mim e me fez ficar em pé, e ouvi aquele que falava comigo".

1.2 O Espírito Santo no Novo Testamento

O "pneuma", como o Espírito Santo é mais conhecido por meio do termo grego, ganha conotação missiológica e relacional nas escritas do evangelho segundo João. Para ele, o Jesus humano é enfatizado agindo no Espírito, a começar do batismo nas águas. A partir daí, Jesus daria de beber do mesmo Espírito aos seus discípulos de forma definitiva e pessoal. Agora, habitando no interior deles, poderia capacitá-los e muni-los com dons específicos para cumprir os propósitos de Deus em Cristo:

> A mesma ideia está refletida em uma declaração sobre o Paracleto: "o Espírito da verdade... Ele habita convosco, e estará em vós" (Jo 14.17). Desde o momento em que os discípulos estiveram em contato com seu Mestre, esse Espírito da verdade, ou da realidade, habitava com eles no Senhor, e agora, devida à partida do Senhor, estará neles. O Espírito, certamente, estivera com os santos do Antigo Testamento, e, de certa forma, em um sentido real, também estivera neles (Sl 51.10-11). No entanto, o Antigo Testamento fala com mais frequência do Espírito vindo sobre os homens do que estando dentro deles. O Antigo Testamento contempla a salvação messiânica, quando uma nova dimensão do Espírito será dada ao povo de Deus (Jl 2.28; Ez 36.26-27). Uma vez que Jesus fora cheio do Espírito, sua presença significou que o Espírito estivera de um modo novo e diferente com os discípulos. Contudo, Jesus lhes promete que eles também ainda deverão ser habitados pelo mesmo Espírito. A promessa escatológica deve ser cumprida, e uma nova dimensão da interioridade do Espírito, experimentada.[5]

Portanto, enquanto os discípulos caminharam com Jesus, partilharam da presença do seu Espírito. Entretanto, agora ressurreto, Cristo cumpre sua promessa e o mesmo Espírito passa a habitar definitivamente neles. Isso se torna evidente por meio dos dons e sinais operados. O Novo Testamento abre um novo horizonte de possibilidades para aqueles que, uma vez estando com o Espírito Santo, poderiam dar continuidade ao ministério de Cristo.

1.3 O Espírito Santo e seu propósito no Novo Testamento

Além da obra capacitadora do Espírito Santo em Jesus, na ocasião de seu batismo, percebe-se que os discípulos também foram capacitados para vários tipos de ministérios, segundo o próprio Jesus lhes havia prometido em Atos 1.8: "Mas vocês receberão poder, ao descer sobre vocês o Espírito Santo, e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como

[5] LADD, 2003, p. 419.

em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra". A capacitação no Espírito se estende em várias outras áreas, como oração, serviço, incluindo uma das mais importantes obras, a purificação:

> Uma vez que esse membro da Trindade é chamado Espírito Santo não surpreende que uma de suas principais atividades seja purificar-nos do pecado e "santificar-nos" ou tornar-nos mais santos na conduta prática. Mesmo na vida de incrédulos há alguma influência restritiva do Espírito Santo uma vez que ele convence o mundo do pecado (Jo 16.8-11; At 7.51). Mas quando as pessoas se tornam cristãs, o Espírito Santo realiza nelas uma obra inicial de purificação, efetuando um decisivo rompimento com os padrões do pecado que havia na vida delas antes. Paulo fala dos coríntios: "...mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus" (1Co 6.11).[6]

Percebe-se que há uma forte dependência no agir regenerador e santificador do Espírito Santo na vida daqueles que foram convencidos de seus pecados. A ideia de purificação é consequência direta do trabalho do Espírito. Isso se dá na dinâmica de uma vida prática, já que, na qualidade de Deus pessoal, opera de forma íntima na vida daquele em quem habita. A vasta ação do Espírito Santo, tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos, demonstra não apenas sua natureza divina, refletida em sua operação, mas também na eficácia do seu agir durante toda a história bíblica. Seu controle dos eventos é impressionante, visto que tudo que o Pai e o Filho orquestraram, o Espírito esteve atuando em conjunto, como a figura de um rio seguindo seu inevitável curso em fluxo contínuo:

> O tema do "Espírito Santo" no Novo Testamento pode ser considerado no que toca aos seus atributos divinos: Sua Personalidade distinta da deidade; Sua operação concernente ao Senhor Jesus no Seu nascimento, vida, batismo, morte; Suas operações no mundo; na igreja; o fato de ele ter sido enviado no dia de Pentecostes pelo Pai e por Cristo; Suas operações no crente individual; nas igrejas locais; Suas operações na produção das Santas Escrituras; Sua obra no mundo, etc.[7]

Verifica-se que o Espírito Santo não agiu isoladamente, à parte das outras pessoas da Trindade, e ainda assim sua própria natureza demonstra pessoalidade e, ao mesmo tempo, unidade e comunhão. A intensa atividade do Espírito nas páginas do Novo Testamento revela não apenas um agir de Deus cumprindo suas promessas, mas também a pessoa do Espírito e sua obra regeneradora e reconciliadora na vida do ser humano. Pode-se perceber sua divindade e atributos facilmente por meio de sua operação em todo o decorrer da história da humanidade, desde a origem do mundo até a consumação da história, como se conhece na revelação em Apocalipse.

[6] GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 535.

[7] VINE, W. F.; UNGER, Merril F.; WHITE Jr, William. **Dicionário Vine:** o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 618.

2. O ESPÍRITO SANTO, O PENTECOSTES E O BATISMO

Observa-se que o evento "Pentecostes" não foi uma ocasião qualquer na vida daquelas pessoas. Acredita-se que foi uma das mais importantes festas no calendário judaico, movimentando um grande contingente de todas as partes do mundo: "O Espírito Santo deixou o céu e veio à terra na ocasião de realizar-se uma solene festa em Jerusalém, a que assistiam dois a três milhões, calcula-se, de judeus e prosélitos, [...]".[8] Essas pessoas costumeiramente celebravam a fartura nas colheitas, resultado esse proveniente das mãos do Senhor. Essa mesma festa possuía também um caráter familiar, além de religioso, já que tudo convergia para uma vida litúrgica direcionada para a vivência do Templo, que era um dos pilares do judaísmo, acompanhado dos sacrifícios oferecidos:

> Apesar de Atos ser um livro histórico, Lucas omite referências quanto a datas precisas. Os estudiosos, de um modo geral, concordam que a cronologia de Atos a festa do Pentecostes foi celebrada no ano 30 d.C., durante a última semana de maio. O termo Pentecostes deriva de uma palavra grega que significa "quinquagésimo". Os judeus celebravam o Pentecostes como a Festa das Semanas no quinquagésimo dia depois da Páscoa (Lv 23.15,16; Dt 16.9-12). Eles a chamavam também de Festa da Colheita (Êx 23.16). Os judeus consideravam o Pentecostes como o festival da ceifa, ocasião na qual apresentavam os primeiros frutos da colheita do trigo (Nm 28.26). Depois da destruição do templo em 70 d.C., transformaram esse festival na comemoração da entrega do Decálogo no Monte Sinai. Basearam isso na referência cronológica em Êxodo 19.1. Presumivelmente os judeus reagiram à observância cristã do Pentecostes.[9]

Entende-se com isso que o Pentecostes não apenas serviu a um propósito religioso, mas também atendia a um critério familiar e cultural, já que se apresentava o resultado das colheitas como sinal de gratidão ao Senhor. Historicamente, é possível perceber nisso um perfeito cenário para a descida do Espírito Santo, em cumprimento da promessa feita em Joel 2.28: "E acontecerá, depois disso, que derramarei o meu Espírito sobre toda a humanidade. Os filhos e as filhas de vocês profetizarão, os seus velhos sonharão, e os seus jovens terão visões". As características da descida do Espírito não serão todas abordadas em maior profundidade nesta obra; ainda assim, percebe-se forte significado em cada símbolo.

2.1 "De repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso [...]" (At 2.2)

O som, ouvido com a característica de um forte vento que sopra, pode significar a própria soberania do Espírito Santo em agir onde e como quer. Pode-se apenas sentir sua operação, ao mesmo tempo que, sendo imprevisível, é também incontrolável. Todo o simbolismo aponta para a maneira como Deus vem na pessoa do Espírito sobre aquelas

[8] BOYER, 1961, p. 34.

[9] KISTEMAKER, Simon J. **Comentário do Novo Testamento**: exposição de Atos dos apóstolos. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, vol. 1, p.107.

pessoas, demonstrando não apenas sua soberania, mas também seu controle durante todos os eventos bíblicos:

> [...] Nas Escrituras, o vento é usado frequentemente como símbolo do Espírito Santo (Ez 37.1-14). Cristo, na palestra com Nicodemos, comparou o Espírito Santo a uma brisa refrescante, purificante, vivificante. Não se vê esse "Vento" divino, mas se sente quando faz a sua no íntimo do coração, João 3.8. Porém, no Pentecostes foi um estrondo ("de repente"); não um som como de vento que se levanta gradualmente. Foi como um vento forte violento ("impetuoso"), representando a força do sopro divino que encheu a casa de Deus, entrou nos assistentes da ocasião e passou a toda a terra, criando, vivificando e renovando como quando "o Espírito (Fôlego ou vento) de Deus se movia sobre a face do abismo" na criação, Gênesis 1.2. Pode-se imaginar Jesus Cristo, no Pentecoste, em pé, à destra de Deus, assoprando sobre os cento e vinte discípulos e dizendo: "Recebei o Espírito Santo".[10]

Compreende-se que o vento representa nesta passagem o controle de Deus sobre os eventos envolvendo o Pentecoste. O poder criador de Deus é mais uma vez demonstrado perante os homens. Em cada coração dos discípulos, percebe-se a transformação por meio desse agir sobrenatural do Senhor. Outra característica a ser brevemente citada é o fogo: "Como que de fogo" (At 2.3). Línguas foram vistas repartidas entre eles. A forma foi visual, como fogo. Existem várias ideias em torno do batismo com fogo, como, por exemplo: luz, glória, purificação e até mesmo juízo. Cada um destes significados é atribuído a um contexto específico dentro da Bíblia, o que exige para sua correta compreensão o uso de exegese séria, respeitando, é claro, o rico simbolismo atrelado à figura do fogo:

> O Espírito Santo é representado como fogo porque: 1) Produz luz, alumiando o entendimento e fazendo tudo se tornar real e glorioso para nós. 2) Purifica, consumindo toda a escória e libertando o ouro de nossa natureza. (Compare Ml 3.1-13) 3) Aquece o coração até abrasar com o calor do céu. 4) Alastra-se. As autoridades religiosas descobriram logo que o cristianismo se desenvolve rapidamente, apesar de parecer insignificante, cap. 4.17; 5.28.[11]

Sabe-se que o batismo no Espírito Santo não apenas capacitou os discípulos para a boa obra de Deus, mas também a tornou visível por meio de manifestações relatadas por testemunhas oculares. Fica evidente que o Senhor revela um pouco de sua glória enquanto, por meio do batismo, habita naquelas pessoas. Seus entendimentos a partir de então estariam abertos à compreensão dos mistérios de Deus e, assim, poderiam comunicar sua grandeza a outros.

2.2 "Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, [...]" (v.4)

Nota-se que uma das consequências do Batismo no Espírito Santo é o "enchimento", evidenciado nesta passagem com o falar em línguas. Seu caráter não é repetido na história:

[10] BOYER, 1961, p. 35.
[11] BOYER, 1961, p. 36.

"O derramamento do Espírito não é repetitivo, pois ele fica com a pessoa que foi cheia".[12] Essas línguas faladas diferenciam-se das línguas extáticas de 1 Coríntios 14. Lá, Paulo afirma que elas necessitam de intérpretes para sua compreensão. O conceito das línguas em Atos é o de "idioma falado"; isso pode ser comprovado pelo fato de várias pessoas de diversos locais e dialetos diferentes terem compreendido o conteúdo apresentado pelos discípulos em sua própria língua materna:

> A palavra "língua" equivale ao conceito de idioma falado. Isso fica evidenciado pelo comentário de Lucas que "cada qual os ouvia falar em sua própria língua" (v.6); a multidão pergunta: "Então, como é que cada um de nós os ouve em sua língua nativa?" (v.8); e dizem: "Nós os ouvimos falar em nossa própria língua as grandiosas obras de Deus" (v.11). As línguas que os crentes falam são línguas conhecidas, faladas em regiões que vão desde a Pérsia, no Oriente, até Roma, no Ocidente. Não podemos equiparar o acontecimento do Pentecostes com o falar em línguas na igreja de Corinto. Os crentes que falam em outras línguas no Pentecostes não o fazem para edificação da igreja (diferente da fala extática [1Co 14]). Enquanto na igreja dos coríntios a fala extática deve ser interpretada, no Pentecostes os ouvintes não necessitam de intérpretes porque podem ouvir e são capazes de compreender cada um na sua própria língua.[13]

Assim, fica claro que esse evento jamais deve ser entendido como uma experiência que deva se repetir, principalmente como uma evidência do batismo no Espírito Santo na vida daquele que encontra Cristo por meio da fé na sua obra redentora. Da mesma forma, conforme a própria Palavra afirma, os homens ficaram maravilhados pelo fato de compreenderem o que se falava. Portanto, as línguas foram compreensíveis e carregadas de propósito para conduzir o público à recepção das grandezas de Deus.

Assim, o relato de Pentecostes apresentou a atuação do Espírito Santo na capacitação dos discípulos e na proclamação das grandezas de Deus. A compreensão desse acontecimento, entretanto, também está relacionada às diferentes interpretações acerca do momento em que ocorre o batismo no Espírito Santo e de sua relação com a conversão. Essa questão conduz à análise da perspectiva pentecostal, que compreende o batismo como uma experiência que pode ser distinta da regeneração.

3. O BATISMO COMO UMA SEGUNDA BÊNÇÃO - UMA VISÃO PENTECOSTAL DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

Em sua grande maioria, os pentecostais acreditam que o Batismo no Espírito Santo é uma segunda bênção que ocorre na vida daquele que é salvo, podendo acontecer no momento da conversão ou mesmo depois dela. Isso implica que, mesmo sendo salvo, o indivíduo que recebeu Cristo poderá não ter sido batizado (ou recebido a segunda bênção em forma de Batismo no Espírito Santo). Ou seja, a pessoa pode ter tido um encontro com Cristo, entendido o Evangelho da salvação, recebido a mensagem, ser liberta da condenação eterna,

[12] KISTEMAKER, 2003, vol. 1, p. 110.
[13] KISTEMAKER, 2003, vol. 1, p. 111.

e ainda assim não ter recebido a promessa do selo do Espírito em seu coração como evidência da promessa consumada:

> Os pentecostais, ao contrário dos reformados, veem o batismo no Espírito, como uma experiência completamente distinta e subsequente à regeneração. Como deixa clara a Declaração de Verdade Fundamentais das Assembleias de Deus: "Ela é distinta da experiência do novo nascimento e subsequente a ela". Daí o termo "segunda bênção". Os pentecostais geralmente afirmam que as diversas formas apresentadas no Novo testamento como: estar cheio do Espírito, receber o Espírito, o Espírito sendo derramado, caindo sobre, vindo sobre, tem o mesmo significado e refere-se à descrição da segunda bênção.[14]

Entende-se que, conforme a visão pentecostal, o batismo no Espírito pode acontecer distintamente do momento da conversão, tendo como sua maior evidência o falar em línguas. Ainda assim, nota-se a interpretação de uma série de termos no Novo Testamento como base para tal afirmação. De fato, a experiência do Pentecostes possuiu um propósito e razão de acontecer. A glória de Deus foi revelada naquela ocasião: "Essa é a glória de Deus. Os seus padrões são completamente diferentes dos nossos. Nada, no terreno espiritual, é sem sentido".[15]

A perspectiva apresentada evidencia a importância da interpretação dos relatos de Atos para a compreensão da relação entre o batismo no Espírito Santo e a conversão. Para avaliar essa relação, torna-se necessário examinar também o episódio de Cornélio e de sua casa, no qual a concessão do Espírito aos gentios ocupa lugar central. Esse relato permite considerar como o autor compreende a relação entre a proclamação do evangelho, a conversão e o recebimento do Espírito Santo.

4. O ESPÍRITO SANTO SENDO CONCEDIDO AOS GENTIOS

Um outro evento típico da interpretação que defende que o batismo no Espírito Santo aconteceu distintamente da conversão é o episódio que relata o encontro de Pedro com o centurião Cornélio e toda a sua casa em Atos 10. Ali se encontra uma definição de Cornélio perante a sociedade: "Era piedoso e temente a Deus com toda a sua casa, fazendo muitas esmolas ao povo e orando sempre a Deus". Cornélio era gentio, alguém que, segundo os costumes, possuía uma crença em vários deuses. Além disso, sua etnia lhe garantia inimizade constante por parte dos judeus. Percebe-se no versículo acima que Cornélio, além de temente a Deus, era um homem extremamente dedicado a servir ao próximo, atitude essa que o caracterizou como alguém piedoso. Faz-se necessária uma análise do termo grego *"εὐσεβὴς":*

> As palavras que derivam da raiz *seb-* são muito frequentes em Gr., e transmitem a ideia da "devoção" e "religiosidade" tão características dos gregos. Esta devoção não consiste – diferentemente do que ocorre na Bíblia

[14] SOUZA, Lidiane Ribeiro. **O batismo no Espírito Santo na perspectiva pentecostal e na reformada.** Disponível em: https://teologiaesociedade.faculdadebetania.com.br/wp-content/uploads/2024/03/FINAL-Artigo-Batismo-Lidiane-1.pdf. Acesso em: 19 de set. 2025. p. 2.

[15] BRUNELLI, Walter. **O que você pode fazer na plenitude do Espírito**. Rio de Janeiro: CPAD, 1994, p. 32.

> – em obediência consagrada a um Deus único, entendido em termos pessoais; pelo contrário, é um santo medo, espanto ou admiração evocada pela majestade revelada em objetos, homens ou deidades. Destarte, pode-se prestar homenagem religiosa a vários objetos diferentes: à pátria, a uma paisagem, a sonhos, aos pais, aos heróis, aos mortos, etc. [...] Para os gregos, aqueles que são dignos de reverência são, acima de tudo, os membros da própria família (inclusive os ancestrais), os deuses e as leis que estes ordenaram. Na linguagem religiosa, há uma transição fácil de "respeito" ou "honra" para a "reverência" do culto. *Eusebeia* é uma das virtudes do homem que é justo e aceitável diante dos deuses.[16]

Assim, conforme a análise do termo grego, percebe-se que Cornélio possuía uma grande devoção a Deus. Isso o conduzia a uma vida piedosa diante dos homens. Deve-se lembrar que devoção não é o mesmo que conversão. Outro ponto crucial é o fato de o próprio Deus ter ordenado a Pedro que fosse à casa do Centurião para proclamar as boas-novas de salvação. O conteúdo da conversa foi a exposição do plano salvífico. Jesus e o Espírito Santo foram anunciados ao centurião Cornélio, sua família e a todos os demais. Em seguida, o que se vê como resposta à compreensão da Palavra anunciada é o batismo no Espírito Santo acontecendo diante dos olhos do apóstolo Pedro, como sinal de aceitação e conversão genuínos daqueles gentios. Pedro agora sabia que o Senhor estendera seu Espírito também a eles.

Fica evidente que Cornélio e sua família haviam experimentado a conversão naquele momento, ao mesmo tempo em que o Batismo no Espírito Santo, mesmo antes de Pedro formular um convite verbal à salvação: "Vê-se a ação soberana de Deus na preparação de ambos os homens, Cornélio e Pedro, para o seu encontro (10.1-23) e no derramar do Espírito em resposta à fé, mesmo antes que se formulasse um apelo formal ao arrependimento (10.44-48)".[17]

Constata-se que Pedro não fora visitar simplesmente um convertido a Deus desconhecedor de Cristo e do Espírito Santo. Fica evidente no texto que o evangelho fora anunciado por Pedro a todos. Pensar em Cornélio como convertido antes de Pedro chegar contraria a lógica da salvação exclusivamente por meio de Jesus. Não apenas Cornélio precisou de luz à sua mente, mas Pedro também necessitou compreender o plano maior de Cristo, alcançando os gentios. Mesmo com seus pressupostos e tradições ainda arraigados, necessitou desse encontro tanto quanto Cornélio:

> Após deter-se em justificações que denunciavam seu embaraço (At 10.27-29) e, tomando ciência daquilo que se sucedera dias atrás a Cornélio (At 10.30-33), Pedro expõe o evangelho a sua plateia gentia, sob os olhares observadores dos seis cristãos judeus que o seguiram. Antes que pudesse concluir sua preleção, o apóstolo e os da circuncisão que o acompanhavam foram tomados de grande espanto ao constatarem que o dom de Deus se manifestara poderosamente naqueles desprezados gentios. Se Deus não lhes recusou Seu Espírito, como poderia Pedro recusar-lhe a água com a qual

[16] COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

[17] PINTO, Carlos Osvaldo. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 194.

> deveriam ser batizados? Reconhecendo a direção divina do sucedido, Pedro cedeu ao convite daqueles novos irmãos para que permanecesse em Cesaréia por alguns dias. A essa altura, não é difícil imaginarmos que uma notória mudança se iniciava na visão do apóstolo em relação aos gentios. [...].[18]

Infere-se que, a partir desse episódio, tudo mudou para Pedro e os apóstolos. Eles entenderam de uma vez por todas que Deus também tinha planos para os gentios. O seu Espírito igualmente seria concedido aos que cressem na mensagem da cruz. Ainda que estrangeiros, ou mesmo resultado de conflitos raciais, a salvação e o dom do Espírito estariam acessíveis a todos, desde que cressem na mensagem da cruz. Cumpria-se então, perante os olhos atentos de Pedro e os demais, a promessa de Jesus feita em Atos 1.8: "...tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se analisar as passagens relacionadas ao Batismo no Espírito Santo, destituído das lentes tendenciosas das denominações, ou mesmo longe das influências culturais, percebe-se que jamais o batismo no Espírito Santo é visto como uma experiência à parte da conversão. Outro ponto a se verificar é o fato de se perceber na Bíblia a intencionalidade de Deus em moldar comportamentos e até mesmo ajustar a cosmovisão de muitos personagens bíblicos, alterando ambientes e submetendo os envolvidos a experiências que os conduziram para fora de sua zona de conforto, como foi o caso do apóstolo Pedro junto com seus companheiros e o centurião Cornélio e toda a sua casa.

Sendo assim, é possível compreender por meio de uma exegese séria que a intenção de Deus sempre foi alcançar o ser humano por meio da salvação em Cristo, selando-o com seu Espírito, não como sinal de uma segunda bênção, mas como resultado direto de sua graça em Cristo Jesus e da promessa feita em Joel. Tendo tal entendimento, é possível ter-se uma convicção maior na salvação, seguida de segurança, por se compreender que não se trata de mérito e sim do ato gracioso de Deus agindo nos corações humanos.

Por outro lado, um entendimento contrário a isso seria a meritocracia, onde muitos adeptos creem que precisam fazer algo para receber o batismo no Espírito. Muitos até mesmo podem chegar ao estado de culpa por se verem indignos de tal habitação, ou mesmo por impedi-la por causa de seus pecados, mesmo após terem sido lavados no sangue de Jesus após a conversão genuína.

O percurso desenvolvido neste artigo permitiu relacionar o testemunho bíblico acerca da atuação do Espírito Santo à discussão sobre o momento em que ocorre o batismo no Espírito Santo. A análise da promessa de Jesus, do acontecimento de Pentecostes e do episódio de Cornélio e de sua casa fundamentou a posição defendida pelo autor de que o batismo no Espírito Santo não constitui uma segunda bênção separada da conversão, mas está relacionado à obra de Deus na vida daqueles que recebem a salvação em Cristo. Dessa

[18] DEBARROS, Aramis C. **Doze homens, uma missão**: um perfil bíblico-histórico dos doze discípulos de cristo. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 433.

maneira, a discussão ressaltou a importância da interpretação dos textos bíblicos para a compreensão dessa doutrina e de suas implicações para a vida cristã.

Que a partir das palavras do apóstolo Paulo em Efésios 4.5-6: "Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos", se compreenda a incontestável verdade da ação imediata do Senhor Jesus por intermédio do Espírito Santo no coração do pecador confesso, operando a regeneração e batizando-o como sinal de inclusão, pertencimento e iniciação no Reino de Deus".

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. Nova almeida atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BOYER, Orlando. **Atos - o Evangelho do Espírito Santo.** Comentário sobre Atos dos apóstolos. Penha: Livros Evangélicos, 1961.

BRUNELLI, Walter. **O que você pode fazer na plenitude do espírito**. Rio de Janeiro: CPAD, 1994.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia.** 10.ed. São Paulo: Hagnos, 2011.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 2.

DEBARROS, Aramis C. **Doze homens, uma missão:** um perfil bíblico-histórico dos doze discípulos de cristo. São Paulo: Hagnos, 2006.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2007.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 1999.

KISTEMAKER, Simon J. **Comentário do Novo Testamento**: exposição de Atos dos apóstolos. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2003.

PINTO, Carlos Osvaldo. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2008.

SOUZA, Lidiane Ribeiro. **O batismo no Espírito Santo na perspectiva pentecostal e na reformada.** Disponível em: https://teologiaesociedade.faculdadebetania.com.br/wp-content/uploads/2024/03/FINAL-Artigo-Batismo-Lidiane-1.pdf. Acesso em: 19 de set. 2025.

VINE, W. F.; UNGER, Merril F.; WHITE Jr, William. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

Este artigo é parte integrante do Vol. 11 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2025 ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.004

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

COSMOVISÕES FECHADAS: FATORES QUE EXPLICAM CONFLITOS DE COSMOVISÕES

Closed worldviews: factors explaining worldview conflicts

Paulo Nogueira Real[1]

RESUMO

Neste artigo, faz-se uma análise da cosmovisão como uma estrutura que, em muitos casos, opera de forma fechada e rígida. Identifica-se e se descreve três fatores internos que explicam o surgimento de cosmovisões marcadas por inflexibilidade, incomunicabilidade e reações de ira diante do diferente: a natureza pecaminosa, a condição emocional e a capacidade crítica. Essas posturas tornam-se particularmente evidentes quando a compreensão da realidade é reduzida a um circuito limitado, preconceituoso e disfuncional. Seguindo autores como Walsh, Middleton, Wolters e Campos, entende-se a cosmovisão como o conjunto de pressuposições e compromissos profundos do coração que orientam pensamentos, emoções e ações. Toda pessoa vive e reage a partir de uma cosmovisão, consciente ou não, que molda suas escolhas, juízos e relacionamentos. Quando essa estrutura se torna rígida, o diálogo dá lugar à defensividade e à hostilidade. A inflexibilidade e a incomunicabilidade não derivam apenas do que se pensa, mas sobretudo do que interiormente se é. Embora fatores externos (educação, contexto social etc.), também influenciem, são esses três elementos internos que determinam, em última instância, como alguém enfrenta o contraditório, administra suas emoções e se abre, ou se fecha, ao encontro com o outro.

Palavras-chave: Cosmovisão fechada. Fatores geradores de conflito. Natureza pecaminosa. Condição emocional. Capacidade crítica.

[1] É mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná; Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista de São Paulo e formado em Psicologia pela Universidade Cesumar (Unicesumar), campus Maringá/PR. ORCID: https://orcid.org/0009-0008-0885-4189. E-mail: prpaulo1010@gmail.com

ABSTRACT

The discussion proposed in this article aims to analyze the worldview as a structure that, in many cases, operates in a closed and rigid manner. Its objective is to identify and describe three internal factors that explain the emergence of worldviews marked by inflexibility, an inability to communicate, and angry reactions toward what is different: sinful nature, emotional condition, and critical capacity. These attitudes become particularly evident when one's understanding of reality is reduced to a limited, prejudiced, and dysfunctional circuit. Drawing on authors such as Walsh, Middleton, Wolters, and Campos, a worldview is understood as the set of presuppositions and deep-seated commitments of the heart that guide thoughts, emotions, and actions. Every person lives and reacts based on a worldview—whether conscious or not—that shapes their choices, judgments, and relationships. When this structure becomes rigid, dialogue gives way to defensiveness and hostility. Inflexibility and the inability to communicate stem not merely from what one thinks, but above all from who one is internally. Although external factors (education, social context, etc.) also play a role, it is these three internal elements that ultimately determine how a person confronts opposing views, manages their emotions, and opens themselves—or closes themselves off—to encounters with others.

Keywords: Closed worldview. Conflict-generating factors. Sinful nature. Emotional condition. Critical capacity.

INTRODUÇÃO

A proposta do artigo será apresentar o conceito de cosmovisão fechada e discutir três fatores básicos internos relacionados a ela, caracterizada, muitas vezes, por rigidez, inflexibilidade, incomunicabilidade e raiva, atitudes muito comuns quando a compreensão da realidade apresenta um sistema fechado, preconceituoso, tendencioso, distorcido e disfuncional.

A cosmovisão fechada poderá ser definida como um sistema de crenças e pressupostos que opera de forma autorreferencial, impermeável e resistente a novos dados da realidade. Diferentemente de uma cosmovisão firme e equilibrada, que, embora possua convicções, permite o diálogo e o ajuste diante de evidências, a visão fechada será caracterizada pela tendência à inflexibilidade cognitiva e ao encapsulamento dogmático extremamente rígido.

No Brasil, o fenômeno ficará evidente na polarização política entre esquerda e direita. Essa constatação demonstrará apenas que o fenômeno existe, não sendo exclusivo do campo da política brasileira. O problema também será evidenciado em outros campos, como esporte, arte, religião, ciência, amizades, casamentos e negócios.

Apesar da possibilidade de avaliar fatores externos, como educação familiar, formação formal, contextos sociais e influências ideológicas, entre outros, este trabalho se proporá a analisar os fatores internos básicos já mencionados. A justificativa para essa abordagem estará na compreensão de que pessoas que dispõem de recursos para atuar com eficácia nas três áreas desenvolverão cosmovisões equilibradas, que as habilitarão ao diálogo, ao controle emocional diante do contraditório e à manutenção das relações humanas, sem que precisem renunciar às suas crenças e aos seus pensamentos.

O desafio de adentrar no mundo das pessoas terá como objetivo, segundo Stott, compreender o que elas não entendem em relação ao evangelho e desenvolver empatia por suas dores, a fim de entrar em seu mundo, sentir, vivenciar e fazer diferença em suas vidas, sem entrar em choque aberto e agressivo com seu mundo e sua cosmovisão.

Essa será a compreensão proposta neste artigo. Pessoas maduras e equilibradas dialogarão com outras cosmovisões sem raiva, ressentimento ou rigidez; ao contrário, serão mansas, empáticas e pacificadoras, sem perder sua identidade cristã e sempre se orientando pelos valores do Reino de Deus.

A relevância desse tema residirá na necessidade de compreender e oferecer perspectivas que se proponham a mitigar os impactos da inflexibilidade e das inimizades nos segmentos em que a coexistência de múltiplas cosmovisões exigirá diálogo e tolerância. Assim, o artigo estará estruturado em três partes: inicialmente, serão definidos os conceitos de cosmovisão e cosmovisão fechada, bem como suas manifestações; em seguida, serão analisados os fatores determinantes e suas causas; por fim, serão propostas reflexões e será incentivada uma investigação mais ampla do assunto.

A presente pesquisa adotará a abordagem bibliográfica, baseada em teorias e autores que fundamentarão a investigação e serão organizados a partir de seus conceitos e ideias. Essa abordagem será utilizada por se tratar de um estudo que exigirá a análise conceitual e interpretativa de produções já existentes sobre o tema, com embasamento em autores de referência.

Nesse sentido, a discussão buscará compreender de que maneira a natureza pecaminosa, a condição emocional e a capacidade crítica contribuem para a formação e a manutenção de cosmovisões fechadas e conflituosas. A análise desses fatores permitirá refletir sobre suas implicações para o relacionamento com pessoas que apresentam perspectivas diferentes, considerando a importância do discernimento, da maturidade emocional e da abertura ao diálogo, sem que isso implique a renúncia às convicções pessoais.

1. O SIGNIFICADO E ALCANCE DA PALAVRA COSMOVISÃO

O termo cosmovisão pode ser compreendido como sendo constituído da soma de todos os pensamentos, sentimentos, ações, reações, crenças, posturas e opiniões de pessoas e sociedades. Sire afirma que

> Uma cosmovisão é um compromisso, uma orientação essencial do coração, que pode ser expressa como uma história ou um conjunto de pressuposições (premissas que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que sustentamos (consciente ou subconscientemente, de forma coerente ou não) a respeito da constituição básica da realidade, e que oferece o fundamento sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos.[2]

A cosmovisão é constituída de compromisso, orientação essencial do coração, de pressuposições sobre a totalidade da realidade, oferecendo fundamento sobre o qual as

[2] SIRE, James W. **O universo ao lado**: um catálogo básico sobre cosmovisão. Tradução de Marcelo Herberts. 5.ed. Brasília: Monergismo, 2018, p. 105.

pessoas vivem, se movem e existem. Walsh e Middleton confirmam que pessoas e comunidades são portadoras de cosmovisões: "Contudo, é importante notar que as cosmovisões (assim como as culturas) nunca pertencem a apenas um indivíduo. Cosmovisões sempre são compartilhadas; elas são comunitárias".[3] Campos, por sua vez, descreve o problema:

> Por vezes, mesmo em nossa cultura, em nossa região do país, em nossa família, nos deparamos com diferenças enormes de cosmovisão. Encontramos pessoas tão próximas geograficamente, mas tão distantes quanto à perspectiva de vida. No mesmo andar do seu prédio ou na casa ao lado, você pode se deparar com gente que aparentemente "vive em outro planeta", ou em um *Universo ao Lado*, como James Sire intitula seu livro de cosmovisão. De fato, constantemente sentimos que as pessoas ao nosso redor vivem em um mundo totalmente diferente do nosso em relação à política, meio ambiente, religião, causas sociais e até diversão. 'Essa é a razão pela qual, muitas vezes, é tão difícil a comunicação e a compreensão mútuas para pessoas de visões de vida diferentes.' A diferença de cosmovisões pode produzir tantos atritos relacionais, intelectuais, religiosos, que precisamos ser mais conscientes do que significa uma cosmovisão.[4]

A constatação de várias cosmovisões pressupõe inevitavelmente tendências fechadas e conflituosas. Walsh e Middleton, afirmam que cosmovisões diferentes faz da sociedade uma casa dividida contra si mesma:

> As cosmovisões quando a sociedade manifesta uma pluralidade de cosmovisões, aparecem problemas. Se não existe uma visão dominante, aquela sociedade se torna uma casa dividida contra si mesma e, inevitavelmente, experimentará uma desintegração cultural.[5]

Essa é a situação da sociedade em qualquer tempo e lugar. Pessoas e grupos têm dificuldade de lidar com o contraditório, diferente e o que é próprio do outro. As dimensões, aspectos e segmentos da vida são afetados por cosmovisões porque ela se expressa em cada decisão tomada pelas pessoas, como afirma Wolters: "Não são apenas as nossas visões e os nossos argumentos que são decisivamente afetados pela nossa cosmovisão, mas todas as decisões específicas que somos forçados a tomar".[6] A cosmovisão tende a ser rígida e inflexível não apenas por ser o que a pessoa e a sociedade pensam e fazem, mas principalmente por ser o que ambas são, referindo-se às suas identidades, ou seja, como são constituídas e estruturadas.

Stott ensina sobre como os cristãos precisam imitar a Jesus numa atitude equilibrada de amor para as pessoas no contato com seus pensamentos, sentimentos e vida sem perder a identidade:

---

[3] WALSH, Brian J.; MIDDLETON, J. Richard. **A visão transformadora**: moldando uma cosmovisão cristã. Tradução de Valdeci Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 30.

[4] CAMPOS Jr, Heber. **Amando a Deus no mundo**: por uma cosmovisão reformada. Organizado por Tiago J. Santos Filho. São José dos Campos: Fiel, 2019, p. 25-26.

[5] WALSH; MIDDLETON, 2010, p. 21.

[6] WOLTERS, Albert M. **A criação restaurada**: a base bíblica da cosmovisão reformada. Tradução de Denise Meister. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 17.

> Por outro lado, ao se misturar livremente com pessoas como nós, ele nunca sacrificou nem comprometeu sua própria identidade singular. A sua perfeição era a da 'santa mundanidade'. E agora ele nos envia ao mundo, assim como ele mesmo foi enviado ao mundo. Nós temos que penetrar no mundo das outras pessoas, como ele penetrou no nosso – o mundo dos seus pensamentos (enquanto lutamos para entender seu mau entendimento do evangelho), o mundo dos seus sentimentos (enquanto tentamos ter empatia com as suas dores) e o mundo da sua vida (enquanto sentimos a humilhação da sua situação social, seja ela pobreza, desabrigo, falta de trabalho ou discriminação).[7]

Wolters, em sua definição de cosmovisão, explica por que uma cosmovisão tende a ser fechada:

> Uma cosmovisão, mesmo quando é meio inconsciente e inarticulada, atua como uma bússola ou um mapa. Ela nos orienta no mundo em geral, nos dá uma noção do que é positivo ou negativo, do que é certo ou errado na confusão de acontecimentos e fenômenos que nos confrontam. Nossa cosmovisão molda, a um grau significativo, o modo como valorizamos os acontecimentos, os temas e as estruturas da nossa civilização e do nosso tempo. Ela nos permite 'classificar' ou 'situar' os vários fenômenos que entram no nosso raio de visão.[8]

A cosmovisão fechada é assim no sentido de que constitui valores, crenças, pressupostos e convicções que estruturam a existência do indivíduo. Ela tende a ser assim porque atua como um mapa e uma bússola para a vida, sobre o que é negativo e positivo, certo e errado, moldando como se valoriza os acontecimentos, temas e estruturas da sociedade da atualidade, levando cada pessoa a classificar ou situar os vários fenômenos que entram no seu raio de visão.

De forma geral, pode-se dizer que a cosmovisão tem tendência de ser fechada, a ponto de que mesmo elementos inconscientes e inarticulados atuam como guia e bússola. Por isso, onde houver pessoas, haverá cosmovisões diferentes, e por conseguinte, conflitos. Walsh e Middleton descrevem aspectos da cosmovisão que justificam a discussão sobre a estrutura rígida da cosmovisão.

> Uma cosmovisão, então, proporciona um modelo de *mundo* que direciona seus adeptos *no mundo*. Ela estipula como o mundo deve ser, e assim nos adverte a respeito do modo como seus partidários devem se conduzir no mundo. De certa maneira, cada cosmovisão vem acompanhada de uma escatologia, uma visão do futuro que guia e direciona a vida.[9]

A cosmovisão oferece um modelo de mundo que direciona e estipula como o mundo deve ser para o portador e para os seus partidários! É nesse sentido que é considerada fechada por natureza, visto que porque representa um sistema de pressuposições fundamentais que moldam toda a forma de ver e interpretar a realidade, funcionando como uma estrutura fixa

[7] STOTT, John; CHESTER, Tim. **A igreja**: uma comunidade singular de pessoas. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2021, v. 4, p. 44.
[8] WOLTERS, 2019, p. 16.
[9] WALSH; MIDDLETON, 2010, p. 29.

e global. Esse funcionamento não permite facilmente perspectivas externas ou mudanças profundas sem uma ruptura no próprio sistema.

A cosmovisão resiste à revisão ou ao questionamento, exatamente porque sustenta o sentido de identidade, moralidade e propósito dos indivíduos ou grupos. As novas informações ou interpretações são na maioria das vezes incorporadas ao sistema já existente, em vez de alterarem sua estrutura interna.

Por ser fechada é uma força poderosa (no sentido de definir pensamentos, emoções e ações) e predeterminada em suas ações, tornando suas expressões, manifestações inevitáveis de sua constituição e estrutura interior. Campos a descreve em termos decisivos e definitivos:

> Cosmovisão é mais do que uma questão do intelecto, pois sua essência jaz nos recessos mais interiores do ser humano. Ela é mais do que um conjunto de conceitos, mas um conjunto de crenças, algo com o qual alguém se compromete. É algo pelo qual você vive (tanto regendo sua vida quanto motivando seu estilo de vida) ou morre (tanto desgastando-se por tais ideais quanto até entregando a própria vida em sacrifício).[10]

Ela é fechada ao se apresentar como uma questão de vida ou morte para os seus portadores. É decisiva e definitiva porque representa a essência da vida em seus recessos viscerais. É algo que compromete a pessoa na sua integralidade e se torna a razão pela qual se vive. Por seu compromisso, se vive e se morre. A cosmovisão afeta o um grupo social para o bem e para o mau. Isso indica que diante dos pressupostos defendidos pode-se tornar injusta, sem empatia e omissa. A cosmovisão sempre vai se manifestar no nosso falar e agir. Campos é eloquente nessa constatação:

> A cosmovisão é a base de nossas decisões e ações, aquelas que são fruto de nosso ponderar. Enquanto um pode jogar lixo na natureza sem muito peso na consciência, outro se sente impelido a realizar protestos violentos por causa do que estão fazendo ao meio ambiente.[11]

Os pressupostos defendidos por grupos sociais comprometidos com a natureza, por exemplo, tendem a ser agressivos na fala, nas ações e decisões contra aqueles que não compartilham de uma cultura ecológica. A legitimidade do protesto perde a legalidade pela truculência antiética na defesa do que é certo, o que pode gerar posicionamentos fechados e impositivos.

A falta de diálogo, a inflexibilidade, a rigidez e a ira podem ser evidências de manifestações de cosmovisões inadequadas e fechadas por disfunções pessoais. Essas são reações normalmente de insegurança e crise quando a cosmovisão pessoal é desafiada. Campos aponta esse tipo de crise:

> Se a cosmovisão é um sistema de crenças e valores sobre a vida (*elemento interpretativo*), a falta de coerência interna gera crise. Cosmovisão deve nos dar segurança emocional à medida que nos dá um panorama de um mundo que faz sentido para nós. Quando existe uma tensão entre a cosmovisão e a

[10] CAMPOS, 2019, p. 53-54.
[11] CAMPOS, 2019, p. 22.

> experiência da realidade, então a segurança psicológica é perdida e o ser humano entra em crise.[12]

Essa incoerência interna tem origem principalmente nos fatores que serão descritos. Mas, por ora, identifica-se que cosmovisões fechadas (no sentido descrito aqui) ficam vulneráveis para todo tipo de crise e inconsistências. Crises de diálogos, relacionais e pessoais. Indivíduos com cosmovisões restritas tendem a gerar impactos negativos em si mesmos e em seu círculo social. Os fatores analisados a seguir fundamentam essa premissa.

2. FATORES QUE DETERMINAM COSMOVISÕES FECHADAS

A análise a seguir investiga as implicações de uma cosmovisão fechada sobre as dimensões fundamentais da existência humana. Para compreender sua tendência inflexível, examinam-se a influência da natureza pecaminosa nesse sistema de crenças, os desdobramentos na vida emocional do indivíduo e as limitações impostas ao exercício da capacidade crítica.

2.1 Natureza pecaminosa

Tillich afirma: "A pessoa como eu individual plenamente desenvolvido é impossível sem outros *eus* plenamente desenvolvidos. Se não encontrasse a resistência de outros eus, todo eu tentaria fazer-se absoluto. Mas a resistência de outros *eus* é incondicional".[13] Para Tillich, o "eu" não nasce pronto nem se desenvolve no isolamento. O desenvolvimento pleno da individualidade só ocorre no encontro com o "outro". Um "eu desenvolvido" é aquele que reconheceu que não é o centro absoluto do universo porque encontrou a resistência de outra liberdade (outro eu).

Embora o ser humano, conforme postula Tillich (1987), possua uma tendência intrínseca de buscar o absoluto - manifestando-se na resistência à alteridade - essa pretensão esbarra na realidade de sua própria finitude. O *eu* não é um sistema autossuficiente ou fechado por natureza; pelo contrário, ele é constituído na relação. A "resistência incondicional" mencionada pelo autor não provém de uma plenitude do ego, mas do fato de que o outro é uma liberdade que não pode ser absorvida. Assim, a cosmovisão fechada não é a essência do ser, mas uma distorção decorrente da tentativa do eu de negar sua limitação e se fazer centro absoluto do mundo.

A Bíblia descreve o homem em sua natureza caída com cores funestas: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?" (Jr 17.9). Jeremias ensina que em função da condição pecaminosa, as pessoas são enganadas por seus próprios sentimentos, pensamento, impulsos e desejos.

Jesus revelou o estado do coração do homem caído: "E dizia: O que sai do homem, isso é o que o contamina. Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo,

[12] CAMPOS, 2019, p. 76-77.
[13] TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 186.

a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem" (Mc 7.20-23).

A natureza humana é inclinada para todo tipo de mal, e no processo da vida, se engana e se corrompe, ao ponto de chamar ao mal de bem e o bem de mal (Is 5.20). Por isso a exortação: **"**Não vos enganeis, meus amados irmãos" (Tg 1.16). Na condição caída, todos são intencionais, deturpando o bem, mas também sofrendo o processo de autoengano. Barth afirma: "Ora, sob a sombra do mal, se encontra cada passo que damos nesse mundo".[14] Ele também afirma também que o homem está debaixo do pecado enquanto viver, do berço ao túmulo.[15]

Essa perspectiva aponta uma causa básica para o fenômeno das cosmovisões fechadas e conflituosas. O ser humano desenvolve suas crenças, pensamentos, posições, opiniões sobre o fundamento de uma natureza pecaminosa, com tendências e inclinações egocêntricas, que tem como alvo principal se proteger de ameaças e obter o que deseja a qualquer custo.

O diferente, o contraditório, o novo, o ameaça. Esse fator básico explica a razão da rigidez, inflexibilidade, incomunicabilidade e raiva decorrentes de cosmovisões fechadas. Os conflitos emergem dessa causa básica humana irreconciliável, que atua normalmente para separar, dividir e rejeitar.

Esta não é uma compreensão apenas presente na cosmovisão bíblica. Outros autores, propondo uma abordagem científica concordam com a essência egocêntrica do homem. Dawkins é mais contundente:

> Somos máquinas de sobrevivência – veículos robô programados cegamente para preservar as moléculas egoístas conhecidas como genes. Esta é uma verdade que ainda me enche de surpresa. Embora a conheça há anos, parece que nunca me acostumo completamente a ela. Um de meus desejos é ter algum sucesso em surpreender a outros "..." A política lógica para uma máquina de sobrevivência pode, portanto, parecer ser assassinar seus rivais e, preferencialmente, comê-los.[16]

Uma folheada nos jornais e visitas nas mídias jornalísticas comprovariam essas observações com exemplos abundantes. Cessar aponta o pensamento de Freud: "Sigmund Freud (1856–1939), o pai da psicanálise - 'O homem é um barco à deriva num mar de pulsões autodestrutivas'".[17] A natureza pecaminosa opera no homem o fenômeno da cosmovisão fechada. As pulsões destrutivas de Freud, ou a máquina de sobrevivência de Dawkins, que mata e come seus rivais, entram em cena quando a pessoa busca satisfazer seus desejos ou se proteger de ameaças. O que é diferente, oposto, contrário e com ares de superioridade na cosmovisão do outro sempre será uma ameaça.

Não importa qual a área, a resposta da cosmovisão de alguém será inflexivelmente correspondente ao seu conteúdo, exceto em situações extremas e excepcionais, como já foi

[14] BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p. 475.
[15] BARTH, Karl. **Comentário aos Romanos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 357.
[16] DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 3,46.
[17] CÉSAR, Elben M. Lenz. **Por que (sempre) faço o que não quero**? Organizado por Bernadete Ribeiro. Viçosa: Ultimato, 2011, p. 23.

mencionado. A pecaminosidade associada aos outros fatores endurece todo o sistema e todo o processo.

O coração humano foi descrito como afetado integralmente pelo episódio bíblico descrito como queda. Um dos aspectos mais importantes da cosmovisão é o coração como centro organizador da vida. Sire, ao reconhecer essa verdade, afirma:

> Por isso a natureza pecaminosa afeta a maneira como a cosmovisão é evidenciada em cada momento da vida. As cosmovisões são, de fato, uma questão do coração. Essa ideia seria fácil de entender se a palavra *coração* mantivesse no mundo atual o peso que carrega na Escritura. O conceito bíblico inclui as noções de sabedoria (Pv 2.10), emoção (Êx 4.14; Jo 14.1), desejo e vontade (1Cr 29.18), espiritualidade (At 8.21) e intelecto (Rm 1.21). Em suma: nos termos bíblicos, o coração é "o elemento central e definidor da pessoa humana". A cosmovisão, portanto, está situada no eu — a câmara central de operação de cada ser humano. É do *coração* que procedem todos os pensamentos e ações pessoais.[18]

Toda essa argumentação confirma que a natureza pecaminosa afeta a cosmovisão dos indivíduos, criando dificuldades quase insuperáveis, explicando a existência de cosmovisões fechadas e conflituosas com suas características intrínsecas.

2.2 Condição emocional

As emoções determinam e canalizam os rumos das manifestações da cosmovisão do indivíduo e geram conflitos. Real afirma:

> Quando nossas emoções são ativadas por determinados estímulos, elas geram uma reação em cadeia que ativam os pensamentos, várias partes do cérebro e do corpo e afetam os processos volitivos, tendo implicações e ingerências diretas para a estrutura espiritual do indivíduo. O fator emocional é um fator que é capaz de afetar os outros fatores e afetar o todo. Quando intencionalmente decidimos agir em relação à determinada emoção disfuncional, inevitavelmente, teremos que articular significados em relação aos outros fatores. Uma emoção disfuncional cria uma teia de significados disfuncionais, que, em decorrência, distorce os sistemas volitivos e geram comportamentos inapropriados.[19]

As emoções de um indivíduo têm uma dinâmica de funcionamento universal, sendo possível avaliar e determinar pela observação processos com certos padrões que vão aparecer em qualquer indivíduo, independente de quaisquer condições externas, quando em condições normais. Condições externas (como traumas e disfunções emocionais), internas (como herança genética), ou alteradas por fatores externos/internos (como falta de certas substâncias no organismo) podem alterar o funcionamento das emoções.

As manifestações da cosmovisão de um determinado indivíduo podem ser totalmente afetadas e comprometidas por causa da sua condição emocional. As várias manifestações

[18] SIRE, 2018, p. 26-7.

[19] REAL, Paulo. **Crescimento sistêmico**: uma proposta de desenvolvimento humano integral. Curitiba: ADSantos, 2021, p. 109.

possíveis podem aparecer por vários vieses: os distúrbios de personalidade, os traumas, ansiedades, medos e outras disfunções podem comprometer o funcionamento de um indivíduo e de sua cosmovisão gerando rigidez e conflito.

As emoções disfuncionais ou não, tendem direcionar as pessoas para realizar aquilo que sentem. Segundo Goleman, o QI contribui com cerca de 20 por cento para os fatores que determinam o sucesso na vida, deixando os 80 por cento para outras variáveis, dentre as quais, as emoções ocupam um espaço relevante. As emoções tendem a controlar pensamentos, ações e reações. O que faz com que a pessoa não seja totalmente racional, antes, se comporte guiada por seus sentimentos.[20] Baker explica:

> Uma das maneiras como o pecado nos afetou é que nossas emoções assumem o controle com muita facilidade. Sem nos darmos conta, com frequência começamos a tomar decisões com base em nossos sentimentos. Se a sensação for boa, tomamos a decisão. Se parecer ruim, não a tomamos. As emoções tornam-se o critério segundo o qual tomamos nossas decisões diárias.[21]

A condição emocional das pessoas em interação com cosmovisões diferentes e antagônicas às suas, age em relação às suas crenças disfuncionais, tornando-se o critério segundo o qual se tomam decisões diárias. Sousa Santos descreve como condições emocionais adoecidas geram conflitos interpessoais:

> Sabemos, por exemplo, que as marcas e os traumas da infância têm um grande peso na maneira como reagimos emocionalmente na vida adulta. Reações que temos como adultos são reflexos de medos e inseguranças formados na infância. A desconfiança é uma delas. Crianças que cresceram num ambiente de mentiras, traições e abandonos ou que foram exploradas e abusadas tornam-se adultos com grande dificuldade de estabelecer relações de confiança com outros.[22]

A cosmovisão do indivíduo é formada ao longo da sua vida. Em função das experiências disfuncionais, sua visão de mundo é desenvolvida com graves deformações que atuam na interpretação da realidade, distorcendo muito de suas percepções e compreensões. No contato com outras pessoas e suas cosmovisões diferentes e antagônicas, normalmente se posiciona a partir do que sente em relação ao assunto. Pode rejeitar um personagem político, amigos, líderes, por exemplo, se de alguma forma foram associados (mesmo de forma equivocada) em sua mente a mentiras e traições.

A cosmovisão não deve ser confundida com sistemas ideológicos; ela constitui, conforme Sire, um compromisso fundamental do coração e uma estrutura de pressupostos aceitos por fé. É a partir dessa orientação existencial básica - que responde a questões sobre

[20] GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 63.

[21] BAKER, Amy. **Gerenciando suas emoções**: impedindo seus sentimentos de estar no controle. Organizado por Tiago J. Santos Filho. Tradução de Antonivan Pereira. São José dos Campos: Fiel, 2020, p. 18.

[22] SANTOS, Ricardo Barbosa de Sousa. **Pensamentos transformados, emoções redimidas**. Viçosa: Ultimato, 2016, p. 23.

a origem, a natureza do mal e o sentido da história - que as percepções do indivíduo são filtradas.

Quando essa base é afetada por experiências disfuncionais, a capacidade do sujeito de interpretar a realidade é comprometida em sua raiz. As posições ideológicas que o indivíduo adota posteriormente são, portanto, reflexos ou racionalizações dessa cosmovisão ferida. Assim, a rejeição a figuras ou instituições não é uma escolha puramente racional, mas uma resposta defensiva de um coração cujos pressupostos básicos de confiança foram deformados.

O raciocínio é controlado pelas emoções. Como defesa, a pessoa aprendeu ao longo da vida a rejeitar essas pessoas para se proteger. A certeza carregada de conteúdo emocional é tão forte, fazendo com que evite todos os argumentos contrários. Sua condição emocional mantém sua cosmovisão fechada e tendenciosa para o conflito sempre que gatilhos acionarem suas emoções disfuncionais.

É interessante notar como os fatores geradores de cosmovisões fechadas e conflituosas estão interligados. A natureza pecaminosa afeta e controla o funcionamento das emoções e afetos. Segundo Baker,

> Infelizmente, quando o pecado entrou no mundo, cada aspecto da humanidade foi afetado, incluindo nossos sentimentos. Em vez de ser um elemento catalisador conduzindo a sentimentos positivos elevados, agora as emoções negativas produziam miséria e desespero.[23]

Natureza pecaminosa e condição emocional são causas básicas para cosmovisões fechadas e conflituosas. Além da natureza pecaminosa e da condição emocional, a capacidade crítica também desempenhará papel importante na formação e na manutenção de cosmovisões fechadas. A maneira como as pessoas interpretam informações, avaliam argumentos e lidam com perspectivas divergentes poderá contribuir para reforçar convicções preexistentes ou favorecer uma compreensão mais ampla da realidade. Por isso, o próximo ponto examinará como as limitações do pensamento crítico se relacionam com os conflitos entre diferentes cosmovisões.

2.3 Capacidade Crítica

A capacidade de pensar, construir raciocínio é uma prerrogativa humana. Todo diálogo deveria priorizar o raciocínio e o pensamento lógico fundamentado na verdade. Mas, a natureza pecaminosa afetou as emoções e o pensamento humano. Sproul afirma que "por causa dos efeitos do pecado, nenhuma pessoa pensa tão clara ou acertadamente quanto pensaria sem a influência do pecado".[24] Plummer também corrobora com o fato de que:

> A mente e a vontade humana estão unidas em interdependência pecaminosa. O coração humano é propenso a autoengano, distorção, impiedade, ilusão e autojustificação (Jr 17.9). A pessoa que não se submete

[23] BAKER, 2020, p. 16-17.

[24] SPROUL, R. C. **A glória de Cristo**: conheça a Majestade do Senhor dos Senhores. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 45.

> a Deus distorcerá, inevitavelmente, o ensino da Bíblia e/ou sua percepção da realidade, para justificar seu comportamento ímpio.[25]

A pessoa pode simplesmente se opor ao pensamento e visão de mundo do outro com o objetivo de manter vantagens pessoais e justificar ações enviesadas. Quando lidam com cosmovisões diferentes e antagônicas, são tendenciosas em suas inferências por não possuírem capacidade crítica suficiente para fazer uma leitura mais precisa e imparcial da realidade.

A dificuldade de senso crítico é ampliada pela condição humana caída na busca de interesses egocêntricos e pela defesa agressiva contra tudo o que é ameaça. A pecaminosidade humana afeta o funcionamento das emoções. As emoções tendem a controlar os pensamentos, ações e reações. A capacidade crítica é afetada. Sob essa condição, os autores dos conflitos, movidos por interesses pessoais, sentimentos disfuncionais, motivos escusos, adequam seus raciocínios ao sabor dos interesses próprios, autoproteção e baixa capacidade de análise.

A capacidade crítica afetada, atua no processo de desenvolvimento de cosmovisões fechadas e conflituosas, e, depois de desenvolvidas, atua na relação com outras cosmovisões, causando conflitos. Viver conforme uma cosmovisão requer capacidade crítica, habilidade para pensar e refletir de forma ampla. Sire aponta essa capacidade como uma das características de uma cosmovisão equilibrada:

> A segunda característica da cosmovisão adequada é a capacidade de compreender os dados de todos os tipos da realidade: a experiência consciente do cotidiano, a análise crítica e investigação científica, a experiência dos outros.[26]

As pessoas por causa de sua natureza pecaminosa, sua condição emocional e sua capacidade crítica limitada não conseguem agir conforme as diretrizes de Sire. Por isso, estão acorrentadas a cosmovisões fechadas e conflituosas.

A cosmovisão de todos os indivíduos molda os seus pensamentos. Os pensamentos são afetados pela condição pecaminosa e emocional. A cosmovisão humana, por esse motivo, é desenvolvida sob sombras e ameaças inevitáveis. Quando alguém avalia a cosmovisão do outro, o senso crítico opera ao sabor dos pressupostos desenvolvidos ao longo da vida pecaminosa e emocionalmente disfuncional. Johnson ressalta: “Nossos pensamentos sobre essas crenças centrais compõem a nossa cosmovisão, e nossa cosmovisão molda o nosso pensamento”.[27]

Sproul expõe a verdade de que o pecado atua em todos os aspectos do ser, distorcendo pensamentos, produzindo erros lógicos e obscurecendo o julgamento.

---

[25] PLUMMER, Rob. **40 Questões para se interpretar a Bíblia**. Organização: Benjamim L. Merkle e Tiago J. Santos Filho. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2017, p. 209.

[26] SIRE, 2018, p. 91.

[27] JOHNSON, Jeffrey D. **O absurdo da incredulidade**: uma cosmovisão apologética da fé cristã. Organização: William Teixeira. Tradução de Camila Rebeca Teixeira e William Teixeira. Francisco Morato: O Estandarte de Cristo, 2021, p. 17.

> A tradição agostiniana, na qual me posiciono, diz que a queda se estende a toda a pessoa – mente, coração e corpo "..." A Bíblia diz que tudo isto é resultado da influência do pecado sobre nosso corpo, mas o poder do pecado afeta também nosso coração, nossa vontade e nossa mente. Podemos pensar, mas nosso pensamento é distorcido; fazemos erros lógicos e permitimos que preconceitos obscureçam nosso julgamento.[28]

A natureza pecaminosa e a condição emocional da pessoa atuam conjuntamente para distorcer a percepção, a lógica e limitar a capacidade de julgamento. Os três fatores atuam concomitantemente e se afetam mutuamente. A força desses fatores possibilita que a cosmovisão de alguém seja fechada e muitas vezes conflituosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste artigo mostrou que as cosmovisões fechadas são produto direto da condição humana caída. A natureza pecaminosa, a fragilidade emocional e a limitação crítica se entrelaçam e explicam a rigidez, a inflexibilidade e os conflitos que permeiam a convivência humana. Esses fatores não operam isoladamente, mas formam um sistema interior que determina a forma como o indivíduo percebe e reage ao mundo.

A natureza pecaminosa distorce as percepções e inclina o ser humano ao egoísmo; a condição emocional, marcada por traumas e inseguranças, amplifica reações impulsivas; e a capacidade crítica comprometida reduz a habilidade de interpretar e dialogar com o diferente. O resultado é o fechamento de mente e a rigidez de disposições, prejudicando a capacidade de convivência saudável em ambientes plurais — sejam eles religiosos, familiares ou sociais.

Embora o estudo tenha caráter teórico, ele aponta caminhos para reflexão prática. O autoconhecimento diante de Deus, a renovação da mente pela verdade e a maturidade emocional podem tornar as cosmovisões mais flexíveis e abertas ao diálogo e empatia. A fé cristã oferece um modelo de equilíbrio: Cristo se relacionava com as pessoas sem perder sua identidade, mostrando que firmeza e amor podem coexistir.

Compreender os fatores que alimentam cosmovisões fechadas não é apenas um exercício intelectual, mas um chamado à transformação interior. O desafio para pesquisadores, educadores e líderes espirituais é promover um tipo de formação que una discernimento crítico, saúde emocional e humildade espiritual — fundamentos indispensáveis para uma convivência redentora em meio à diversidade das cosmovisões humanas.

REFERÊNCIAS

BAKER, Amy. **Gerenciando suas emoções**: impedindo seus sentimentos de estar no controle. Organizado por Tiago J. Santos Filho. Tradução de Antonivan Pereira. São José dos Campos: Fiel, 2020.

BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

[28] SPROUL, R. C. **Somos todos teólogos**: uma introdução à Teologia Sistemática. Org. Tiago J. Santos Filho. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2017, p. 169.

BARTH, Karl. **Comentário aos Romanos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

BÍBLIA. **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CAMPOS Jr, Heber. **Amando a Deus no mundo**: por uma cosmovisão reformada. Organizado por Tiago J. Santos Filho. São José dos Campos: Fiel, 2019.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **Por que (sempre) faço o que não quero**? Organizado por Bernadete Ribeiro. Viçosa: Ultimato, 2011.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

JOHNSON, Jeffrey D. **O absurdo da incredulidade**: uma cosmovisão apologética da fé cristã. Organização: William Teixeira. Tradução de Camila Rebeca Teixeira e William Teixeira. Francisco Morato: O Estandarte de Cristo, 2021.

PLUMMER, Rob. **40 Questões para se interpretar a Bíblia**. Organização: Benjamim L. Merkle e Tiago J. Santos Filho. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2017.

REAL, Paulo. **Crescimento sistêmico**: uma proposta de desenvolvimento humano integral. Curitiba: ADSantos, 2021.

SANTOS, Ricardo Barbosa de Sousa. **Pensamentos transformados, emoções redimidas**. Viçosa: Ultimato, 2016.

SIRE, James W. **O universo ao lado**: um catálogo básico sobre cosmovisão. Tradução de Marcelo Herberts. 5.ed. Brasília: Monergismo, 2018.

SPROUL, R. C. **A glória de Cristo**: conheça a Majestade do Senhor dos Senhores. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

SPROUL, R. C. **Somos todos teólogos**: uma introdução à Teologia Sistemática. Org. Tiago J. Santos Filho. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2017.

STOTT, John; CHESTER, Tim. **A igreja**: uma comunidade singular de pessoas. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2021. v. 4.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

WALSH, Brian J.; MIDDLETON, J. Richard. **A visão transformadora**: moldando uma cosmovisão cristã. Tradução de Valdeci Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WOLTERS, Albert M. **A criação restaurada**: a base bíblica da cosmovisão reformada. Tradução de Denise Meister. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

Este artigo é parte integrante do Vol. 11 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2025 ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.005



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

GUTENBERG E A PRODUÇÃO DA PRIMEIRA BÍBLIA IMPRESSA

Gutenberg and the Production of the First Printed Bible

Felipe Claus Rauber[1]

RESUMO

Este trabalho relata o acontecimento da impressão da primeira Bíblia por Gutenberg, o inventor da imprensa moderna. Consistindo em uma revisão bibliográfica, este artigo aponta os principais aspectos ligados ao evento, tanto os condicionantes para sua realização quanto as circunstâncias envolvidas, buscando, com fidelidade, reconstruir a história deste importante feito. É notório que o advento da imprensa impulsionou grandes transformações sociais, as quais precederam e abriram caminho para a Reforma Protestante, destacando-se a possibilidade de impressão da Bíblia, que a tornou acessível ao público em geral, permitindo o livre exame e interpretação das Escrituras.

Palavras-chave: Bíblia. Gutenberg. Imprensa. Reforma.

ABSTRACT

This work reports the event of the printing of the first Bible by Gutenberg, the inventor of the modern printing press. Consisting of a bibliographical review, this article highlights the main aspects linked to the event – both the conditions for its realization and the circumstances involved – seeking, with fidelity, to reconstruct the history of this important feat. It is well known that the advent of the press drove major social transformations, which preceded and paved the way for the Protestant Reformation, highlighting the possibility of printing the Bible, which made it accessible to the general public, allowing the free examination and interpretation of the Scriptures.

Keywords: Bible. Gutenberg. Press. Reform.

[1] Felipe Claus Rauber é mestre em Estudos Teológicos pelo *Southwestern Baptist Theological Seminary* (SWBTS), e serve na Igreja Batista Somos Igreja, em Santa Cruz do Sul/RS, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0009-0004-0688-6380. E-mail: fcrauber@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em geral, sabe-se muito mais sobre as invenções do que sobre os inventores. O mesmo ocorre com Gutenberg. Pouco se sabe sobre sua vida se comparado ao que já se escreveu sobre a sua contribuição para a humanidade: a imprensa de tipos móveis. Entretanto, o fato de tê-la criado é contestado por alguns críticos. Apesar disso, é pacífico que Gutenberg foi o responsável pela primeira impressão da Bíblia. O desenvolvimento da imprensa, a ponto de permitir a produção de muitas cópias de uma obra tão vasta e importante, distingue o trabalho de Gutenberg de todas as eventuais tentativas anteriores de impressão.

O presente artigo versará sobre a produção da primeira Bíblia impressa por Gutenberg. Será abordada a vida de Gutenberg, a invenção da imprensa, bem como a relevância desta inovação para a sociedade e, consequentemente, pela produção dos primeiros exemplares impressos da Bíblia. Esta pesquisa pretenderá oferecer uma descrição fiel do contexto histórico-cultural daquele tempo, referindo os aspectos mais importantes que fizeram parte do acontecimento objeto do artigo. Uma ampla revisão bibliográfica servirá de base para as informações apresentadas, limitando-se a pesquisa à utilização de dados constantes em referências bibliográficas disponíveis em Língua Portuguesa.

A análise da produção da primeira Bíblia impressa permitirá compreender não apenas os aspectos técnicos envolvidos na realização desse empreendimento, mas também as condições históricas que favoreceram sua concretização e suas implicações para a circulação do conhecimento. Nesse percurso, será considerada a relação entre o desenvolvimento da imprensa, a ampliação do acesso aos livros e a posterior disseminação das ideias da Reforma Protestante, destacando-se a importância desse processo para a história da transmissão e da leitura das Escrituras.

1. GUTENBERG

Nascido em Mainz, Alemanha, em data imprecisa, entre 1397 e 1400, Johannes Gensfleisch adotou o apelido "Gutenberg", pelo qual se tornou conhecido[2] – cuja procedência é atribuída, por alguns, à sua linhagem paterna. Apesar da origem nobre – seu pai era ourives e comerciante – revoltas ocorridas em sua cidade natal, ainda na época de sua infância, levaram sua família ao exílio por vários anos, retornando a Mainz por volta de 1420, após a morte de seu pai. Mais tarde, aproximadamente em 1430, Gutenberg se mudou para Estrasburgo[3] e, pelo que se sabe, nesta época se dedicou ao trabalho de ourives, bem como à lapidação de pedras preciosas. Paralelamente, porém, em segredo, trabalhou no desenvolvimento de sua invenção.

[2] BRITO, Armando Assis de Sousa e. Os materiais na história da escrita: das placas de argila da Suméria às pastilhas de silício dos processadores actuais – 2ª parte. **Revista da Sociedade Portuguesa de Materiais**. Lisboa, vol. 19, n. 3 e 4, jul. dez. 2007. Disponível em https://spmateriais.pt/site/wp-content/uploads/2020/10/Os-materiais-na-historia-da-escrita-2.pdf. p. 43.

[3] COSTA, Hermisten Maia Pereira da. (2009). O protestantismo e a palavra impressa: ensaios introdutórios. **Revista Ciências Da Religião - História E Sociedade**, 6(2). Disponível em https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/425. p. 125.

Tempos depois, por volta de 1444, retornou a Mainz e, segundo indicam os historiadores, investiu cerca de dez anos em experimentações de sua invenção, o que o levou ao empobrecimento.[4] Por esta razão, associou-se a Johann Faust, um ourives bem-sucedido que financiaria seu trabalho, e a Peter Schoeffer, um jovem metalúrgico, que veio a ser genro de Faust.[5]

Gutenberg, juntamente com seus sócios, se lançou a trabalhar com tipografia. Sua obra prima foi a primeira impressão de uma Bíblia, por volta de 1455. Apesar de parecer nobre, segundo Miller, eles não "foram movidos por qualquer motivo mais elevado na execução desta obra gloriosa do que o de realizar uma grande soma de dinheiro por meio da empresa".[6] Isso porque a produção buscou assemelhar-se às cópias manuscritas, cobrando um preço semelhante a estas no mercado.

Atribui-se, portanto, a Gutenberg a invenção da imprensa de caracteres móveis, embora não seja unânime o reconhecimento desta paternidade – visto que iniciativas semelhantes ocorreram no oriente. Araújo, entretanto, julga que Gutenberg foi o responsável por reunir o conhecimento necessário e aperfeiçoar aquilo que já existia para impulsionar, decisivamente, a imprensa, o que colocou o seu nome na História.[7]

2. A IMPRENSA

O advento da imprensa só foi possibilitado graças a uma série de condições favoráveis em determinado momento da história, sociais, culturais e tecnológicas. Para que se compreenda quão inovadora foi a imprensa, é preciso entender como eram os meios de registros escritos que a precederam.

2.1 A escrita e seus suportes

Luccio chama atenção para uma questão fundamental: "os textos não existem fora de seus suportes materiais, sejam eles quais forem. Os suportes funcionam como veículos dos textos".[8] É conhecido que a escrita surgiu na Mesopotâmia, sendo feita com uma pequena cunha (espécie de estilete) sobre tábuas de argila – razão pela qual denominou-se tal escrita de "cuneiforme". Este tipo de inscrição, bem como as escritas sobre pedras, foi produzido por diversas civilizações do mundo.

Segundo Brito, uma alternativa interessante de suporte à escrita surgiu por volta de 3.500 a.C.: o papiro. Obtido a partir de uma planta abundante nas margens do Nilo, o papiro

[4] MILLER, Andrew. **A história da igreja.** Vol. 1 e 2. São Paulo: DLC, 2020, p. 754.
[5] BRITO, 2007, p. 43.
[6] MILLER, 2020, p. 754.
[7] ARAÚJO, Joana Lopes. **O poder da palavra impressa:** sua difusão e seu controle. 2010, 29 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1226/1/TCC%2520-%2520joana.pdf. p. 14.
[8] LUCCIO, Flavia Di. **O rolo, o códice e a tela:** um estudo sobre a evolução e a transformação de três suportes textuais. In: . As múltiplas faces dos blogs... 2005. Dissertação (Mestrado), USP. Disponível em http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7812/7812_1.PDF. p. 19.

foi desenvolvido pelos egípcios e amplamente utilizado por eles. Tratava-se de uma superfície macia e flexível, que requeria também uma nova tecnologia de escrita: o uso de tintas e pigmentos. Cita que a principal exportadora de papiro foi a cidade de Biblos, daí advindo os termos "Bíblia", "biblioteca", etc. As folhas de papiro eram coladas umas às outras, atingindo a extensão de alguns metros e enroladas, formando o chamado *volumen*, ou rolo. Devido a esta configuração, o papiro era escrito em apenas um dos lados.[9] Segundo Luccio, mais tarde, entre os séculos II e IV, ao invés de confeccionar rolos, as folhas de papiro passaram a ser agrupadas em cadernos, o que foi chamado de *codex*, ou códices. Neste formato, foi possível escrever em ambos os lados das folhas. Este foi o precursor do modelo de livro moderno.[10]

O papiro, entretanto, em algum momento, se tornou escasso, e, portanto, caro, além de também ser considerado frágil. Por essa razão, surgiu outra opção de suporte: o pergaminho. Ferreira afirma que a matéria-prima do pergaminho era o couro de carneiro ou de cabrito.[11] Brito aponta que o pergaminho surgiu no século III a.C., e seu nome alude à cidade de Pérgamo – sendo o mesmo que "pele de Pérgamo".[12] Santos diz que o pergaminho era um material muito mais durável do que o papiro, e por isso foi utilizado para a produção de livros.[13] Giovannini apud Stancki completa dizendo que o pergaminho superava o papiro também por conta de sua maior flexibilidade.[14]

Embora tenha sido amplamente utilizado na antiguidade, a obtenção de grande quantidade de pergaminho era difícil e cara.[15] Brito diz que "uma tradução da Bíblia para latim, incluindo quatro evangelhos, foi feita, ou supervisionada, por S. Jerônimo na última década do século IV. Executaram-se três cópias para cuja produção teria sido necessário abater 1500 novilhos.[16] Tal dificuldade levou ao advento de um novo suporte, o papel, que substituiu o pergaminho a partir do século XII-XIII.[17]

Segundo Ferreira, a invenção do papel foi realizada na China, por Ts'ai Lun, em substituição a um material derivado da seda que era comumente utilizado naquela região. Seu criador obteve êxito, depois de vários experimentos, utilizando fibras de celulose, produzindo

---

[9] BRITO, Armando Assis de Sousa e. Os materiais na história da escrita: das placas de argila da Suméria às pastilhas de silício dos processadores actuais – 1ª parte. **Revista da Sociedade Portuguesa de Materiais**. Lisboa, vol. 19, n. 3 e 4, jul. dez. 2005. Disponível em https://spmateriais.pt/site/wp-content/uploads/2020/10/Os-materiais-na-historia-da-escrita-1.pdf. p. 127.

[10] LUCCIO, 2005, p. 20.

[11] FERREIRA, Maria Thaizza Rafaelly da Silva. **A evolução do livro:** do papiro ao iPad. 2010. 40 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Departamento de Biblioteconomia, UFRN, Natal, 2010. Disponível em https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/39923/3/EvolucaoDoLivro_Ferreira_2010.pdf. p. 12.

[12] BRITO, 2005, p. 132.

[13] SANTOS, Kainã dos. **As tecnologias de comunicação e seu impacto na Missio Dei.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia). Faculdade Batista Pioneira, Ijuí, 2021. Disponível em https://www.batistapioneira.edu.br/wp-content/uploads/2022/08/TCC-Kaina.pdf. p. 35.

[14] Giovannini apud STANCKI, Rodolfo. Gutenberg inventou a imprensa? Uma desconstrução do determinismo tecnológico da impressora de tipos móveis. **Cadernos da Escola de Comunicação**, Unibrasil, Curitiba, v. 1, n. 13, 2015. Disponível em https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/article/view/2037/. p. 65.

[15] BRITO, 2005, p. 132.

[16] BRITO, 2005, p. 136.

[17] BRITO, 2005, p. 138.

papel de forma artesanal.[18] Brito afirma que "a mais antiga prova da existência de papel foi encontrada no túmulo da província de Shensi, China (~100 a.C)".[19] Segundo este mesmo autor, por muito tempo os chineses mantiveram o controle da produção do papel, e o processo de fabricação somente chegou à Europa através da expansão árabe[20], sendo a primeira manufatura papeleira da Europa fundada em 1150, na Espanha.[21] Ainda assim, o papel precisou vencer o preconceito de ser considerado frágil e, portanto, menos durável, se comparado ao pergaminho.[22]

A crescente demanda por material de suporte de escrita só poderia ser atendida pela produção do papel, razão pela qual o pergaminho perdeu o espaço. Apesar de ter aparência frágil, levantando suspeita sobre sua durabilidade, o fato de ser leve, passível de produção em quantidades ilimitadas e muito mais barato do que o pergaminho, impulsionaram sua utilização.

Outro aspecto que merece destaque, que foi apenas brevemente citado nos parágrafos anteriores, é a transição dos rolos para os códices. No caso dos rolos, tanto de papiro quanto de pergaminho, o leitor manuseava o livro com ambas as mãos: enquanto desenrolava o texto com uma das mãos, enrolava as partes já lidas com a outra – uma vez que os textos eram manuscritos horizontalmente, organizados em colunas. Este modelo impunha fortes limitações tanto ao leitor quanto ao escritor, pois inviabilizava a consulta a outras obras durante a produção de um texto.[23] Já o códice, segundo o autor, permitia "uma localização mais fácil e uma manipulação mais agradável do texto", além de tornar a fabricação do livro mais barata custos, uma vez que foi possível escrever em ambos os lados das páginas, otimizando-se o material e possibilitando a produção de livros com mais texto/conteúdo.[24]

A evolução dos suportes da escrita demonstra que a história do livro foi marcada por mudanças que facilitaram o registro, a conservação e a consulta dos textos. A utilização do papel, associada às vantagens do códice, contribuiu para estabelecer condições materiais mais favoráveis à produção de livros. Esses desenvolvimentos, embora anteriores à imprensa de Gutenberg, ajudam a compreender o contexto no qual a reprodução de textos em maior escala se tornou possível.

2.2 A produção literária

Conforme Luccio, na Antiguidade grega ou romana, a tarefa de escrever era realizada por dois profissionais: um escritor, que criava e ditava o texto, e um escriba, que efetivamente o registrava. O trabalho era realizado desta forma, com atividades distintas, pois era impossível

[18] FERREIRA, 2010, p. 13.
[19] BRITO, 2005, p. 134.
[20] BRITO, 2005, p. 139.
[21] BRITO, 2005, p. 140.
[22] FERREIRA, 2010, p. 13.
[23] LUCCIO, 2005, p. 19.
[24] LUCCIO, 2005, p. 20.

que apenas uma pessoa executasse a tarefa manuseando um rolo de papiro ou pergaminho. Com o advento do códice, o trabalho individual tornou-se possível.[25]

Durante a Alta Idade Média, a produção literária ficou à cargo, majoritariamente, da Igreja, sendo as obras manuscritas produzidas nos mosteiros, onde monges se dedicavam ao trabalho de cópia por meses ou até anos até a conclusão. Estas obras eram artisticamente decoradas, com pinturas e desenhos elaborados, coloridos, chamados de iluminuras. Estes detalhes embelezavam as obras e as tornavam muito valiosas.[26] Mais tarde, a partir do século XIV, com o surgimento de oficinas laicas, houve uma maior especialização do trabalho, distinguindo-se os ofícios de copistas, iluminadores encadernadores, e outros, ligados ao mercado de produção e comercialização de livros.[27]

Curtis afirma que os custos do trabalho manual de monges, escrevendo sobre papiro ou pergaminho, e dos materiais envolvidos na produção de livros, eram muito altos, inacessíveis à maior parte da população.[28] Por isso, livros eram privilégios da nobreza. Além de onerosa, a escrita dos escribas era um trabalho lento, tornando a produção de obras literárias muito demoradas.[29]

Outro aspecto importante em relação a este período histórico, é que poucas pessoas sabiam ler. A educação formal estava concentrada nos mosteiros, razão pela qual os monges e religiosos detinham o conhecimento e, portanto, a possibilidade e capacidade de escrever. Ribeiro diz que "até o século XV, a civilização era composta predominantemente por analfabetos e, e numa estrutura social baseada no pilar da igreja e da nobreza, o controle social era efetuado pela fé e pelos dogmas".[30] Curtis indica mais um fator dificultador, além da alta taxa de analfabetismo e dos altos custos de produção de livros, para o acesso a obras literárias: a produção no idioma latim, conhecido por um grupo muito restrito de pessoas. Esta característica se deve ao fato de consistir em uma atividade essencialmente monástica.[31]

Ribeiro afirma que, apesar da habilidade e do zelo com que os monges trabalhavam nos manuscritos, ocorriam muitos erros na produção das cópias. Os erros eram comuns sobretudo quando eram feitas várias cópias ao mesmo tempo, pois o processo consistia em vários monges copistas trabalhando simultaneamente registrando um texto ditado.[32]

O livro manuscrito era, em geral, menos portátil do que os atuais, apesar de já ser em formato de códice.[33] Mesmo com o advento da imprensa, os manuscritos não deixaram imediatamente de existir, sendo produzidos até o início do século XVI. Os livros impressos,

[25] LUCCIO, 2005, p. 23.
[26] BRITO, 2005, p. 135.
[27] BRITO, 2005, p. 137.
[28] CURTIS, A. K.; LANG, J. S.; PETERSEN, R. **Os 100 acontecimentos mais importantes da História do Cristianismo**. São Paulo: Vida, 2003, p. 87.
[29] SANTOS, 2021, p. 36.
[30] RIBEIRO, Gerlaine Marinotte; CHAGAS, Ricardo de Lima; PINTO, Sabrine Lino. O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. **Akropólis**, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun. 2007. Disponível em https://www.revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/download/1413/1236/. p. 32.
[31] CURTIS; et al., 2003, p. 87.
[32] RIBEIRO; et al., 2007, p. 32.
[33] BELO, 2002 *apud* RIBEIRO, 2007, p. 33.

inclusive, buscaram se assemelhar aos manuscritos, buscando contornar o preconceito do público diante do produto fabricado através da nova tecnologia.[34]

2.3 O desenvolvimento da imprensa

Como dito anteriormente, há controvérsias sobre Gutenberg ter sido o inventor da imprensa de tipos móveis. Stancki diz que ele "não foi o único, nem mesmo o primeiro, a trabalhar com tecnologias de impressão".[35] As primeiras e mais bem-sucedidas iniciativas parecem ter ocorrido no Oriente, mais precisamente na China, e, posteriormente, na Coréia, onde foram identificadas inovações anteriores no que se refere à impressão textual. Os chineses imprimiram com tipos móveis feitos de argila moldada e cozida por volta do ano 1040, e por volta de 1220 com tipos móveis de madeira. Posteriormente, por volta de 1390, surgiram os caracteres moldados em cobre ou bronze.[36] A Coreia, em 1377, foi pioneira no uso de tipos móveis de metal, mas indícios levam a crer que seu uso pode ser anterior, por volta do ano 1234.[37]

Apesar destas evidências, alguns estudiosos são céticos em admitir o pioneirismo chinês na imprensa de tipos móveis, alegando que seu modelo de escrita, composta de muitos símbolos, chamados ideogramas – não se ajustaria a tal tecnologia. Citam também os relatos de Marco Pólo, que não fez qualquer menção à imprensa em seus registros de viagem, o que contraria a lógica, visto que seria uma tecnologia muito inovadora para a época.[38] Assim, ao menos no Ocidente, é atribuída ao alemão Johannes Gutenberg (1400-1468) a invenção da imprensa de tipos móveis metálicos, e ao holandês Laurent Janszoon Coster (1370-1440), a execução dos primeiros tipos móveis em madeira.[39]

2.4 A imprensa de tipos móveis de Gutenberg

Com o fim da Idade Média, o mundo experimentava uma grande mudança: a cidades ressurgiam e nasciam as universidades. O declínio da Igreja era uma realidade e havia uma sede por conhecimento. Santos diz que os livros manuscritos "foram produzidos em número cada vez mais elevado nos dois séculos anteriores à invenção da impressão gráfica".[40] Estes fatores foram decisivos para o surgimento da imprensa, que representou uma resposta às crescentes demandas sociais.[41]

Stancki afirma que a invenção de Gutenberg, a prensa gráfica, era baseada em uma prensa de uvas utilizada para fabricar vinhos. Os caracteres da impressão eram gerados por tipos metálicos, os quais eram dispostos organizadamente para formar as palavras. O autor descreve o processo de impressão, dizendo que os tipos eram organizados sobre uma placa

[34] RIBEIRO; et. al, 2007, p. 33.
[35] STANCKI, 2015, p. 64.
[36] BRITO, 2005, p. 134.
[37] SANTOS, 2021, p. 37.
[38] BRITO, 2005, p. 134.
[39] BRITO, 2007, p. 42.
[40] SANTOS, 2021, p. 35.
[41] STANCKI, 2015, p. 66.

de metal ou madeira; sobre os tipos era aplicada tinta; em seguida, a placa era pressionada contra a filha de papel, deixando-a impressa.[42] Os caracteres (tipos) eram considerados "móveis" pois, após a impressão, podiam ser retirados da forma para posterior reutilização, conforme a necessidade.[43]

Costa enfatiza que os tipos móveis confeccionados com uma liga metálica baseada em chumbo, estanho e antimônio, foram a verdadeira contribuição de Gutenberg, caracterizando a tipografia. Explica que o inventor havia iniciado sua experiência com tipos de madeira, migrando para o chumbo por ser um material mais resistente. Ainda assim, o chumbo somente não apresentava as características necessárias para garantir a qualidade da impressão.[44] O desenvolvimento de uma liga metálica adequada ao uso gráfico é atribuído a Gutenberg, embora alguns autores o creditem ao seu sócio, Schöeffer, bem como a tinta especial à base de negro de fumo e óleo de linhaça.[45]

A invenção de Gutenberg permitiu a produção de muitas cópias de um mesmo material com maior velocidade por um custo muito menor.[46] Por volta de 1454, O primeiro livro impresso por Gutenberg foi a Bíblia, em uma quantidade significativa de exemplares, o que jamais teria sido possível de forma manual, como se faria até então. Além disso, os erros, frequentes em cópias manuscritas, foram praticamente extintos.[47]

Brito afirma que, embora se possa contestar o ineditismo do trabalho de Gutenberg, não se pode tirar seu mérito de ter reunido a tecnologia até então disponível em um invento mais avançado. Sua obra impulsionou decisivamente a produção gráfica.[48]

O advento da imprensa impactou fortemente o século XV. Inicialmente, representou uma ameaça ao trabalho dos escribas. A Igreja percebeu-se perdendo o monopólio do conhecimento, pois os materiais impressos por leigos permitiam aos leitores o acesso direto à informação, religiosa ou não, podendo realizar sua própria análise.[49] Além disso, a imprensa tornou-se um veículo fundamental para a disseminação de ideias e para o debate político, levando a uma grande transformação social. Criou-se também um vigoroso mercado editorial, pois a produção de livros impressos se tornou economicamente rentável.[50]

Gutenberg e seus sócios inicialmente mantiveram segredo em relação às tecnologias de impressão, mas em pouco tempo havia máquinas de impressão em diversos países da Europa. Para que se possa mensurar o impacto da imprensa, basta observar a quantidade de Bíblias produzidas: em poucas décadas, os exemplares impressos superaram os produzidos pelos monges em vários séculos de trabalho manual. Além disso, observou-se o crescimento da

[42] STANCKI, 2015, p. 65.
[43] BRITO, 2007, p. 43.
[44] COSTA, 2009, p. 125.
[45] BRITO, 2007, p. 43.
[46] CURTIS et al., 2003, p. 87.
[47] FERREIRA, 2010, p. 17; SANTOS, 2021, p. 37.
[48] BRITO, 2007, p. 42.
[49] SANTOS, 2021, p. 37.
[50] FERREIRA, 2010, p. 17.

população alfabetizada e o desenvolvimento do mercado editorial, que passou a disponibilizar livros em diversos idiomas.[51]

As transformações proporcionadas pela imprensa criaram condições favoráveis à produção e à circulação de obras em uma escala até então difícil de alcançar. Nesse contexto, a impressão da Bíblia representou um marco significativo, tanto pela complexidade técnica da obra quanto pela importância que o texto bíblico ocupava na vida religiosa e cultural da sociedade europeia. Para compreender esse empreendimento, é necessário considerar as condições históricas que antecederam a impressão e as características da própria Bíblia de Gutenberg.

3. A BÍBLIA E SUA PRODUÇÃO

Benatte classifica os livros bíblicos como clássicos, assumindo o seguinte conceito para o termo "clássico": "aquele livro que uma nação ou um grupo de nações ou o longo tempo decidiram ler como se em suas páginas tudo fosse deliberado, fatal, profundo como o cosmo e capaz de interpretações sem termo". Acrescenta ainda que a Bíblia se enquadra como um clássico por ser "um livro que as gerações dos homens, urgidos por razões diversas, leem com prévio fervor e com uma misteriosa lealdade".[52]

Conforme Santos, Deus é o criador da comunicação, e que Ele não apenas utiliza os meios de comunicação disponíveis sem ressalvas, mas também os adapta para servirem ao seu propósito de alcançar a humanidade com o Evangelho.[53] Comenta que atualmente a Bíblia está difundida no mundo todo, sendo disponibilizada em mais de 350 idiomas e dialetos, e contabilizando bilhões de volumes produzidos.[54]

Originalmente, os livros do Antigo Testamento foram escritos em hebraico e aramaico, e os do Novo Testamento, em grego. Entretanto, ainda no primeiro século, foi produzida, em Alexandria, a versão do Antigo Testamento na língua grega, que ficou conhecida como "Septuaginta". Atualmente, a Bíblia completa mais antiga encontrada é a chamada *Codex sinaiticus*. Trata-se de um códice manuscrito em pergaminho, datado do século IV ou V.[55]

Santos afirma que já no século II foram empreendidos esforços para a tradução dos textos bíblicos para o latim, idioma amplamente utilizado no império romano, que passou a suplantar o grego a partir de 330 d.C. O autor explica que, devido à quantidade de versões latinas surgidas e utilizadas pelos cristãos, a Igreja se viu obrigada a aceitar uma versão como oficial para evitar possíveis erros de tradução e discussões teológicas. Assim, a *Vulgata*, tradução produzida por Jerônimo, foi a versão escolhida e oficializada.[56]

[51] CURTIS; et al., 2003, p. 87.
[52] BENATTE, Antonio Paulo. História da leitura e história da recepção da Bíblia. **Oracula**: Revista Eletrônica do Grupo Oracula de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Crista, São Bernardo do Campo, 3.5, 2007. Disponível em https://ri.uepg.br/riuepg/bitstream/handle/123456789/524/ARTIGO_HistoriaLeituraHistoria.pdf. p. 63.
[53] SANTOS, 2021, p. 32.
[54] SANTOS, 2021, p. 33.
[55] SANTOS, 2021, p. 35.
[56] SANTOS, 2021, p. 34-35

No Império Romano, o latim foi utilizado por muito tempo como língua jurídica, sendo os documentos oficiais produzidos em latim. Após a oficialização do cristianismo como religião do Império, passou também a ser a língua adotada pela Igreja. Entretanto, o latim perdeu espaço entre a elite romana dado o prestígio do grego, especialmente devido à riqueza literária disponível nesse idioma. Após a queda do Império Romano do Ocidente, em decorrência da fragmentação, foi gradativamente sendo substituído por dialetos locais, permanecendo vivo apenas no ambiente eclesiástico por ser a língua litúrgica da Igreja.

Benatte indica duas razões pelas quais a Bíblia não era uma leitura popular até o século XVI: a primeira se refere ao texto bíblico ser disponibilizado apenas em latim; a segunda, diz respeito à sua produção manuscrita. A explicação é simples: o latim não era uma mais uma língua conhecida da população em geral, mas restrita aos membros do clero; e o custo da produção manuscrita tornava uma cópia da Bíblia inacessível para uma pessoa comum.[57] Nesse sentido, Miller diz que "uma cópia da Bíblia custava de quarenta a cinquenta libras apenas para ser escrita, pois um copista experiente precisava de cerca de dez meses de trabalho para fazer uma".[58]

Conforme já exposto, na Idade Média, livros eram privilégio de poucos – em geral, de ricos e nobres, pois o custo dos materiais e do tempo utilizado pelos monges para produzir uma Bíblia impossibilitava o acesso da maioria das pessoas. As altas taxas de analfabetismo, faziam com que os fiéis precisassem confiar no pároco local para serem instruídos na fé. Inclusive, a falta de educação formal foi uma das razões para o uso de ilustrações de passagens bíblicas nos vitrais das catedrais. Além disso, a Bíblia era escrita em latim, o que restringia ainda mais a quantidade de possíveis leitores – mesmo os sacerdotes locais eram pouco instruídos no idioma, e tinham precário conhecimento bíblico.[59]

Porém, ainda que a produção de cópias de obras literárias fosse manuscrita, Santos indica que a volume da produção se intensificou nos dois séculos que antecederam o advento da imprensa, demonstrando que uma transformação social estava em curso.[60]

3.1 A Bíblia de Gutenberg

Gutenberg escolheu a *Vulgata*, Bíblia latina de Jerônimo, como a primeira obra literária a ser produzida com sua invenção. Este feito, que é o marco da fundação da imprensa, lhe exigiu muita dedicação, bem como o domínio das técnicas gráficas. Conforme Curtis, "o homem comum não podia ainda compreender a Palavra de Deus, mas esse foi o primeiro passo de uma enorme revolução".[61]

A "Bíblia de Gutenberg", ficou também conhecida como "Bíblia de 42 linhas", ou B-42, devido ao fato de o texto ser majoritariamente distribuído, em suas páginas, em 42 linhas. Costa conta que, nas primeiras páginas, o texto foi organizado em 40 linhas, mas, visando

[57] BENATTE, 2007, p. 70.
[58] MLLER, 2020, p. 755.
[59] CURTIS; et al., 2003, p. 87.
[60] SANTOS, 2021, p. 35.
[61] CURTIS et al., 2003, p. 87.

reduzir o custo da produção, Gutenberg optou por acrescentar duas linhas nas páginas seguintes. Cada página comportava o texto em duas colunas, de modo que a obra totalizou 1.282 páginas (641 folhas), organizadas em dois volumes.[62] Segundo Brito, a maior parte dos exemplares foi produzido em papel, mas alguns poucos também em pergaminho.[63]

Os exemplares não continham informação dos autores, da data de impressão e nem mesmo do número de exemplares[64], o que traz incerteza sobre o exato momento da produção e da quantidade exata de cópias realizadas. Entretanto, estima-se que a impressão tenha ocorrido em 1455, visto que um exemplar preservado, que faz parte do acervo da Biblioteca Nacional de Paris, conhecido como "Bíblia Mazarina", possuir uma nota manual, com data de 15 de agosto de 1456, em uma de suas páginas.[65] Quanto à tiragem, alguns autores indicam um total de 100 cópias[66]; outros afirmam terem sido cerca de 200 exemplares[67]; e outros, ainda, chegam a contar aproximadamente 300 unidades.[68] Restam, atualmente, apenas cerca de 50 cópias no mundo, nem todas completas.

Costa explica que os caracteres utilizados na obra eram do tipo gótico, e que se assemelhavam aos utilizados em manuscritos, contribuindo muito para o aspecto gráfico do conjunto. Revela a estimativa de que tenham sido necessárias 290 peças de tipografia para compor o texto.[69] Brito explica que a letra inicial da primeira palavra de cada parágrafo era pintada manualmente, bem como as figuras, o que a aproximava, do ponto de vista estético, das cópias produzidas manualmente, e tornava cada cópia única.[70]

Alguns desafios tiveram que ser superados por Gutenberg para obter sucesso na ousada empreitada de produzir a Bíblia. Em primeiro lugar, o grande número de páginas demandava uma significativa quantidade de papel, matéria-prima que precisava ser racionalizada para viabilizar a obra devido ao custo – o que explica o ajuste na quantidade de linhas nas páginas da obra ao longo da produção. Em segundo lugar, no tocante ao processo de produção propriamente dito, era necessário que os caracteres metálicos fossem suficientemente duráveis para aguentar o uso intensivo sem apresentar danos que comprometessem a impressão. Em terceiro lugar, a tinta utilizada também requeria cuidados, pois deveria ser líquida o suficiente para marcar a superfície do papel, mas não deveria alastrar-se além do desejado para não afetar o perfeito o contorno das letras. E, apesar de marcar a superfície, não deveria impregnar o papel a ponto de transparecer na outra face, pois esta seria impressa em outro momento, após a secagem da tinta. Em quarto lugar, a dinâmica da produção em série diferia totalmente da produção artesanal do manuscrito. A elaboração e o estabelecimento de um sistema de produção em escala demandaram um olhar fabril,

[62] COSTA, 2009, p. 129.
[63] BRITO, 2007, p. 44.
[64] RIBEIRO; et. al, 2007, p. 33.
[65] BRITO, 2007, p. 43.
[66] COSTA, 2009, p. 126.
[67] CURTIS; et al., 2003, p. 87.
[68] BRITO, 2007, p. 44.
[69] COSTA, 2009, p. 126.
[70] BRITO, 2007, p. 43.

considerando os recursos e a capacidade da oficina, os insumos disponíveis, o tempo dispendido em cada etapa, a sequência das atividades, etc.

A produção da Bíblia de Gutenberg representou, portanto, um empreendimento que reuniu conhecimentos técnicos, recursos materiais e uma nova organização do trabalho gráfico. A reprodução de uma obra extensa por meio de tipos móveis demonstrou o potencial da imprensa para ampliar a produção de livros e estabeleceu um marco na história da cultura escrita. A relevância desse acontecimento, contudo, não se limitou à técnica de impressão, pois a difusão de livros teria implicações importantes para a circulação das ideias religiosas, especialmente no contexto da Reforma Protestante.

3.2 A importância da imprensa para a Reforma Protestante

Com o advento da imprensa, a produção de livros deixou de ser totalmente artesanal e passou a ser uma espécie de indústria, pois o trabalho ocorria em uma oficina com auxílio de equipamentos.[71] Luccio diz que "de repente, uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, alterou consideravelmente a relação dos escritores e dos leitores com a cultura escrita". Isso porque, graças ao novo processo, os custos de produção e o tempo despendido no processo diminuíram, tornando as obras mais acessíveis. A prensa permitiu publicar mais materiais a um preço menor, democratizando o acesso aos livros.[72]

A imprensa instaurou ou nova era para a divulgação de ideias através de escritos, e uma permitiu o contato dos leitores com novas realidades e perspectivas. Esta tecnologia, a imprensa, até hoje é fundamental para a proporcionar a difusão do conhecimento através dos livros. Cairns coloca o advento da imprensa como um dos importantes fatores de declínio Católico-Romano, uma vez que o acesso ao conhecimento gera descobertas, questionamentos e provoca o senso crítico[73] – o que aconteceu com relação às autoridades eclesiásticas e aos dogmas da Igreja.[74] A produção de livros voltados aos estudantes desafiou o clero, que detinha o monopólio intelectual e do ensino.[75]

A popularização dos livros levou também ao interesse pela alfabetização. A sociedade, até então composta por pessoas sem instrução, orientadas pela Igreja, se transforma pelo acesso e busca pelo conhecimento, o que afeta a modo de pensar das pessoas. Schilling apud Ribeiro afirma que "é impossível pensar a realidade sem pensar na contribuição da imprensa e do livro para o progresso das sociedades".[76] Chaves *apud* Ribeiro diz que "o invento de Gutenberg foi fundamental para o surgimento do protestantismo" e que "a invenção foi uma força motriz que dinamizou transformações tão rapidamente e que, sem ela, até poderia haver mudanças paradigmáticas, mas não com a intensidade e rapidez com que ocorreu".[77]

[71] STANCKI, 2015, p. 67.
[72] LUCCIO, 2005, p. 21.
[73] CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos:** uma história da Igreja cristã. 3.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 205.
[74] SANTOS, 2021, p. 39.
[75] COSTA, 2009, p. 127.
[76] SCHILLING, 2005 *apud* RIBEIRO; et al., 2007, p. 31.
[77] CHAVES, 2005 *apud* RIBEIRO; et al., 2007, p. 31.

A imprensa trouxe maior liberdade de acesso à informação e, ao mesmo tempo, de manifestação do pensamento. Ribeiro defende a ideia de que a imprensa "nunca foi um invento pacífico", pois "o livro saído de um prelo, e não da tinta de um monge escriba, tornou-se uma força subversiva, capaz de abalar a fé e de reduzir a autoridade da igreja".[78] A Igreja, de fato, temia que leigos viessem a estudar textos religiosos, tirando suas próprias conclusões, ao invés de confiar nos ensinos da Igreja.

Conforme Brito, a imprensa foi rapidamente difundida em toda a Europa, de modo que no século XVI já se contabilizavam aproximadamente 1700 prensas distribuídas em mais de 300 cidades.[79] Curtis pondera que o advento da imprensa provavelmente acelerou a Reforma, uma vez que permitiu que a Bíblia estivesse acessível a todos, de modo que o povo não mais dependia unicamente do clero para conhecê-la.[80]

Outra contribuição da imprensa para os objetivos da Reforma, no entendimento de Araújo foi o impulsionamento do uso das línguas vernáculas. Não estando mais sob a controle do clero, as obras passaram a ser produzidas no idioma falado pela população, ampliando o alcance das publicações e tornando a produção de livros comercialmente interessante. O mesmo autor diz que a imprensa influenciou decisivamente a velocidade de distribuição e o fluxo de informações à sociedade, o que representou "uma das revoluções técnicas mais importantes da história da humanidade".[81] Santos diz que "a impressão gráfica converteu a Reforma em uma revolução permanente".[82]

Todos estes fatores foram importantes para moldar a sociedade, que estava em ebulição na época da Reforma. Lutero soube aproveitar a tecnologia da imprensa para divulgar suas ideias. Em 1522 lançou sua versão do Novo Testamento para o alemão. A tiragem foi de 3000 cópias, o que representava um grande volume, mas rapidamente estava esgotada. Em 1534, publicou sua versão completa da Bíblia para o alemão, utilizando uma linguagem acessível ao povo, de modo que todos pudessem compreender os textos – a exemplo do que havia feito com o Novo Testamento. Esta publicação foi outro grande sucesso, e a versão de Lutero tornou-se a mais difundida no idioma alemão.

O livre exame das Escrituras, um dos pressupostos fundamentais da Reforma Protestante, decorrente do entendimento de que a Bíblia é a única regra de fé e prática – o *Sola Scriptura* – só foi viabilizado, na prática, pela facilitação do acesso das pessoas comuns à Bíblia, graças ao advento da imprensa.

A imprensa não explica, isoladamente, o surgimento da Reforma Protestante, mas contribuiu de maneira significativa para a divulgação de textos, a circulação de argumentos e o acesso às Escrituras. Sua importância esteve na possibilidade de reproduzir e distribuir ideias com maior rapidez e alcance, favorecendo a atuação de reformadores como Martinho Lutero. Dessa forma, a produção da Bíblia de Gutenberg e o desenvolvimento posterior da imprensa

[78] RIBEIRO; et al., 2007, p. 34.
[79] BRITO, 2007, p. 57.
[80] CURTIS; et al., 2003, p. 87.
[81] ARAÚJO, 2010, p. 14.
[82] SANTOS, 2021, p. 46.

devem ser compreendidos como parte de um processo histórico mais amplo, no qual fatores religiosos, sociais e culturais também desempenharam um papel relevante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação dos acontecimentos ao longo da História permite constatar a importância dos pequenos avanços tecnológicos. Eles representam, na maioria das vezes, avanços incrementais que trazem melhoria das condições, mas não intentam romper tradições. Entretanto, tais incrementos ao padrão existente, por fim, pressionam a realização de mudanças paradigmáticas, isto é, a substituição radical do modo de fazer as coisas, seja por instrumentos, técnicas ou métodos. A evolução da maneira de o homem escrever bem representa esse processo: a substituição do suporte rígido de escrita, a pedra ou a argila, pelo suporte macio, o papiro, exigiu a alteração de todo o processo, desde a obtenção do papiro (extração e beneficiamento), desenvolvimento das tintas e dos instrumentos de escrita (penas). Já a transição do papiro para o pergaminho, e deste para o papel, não demandaram alterações tão drásticas, sendo caracterizadas como simples evoluções. O advento da imprensa, entretanto, representou uma nova mudança paradigmática, substituindo um modelo que perdurou por séculos e respondendo a novas demandas às quais este era incapaz de satisfazer.

O surgimento da imprensa foi um evento marcante não apenas no que se refere à produção de livros, mas a possibilidade de difundir ideias pela multiplicação de materiais de leitura mudou o mundo. Alguns autores creditam à invenção o avanço científico, a formação dos estados nacionais e o surgimento do protestantismo.[83] De fato, as ideias de Lutero tiveram seu alcance potencializado pela invenção, que foi muito bem utilizada pelo reformador. A literatura, produzida fora do controle da Igreja e acessível ao povo, representou a possibilidade de livre manifestação do pensamento e da oportunidade ao contraditório.

Outro aspecto importantíssimo no que tange à Reforma é que um de seus pressupostos fundamentais, o livre exame das Escrituras, decorrente do *Sola Scriptura,* só foi viabilizado, na prática, pela facilitação do acesso das pessoas comuns à Bíblia, graças ao advento da imprensa. Gutenberg, portanto, teve um papel fundamental pois, mesmo sem imaginar, contribuiu para gerar as condições necessárias.

Conclui-se, assim, que a produção da primeira Bíblia impressa por Gutenberg deve ser compreendida à luz das condições históricas, culturais e tecnológicas que tornaram esse empreendimento possível. A imprensa não apenas modificou os processos de produção dos livros, mas também ampliou as possibilidades de circulação do conhecimento e das ideias religiosas. Embora a Reforma Protestante tenha resultado de um conjunto mais amplo de fatores, a difusão dos textos impressos contribuiu significativamente para o contexto em que suas ideias foram divulgadas e debatidas, evidenciando a relevância histórica da invenção de Gutenberg.

[83] CHAVES, 2005 *apud* RIBEIRO; et al., 2007, p. 31.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joana Lopes. **O poder da palavra impressa: sua difusão e seu controle**. 2010, 29 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1226/1/TCC%2520-%2520joana.pdf

BENATTE, Antonio Paulo. História da leitura e história da recepção da Bíblia. **Oracula: Revista Eletrônica do Grupo Oracula de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Crista***,* São Bernardo do Campo, 3.5, 2007. Disponível em https://ri.uepg.br/riuepg/bitstream/handle/123456789/524/ARTIGO_HistoriaLeituraHistoria.pdf

BRITO, A. A. S. (2005). Os materiais na história da escrita: das placas de argila da Suméria às pastilhas de silício dos processadores actuais – 1ª parte. Revista **da Sociedade Portuguesa de Materiais**. Lisboa, vol. 19, n. 3 e 4, jul. dez. 2005. Disponível em https://spmateriais.pt/site/wp-content/uploads/2020/10/Os-materiais-na-historia-da-escrita-1.pdf

BRITO, A. A. S. (2007). Os materiais na história da escrita: das placas de argila da Suméria às pastilhas de silício dos processadores actuais – 2ª parte. **Revista da Sociedade Portuguesa de Materiais**. Lisboa, vol. 19, n. 3 e 4, jul. dez. 2007. Disponível em https://spmateriais.pt/site/wp-content/uploads/2020/10/Os-materiais-na-historia-da-escrita-2.pdf

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja cristã. 3.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2008

COSTA, H. M. P. da. (2009). O protestantismo e a palavra impressa: ensaios introdutórios. **Revista Ciências Da Religião - História E Sociedade**, 6(2). Disponível em https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/425

CURTIS*,* A. K.*;* LANG, J. S.; PETERSEN, R. **Os 100 acontecimentos mais importantes da História do Cristianismo***.* São Paulo: Vida, 2003.

FERREIRA, Maria Thaizza Rafaelly da Silva. **A evolução do livro**: do papiro ao iPad. 2010. 40 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Departamento de Biblioteconomia, UFRN, Natal, 2010. Disponível em https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/39923/3/EvolucaoDoLivro_Ferreira_2010.pdf

LUCCIO, Flavia Di. **O rolo, o códice e a tela**: um estudo sobre a evolução e a transformação de três suportes textuais. In: ___. As múltiplas faces dos blogs 2005. Dissertação (Mestrado), USP. Disponível em http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7812/7812_1.PDF

MILLER, A. **A história da igreja editora**. Vol. 1 e 2. São Paulo: DLC, 2020.

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S. L. O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. **Akropólis**, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun. 2007. Disponível em https://www.revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/ download/1413/1236/

SANTOS, Kainã dos. **As tecnologias de comunicação e seu impacto na Missio Dei**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia). Faculdade Batista Pioneira, Ijuí, 2021. Disponível em https://www.batistapioneira.edu.br/wp-content/uploads/2022/08/TCC-Kaina.pdf

STANCKI, Rodolfo. (2015). Gutenberg inventou a imprensa? Uma desconstrução do determinismo tecnológico da impressora de tipos móveis. **Cadernos da Escola de Comunicação**, Unibrasil, Curitiba, v. 1 n. 13, 2015. Disponível em https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/article/view/2 037/.

Este artigo é parte integrante do Vol. 11 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2025 ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.006

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

OS DESIGREJADOS E A ECLESIOLOGIA: UNIDADE, COMUNHÃO E EDIFICAÇÃO DO CORPO DE CRISTO EM EFÉSIOS 4.1-16

The "Churchless" and Ecclesiology: Unity, Fellowship, and the Edification of the Body of Christ in Ephesians 4.1-16

Paulo Henrique Pedrão[1]

RESUMO

Este artigo explora a importância da comunhão cristã e o propósito dos dons espirituais na edificação do Corpo de Cristo, com base em Efésios 4.1-16. A partir de uma análise teológica, discute-se a unidade da Igreja como uma graça espiritual interna, distinguindo-a da mera uniformidade externa. Também se aborda o fenômeno dos "desigrejados" — indivíduos que, apesar de se identificarem como evangélicos, optam por viver sua fé de maneira isolada, sem vínculo com uma comunidade local. Examina-se as razões que levam a essa fragmentação e as implicações para a Igreja contemporânea. A perspectiva reformada oferece uma resposta robusta, enfatizando a interdependência dos crentes e a necessidade de uma comunidade de fé viva e atuante. A análise evidencia que a comunhão cristã não se limita à convivência entre os membros da Igreja, mas envolve a participação ativa de cada crente no serviço e na edificação do Corpo de Cristo. Nesse sentido, a reflexão sobre os desigrejados ressalta a importância de uma comunidade de fé que promova o exercício dos dons espirituais, o cuidado mútuo e o compromisso com a vida eclesial.

Palavras-Chave: Comunhão cristã. Unidade da Igreja. Dons espirituais. Desigrejados. Propósito.

[1] Pós-graduado em Teologia Sistemática Contextualizada e Mestrando em Teologia pela FABAPAR. Bacharel em Administração pela FGV/EAESP e em Teologia pela FABAPAR. ORCID: https://orcid.org/0009-0007-3392-7733. Email: paulo.pedrao.fgv@gmail.com

ABSTRACT

This article examines the importance of Christian fellowship and the purpose of spiritual gifts in the edification of the Body of Christ, based on Ephesians 4:1–16. Through a theological analysis, it discusses the unity of the Church as an inner spiritual reality, distinguishing it from mere external uniformity. It also addresses the phenomenon of the "churchless," referring to individuals who identify as evangelicals but choose to practice their faith in isolation, without being connected to a local church community. The article examines the reasons behind this fragmentation and its implications for the contemporary Church. From a Reformed theological perspective, it emphasizes the interdependence of believers and the need for a vibrant and active community of faith. The analysis highlights that Christian fellowship involves more than simply gathering with other church members; it also requires the active participation of each believer in service and in the edification of the Body of Christ. In this regard, the discussion of the churchless underscores the importance of a faith community that encourages the exercise of spiritual gifts, mutual care, and commitment to the life of the Church.

Key-words: Christian fellowship. Church Unity. Spiritual gifts. Churchless. Purpose.

INTRODUÇÃO

A crescente fenomenologia dos desigrejados no cenário contemporâneo evangélico desafia a compreensão tradicional da Igreja e suscita questões cruciais sobre a natureza da comunhão cristã. Enquanto a sociedade pós-moderna busca espiritualidade em fragmentos e experiências individuais, a visão cristã reformada, fundamentada nos ensinamentos bíblicos, especialmente em Efésios 4.1-16, sublinha a importância indispensável da unidade e da vida comunitária na Igreja. Neste artigo explorar-se-á a tensão entre a prática emergente de uma fé desvinculada de uma comunidade concreta e a eclesiologia reformada que enfatiza a interdependência dos cristãos e a edificação mútua através dos dons espirituais.

O apóstolo Paulo, em sua epístola aos Efésios, eleva os padrões sobre os quais o cristão deve viver, fazendo um clamor veemente para que estes vivam para a glória de Deus.[2] Em suas cartas, Paulo demonstra um equilíbrio entre teologia e vida, doutrina e dever[3], sublinhando que a prática da fé cristã deve refletir profundamente os princípios teológicos. A unidade da Igreja, concebida não como uma uniformidade imposta externamente, mas como uma graça espiritual interna[4], constitui o cerne da vida cristã comunitária. Entretanto, a emergência dos desigrejados levanta uma preocupação genuína sobre como a Igreja pode manter sua identidade e missão em meio a essa fragmentação crescente.

Nesta pesquisa, aprofundar-se-á a compreensão sobre a importância da comunhão cristã e o propósito dos dons espirituais na edificação do Corpo de Cristo. Ao examinar as razões que levam muitos a se afastarem das comunidades locais e as implicações dessa tendência, pretende-se fornecer uma perspectiva teológica robusta que reafirme a centralidade da Igreja como uma comunidade de fé viva e atuante. Assim, neste artigo não

[2] STOTT, John. **A mensagem de Efésios**. São Paulo: ABU, 1986, p. 44; LOPES, Hernandes Dias. **Efésios**: igreja, a noiva gloriosa de Cristo. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 100.
[3] LOPES, 2009, p.99.
[4] WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**. São André: Geográfica, 2006, Vol. 6, p. 44.

apenas abordar-se-á uma questão contemporânea relevante, mas também convidasse os leitores a refletirem sobre o verdadeiro significado de ser Igreja no mundo atual.

Para alcançar esse objetivo, desenvolver-se-á uma análise bíblico-teológica de Efésios 4.1-16, em diálogo com a literatura especializada sobre eclesiologia, comunhão cristã e o fenômeno dos desigrejados. A partir dessa abordagem, buscar-se-á relacionar os princípios apresentados pelo apóstolo Paulo à realidade contemporânea da Igreja, refletindo sobre a importância da unidade, da participação comunitária e do exercício dos dons espirituais na edificação do Corpo de Cristo.

1. A IMPORTÂNCIA DA COMUNHÃO – 4.1-6

A importância da comunhão cristã, à luz de Efésios 4.1-16, revela-se fundamental para a vida da Igreja, conforme delineado pelo apóstolo Paulo. Neste contexto, a comunhão não é um conceito superficial, mas uma expressão profunda da vida cristã que se manifesta na unidade do corpo de Cristo. John Stott afirma que Paulo eleva os padrões sobre os quais o cristão deve viver, enfatizando uma vida de acordo com o chamado divino.[5]

Paulo clama veementemente, não de forma indiferente, para que os crentes vivam para a glória de Deus.[6] Esse chamado é uma urgência divina, que implica viver de modo digno de Deus, ou seja, viver como Deus vive.[7] A palavra “digno”, como destacado por Rienecker e Rogers, traz a ideia de uma balança onde há um equilíbrio entre a vida de Deus e a nossa vida.[8]

O apóstolo Paulo aborda a unidade como uma característica interna e orgânica, distinta da uniformidade, que é resultado de pressão externa.[9] Não é algo mecânico, mas que flui do Espírito Santo, que habita no crente. A unidade é uma graça espiritual que vem do interior, promovida pela presença de Cristo no crente, e não algo imposto exteriormente. Esta unidade não é criada, mas preservada intencionalmente através de práticas e virtudes específicas.

Paulo destaca quatro virtudes essenciais para a preservação da unidade: humildade, mansidão, paciência e amor. Humildade, do grego *tapeinophrosine*, implica colocar Cristo em primeiro lugar, os outros em segundo, e a si mesmo em terceiro.[10] Hahn descreve a humildade como a renúncia à imposição de interesses pessoais, promovendo uma convivência harmoniosa.[11] Mansidão, do grego *prautes*, não se confunde com fraqueza; é a suavidade dos fortes, cujo poder está sob controle.[12] Foulkes complementa que mansidão se manifesta na suavidade no tratamento e na docilidade de caráter, essenciais para manter a paz e a unidade entre os irmãos.[13]

---

[5] STOTT, 1986, p. 44.
[6] LOPES, 2009, p. 100.
[7] LOPES, 2009, p. 101.
[8] RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 393.
[9] WIERSBE, 2006, vol. 6, p. 44.
[10] LOPES, 2009, p. 102.
[11] HAHN, Eberhard. **Carta aos Efésios**. Em Carta aos Efésios, Filipenses e Colossenses. Curitiba: Esperança, 2006, p. 77.
[12] LOPES, 2009, p. 103.
[13] FOULKES, Francis. **Efésios**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1963, p. 90.

Paciência, do grego *makrothymia*, refere-se a um estado de espírito prolongado ao máximo[14], implicando suportar pessoas provocadoras com paciência[15] e mantendo firmeza no sofrimento ou infortúnio.[16] Essa paciência é necessária para suportar os irmãos em amor, não apenas tolerando, mas servindo de amparo e suporte.[17] Ser clemente com as fraquezas dos outros, sem deixar de amá-los, é essencial para a coesão do corpo de Cristo.[18]

O amor é a última virtude, não sendo um mero sentimento, mas uma prática ativa de suporte mútuo. Wiersbe observa que muitos hoje buscam uma união superficial entre religiões, desconsiderando doutrinas em nome do amor. Contudo, Paulo destaca que a unidade cristã não pode ser dissociada do evangelho. A verdadeira unidade deve ser edificada sobre a sólida base da doutrina cristã, pois qualquer outra fundação é como construir uma casa sobre a areia.[19]

Em conclusão, a comunhão cristã, conforme Efésios 4.1-16 e a visão reformada, é vital para a Igreja, exigindo intencionalidade na preservação da unidade. As virtudes de humildade, mansidão, paciência e amor são fundamentais para esse propósito, refletindo o caráter de Cristo e promovendo uma coexistência harmoniosa entre os crentes. A unidade cristã é uma obra interna do Espírito, sustentada pelo compromisso com a verdade do evangelho, e não pode ser substituída por uma uniformidade imposta de maneira externa. Essa abordagem garante que a Igreja não apenas sobreviva, mas floresça como um corpo unido e coerente, vivendo de maneira digna do chamado de Deus.

Assim, a verdadeira comunhão cristã se manifesta na prática diária de humildade, mansidão, paciência e amor, refletindo a vida de Deus em cada crente e fortalecendo a comunidade de fé. A seguir, será analisado o propósito da comunhão.

2. O PROPÓSITO DA COMUNHÃO – 4.7-16

À luz de Efésios 4.1-16, o propósito da comunhão cristã revela-se fundamental para a edificação da Igreja, compreendida como o Corpo de Cristo. Esta comunhão é sustentada pelos dons espirituais concedidos por Deus, que têm por objetivo a união e edificação do corpo de crentes.

Segundo Lopes, os dons são habilidades dadas aos crentes para que sirvam a Deus e aos irmãos, de modo que Cristo seja glorificado e os crentes edificados.[20] Esses dons, ou *charismas*, são distribuídos a cada membro do Corpo de Cristo, conferindo a cada um uma função específica para cumprir.[21] Entretanto, é crucial entender que os dons não são brinquedos particulares para o próprio deleite daquele que o possui, mas ferramentas para o

[14] LOPES, 2009, p. 104.
[15] STOTT, 1986, p. 106.
[16] FOULKES, 1963, p. 91.
[17] LOPES, 2009, p. 104.
[18] FOULKES, 1963, p. 91.
[19] WIERSBE.2006, p. 45.
[20] LOPES, 2009, p. 107.
[21] STOTT, 1986, p.111.

serviço mútuo. Quando usados corretamente, promovem a edificação; se usados egoisticamente, podem se tornar armas de contenda, como observado na igreja de Corinto.[22]

Os dons concedidos por Cristo têm três grandes objetivos: o aperfeiçoamento dos santos, o desempenho do serviço e a edificação do Corpo de Cristo.[23] Com relação ao aperfeiçoamento dos santos, a palavra grega *katartismos*, encontrada apenas em Efésios 4.12 no Novo Testamento, implica levar os cristãos a se tornarem aptos para suas funções no corpo, sem necessariamente restaurar um estado desordenado.[24] Isso reflete o sentido de "consertar" o que está deficiente na fé dos cristãos, tornando-os capazes de cumprir seus ministérios.

No que tange ao desempenho do serviço, a palavra grega *diakonia* refere-se não a uma elite clerical, mas à vocação privilegiada de todo o povo de Deus.[25] Este conceito enfatiza que o trabalho da igreja abrange não apenas a pregação e o ensino, mas também o serviço prático.[26] Dessa forma, o apóstolo enfatiza que cada crente, independentemente de sua posição, é chamado para o ministério, contrariando a ideia de que o ministério pertence exclusivamente ao clero ou a apenas algumas pessoas tidas como especiais.

A edificação do Corpo de Cristo, o objetivo final dos dons espirituais, envolve o serviço altruísta, onde cada crente utiliza seu dom para beneficiar outros.[27] Hoehner esclarece que Cristo deu dons fundacionais à igreja com o propósito imediato de preparar todos os santos para o serviço, com o objetivo final de edificar a totalidade do Corpo de Cristo. À medida que cada crente atua conforme o dom recebido, o corpo da igreja é edificado.

> Concluindo, então, Cristo deu dons fundacionais à igreja com o propósito imediato de preparar todos os santos para o serviço, que tem, por sua vez, o objetivo final de edificar a totalidade do corpo de Cristo. À medida que cada crente atua com o dom dado a cada um, o corpo de Cristo, a igreja, será edificado. Os dons nunca são para a edificação de si mesmo, mas para a edificação da totalidade do corpo de crentes. O conceito de que o ministério pertence ao clero é estranho a essa passagem, porque cada santo recebe um dom (v. 7) e cada santo está envolvido no ministério. As pessoas com dons alistados não devem ser consideradas oficiais da igreja, mas sim pessoas com dons fundacionais. Apóstolos e evangelistas precisam proclamar a mensagem e estabelecer igrejas. Profetas e pastores-mestres precisam informar e instruir os crentes. Mas a obra do ministério não para aí – continua à medida que essas pessoas com dons preparam todos os santos para a obra do ministério com o objetivo último de edificar o corpo de Cristo.[28]

Portanto, o conceito de ministério pertencente apenas ao clero é estranho a esta passagem bíblica, pois cada santo recebe um dom (v. 7) e cada santo está envolvido no

[22] LOPES, 2009, p. 107.
[23] LOPES, 2009, p. 110-111.
[24] FOULKES, 1963, p. 99-100.
[25] STOTT, 1986, p. 120.
[26] BARCLAY, William. **Gálatas y Efésios**. Buenos Aires: La Aurora, 1973, p. 156.
[27] STOTT, 1986, p. 121.
[28] HOEHNER, Harold W. **Efésios**: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2023, p. 613-614.

ministério. As pessoas com dons específicos, como apóstolos, evangelistas, profetas e pastores-mestres, têm a função de preparar os santos para o serviço do ministério. A obra do ministério continua à medida que todos os crentes são equipados e mobilizados para edificar o corpo de Cristo.

Em conclusão, a comunhão cristã, baseada nos princípios de Efésios 4.1-16, é intrinsecamente ligada ao uso dos dons espirituais para o aperfeiçoamento, serviço e edificação da Igreja. A verdadeira unidade e crescimento do Corpo de Cristo dependem do engajamento ativo e altruísta de cada crente, refletindo a diversidade e a riqueza dos dons concedidos por Cristo para a glória de Deus e a edificação mútua. Diante de tudo o que foi exposto e analisado, passe-se, agora, a uma análise dos desigrejados.

3. OS DESIGREJADOS

Nas últimas décadas, tem crescido significativamente o número de indivíduos que se identificam como evangélicos, mas que não pertencem a nenhuma comunidade específica. Estes indivíduos, denominados "desigrejados", optam por viver de igreja em igreja ou preferem servir a Deus em ambientes privados, como em casa, entre amigos ou por meio de recursos midiáticos.[29] Tal fenômeno apresenta uma série de motivações e implica desafios profundos para a compreensão da eclesiologia cristã reformada.

As motivações para o surgimento dos desigrejados são variadas. Algumas possuem fundamentos plausíveis, enquanto outras refletem uma fuga do desafio comunitário de ser igreja e do compromisso cristão de ser discípulo.[30] Entre as razões justificáveis, destaca-se a postura de alguns pastores, cuja forma de tratar ou ignorar o rebanho, ou mesmo a administração da igreja com interesses pessoais, têm levado membros à evasão.[31] Além disso, uma espiritualidade pós-moderna que busca alternativas à dogmatização e institucionalização das igrejas tem ganhado espaço, onde o místico e o experiencial substituem o doutrinário e o ritual.[32]

Outro fator relevante é a midiatização da sociedade. Muitos crentes, diante do fácil acesso a conteúdo religioso pela televisão, rádio ou internet, preferem consumir esses recursos na comodidade de seus lares a frequentar regularmente uma igreja. Essa prática, embora facilite o acesso à pregação do evangelho, resulta na diminuição da interação interpessoal e do compromisso comunitário essencial para a vida eclesial.[33]

As Escrituras enfatizam que a Igreja é uma comunidade concreta, local e material. Segundo José Comblin, "a igreja nunca será uma entidade puramente celestial ou abstrata.

[29] OLIVEIRA, Francisco Alves. O desafio comunitário de *ser igreja* e a busca da reversão do êxodo eclesial. **Revista Via Teológica**, Curitiba, v. 23, n. 45, p. 178-211, jun. 2022, p. 180.

[30] OLIVEIRA, 2022, p. 180.

[31] OLIVEIRA, 2022, p. 180.

[32] GONÇALVES, Alonso. Uma espiritualidade sem igreja: a emancipação institucional e o surgimento de novas experiências religiosas. **Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura**. Edição nº 45. Ano X. Janeiro/Fevereiro/Março de 2014, p. 8-10.

[33] OLIVEIRA, 2022, p. 189; BUENO, Sérgio Henrique de Siqueira. As igrejas midiáticas e o aumento dos sem-igreja. **Vox Faifae**: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA, Vol. 5, n° 2, 2013, p. 8.

Quem pensa na igreja, pensa imediatamente e em primeiro lugar na comunidade concreta".[34] A Igreja é entendida como uma assembleia de crentes reunidos para adorar a Deus e aprender dele, não apenas como uma entidade espiritual, mas como uma comunidade real e tangível.

A compreensão da Igreja como comunidade concreta não elimina a necessidade de examinar criticamente as circunstâncias que levam algumas pessoas a se afastarem de uma congregação local. Se, por um lado, Efésios 4.1-16 destaca a unidade, o serviço e a edificação mútua como elementos fundamentais da vida eclesial, por outro, esses princípios também desafiam a própria comunidade a cultivar relações marcadas pelo amor, pela humildade e pelo cuidado recíproco. Assim, a reflexão sobre os desigrejados não deve se limitar à identificação dos motivos do afastamento, mas também considerar a responsabilidade da Igreja em promover uma comunhão coerente com os princípios do evangelho.

> A palavra "igreja", traduzida para o grego por "ἐκκλησία (ekklesia)", originária de "ἐκκαλέω (ek-kaleó)" com o significado etimológico de "os chamados para fora", tem o mesmo sentido de "קהל (qáhál)", e "עהד (ʻédâh)" do hebraico, que corresponde a uma assembleia, congregação, comunidade, povo, público. Com exceção das cinco ocorrências em que ekklesia não está relacionada a uma reunião de cristãos (At 7.38; 19.32,39,41; Hb 2.12), a palavra aparece mais 110 vezes no Novo Testamento, traduzida para o Português por "igreja", ou "igrejas", referindo-se ao grupo dos seguidores de Cristo.[35]

Na teologia sistemática, o estudo da igreja (Eclesiologia) vem logo após a soteriologia e a pneumatologia, indicando que as pessoas salvas por Cristo formam a Igreja e nela devem viver. Portanto, a Igreja não é apenas um local físico, mas uma congregação de pessoas reconciliadas com Deus mediante a obra salvífica de Cristo.[36]

O apóstolo Paulo em sua carta aos Efésios aponta que os dons espirituais são concedidos por Deus para a união e edificação da Igreja. Eles são habilidades dadas aos crentes para que sirvam a Deus e aos irmãos, glorificando a Cristo e edificando os crentes.[37] Stott ressalta que cada membro do Corpo de Cristo possui um dom específico para exercer uma função no corpo.[38] Esses dons não são para uso pessoal, mas para a edificação mútua.[39]

Os dons têm três grandes objetivos: aperfeiçoamento dos santos, desempenho do serviço e edificação do Corpo de Cristo.[40] O aperfeiçoamento dos santos envolve a preparação dos crentes para suas funções no corpo, enquanto o desempenho do serviço, *diakonia*, é a vocação de todo o povo de Deus.[41] A edificação do Corpo de Cristo implica o uso altruísta dos

[34] COMBLIN, José. **O Espírito Santo e a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 106.
[35] OLIVEIRA, 2022, p. 183-184.
[36] DUSING, Michael L. In: **Teologia sistemática**: uma perspectiva Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 537-538.
[37] LOPES, 2009, p. 107.
[38] STOTT, 1986, p. 111.
[39] LOPES, 2009, p. 107.
[40] LOPES, 2009, p. 110-111.
[41] STOTT, 1986, p. 120.

dons para servir aos outros.[42] Hoehner destaca que os dons são dados para preparar todos os santos para o ministério, com o objetivo final de edificar a Igreja como um todo.[43]

A comunhão na vida cristã é essencial para a plena expressão da fé. A prática da comunhão implica viver em comunidade, partilhando dons e servindo uns aos outros. A visão reformada sustenta que a vida cristã não pode ser plenamente vivida de forma isolada ou apenas por meio de recursos midiáticos. A comunhão física e espiritual na comunidade local é indispensável para o crescimento e a maturidade dos crentes.

Assim, o fenômeno dos desigrejados desafia a compreensão tradicional da Igreja como uma comunidade concreta e local e se apresenta como um dos grandes desafios da contemporaneidade a ser enfrentado bíblica e adequadamente pelos crentes. Embora existam razões legítimas para a evasão de membros, é fundamental que os crentes compreendam a importância da comunhão e da participação ativa na vida da Igreja. As Escrituras enfatizam a necessidade de uma comunidade tangível, onde os dons espirituais são usados para a edificação mútua, e a verdadeira adoração e aprendizado de Deus ocorrem. Portanto, a Igreja deve buscar maneiras de acolher e integrar os desigrejados, reafirmando a centralidade da comunhão cristã na vida de fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da importância da comunhão cristã, à luz de Efésios 4.1-16, revela a profundidade e a riqueza do conceito de Igreja como um corpo orgânico e interdependente. A unidade cristã, conforme descrita pelo apóstolo Paulo, não é uma mera uniformidade externa, mas uma unidade espiritual e interna, que se manifesta através da vivência das virtudes cristãs de humildade, mansidão, paciência e amor. Esta unidade deve ser preservada com intencionalidade e dedicação, refletindo a graça de Cristo que habita no crente.

Os dons espirituais desempenham um papel crucial na edificação do Corpo de Cristo. Eles são concedidos não para o deleite pessoal, mas para o serviço mútuo e a edificação da comunidade de crentes. Este entendimento sublinha a importância de uma eclesiologia que valoriza a participação ativa de cada membro da Igreja, desafiando a noção de que o ministério é exclusivo do clero. A Igreja é, portanto, uma comunidade onde cada crente tem uma função vital para o crescimento e fortalecimento do corpo como um todo.

Contudo, o fenômeno dos "desigrejados" apresenta um desafio contemporâneo significativo para a Igreja. A crescente tendência de crentes que optam por viver sua fé de forma isolada ou por meio de recursos midiáticos, sem compromisso com uma comunidade local, demanda uma reflexão crítica. Este comportamento, embora compreensível em alguns contextos, contrasta com a visão bíblica de uma Igreja comunitária e concreta. A comunhão e a participação ativa na vida eclesial são essenciais para a maturidade espiritual e o cumprimento da missão cristã.

[42] STOTT, 1986, p. 121.
[43] HOEHNER, 2023, p. 613-614.

Portanto, é imperativo que a Igreja busque formas de acolher e reintegrar os desigrejados, reafirmando a importância da comunidade cristã. A Igreja deve ser um lugar de acolhimento, edificação e serviço mútuo, onde cada crente encontra seu lugar e exerce seus dons para a glória de Deus e o benefício do corpo de Cristo. Este compromisso com a comunhão e a edificação mútua não só fortalece a Igreja, mas também testemunha ao mundo a realidade do amor de Cristo em ação.

Em conclusão, a visão bíblica de comunhão e unidade na Igreja, fundamentada nos ensinamentos de Efésios 4.1-16, oferece uma resposta robusta aos desafios contemporâneos apresentados pelos desigrejados. Através da prática intencional das virtudes cristãs e do uso altruísta dos dons espirituais, a Igreja pode continuar a crescer como um corpo saudável e vibrante, refletindo a glória de Deus e cumprindo sua missão no mundo.

REFERÊNCIAS

BARCLAY, William. **Gálatas y Efésios**. Buenos Aires: La Aurora, 1973.

BOMILCAR, Nelson. **Os sem-igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

BUENO, Sérgio Henrique de Siqueira. As igrejas midiáticas e o aumento dos sem-igreja. **Vox Faifae**: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA, Vol. 5, n° 2, 2013.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo e a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1988.

DUSING, Michael L. In: **Teologia Sistemática**: uma perspectiva Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

FOULKES, Francis. **Efésios**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1963.

GONÇALVES, Alonso. Uma espiritualidade sem igreja: a emancipação institucional e o surgimento de novas experiências religiosas. **Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura**. Edição nº 45. Ano X. Janeiro/Fevereiro/Março de 2014.

HAHN, Eberhard. **Carta aos Efésios**. Em Carta aos Efésios, Filipenses e Colossenses. Curitiba: Esperança, 2006.

HOEHNER, Harold W. **Efésios**: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2023.

LOPES, Hernandes Dias. **Efésios**: igreja, a noiva gloriosa de Cristo. São Paulo: Hagnos, 2009.

OLIVEIRA, Francisco Alves. O desafio comunitário de *ser igreja* e a busca da reversão do êxodo eclesial. **Revista Via Teológica**, Curitiba, v. 23, n. 45, p. 178-211, jun. 2022.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. São Paulo: Vida Nova, 1985.

STOTT, John. **A mensagem de Efésios**. São Paulo: ABU, 1986.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**. Vol. 6. São André: Geográfica, 2006.

Este artigo é parte integrante do Vol. 11 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2025 ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.007

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

CRISTOLOGIA DE MICHELANGELO: REFLEXÕES SOBRE AS PINTURAS DA CAPELA SISTINA

Michelangelo's Christology: reflections on the Sistine Chapel paintings

Bernardo Stollmeier Kuss[1]

RESUMO

O presente artigo examina a obra de Michelangelo Buonarroti, especialmente as pinturas do teto da Capela Sistina, sob um ponto de vista artístico e teológico. O objetivo é entender a intenção do artista na composição dessas obras. A partir de fontes acadêmicas sobre arte, história e teologia, pôde-se constatar como as tensões internas de Michelangelo – como sua busca por agradar a Deus, o temor do juízo final e admiração pelo padrão greco-romano de beleza - são transmitidas ao observador em sua obra. Concluiu-se que o objetivo de Michelangelo foi conduzir o observador à admiração e à submissão diante da glória de Deus. O estudo também apresenta o contexto renascentista e as tensões religiosas e culturais que marcaram a trajetória do artista, descreve a organização das pinturas do teto e examina possíveis relações entre as cenas centrais, a Trindade e o Juízo Final. À luz da interpretação de John Dixon Jr., a análise considera que o conjunto das imagens pode ser compreendido como um convite à contemplação de Cristo, à reflexão sobre a condição humana e à reconciliação com Deus.

Palavras-chave: Michelangelo. Capela Sistina. Cristologia. Renascimento.

ABSTRACT

The present research examines the work of Michelangelo Buonarroti, especially the ceiling paintings of the Sistine Chapell, from an artistic and theological point of view. The objective is to understand the artist's intention in composing these works. Based on academic sources in art, history and theology, it was possible to observe how

[1] Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Mestrando em Estudos Teológicos pelo Southwestern Baptist Theological Seminary/EUA. ORCID: https://orcid.org/0009-0007-1360-1162. E-mail: bernkuss@hotmail.com

Michelangelo's internal tensions – such as his desire to please God, his fear of the final judgement and his admiration for the Greco-Roman beauty pattern – are conveyed to the observer through his work. The conclusion drawn was that Michelangelo's aim was to conduct the observer to admiration and submission before the glory of God. The study also presents the Renaissance context and the religious and cultural tensions that shaped the artist's life, describes the arrangement of the ceiling paintings, and examines possible connections between the central scenes, the Trinity, and the Last Judgment. In light of John Dixon Jr.'s interpretation, the analysis considers the ensemble of images as a possible invitation to contemplate Christ, reflect on the human condition, and seek reconciliation with God.

Keywords: Michelangelo. Sistine Chapell. Christology. Renaissance.

INTRODUÇÃO

O teto da Capela Sistina é decorado de forma surreal. Suas pinturas somam cerca de "um quilometro quadrado, com cerca de trezentas figuras humanas, paisagens e ainda muitos quilômetros lineares de detalhes arquitetônicos".[2] Não é exagero alistar esse trabalho de Michelangelo como uma de suas obras-primas. Diante de tamanha complexidade, pode-se questionar: qual foi seu objetivo com essa obra? Por certo, Michelangelo não compôs aleatoriamente. Por que, então, ele arranjou os personagens e histórias bíblicas da forma que o fez? Há alguma mensagem a ser compreendida através das pinturas de Michelangelo na Capela Sistina?

John Dixon Jr., em seu artigo *"ignudi: The Sistine Chapel"*[3], oferece uma contribuição muito importante sobre o tema. Para Dixon, o objetivo de Michelangelo é levar o observador a reaproximar-se de Deus e adorar ao Cristo ressurreto. Assim, a presente pesquisa expõe brevemente o contexto do Renascimento e a organização das pinturas do teto da Capela e propõe algumas possíveis interpretações delas, especialmente à luz do trabalho de Dixon.

A época áurea de Michelangelo foi o Renascimento, período entre os séculos XV e XVI caracterizado por um resgate da cultura clássica greco-romana. "O Renascimento teve [no Norte da] Itália sua origem e sua melhor expressão"[4], precisamente onde Michelangelo nasceu e atuou por muito tempo. Esse período foi marcado por tensões políticas e intelectuais, refletidas diretamente no pensamento de Michelangelo.

A Igreja estava em seu auge, influenciando fortemente a cultura, ordem social e arte com ideias teológicas,[5] afirmando a soberania de Deus sobretudo. Enquanto isso, o ideal greco-romano valorizava o homem como capaz de modificar a natureza, o mundo e moldar seu

[2] BULL, Malcolm. "The Iconography of the Sistine Chapel Ceiling." ***The Burlington Magazine***, vol. 130, no. 1025, 1988, p. 4. JSTOR, http://www.jstor.org/stable/883597. Acesso em 14 fev. 2025.

[3] DIXON, John W. "The Christology of Michelangelo: The Sistine Chapel." ***Journal of the American Academy of Religion***, vol. 55, no. 3, 1987, pp. 503–33. Disponível em http://www.jstor.org/stable/1464068. Acesso em 14 fev. 2025.

[4] GONZÁLEZ, Justo. **E até os confins da terra**: uma história ilustrada do cristianismo**.** Vol. 5: A era dos sonhos frustrados. Traduzido por Hans U. Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 136.

[5] KUSS, Letícia Caroline Mantelli. **Ao resgate da arte**: Em busca de uma nova significância da arte para o cristianismo brasileiro", p. 23-25. Repositório da Faculdade Batista Pioneira. Disponível em https://www.batistapioneira.edu.br/repositorio-institucional/. Acesso em 14 fev. 2025.

destino. No meio desse conflito, Michelangelo tem seu estilo profundamente marcado pelo embate entre agradar a Deus, lutando contra o pecado ao mesmo tempo que almejava expor a beleza humana nos corpos nus que esculpia e pintava. Muito mais afeiçoado à escultura do que à pintura, Michelangelo esculpia desde antes os 15 anos de idade. Iniciou seus conhecimentos de anatomia através da galeria de esculturas dos Médici, e os aprofundou dissecando cadáveres e fazendo anotações em um livreto, o que possibilitou a meticulosidade com que representava os corpos e movimentos humanos em seus trabalhos.[6] Mal sabia ele que, após o convite feito pelo papa Júlio II, seria justamente a pintura do teto da Capela Sistina que consagraria Michelangelo como um dos maiores artistas da história.

Diante disso, este artigo tem como objetivo investigar a mensagem teológica e os possíveis significados cristológicos das pinturas do teto da Capela Sistina, considerando o contexto renascentista e as tensões religiosas e culturais que marcaram a trajetória de Michelangelo. Inicialmente, serão abordados aspectos do Renascimento, a relação entre arte e religiosidade, as circunstâncias que envolveram a encomenda da obra e a organização das imagens que compõem o teto. Em seguida, serão examinadas possíveis relações entre as cenas centrais e as pessoas da Trindade, a conexão entre as pinturas do teto e o *Juízo Final* e a interpretação de John Dixon Jr. sobre a centralidade de Cristo no conjunto artístico. Por fim, busca-se compreender como a composição das pinturas expressa as tensões entre a fé cristã e o ideal greco-romano de beleza e de que maneira pode conduzir o observador à contemplação de Cristo, à reflexão sobre a condição humana e à reconciliação com Deus.

1. MICHELANGELO E O TETO DA CAPELA SISTINA

Michelangelo foi um artista profundamente influenciado por seu contexto. Assim, para compreender sua obra, é vital entender o período em que ele viveu. Ao sair da Idade Média, a Europa experimentava um tempo de agitação e transformações artísticas, políticas e teológicas. Influenciados por mudanças políticas, no campo artístico, florescia o Renascimento; no campo teológico, surgiam novos posicionamentos, como as pregações de Girolamo Savonarola. As tensões geradas por essas mudanças marcaram a visão de mundo do artista e ajudam a explicar a organização das pinturas do teto da Capela Sistina.

Esta seção será organizada em três momentos complementares. No subitem 1.1 serão apresentados aspectos do Renascimento e sua relação com a arte sacra; em seguida, no subitem 1.2 serão abordadas as pregações de Girolamo Savonarola e as tensões religiosas, políticas e culturais que marcaram o período e a trajetória de Michelangelo. Por fim, no subitem 1.3 será descrito a organização das pinturas do teto da Capela Sistina, identificando as principais cenas e figuras que compõem o conjunto.

[6] FOLHA DE SÃO PAULO (org.). **Coleção Folha Grandes Mestres da Pintura**. Vol. 9: Michelangelo. Barueri: Sol 90. 2007, p. 6, 7, 15.

1.1 Renascimento e arte sacra

Antes do Renascimento, na Idade Média, a arte tinha por objetivo a liturgia visual, e não apenas o embelezamento dos espaços. Visto que a maioria dos fiéis não podia ler a Bíblia, ela era ensinada através das imagens nas igrejas. Já no Renascimento, houve uma mudança nesse pensamento. Com o predomínio do pensamento Humanista, o ser humano e a natureza passaram a ocupar papéis centrais, em oposição ao divino e teológico. "Sob essa influência, os artistas da época expressavam em sua arte a racionalidade e a dignidade do homem"[7] sem, no entanto, perder a dimensão do divino. Não é o caso de que no medievo a beleza da criação tenha sido esquecida, para então ser resgatada no Renascimento, afirma González. Para ele, influenciado pela arte clássica, o Renascimento resgatou a ênfase e admiração à beleza do corpo humano.[8] Nesse período, o pintor passou "a ser visto como gênio criador", em contraste com o pensamento até então, que fixava apenas a Deus como Criador[9], permitindo que o artista produzisse mais livremente, assumindo para si o protagonismo na criação das suas obras.[10]

A Florença renascentista, da época de Michelangelo, era uma das cidades em que a aristocracia enfrentava séria oposição do movimento republicano, gerando revoluções e conflitos armados constantes. Entre o final do século XIV e início do XV, Florença também era um dos centros de comércio e produção na Itália, juntamente com Veneza, Gênova e Milão. Isso proporcionou um ambiente econômica e intelectualmente propício para a busca pelos valores clássicos da Grécia e Roma. Nessa época, se destacava a figura dos mecenas, pessoas ricas que bancavam diversos artistas e suas produções. Esses mecenas, diferente da Igreja, custeavam as artes para seus próprios fins, em vez de apenas para a glória de Deus, fazendo com que os ideais de beleza clássica fossem ainda mais fortalecidos.[11]

Ainda assim, por maior que tenha sido a influência e a base pagãs do Renascimento, esse movimento nunca foi anticristão. Pelo contrário, ele gerou uma renovação da sensibilidade religiosa e da necessidade individual do contato com Deus.[12] De certa forma, os renascentistas uniram o ideal greco-romano de beleza às representações sacras. Portanto, o movimento que aconteceu na arte Renascentista parece ser de soma e tensão: maior autonomia dos artistas, bancados pelos mecenas e motivados pelo humanismo, ao mesmo tempo que a Igreja se mantinha muito influente e poderosa. Muitas vozes se levantaram contra isso, como a de Girolamo Savonarola.

---

[7] KUSS, 2021, p. 25-26.

[8] GONZÁLEZ, v. 5, 2007, p. 144.

[9] BOTTON, Flavio Felicio. "Michelangelo: Capela Sistina, *ut pictura poesis* e a condição social do pintor na renascença." **Darandina Revisteletrônica***,* vol. 2, no. 3, s.d. https://periodicos.ufjf.br/index.php/darandina/issue/download/1714/602. Acesso em 26 fev. 2025. [s.d.], sec. Conclusão.

[10] KUSS, 2021, p. 26.

[11] GONZÁLEZ, v. 5, 2007, p. 137, 146.

[12] BERRIEL, Marina Jorge. **Tradução comentada da obra Vida de Michelangelo Buonarroti, escrita por Ascanio Condivi.** Campinas: [s. n.], 2008, p. 16.

1.2 Pregação de Savonarola e tensões do período

Michelangelo Buonarroti nasceu em 6 de março de 1475, filho de um funcionário público e cresceu em Florença, uma das cidades principais do Renascimento. Foi conhecido por representar em suas obras a *terribilità*, que é a tensão dramática, a intensidade emocional e o vigor físico que o artista conferia às figuras. Demonstrava grande capacidade e independência de ideias, mesmo quando ainda era discípulo do artista Ghirlandaio. Michelangelo constantemente alterava a seu gosto as linhas que seu mestre traçava, manifestando seu gênio pessoal e caráter antissocial e solitário. Nunca aceitava os que tentavam aproximar-se dele, dizendo que não precisava de amigos nem os queria.[13] Essa capacidade e independência foram características marcantes em toda sua trajetória artística, destacando-o numa época de efervescência nas artes

Muito mais afeiçoado à escultura do que à pintura, Michelangelo esculpia desde antes os 15 anos de idade. Iniciou seus conhecimentos de anatomia através da galeria de esculturas dos Médici, e os aprofundou dissecando cadáveres e fazendo anotações em um livreto, o que possibilitou a meticulosidade com que representava os corpos e movimentos humanos em seus trabalhos.[14] Mal sabia ele que, após o convite feito pelo papa Júlio II, seria justamente a pintura do teto da Capela Sistina que consagraria Michelangelo como um dos maiores artistas da história.

Não há dúvidas de que Michelangelo viveu em uma época de tensão no religioso, político e cultural, as quais o afetaram pessoalmente.[15] Nos dias de Michelangelo, viveu o monge dominicano Girolamo Savonarola, que passou a pregar fervorosamente contra a devassidão em que a Igreja vivia, bem como os governantes e poderosos da época, inclusive o papa,[16] e afirmava que a igreja passaria por uma forte tribulação, antes que fosse recomposta.[17] As pregações de Savonarola

> perturbavam Michelangelo, porque despertavam o conflito entre fé e conhecimento e a contradição entre dever e prazer, corpo e espírito. Atormentado por essas questões, Michelangelo se perguntava se a beleza seria pecado, se os sentidos trabalhavam contra o espírito divino e se [...] a arte deveria evitar a exibição plena do corpo humano.[18]

Michelangelo havia sido formado como artista ao redor de um busto iluminado de Platão, evocando o ideal que centralizava o homem, na corte de Lorenzo de Médici.[19] As trovejantes palavras do dominicano levaram a um profundo questionamento do ideal platônico de beleza carnal, em tensão com a arte sacra, o que o deixou em crise até o fim da vida. Inclusive, vários anos depois de pintar o teto da Capela, é possível que a visão de

[13] Folha de São Paulo (org.). **Coleção Folha Grandes Mestres da Pintura**. Vol. 9: Michelangelo. Barueri: Sol 90, 2007, p. 13, 14, 21.
[14] FOLHA, 2007, p. 6, 7, 15.
[15] FOLHA, 2007, p. 38.
[16] FOLHA, 1007, p. 17.
[17] GONZÁLEZ, v. 5, 2007, p. 158.
[18] FOLHA, 2007, p. 17.
[19] FOLHA, 2007, p. 15.

Michelangelo ecoasse as pregações de Savonarola, ouvidas por ele em sua juventude, quando projetou o "Juízo Final".[20]

Diante disso, pode-se começar a ter uma noção do que se esperar da obra de Michelangelo. Enquanto o padrão de beleza dos corpos e das musas gregas atraíam sua admiração, ao mesmo tempo o temor a Deus e, mais especialmente à Igreja e à condenação eterna arrastavam seu pensamento. Ambas as influências foram determinantes para a obra do artista. Antes de possíveis interpretações, no entanto, é necessário entender a organização geral das obras de Michelangelo no teto da Capela.

1.3 Organização das pinturas do teto

A Capela Sistina se situa no Palácio do Vaticano, e foi construída entre 1475 e 1481.[21] Ela é um pequeno e íntimo espaço para culto[22] e foi chamada de Sistina já que o papa Sisto IV foi o mecenas que encomendou sua construção[23] com o objetivo de ser a capela pessoal do papa. Exteriormente, seu formato lembra o de um forte, simbolizando a necessidade de se guardar a autoridade da igreja.[24]

O sobrinho de Sisto IV, Juliano della Rovere, foi também seu sucessor no papado. Fora nomeado cardeal por seu tio, e, como papa, nomeou-se Júlio II. Essa escolha foi em homenagem a Júlio César, o qual Júlio imitou não só no nome, mas na atitude belicosa. González observa que "a ocupação favorita de Júlio II foi a guerra"[25], a ponto de ele ficar conhecido como "o papa guerreiro", atuando de forma a aumentar e consolidar os domínios da Igreja, especialmente na região da Itália.[26]

Em 1508 foi que Júlio II encomendou do artista a decoração do teto da capela Sistina. Michelangelo quase recusou a oferta, visto que considerava pintura uma arte inferior à escultura. No entanto, o papa o convenceu a realizar uma de suas obras-primas, a qual levou mais de 4 anos para ser terminada.[27] Michelangelo pintou os murais da Capela Sistina usando a técnica do afresco, que consiste em utilizar pigmentos à base de água para pintar sobre gesso ou reboco recém aplicado. Essa técnica é ideal pela sua durabilidade e efeito fosco,[28] permitindo sua manutenção em detalhes até os dias de hoje.

A relação de Júlio II com Michelangelo foi conturbada. Após Michelangelo trabalhar em esculturas para o papa por longo tempo sem receber pagamento, o artista cobrou o pontífice

[20] QUIRICO, Tamara Carneiro. **O Juízo Final de Michelangelo**: questões iconográficas e a polemica do *cinquecento* sobre o afresco sistino. Campinas: UNICAMP, 2003, p. 106. https://hdl.handle.net/20.500.12733/1593346. Acesso em 14 fev. 2025.

[21] FOLHA, 2007, p. 46.

[22] The Editors of Encyclopaedia Britannica. "chapel". ***Encyclopedia Britannica***, January 30, 2025. https://www.britannica.com/topic/chapel. Acesso em 26 fev. 2025.

[23] GONZÁLEZ, v. 5, 2007, p. 150.

[24] DIXON, 1987, p. 504.

[25] GONZÁLEZ, v. 5, 2007, p. 151.

[26] FOLHA, 2007, p. 24.

[27] FOLHA, 2007, p. 25.

[28] The Editors of Encyclopaedia Britannica. "fresco." ***Encyclopedia Britannica***, January 30, 2025. https://www.britannica.com/art/fresco-painting. Acesso em 26 fev. 2025.

várias vezes, sendo ignorado e indo embora de Roma, em seguida. Isso poderia tê-lo levado à prisão, tendo em vista o poder papal. Mais tarde, Michelangelo retornou a Roma e teve de pedir perdão ao pontífice, sendo contratado novamente. No processo de pintura, Michelangelo demonstrou outra vez mais seu gênio difícil. Tendo despedido todos os auxiliares, pintava sozinho, deitado em andaimes, isolado de estranhos. O papa constantemente o cobrava do andamento da obra, e Michelangelo discutia com ele, ficando muito tempo sem remuneração.[29] Mesmo em meio a tamanhos percalços, o artista foi capaz de dar seguimento e fim à sua obra. Através de profundo conhecimento bíblico e filosófico, e sem usar palavras, Michelangelo faz com que o visitante da Capela seja direcionado a Cristo. Sua obra na Capela Sistina é muito mais do que decoração, "[nem] deve ser admirada como arte", como pontua Dixon.[30] Ela é, antes de mais nada, um convite à admiração e adoração a Deus.

O teto da capela Sistina é decorado com um misto de história cristã e pagã. Expressando seu pensamento complexo e heterogêneo, Michelangelo uniu cenas bíblicas, imagens das sibilas, que eram profetisas da mitologia greco-romana, profetas do Antigo Testamento e os *ignudi*, figuras masculinas nuas que representavam o ideal de beleza do corpo, buscado pelo artista.[31] Além das figuras humanas, compõem o teto paisagens e detalhes arquitetônicos pintados, como colunas e fachadas. Tamanha gama de figuras ocupa por volta de mil metros quadrados de pinturas, divididos em aproximadamente 175 cenas visuais.[32] Para melhor compreensão da seguinte explicação, o leitor fará bem em acompanhar o seguinte quadro,[33] junto da leitura.



Figura 1 – Diagrama sobreposto do teto da Capela Sistina.

Fonte: WIKIMEDIA COMMONS. Sistine Chapel ceiling diagram overlay composite. [S.d.]. Imagem. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sistine_Chapel_ceiling_diagram_overlay_composite.png. Acesso em: 26 abr. 2025.

[29] FOLHA, 2007, p. 25,27.
[30] DIXON, 1987, p. 527.
[31] FOLHA, 2007, p. 27.
[32] BULL, 1988, p. 4, 1.
[33] Cf. também quadro disponibilizado por BULL, 1987, p. 1.

Após a encomenda em 1508, Michelangelo levou um ano apenas para planejar e preparar os esboços da pintura. O artista seguia a ideia do *horror vacui* (horror ao vazio), portanto planejou preencher totalmente a abóbada da capela. A parte central da abóbada foi dividida em nove seções semelhantes. Nessa parte, Michelangelo retratou nove histórias de Gênesis, agrupadas de três em três. Cinco dessas cenas são ladeadas por *ignudi*, que seguram medalhões como que bronze, representando histórias dos livros de Reis. As cenas de Gênesis pintadas na seção central são: A separação da luz e das trevas, A criação do sol e da lua, A separação das águas e da terra, A criação de Adão, A criação de Eva, O pecado original, O sacrifício de Noé, O dilúvio e A embriaguez de Noé.[34] Sobre essas nove cenas, Dixon é da opinião de que "a espinha dorsal do teto é a série de pinturas, alternadas entre grandes e pequenas, que estão no centro. A série começa acima do altar com 'a separação entre Luz e Trevas'[...]. Ela segue através dos vários estágios da criação, da queda, do dilúvio e termina acima da porta [de entrada da Capela] com 'A Embriaguez de Noé'".[35]

As laterais da abóbada são compostas por seções triangulares e seções semicirculares, chamadas "lunetas" (espaços semicirculares ou oval na arquitetura das paredes[36]). Entre cada um dos triângulos Michelangelo retratou profetas bíblicos e sibilas, intercaladamente. Aos lados dos tronos dos profetas e das sibilas há pares de *putti*[37] "em poses ativas, mas pintados como se fossem esculturas. Ao lado desses *putti* há figuras masculinas nuas em cor de bronze, em várias poses e sem indicação de identificação ou função".[38]

Dentro dos triângulos estão representados vários antepassados de Cristo. Há ainda quatro seções triangulares maiores, nos cantos da abóbada, nas quais estão pintadas quatro cenas heroicas do Antigo Testamento, a saber: Judite e Holofernes (do livro apócrifo de Judite), Davi e Golias, A serpente de bronze e O suplício de Aman,[39] as quais são "tradicionalmente consideradas tipos de Cristo".[40]

Diante dessa monumental composição, pode-se perceber ainda mais claramente que tudo está ali por uma razão. Sejam os antepassados de Cristo, sejam os profetas e sibilas que o prenunciaram, seja cada uma das histórias retratadas: todas foram cuidadosamente escolhidas por Michelangelo. A dúvida que fica é: qual foi seu objetivo? Para que essas imagens apontam?

O contexto histórico, religioso e artístico apresentado permite compreender que a composição da Capela Sistina foi produzida em meio a diferentes influências e tensões que marcaram a trajetória de Michelangelo. A organização das cenas, a presença de personagens bíblicos e de figuras da tradição greco-romana e a relação entre o teto e o Juízo Final oferecem

[34] FOLHA, 2007, p. 42.
[35] DIXON, 1987, p. 505.
[36] Editores do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, "luneta". **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [online], 2008-2021, https://dicionario.priberam.org/chave. Acesso em 26 abr. 2025.
[37] *Putti:* "meninos", em italiano arcaico. Figuras decorativas comuns em obras do fim do Renascentismo e barrocas, que representavam meninos robustos e nus. putti, in the Glossary of the Web gallery of Art. https://www.wga.hu/support/mobile/glossar4.html#p. Acesso em 26 abr. 2025.
[38] DIXON, 1987, p. 505.
[39] FOLHA, 2007, p. 42-44.
[40] DIXON, 1987, p. 506.

elementos para investigar o sentido teológico desse conjunto. A partir dessa base, torna-se possível examinar mais diretamente a cristologia presente nas pinturas e compreender como elas podem ser interpretadas em relação à Trindade, ao juízo divino e à centralidade de Cristo.

2. A CRISTOLOGIA NAS PINTURAS DE MICHELANGELO

Observando, ainda que brevemente, as 175 cenas visuais compostas por Michelangelo no teto da Capela, em toda sua complexidade e detalhes, é muito difícil imaginar que elas foram escolhidas aleatoriamente. Antes, fica muito forte a impressão de que o artista tinha algo a comunicar com sua composição.

A análise dos subitens que seguem será desenvolvida em três etapas. No subitem 2.1 examinar-se-á a possível relação entre as cenas centrais do teto e as pessoas da Trindade; no subitem 2.2 considerar-se-á a conexão entre as pinturas da abóbada e o Juízo Final; por fim, no subitem 2.3 apresentar-se-á a interpretação de John Dixon Jr. e analisar-se-á como a organização das imagens pode ser compreendida a partir da centralidade de Cristo.

2.1 Referências à Trindade nas cenas do teto da Capela

Botton expõe a ideia de que a pintura é como uma poesia muda, uma narrativa adaptada. Em outras palavras, o pintor conta uma história com sua obra. Para tanto, o pintor precisava conhecer as "convenções de representação, os gestos indicativos de personagens, os símbolos que as representavam e todos os outros elementos necessários para a 'transposição' da história escolhida". O domínio desse conhecimento transformava o pintor em um intelectual humanista, muito mais do que um artesão.[41] Por mais que Dixon discorde de que Michelangelo era um intelectual que teria ocultado significados secretos ou profundos em suas obras[42], é razoável, sim, captar o sentido pretendido pelo artista.

Bull faz uma contribuição magnífica para essa compreensão. Para ele, pode-se afirmar que as pinturas centrais do teto, as nove cenas de Gênesis, representem a Deus Pai, Cristo e o Espírito Santo. Nas três primeiras cenas, Deus é visto sozinho com os elementos. Nas três cenas seguintes, Adão e Eva protagonizam, sendo que Adão é um tipo de Cristo. As três últimas cenas são relativas a Noé, que é outro tipo de Cristo, que pregou juízo à humanidade. Além disso, ao soltar a pomba após o dilúvio, Noé prefigurou o envio do Espírito Santo da parte de Cristo.[43]

Dessa forma, na seção central de sua obra, Michelangelo retrata o afastamento entre o ser humano e Deus, representados pelo pecado original até a bebedice de Noé, ao mesmo tempo que retrata a própria Trindade, ativamente engajada em reconectar o ser humano pecador consigo mesma (Ef 1.4-14; 2.1-10). Todas as cenas, ao serem acompanhadas da porta de entrada em direção ao altar, apontam para outra obra de Michelangelo, o Juízo Final.

[41] BOTTON, [s.d.], sec. Introdução.
[42] DIXON, 1987, p. 504.
[43] BULL, 1988, p. 602-603.

2.2 O Juízo Final

Para entender o Juízo Final um pouco melhor, seria necessária toda uma outra pesquisa. Ainda assim, a conexão entre a pintura do Juízo e do restante da abóbada da Capela impede que a primeira não seja, ao menos, citada aqui.

Situado na parede atrás do altar, no extremo oposto da porta de entrada, o Juízo Final é uma obra à parte do teto da Capela, realizada por Michelangelo muitos anos depois da conclusão dos afrescos da abóbada. Antes disso, as paredes laterais da capela já estavam pintadas, por obra de outros artistas renascentistas, como Boticelli e Perugino.[44]

Na interpolação de figuras gregas e cristãs, percebe-se o conflito de Michelangelo e de seu tempo. Por um lado, o domínio cristão através da figura do papa e da igreja, riquíssima e poderosa. Enquanto isso, no campo teórico, a mistura das ideias greco-romanas com as histórias cristãs; enquanto essas enfatizam a vinda do Messias como verdade, aquelas enfatizam a busca pelo ideal platônico de beleza e da verdade. Nesse impasse é que Michelangelo compõe suas obras, valorizando o ensino cristão, amedrontado pela expectativa do Juízo Final e, por isso, sentindo-se culpado por valorizar os ideais renascentistas.[45]

"A parede cuja decoração era mais importante era o ábside", que era a parede atrás do altar. Ali, normalmente era representado Jesus como *pantocrator*, "rei sobre todas as coisas". governante supremo do universo.[46] Esse é o Jesus retratado por Michelangelo: um Rei poderoso, com o destino dos homens em Sua mão. Na opinião de Quirico, o Juízo reflete a visão desenvolvida a partir do século VI de que os cristãos também eram falhos e pecadores, e que no Juízo final seus pecados seriam cobrados, não apenas os dos infiéis. "Apenas quando tomado pelo medo da condenação eterna é que o homem pode ser levado ao arrependimento", teria afirmado Santo Anselmo.[47]

Precisamente essa tensão delineia bem o pensamento de Michelangelo. Um coração devoto e um espírito inquieto por sua admiração ao belo e, supostamente, pecaminoso. Ademais, é reforçada a ideia de que ele mesclou ambas as linhas de visão. Ele se valeu do ideal grego de beleza para representar a Trindade, bem como para conduzir o espectador à estupefação e reverência. Há uma obra que ajudará a compreender muito melhor essa questão.

2.3 Análise das obras do teto da Capela à luz do trabalho de John Dixon Jr

Entender que a obra de Michelangelo é um convite à contemplação e adoração de Cristo é uma leitura alinhada com a proposta de John Dixon Jr. Em sua pesquisa *"The Christology of Michelangelo: The Sistine Chapel"*[48], Dixon propõe que, por mais que seja também um trabalho voltado à forma e intelecto, não é esse o objetivo principal da obra de Michelangelo na Capela

[44] DIXON, 1987, p. 505.
[45] FOLHA, 2007, p. 44.
[46] GONZÁLEZ, Justo. **E até os confins da terra**: uma história ilustrada do cristianismo. Vol. 2: A era dos gigantes. Traduzido por Hans U. Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 43.
[47] QUIRICO, 2003, p. 32.
[48] DIXON, 1987.

Sistina. O que o artista realmente desejou foi oferecer um ato de adoração e proclamação, de forma que a obra conclama o observador a participar deste culto reverente. Isso posto, a figura central da obra é Cristo. a qual não apresentada explicitamente nos painéis do teto, mas é compreensível quando o teto é complementado pelo Juízo Final.[49] A partir dessa abordagem, faz ainda mais sentido a compreensão de que ambas as obras são complementares, e que a sequência do teto de alguma forma direcione o observador ao Juízo Final.

Dixon comenta que as pinturas dificilmente teriam um significado implícito ou enigmático. Isso não seria de esperar de Michelangelo, que não era um intelectual, muito menos teria aceitado as orientações de algum oficial do Vaticano. Assim, a opinião de Dixon é que a obra de Michelangelo é muito mais fruto de uma mentalidade simples e dedicada ao princípio básico de adoração ao Criador, ao mesmo tempo que profundamente criativa.[50] Em relação a isso, vale reparar que, por mais que o conceito de beleza seja bastante subjetivo, "há um instinto humano básico por harmonia, equilíbrio e ritmo", o que pode ser compreendido como beleza.[51] Michelangelo buscava esse ideal de perfeição em sua obra porque via a beleza como "reflexo do divino no mundo material", afirma Berriel. Para Michelangelo, o artista só poderia alcançar uma beleza mais elevada que a da natureza através da sua imaginação.[52] Portanto, é possível concluir que Michelangelo tivesse intenções simples, como exaltar e adorar a Deus, enquanto usava para isso ideias complexas e profundas de beleza e perfeição, justamente porque as via como reflexo da beleza de Deus. "A beleza visível [...] possui um grande significado para Michelangelo: ela é o símbolo principal da beleza espiritual, e a beleza do homem conduz diretamente à contemplação do divino", completa a Berriel.[53]

É possível atribuir uma sequência narrativa ao conjunto de pinturas da Capela Sistina. Aliás, Botton observa que essa sequência não é "apenas uma narrativa, mas uma história que nos insere em seu curso, nos mostrando [...] como tudo começou e como tudo pode terminar, dependendo do comportamento do espectador".[54] Portanto, é necessário observar, agora, alguns detalhes da obra de Michelangelo.

As paredes sul e norte da Capela, pintadas antes de Michelangelo, mostram cenas na vida de Cristo, representando a vida sob a graça, e da vida de Moisés, representando a vida sob a lei, respectivamente. Com isso em vista, é muito acertada a observação de Dixon que o teto da capela deliberadamente ilustra a vida antes da lei.[55]

Em se tratando da quarta cena do teto, "A criação de Adão", González observa a forte influência Renascentista do autor. Enquanto conta o relato teocêntrico da criação, a figura de Adão pintada por Michelangelo, a qual "recebe do dedo de Deus poder para governar a criação", é retratada de forma bem diversa dos manuscritos medievais, onde normalmente o primeiro Homem é expresso de forma frágil, vacilante. No Adão de Michelangelo "está concretizada a

[49] DIXON, 1987, p. 503-504.
[50] DIXON, 1987, p. 505.
[51] KUSS, 2021, p. 20.
[52] BERRIEL, 2008, p. 23.
[53] BERRIEL, 2008, p. 25.
[54] BOTTON, [s.d.], sec. Conclusão.
[55] DIXON, 1987, p. 505.

visão renascentista do ser humano, nascido para criar, para governar, para deixar sua marca no mundo que o rodeia".[56] Percebe-se que Michelangelo, dessa forma, apontava para o fato de que toda habilidade humana era recebida de Deus e devida a Ele.

Dentro do programa das pinturas, algumas figuras icônicas são os profetas e sibilas. Esses personagens são aqueles que prenunciaram a graça, antes que ela se manifestasse plenamente em Cristo, e a junção das duas classes de videntes se deve à compreensão de que todos tinham o dom da profecia e aquilo que disseram anunciava a vinda do Messias. Os profetas representam o mundo cristão e as sibilas o mundo antigo, da cultura greco-romana.[57] Aos olhos de Dixon, os profetas e as sibilas são representações da humanidade em sua completude. Através de cada uma dessas ilustres figuras, Michelangelo expôs toda a gama de personalidades e caráter humanos: "masculino e feminino, beleza e feiura, paixão e desespero, reflexão e ação". Graças ao seu posicionamento no teto, eles são as figuras que ficam mais próximas do observador, podendo assim representar a totalidade da experiência humana. Intercalados com as demais cenas, há os *ignudi.* De forma simples, essas figuras representam puramente a vitalidade humana alheia tanto à lei como à graça.[58] Portanto, uma leitura que se pode fazer é que Michelangelo estava provocando o observador a conectar-se com a obra. Os profetas e sibilas revelam a humanidade em busca da salvação, a qual só é encontrada em Cristo, enquanto os *ignudi* apontam para o homem ignorante à sua necessidade da salvação. Assim, é como se o observador fosse questionado: e você, em qual desses grupos se encontra?

Profetas e sibilas, *ignudi,* cenas bíblicas e tudo mais apontam para uma coisa só. A obra de Michelangelo não é para ser analisada como uma obra de arte, mas é um chamado a encontrar-se com Deus em Cristo. "O movimento no chão [, feito pelo fiel que entra na Capela e caminha em direção ao altar,] é paralelo ao retorno a Deus no teto".[59] Conforme entra na Capela, o observador é convidado a reconhecer sua queda, sua criação e a necessidade de reaproximar-se do Criador. Enquanto se aproxima do altar, é confrontado com o Juízo Final por detrás do altar. Ali, "a ação do sacerdote [...] é o início do movimento em direção ao céu".[60] Uma vez mais, o espectador é convidado a tomar uma decisão: "o que você fará? Continuará como está, ou se sujeitará ao Senhorio de Cristo?" Assim, Dixon conclui:

> As pinturas e a perspectiva estabelecida nelas são, completamente e sem restrição, Cristocêntricas. A deslumbrante majestade de Cristo em sua grande auréola de luz domina todo o salão. A energia que emana dele ajunta e reaviva a todos os que são atraídos a Ele [...] Como nenhum cristão poderia negar e nenhum não-crente poderia ver, essa energia é o Espírito Santo.[61]

A interpretação de Dixon permite compreender o conjunto das pinturas da Capela Sistina como uma composição que ultrapassa a representação de episódios bíblicos isolados. A disposição das cenas, a presença dos profetas e das sibilas, a representação da

[56] GONZÁLEZ, v. 5, 2007, p. 146.
[57] FOLHA, 2007, p. 44.
[58] DIXON, 1987, p. 508, 509.
[59] DIXON, 1987, p. 527.
[60] DIXON, 1987, p. 527.
[61] DIXON, 1987, p. 527.

humanidade e a relação entre o teto e o Juízo Final convergem para uma leitura centrada em Cristo. Nessa perspectiva, a beleza artística não constitui um fim em si mesma, mas um meio pelo qual o observador é conduzido à reflexão sobre sua condição diante de Deus e sobre a necessidade de reconciliação com o Criador. Assim, a análise das pinturas reforça a compreensão de que a dimensão cristológica ocupa lugar central na interpretação teológica proposta para a obra de Michelangelo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que "um propósito essencial e comum na maioria das artes [seja] a intenção de apelar e conectar com a emoção humana", as artes também podem ter diversos outros usos, como comunicação, ensino, função ritual e simbólica, além da expressão intelectual. Através das suas obras, os artistas podem estimular os observadores, produzindo neles reações. Uma dessas reações é a criação de "emoções, fé religiosa e interesse".[62] Visto que a composição do teto da Capela Sistina pode ser considerada "uma história que nos insere em seu curso, nos mostrando [...] como tudo começou e como tudo pode terminar, dependendo do comportamento do espectador"[63], faz sentido entender que Michelangelo foi intencional na sua obra.

Tendo vivido em uma época de tensões, Michelangelo refletiu em suas obras o turbilhão que havia nele mesmo, devido a seus questionamentos e embates. Admirador profundo da beleza e perfeição, devoto a Deus e até mesmo amedrontado pela perspectiva do juízo vindouro, o artista expressou essa tensão com maestria. Como Kuss observa, "a expressão artística leva a uma resposta emocional. É o toque que não utiliza palavras. A beleza e a estética [...] se comunicam profundamente com o ser e o enobrecem e de alguma forma ajudam a experimentar Deus".[64] Conclui-se, à luz disso, que foi justamente esse o objetivo de Michelangelo com a Capela Sistina: levar seus observadores a experimentarem a Deus, seja na beleza, seja na história contada pelas cenas pintadas, seja no temor ante Seu poder e juízo, seja na constante tensão entre todos esses pontos.

De forma geral, toda a existência terrena aponta para a pessoa de Cristo. "Dele, por ele e para ele são todas as coisas" (Rm 11.36). Através dele, tudo foi criado. Rebelde a Ele, toda a criação sofre com o pecado. A única solução a isso é encontrada nele e na sua obra graciosa na cruz. Esse é o âmago da fé cristã e, como constatado aqui, exatamente o que moveu Michelangelo na composição da sua obra da Capela Sistina. Cada centímetro quadrado pintado pelo autor visava levar o observador a contemplar e adorar o Deus único.

A igreja, hoje, pode aprender a admirar a beleza como vinda de Deus e como algo que a Ele remete. Ele é um Deus de perfeição, Criador de tudo o que há, e belo por excelência. Assim, qualquer grau de beleza que algo possua - desde uma folha de árvore até uma magnífica pintura - deve remeter o observador à glória de Deus.

[62] KUSS, 2021, p. 19.
[63] BOTTON, [s.d.], sec. Conclusão.
[64] KUSS, 2021, p. 38.

Dessa forma, a leitura cristológica das pinturas da Capela Sistina evidencia a possibilidade de compreender a arte como expressão de reflexão teológica e como convite à contemplação da pessoa de Cristo. Ao relacionar a beleza, a condição humana, o pecado, o juízo e a necessidade de reconciliação com Deus, o conjunto artístico analisado permite reconhecer que a experiência estética pode também suscitar questões fundamentais da fé cristã. Embora a interpretação das intenções de Michelangelo deva considerar as particularidades de seu contexto histórico e as leituras propostas pelos pesquisadores, a análise desenvolvida neste artigo destaca a relevância de aproximar arte e teologia, reconhecendo na beleza uma possibilidade de reflexão sobre o Criador e sua glória.

REFERÊNCIAS

BERRIEL, Marina Jorge. **Tradução comentada da obra Vida de Michelangelo Buonarroti, escrita por Ascanio Condivi**. Campinas: [s. n.], 2008.

BOTTON, Flavio Felicio. “Michelangelo: Capela Sistina, *ut pictura poesis* e a condição social do pintor na renascença.” **Darandina Revisteletrônica***,* vol. 2, no. 3, s.d. https://periodicos.ufjf.br/index.php/darandina/issue/download/1714/602. Acesso em 26 fev. 2025.

BULL, Malcolm. “The Iconography of the Sistine Chapel Ceiling”. **The Burlington Magazine**, vol. 130, no. 1025, 1988, pp. 597–605. JSTOR, http://www.jstor.org/stable/883597. Acesso em 26 fev. 2025.

DIXON, John W. “The Christology of Michelangelo: The Sistine Chapel”. **Journal of the American Academy of Religion**, vol. 55, no. 3, 1987, pp. 503–33. Disponível em http://www.jstor.org/stable/1464068. Acesso em 14 fev. 2025.

EDITORES DO DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [online], 2008-2021, https://dicionario.priberam.org/chave. Acesso em 26 abr. 2025.

FOLHA DE SÃO PAULO (org.). **Coleção Folha Grandes Mestres da Pintura**. Vol. 9: Michelangelo. Barueri: Sol 90, 2007.

Glossary of the Web gallery of Art. https://www.wga.hu/support/mobile/glossar4.html#p. Acesso em 26 abr. 2025.

GONZÁLEZ, Justo. **E até os confins da terra**: uma história ilustrada do cristianismo. Vol. 2: A era dos gigantes. Traduzido por Hans U. Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GONZÁLEZ, Justo. **E até os confins da terra**: uma história ilustrada do cristianismo. Vol. 5: A era dos sonhos frustrados. Traduzido por Hans U. Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2007.

KUSS, Letícia Caroline Mantelli. **Ao resgate da arte**: em busca de uma nova significância da arte para o cristianismo brasileiro. Repositório da Faculdade Batista Pioneira. https://www.batistapioneira.edu.br/repositorio-institucional/. Acesso em 14 fev. 2025.

QUIRICO, Tamara Carneiro. **O Juízo Final de Michelangelo**: questões iconográficas e a polemica do *cinquecento* sobre o afresco sistino. Campinas: UNICAMP, 2003. https://hdl.handle.net/20.500.12733/1593346. Acesso em 14 fev. 2025.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Encyclopedia Britannica**, January 30, 2025. https://www.britannica.com/. Acesso em 26 fev. 2025.

WIKIMEDIA COMMONS. **Sistine Chapel ceiling diagram overlay composite**. [S.d.]. Imagem. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sistine_Chapel_ceiling_diagram_overlay_composit e.png. Acesso em 26 abr. 2025.

Este artigo é parte integrante do Vol. 11 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2025 ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS
Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.008

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

AS TEOLOGIAS DA LIBERTAÇÃO COMO TERMÔMETRO DA ATUAL CONDIÇÃO DO EVANGELICALISMO BRASILEIRO

Liberation Theologies as a Thermometer of the Current Condition of Brazilian Evangelicalism

Carlos Eduardo Brechani[1]

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar se é possível estabelecer uma relação entre o número de fiéis que aderem às teologias de Libertação com alguma deficiência no Cristianismo bíblico. Para tanto, inicialmente é apresentada a definição dessa teologia, expostas suas vertentes originárias e derivadas e, na sequência, alguns temas a ela relativos são expostos, a fim de contextualizar o assunto. A partir daí será o foco conduzido para a problemática levantada que, basicamente, reside na seguinte pergunta: seria o avanço das teologias de Libertação um termômetro de deficiência do Cristianismo autêntico? A análise é importante para que as igrejas possam sanar falha porventura existente, de modo a evitar que os fiéis se unam a credos que, no mais das vezes, subvertem a fé reformada. A análise também examina aspectos doutrinários que, na perspectiva adotada pelo autor, distinguem essas teologias da compreensão bíblica tradicional, bem como possíveis razões para a adesão de fiéis a tais correntes. Conclui-se que essa procura pode indicar fragilidades no evangelicalismo brasileiro, especialmente quanto à capacidade das igrejas de acolher as necessidades concretas das pessoas e relacionar a reflexão teológica à prática cristã.

Palavras-chave: Teologia da libertação. Teologia feminista. Teologia negra.

[1] Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Especialista em Direito Processual Civil pela Universidade de Taubaté. Graduado em Direito pela Universidade de Taubaté. Promotor de Justiça no Ministério Público do Estado de São Paulo. ORCID. https://orcid.org/0009-0000-7624-9548. E-mail: cebrechani@hotmail.com

ABSTRACT

This article aims to analyze whether a relationship can be established between the number of believers who adhere to liberation theologies and possible shortcomings in biblical Christianity. To this end, it initially presents a definition of liberation theology and describes its original and derivative forms. It then discusses related themes in order to provide context for the subject. The focus subsequently shifts to the central research question: could the advancement of liberation theologies serve as an indicator of shortcomings in authentic Christianity? This analysis is important because it may help churches identify and address possible weaknesses, thereby preventing believers from joining religious movements that, in many cases, undermine the Reformed faith. The article also examines doctrinal aspects that, from the author's perspective, distinguish these theologies from traditional biblical Christianity, as well as possible reasons why believers adhere to these approaches. It concludes that this search may indicate weaknesses within Brazilian evangelicalism, particularly regarding the ability of churches to address people's concrete needs and connect theological reflection with Christian practice.

Keywords: Liberation theology. Feminist theology. Black theology.

INTRODUÇÃO

A Teologia da Libertação nasceu na década de 1960 como uma forma de reação à condição de pobreza e subdesenvolvimento dos povos sulamericanos, mas, em tempos mais modernos, acabou ganhando novas expressões como a Teologia Negra e a Teologia Feminista. Essas outras formas de enxergar o Cristianismo tradicional colocam-se frontalmente em oposição às Escrituras e, por isso, indaga-se por qual motivo os cristãos para elas migrariam. Com o presente artigo será possível desenvolver breve análise nesse sentido, com o objetivo precípuo de identificar se tal condição teria relação com alguma falha do evangelicalismo brasileiro. Ao final, após a conclusão, serão apresentadas, a título de considerações finais, sugestões atinentes ao tema.

Para desenvolver essa investigação, o artigo apresenta inicialmente a origem e as principais características das Teologias da Libertação, considerando também algumas de suas vertentes, como a Teologia Feminista e a Teologia Negra. Em seguida, examina aspectos doutrinários dessas correntes que, à luz dos pressupostos bíblico-teológicos adotados pelo autor, suscitam questionamentos quanto à sua compatibilidade com a fé cristã reformada. Por fim, discute possíveis razões para a adesão de fiéis a essas propostas, relacionando essa procura à atuação das igrejas evangélicas e à sua capacidade de responder às necessidades concretas de seus membros.

1. A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO EM SUA EXPRESSÃO ORIGINÁRIA

A primeira expressão da Teologia da Libertação surgiu na América Latina na década de 1960, na esteira de um concílio realizado pela Igreja Católica, o Concílio Vaticano II, em que houve a discussão do papel da igreja em um mundo então marcado por grandes mudanças políticas, sociais e culturais. Nessa época a América Latina enfrentava um agravamento da

pobreza da sua população, situação que contrastava com o crescimento econômico norte-americano experimentado no período pós-Segunda Guerra Mundial. As diferenças acentuaram-se, as desigualdades cresceram e o subsenvolvimento ganhou maior destaque. Nesse ambiente é que foi realizada a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano na cidade de Medelín, na Colômbia, em 1968, posteriormente conhecida como "Conferência de Medelín", onde vários aspectos político-econômicos foram abordados, como a condição de miserabilidade sulamericana.

A partir das bases teóricas estabelecidas pelo Concílio Vaticano II e dos apontamentos econômicos-sociais debatidos na Conferência de Medelín, vários teólogos, principalmente católicos, começaram a pregar uma nova visão teológica, em que a igreja deveria ser mais comprometida com a realidade social e agir mais ativamente em busca da alteração da condição marginalizada da população. No dizer de Aquino, a partir de então uma nova consciência surgia no ambiente teológico: "A pobreza generalizada, a marginalidade e o contexto histórico de dominação irrompeu agudamente na consciência coletiva e produziu uma virada histórica".[2]

A nova teologia, chamada de Teologia da Libertação, mudou radicalmente o método hermenêutico do Cristianismo tradicional. O mundo começou a ser observado não mais a partir da Bíblia para a realidade concreta, mas, inversamente, do mundo material para a Palavra revelada. A leitura da Revelação foi condicionada à condição concreta, não o contrário. Para que isso ocorresse, a nova metodologia empregada foi exatamente a mesma manuseada por Karl Marx quando desenvolveu sua teoria do Materialismo Histórico, para quem a história da humanidade seria explicada com base no dinamismo das relações sociais e das constantes alternações concretas que ocorrem na fenomenologia mundial. Trata-se da conhecida *práxis* marxista, mas manejada, agora, como instrumento e norte de ações eclesiais.

Gutiérrez teve algumas considerações sobre a *práxis*: "Refletir a partir da práxis histórica libertadora é refletir à luz do futuro em que em que se crê e se espera, é refletir com vistas a uma ação transformadora do presente".[3] Na mesma linha, Conn e Sturz ensinam que a "[...] práxis descreve o trânsito circular que sempre está havendo entre a ação e a reflexão – o engajamento no mundo em ação transformadora".[4] A importação da técnica marxista para a teologia fica bem evidenciada nas obras de Girardi, pois a luta de classes é utilizada como explicação para a pobreza: "Os privilegiados do sistema vigente tratam de defendê-lo, por isso não se pode destruir sem combatê-los. Nesta batalha um dos aspectos mais importantes é a luta de classes";[5] "É uma lei histórica também no sentido de que a luta de classes condiciona necessariamente outros aspectos da vida social, e, portanto, é um fator fundamental da evolução histórica".[6]

[2] AQUINO, 2018, p. 29.
[3] GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**: perspectivas. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 27.
[4] CONN, Harvey; STURZ, Richard. **Teologia da Libertação**: suas raízes, seus proponentes e seu significado hoje em dia. São Paulo: Mundo Cristão, 1984, p. 112.
[5] GIRARDI, Jules. **Amor cristiano y lucha de clases**. 2.ed. Salamanca: Sígueme, 1975, p. 56, tradução nossa.
[6] GIRARDI, 1975, p. 84, tradução nossa.

Nesse novo viés interpretativo houve uma profunda transformação na igreja: a pobreza tornou-se o principal ponto de atenção dos teólogos. Nas palavras de Lanza e Guimarães: "Dessa forma, os teólogos da libertação privilegiam a classe trabalhadora, na escolha pelos pobres, percebendo neles as possibilidades de mudanças no continente latino-americano".[7] A teologia abandonou seu enfoque sobrenatural e idealista para assentar-se em uma luta concreta. Nas palavras de Galilea, um dos grandes sistematizadores dessa nova teologia, a Teologia da Libertação:

> [...] acentua uma das mais importantes e urgentes, se não a mais importante e urgente: a reflexão teológica sobre o sentido do compromisso da Igreja e de seus cristãos na justiça, na defesa da dignidade humana, na libertação dos pobres e oprimidos, em ordem à evangelização.[8]

A Teologia da Libertação persiste até os dias atuais no meio eclesial, mas apresenta, atualmente, algumas derivações, como será a seguir exposto.

2. A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO EM DUAS NOVAS EXPRESSÕES

O marxismo, tal como concebido por Karl Marx, entrou em crise. A melhoria das condições salariais do proletariado e sua consequente acomodação com a nova realidade era algo inimaginável para Marx e, por isso, deixou seus seguidores perplexos. Além disso, também colaborou para o desprestígio da teoria o fato de a população proletária, na Segunda Guerra Mundial, não ter se unido em um grupo para lutar contra os detentores dos meios de produção, mas, diversamente, ter composto grupos de nacionais para lutar contra os trabalhadores de outras nações.

Alcançado esse ponto decisivo, vários pensadores, em vez de reconhecerem a falência da doutrina, decidiram rever o marxismo em si, dando origem ao chamado Marxismo Revisionista. "Ao longo do tempo, os seguidores de Marx aprimoraram a teoria, porque as teses de Marx rapidamente se mostraram erradas".[9] Foi justamente essa revisão que abriu espaço para o surgimento da "Teoria Crítica" da Escola de Frankfurt, uma corrente que visitava as teorias de várias outras áreas do conhecimento – como psiquiatria, sociologia, antropologia – e os aplicava ao marxismo para tentar revitalizá-lo. Assim é que a condição de opressão migrou dos trabalhadores para as minorias e que os verdadeiros responsáveis pela revolução socialista seriam as minorias, não mais o proletariado.

Houve reflexos dessa nova visão também na área teológica. Gonçalves, por exemplo, disse que:

---

[7] LANZA, Fábio; GUIMARÃES, Luiz Ernesto. Religião, política e memória: estudo da teologia da libertação no protestantismo histórico em Londrina-PR na época da ditadura militar (1974- 1985). **Revista Esboços: histórias em contextos globais**, Santa Catarina, v. 24, n. 37, 2017, p. 149. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/ index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2017v24n37p149 Acesso em 23 ago 2023.

[8] GALILEA, Segundo. **Teologia da libertação**: ensaio de síntese. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 14.

[9] LOPEZ, Daniel; MELLO, Julius. **Manual de sobrevivência do cristão no séc. XXI**. Campinas: Vide Editorial, 2021, p. 27.

> Os novos pobres são os idosos, os dependentes químicos, os deficientes, os doentes marginalizados – os leprosos, os aidéticos, por exemplo – ou em função da economia ou em função do preconceito excludente. Evidencia-se a amplidão do conceito denominado de "pobreza", superando o determinismo econômico, político e social. Emerge, então, o clamor pela valorização da vida, pela compaixão com os sofredores e almeja-se a construção de uma lógica de inclusão que propicie a transformação do sistema de exclusão em um sistema de fraternidade como consequência da caridade, concretizada na misericórdia e na solidariedade.[10]

A Teologia da Libertação, a partir daí, derivou o seu foco não só para a libertação dos povos pobres, mas de todos os oprimidos por qualquer razão ou condição. Foi assim que novas teologias sugiram, como a Teologia Feminista e a Teologia Negra.

Acerca da Teologia Feminina, Hennelly, depois de estatuir que "uma rigorosa e puritana visão da sexualidade reinou na América Latina até as calamidades e convulsões da década de 1960"[11] e que "[...] uma igreja essencialmente masculina dominou a igreja, com uma ideologia patriarcal e um hábito de subordinação das mulheres"[12], apresentou a Teologia da Libertação Feminista Norte-Americana como um movimento contra o sexismo e como meio para libertação da mulher do machismo. O mesmo Hennelly pontua que: "Como vimos no curso dessa discussão, a teologia masculina parece ter sido corrompida pelo sexismo, patriarcalismo e androcentrismo".[13]

Gebara disse que:

> A busca de libertação abriu para nós mulheres teólogas horizontes inesperados e imprevisíveis. Não era apenas a libertação dos pobres como diziam os teólogos da libertação. Era a libertação de nossas identidades sexuais, de nossas relações cotidianas e a libertação da opressão social, política e religiosa imposta ao nosso sexo pela "natureza patriarcal".[14]

Interessante notar com as mesmas marcas da Teologia da Libertação originária fazem-se presentes na sua derivação. A Bíblia na ótica feminista, por exemplo, deve ser interpretada não mais a partir da Palavra revelada, mas da condição feminina oprimida em uma leitura do machismo estrutural a partir da *práxis*.

Acerca da Teologia Negra, não há como passar à parte de James Cone, seu maior representante. Com a mesma visão interpretativa da Teologia Feminista, porém voltada para o foco do racismo, Cone entendeu que os negros seriam os oprimidos carentes de libertação e, portanto, a "Teologia negra, então, é a história da luta da população negra por libertação em uma extrema situação de opressão".[15] Cone chega ao ponto de afirmar que Jesus veio à

[10] GONÇALVEZ, Paulo Sergio Lopes. A Relação entre a Fé Cristã e os Pobres na Teologia da Libertação. **Perspectiva Teológica**, *[S. l.]*, v. 43, n. 121, 2011. Disponível em: https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1480 Acesso em 22 ago 2023, p. 324.

[11] HENNELLY, Alfred. **Liberation theologies: the global pursuit of justice**. Mystic: Twenthy-third Publications, 1995, p. 42.

[12] HENNELLY, p. 1995, p. 43.

[13] HENNELLY, 1995, p. 57.

[14] GEBARA, Ivone. A Teologia da Libertação e as mulheres. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiás, v. 23, 2020. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/61023/35105 Acesso em 23 ago 2023.

[15] CONE, James H. **God of the oppressed**. New York: Seabury, 1975, p. 54.

Terra não para desfazer as obras do diabo, mas para libertar os pobres e desamparados: "Meu ponto é que Deus veio, e continua a vir, para aqueles que são pobres e desamparados, para o propósito de libertá-los".[16] Novamente, há uma mudança de rumos bíblicos, com nova visão cristológica, nova ótica da obra salvífica e nova definição de libertação.

A análise dessas duas expressões permite observar, conforme a interpretação desenvolvida neste estudo, que a Teologia da Libertação passou a abranger diferentes grupos e formas de opressão, mantendo como elemento central a busca por transformação da realidade social. Para o autor, essa ampliação também repercute na interpretação das Escrituras e em temas fundamentais da fé cristã. Por isso, o próximo passo consiste em examinar os aspectos teológicos que, na perspectiva adotada neste artigo, caracterizam essas correntes e as colocam em conflito com a compreensão bíblica tradicional.

3. OS ASPECTOS EXISTENTES EM TODAS AS TEOLOGIAS DA LIBERTAÇÃO QUE AS TORNAM ANTIBÍBLICAS

Embora tenha sido ventilado que algumas posturas das teologias da Libertação original e de suas derivações sejam frontalmente contrárias ao Cristianismo bíblico, é fundamental trazer mais atenção ao assunto para ser possível compreender como os dogmas centrais da fé bíblica foram alterados para que as Escrituras pudessem se adaptar à nova cosmovisão. Agora, era a Palavra revelada que deveria ceder lugar à interpretação pela *práxis*, não o contrário.

Em primeiro lugar, o pecado deixou de ser o resultado da queda de Adão e Eva do Éden e o produto de uma ação humana contrária aos mandamentos bíblicos para tornar-se a condição de exploração dos povos, nações e raças. Como assevera Gutiérrez:

> O pecado existe em estruturas opressoras, na exploração do homem pelo homem, na dominação na dominação e escravidão de povos, raças e classes sociais. Surge então o pecado como a alienação fundamental, como a raiz de uma situação de injustiça e exploração.[17]

Em segundo lugar, por conta da mudança da definição de pecado, a libertação do homem deixou de ser espiritual para tornar-se social, ou seja, a libertação das amarras opressoras da luta de classes: "Para os neomarxistas (Bloch, Garaudy, Marcuse, Adorno, etc.), a libertação é uma operação, como ensinou Marx, que diz respeito ao homem como ser social".[18] Boff disse expressamente que uma das falhas do Cristianismo de até então era que a conversão seria muito "individual":

> A conversão ficou demasiado centrada no coração e na pessoa considerada individualmente; não se tomou consciência do peso próprio das estruturas que já dependem das pessoas e podem oprimi-las, o que impõem também uma conversão para essas estruturas.[19]

[16] CONE, 1975, p. 137.
[17] GUTIÉRREZ, 1975, p. 153.
[18] MONDIN, Battista. **Os teólogos da libertação.** São Paulo: Paulinas, 1980, p. 23.
[19] BOFF, Leonardo. **Teologia do cativeiro e da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 53.

Em terceiro lugar, a salvação, como consequência das alterações promovidas, também necessitou migrar da libertação do homem de sua condição original caída para a libertação da pobreza e miserabilidade humanas. Para Boff, a própria Teologia da Libertação: "[...] nasceu com o propósito de resposta aos desafios da sociedade oprimida e como contribuição própria, sob o enfoque da fé, ao processo maior de libertação que se articula em outros campos da vida do povo".[20]

Em quarto lugar, a nova definição do que é ser cristão impõe a retirada da conversão a Jesus Cristo do conceito.

> "Ele se situa num nível mais profundo, onde se dá a superação de fechamentos abolutizantes, onde se vive real sede de justiça e de participação, onde se corporifica um engajamento como momento materializador da abertura para o futuro e do processo de libertação, onde pela causa dos outros vigora a coragem de ser que leva ao sacrifício da própria segurança, da própria saúde e, quem sabe, da própria vida. Ora, onde isso ocorre, podemos identificar a presença do que é cristão.[21]

Como se nota, a própria cristologia transmudou-se, pois "A cristologia latino-americana se construirá em torno do tema libertação".[22] O novo homem não é mais o justificado e regenerado por Cristo, o renascido do espírito, mas aquele que altera a condição oprimida da população explorada oprimida. Por isso, "[...] cumpre ter presente que, além disso, ou melhor, através da luta contra a miséria, a injustiça e a exploração, o que se pretende é a criação de um homem novo".[23]

Em quinto lugar, e por fim, Guimarães lembra que a visão de missão ganha novos ares:

> Finalmente, destacamos a utilização do termo "evangelização" para significar o esforço humano para a libertação política, enfraquecendo seu sentido bíblico original, que é o de "fazer discípulos" de Jesus Cristo (Mt 28.19-20), pela proclamação das "boas-novas de salvação"; ainda estando o homem perdido, levá-lo a um encontro pessoal com Jesus Cristo, à aceitação de Cristo, como Salvador e Senhor de sua vida, à conversão ou novo nascimento, e, pelo ensino da sabedoria do alto, revelada na Palavra de Deus, levá-lo à maturidade cristã ou à plena encarnação do próprio Cristo (Cl 1.28).[24]

As mudanças são tão profundas, tão radicais e, por isso, tão antibíblicas que, ao tratar da Teologia da Libertação Feminista, Hennelly questiona até mesmo se Jesus realmente seria salvador: "Pode um salvador homem salvar mulheres?".[25] Uma nova cristologia é objetivada, com base em uma lente feminista: "[...] devem as mulheres abandonarem Jesus e procurarem por um novo caminho de redenção na forma feminina?".[26]

[20] BOFF, 1980, p.29-30.
[21] BOFF, 1980, p. 81-82.
[22] SOUZA, Nei D. **Temas de teologia latino-americana.** São Paulo: Bookwire; Paulinas. Disponível em https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/199805?page=68 Acesso em 22 ago 2023, p. 68.
[23] GUTIÉRREZ, 1975, p. 123.
[24] GUIMARÃES, Daniel. **Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro: JUERP, 1984, p. 180.
[25] HENNELLY, 1995, p. 60.
[26] HENNELLY, 1995, p. 61.

Os aspectos examinados nesta seção evidenciam que a crítica desenvolvida pelo artigo não se limita às formas de atuação social das teologias da Libertação, mas alcança sua compreensão do pecado, da salvação, da pessoa de Cristo e da missão da Igreja. A partir dos pressupostos bíblico-teológicos assumidos pelo autor, essas diferenças ajudam a explicar sua avaliação crítica dessas correntes. Resta, entretanto, compreender por que tais propostas atraem fiéis e encontram espaço em determinados contextos eclesiais, questão que orienta a próxima seção.

4. POR QUE OS FIÉIS BUSCAM ESSAS NOVAS TEOLOGIAS?

Com base nas considerações até aqui apresentadas, uma pergunta inevitável se apresenta: se as teologias da Libertação são contrárias à tradição cristã, por que muitos fiéis por elas buscam? Há inúmeras respostas possíveis, desde o absoluto desconhecimento da Bíblia até um engajamento ideológico com pautas políticas superior ao comprometimento com a fé genuína. Allen arrisca uma conclusão pessoal ao dizer que há um verdadeiro declínio da cosmovisão bíblica: "Hoje, porém, quando a Bíblia e a cosmovisão bíblica estão em rápido declínio, a justiça social ideológica tem preenchido o vácuo".[27]

As causas, porém, não podem ser resumidas em um ou outro ponto, pois elas são multifacetárias. Como não há meios de se esgotar todas as respostas possíveis – e nenhuma pretensão jamais haveria nesse sentido – o ponto principal que se quer trazer à tona é a aparente falta de concretude da Teologia tradicional, no sentido de que ela não alcança muitos grupos sociais carentes. Barros fala que a igreja deve ser fazer presente "[...] num mundo em que as instituições religiosas perderam a credibilidade e a fé no Evangelho não tem mais o suporte de um fundo religioso comum a todos [...].[28]

Toda vez que um vácuo é criado, uma nova organização ganha espaço e toma a atenção. É o que ocorre nas comunidades em que o Estado não chega: grupos locais ganham a simpatia da população em troca de favores variados. Um outro exemplo é a migração dos pobres que, por não se sentirem acolhidos pela Teologia tradicional, buscam a Teologia da Prosperidade como apoio para suas angústias.

Na raiz de todas as teologias da Libertação está a preocupação com grupos que não são acolhidos pela sociedade como um todo, inclusive a igreja. Por isso Boff questionava o que poderia ser feito nesse sentido: "Que passos efetuar para transformar a realidade na qual existem muitos oprimidos e poucos ricos, e que mediações procurar para criar uma forma de convivência diferente, mas igualitária, livre e fraterna?"[29]

As pessoas querem respostas concretas para seus problemas, soluções para as condições em que se encontram atualmente: "A teologia da libertação nasceu com o propósito de resposta aos desafios da sociedade oprimida e como contribuição própria, sob o

[27] ALLEN, Scott David. **Por que a justiça social não é a justiça bíblica**: um apelo urgente aos cristãos em tempos de crise social. São Paulo: Vida Nova, 2022, p. 20.

[28] BARROS, Marcelo. **Teologia da Libertação para os nossos dias**. Petrópolis: Bookwire; Vozes, 2021, p. 286 Disponível em: https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/206929?page=1. Acesso em: 22 Ago 2023.

[29] BOFF, 1980, p. 44.

enfoque da fé, ao processo maior de libertação [...]".[30] Conn e Sturz seguem essa lógica quando afirmam que: "A desumanização é o mútuo contexto que liga os protestos latino-americanos e negros em um só".[31]

Só é possível fazer teologia verdadeiramente quando se olha concretamente para a realidade atual e quando são envidados esforços para mudar a vida das pessoas. Não adianta estabelecer um foco exclusivo em teorias que não são transformadoras. Muitos teólogos atuais concentram sua atenção apenas nas letras e abandonam a prática, fazendo com que tenham uma visão muito superficial da realidade, conclusão bem apontada por Horton: "Um dos problemas que nós, cristãos, criamos nessa questão de analisar e criticar a nossa cultura, é sempre olhar para a superfície das coisas".[32] Vale lembrar que Jesus não determinou que os discípulos apenas guardassem todos seus ensinamentos, mas, também que fizessem discípulos de todas as nações, algo que envolve um agir concreto, não meramente teórico (Mt 28.19-20). Conforme ensina Schaeffer:

> Assim, o cristão não deve preocupar-se em somente apresentar um sistema perfeitamente harmônico consigo mesmo, como algum sistema metafísico grego, mas antes alguma coisa que tem contato constante com a realidade – a realidade das questões que estão sendo feitas em sua própria geração, bem como nas gerações vindouras.[33]

O apontamento feito por Ferreira e Myatt, logo na introdução de sua obra, é perfeito sobre o papel da Teologia:

> Cremos com convicção que o teólogo existe para servir o povo comum das igrejas. Se o seu trabalho não servir para ajudar este povo a conhecer ao Senhor mais profundamente e experimentar uma vida de santidade e intimidade com Deus, então sua teologia não passa de uma grande farsa, a despeito de quaisquer prêmios acadêmicos que ele possa ganhar. Se a teologia não levar o povo a se aproximar mais de Deus, será melhor que o teólogo procure outra coisa com que se ocupar e deixe de perder tempo fazendo um trabalho que é inútil.[34]

A vida humana deve ser valorizada em todas as suas manifestações, independentemente de condição financeira, social ou étnica. A cosmovisão bíblica deve necessariamente abranger a desumanização das pessoas oprimidas, em busca da garantia de dignidade, pois todos os seres humanos foram feitos à imagem e semelhança de Deus.

> Para se posicionar contra a desvalorização atual da vida humana, uma porcentagem significativa de pessoas de nossa sociedade precisa adotar e

[30] BOFF, 1980, p. 29-30.
[31] CONN; STURZ, 1984, p. 20.
[32] HORTON, Michael Scott. **O cristão e a cultura**: uma perspectiva cristã da cultura e de nosso lugar nela. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 141.
[33] SCHAEFFER, Francis A. **O Deus que intervém**: o abandono da verdade e as trágicas consequências para nossa cultura. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 177.
[34] FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. XXI-XXII.

> viver a cosmovisão que não só se espera, ou pretende, fornecer a base da dignidade humana, mas que realmente o faça.[35]

Isso não significa que os dogmas bíblicos precisem ser alterados, como foi feito pelas teologias da Libertação. Aí é que residem suas principais falhas. O que é necessário é apenas que haja uma adaptação para maior acolhimento e inclusão daqueles que realmente carecem da graça e consolo divinos. “Precisamos, enfim, nos adaptar, criar as pontes, porque somos luz para este mundo, pescadores de homens”.[36]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão, é possível estabelecer que as propostas postas no início desse estudo foram cumpridas. Houve a apresentação da Teologia da Prosperidade em sua ótica tradicional e, na sequência, de duas de suas variantes. Após, foi possível adentrar no problema que se pretendia enfrentar com o presente artigo. E, diante desse problema posto, foi possível inferir que muitos cristãos migram para as teologias da Libertação porque, nelas, encontram um acolhimento e uma compreensão das suas angústias que passam despercebidas por muitas igrejas tradicionais.

O fato de tais teologias terem crescido e de, até hoje, ser possível identificar um fluxo migratório em direção a elas, revela que há uma deficiência no evangelicalismo brasileiro que precisa ser corrigida. A igreja precisar despertar a consciência de que teologia não se faz apenas com teoria, mas também com ações práticas que transformam a vida das pessoas.

Os pastores, líderes e cristãos em geral devem se atentar para as fragilidades e necessidades de cada pessoa, individualmente, pois todas foram feitas à imagem e semelhança de Deus. O Evangelho não é abstrato, mas concreto, com vistas à transformação integral do ser humano. Não há como desconsiderar tal, sob pena de se relegar a verdadeira teologia para o limbo.

As dificuldades que existem nessa conscientização não devem desanimar a igreja, pois, como bem lembra Barros, “em todos os campos do conhecimento, os desafios nos fazem crescer e os melhores são aqueles que não são inventados. Decorrem da própria caminhada e da realidade a ser enfrentada”.[37] Há, certamente, muitas outras causas que explicariam a migração das pessoas para as teologias da Libertação. Há, ainda, uma presença muito clara dessa nova linha metodológica na chamada Teologia da Missão Integral, cujo viés é mais protestante do que católico. Esses temas não foram abordados no presente estudo pelas limitações típicas de um artigo, onde não é possível analisar toda a realidade que envolve um assunto. Fica, porém, a sugestão de um estudo mais detido sobre estes aspectos.

[35] KOOP, C. Everett; SCHAEFFER, Francis. A. **O que aconteceu com a raça humana?** Brasília: Monergismo, 2020, 2020, p. 147.
[36] LOPEZ, Daniel; MELLO, Julius. **Manual de sobrevivência do cristão no séc. XXI**. Campinas: Vide Editorial, 2021. p. 241.
[37] BARROS, 2009, p. 114.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Scott David. **Por que a justiça social não é a justiça bíblica**: um apelo urgente aos cristãos em tempos de crise social. São Paulo: Vida Nova, 2022.

BARROS, Marcelo. **Teologia da Libertação para os nossos dias**. Petrópolis: Bookwire; Vozes, 2021. Disponível em: https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/206929?page=1. Acesso em: 22 Ago 2023.

BOFF, Leonardo. **Teologia do cativeiro e da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1980.

CONE, James H. **God of the oppressed**. New York: Seabury, 1975.

CONN, Harvey; STURZ, Richard. **Teologia da Libertação**: suas raízes, seus proponentes e seu significado hoje em dia. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GALILEA, Segundo. **Teologia da Libertação**: ensaio de síntese. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

GEBARA, Ivone. A Teologia da Libertação e as mulheres. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiás, v. 23, 2020. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/61023/35105 Acesso em 23 ago 2023.

GIRARDI, Jules. **Amor cristiano y lucha de clases**. 2.ed. Salamanca: Sígueme, 1975.

GONÇALVEZ, Paulo Sergio Lopes. A Relação entre a Fé Cristã e os Pobres na Teologia da Libertação. **Perspectiva Teológica**, *[S. l.]*, v. 43, n. 121, 2011. Disponível em: https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1480 Acesso em 22 ago 2023.

GUIMARÃES, Daniel. **Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro: JUERP, 1984.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**: perspectivas. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

HENNELLY, Alfred. **Liberation theologies: the global pursuit of justice**. Mystic: Twenthy-third Publications, 1995.

HORTON, Michael Scott. **O cristão e a cultura**: uma perspectiva cristã da cultura e de nosso lugar nela. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

KOOP, C. Everett; SCHAEFFER, Francis. A. **O que aconteceu com a raça humana?** Brasília: Monergismo, 2020.

LANZA, Fábio; GUIMARÃES, Luiz Ernesto. Religião, política e memória: estudo da teologia da libertação no protestantismo histórico em Londrina-PR na época da ditadura militar (1974-1985). **Revista Esboços: histórias em contextos globais**, Santa Catarina, v. 24, n. 37, 2017.

Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2017v24n37p149 Acesso em 23 ago 2023.

LOPEZ, Daniel; MELLO, Julius. **Manual de sobrevivência do cristão no séc. XXI**. Campinas: Vide Editorial, 2021.

MONDIN, Battista. **Os teólogos da libertação.** São Paulo: Paulinas, 1980.

SCHAEFFER, Francis A. **O Deus que intervém**: o abandono da verdade e as trágicas consequências para nossa cultura. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

SOUZA, Nei D. **Temas de teologia latino-americana.** São Paulo: Bookwire; Paulinas. Disponível em https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/199805?page=68 Acesso em 22 ago 2023.

Este artigo é parte integrante do Vol. 11 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2025 ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS
Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.009

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

OS DEZ MANDAMENTOS ESTABELECEM UMA BASE ÉTICA UNIVERSALMENTE VÁLIDA?

Do the Ten Commandments establish a universally valid ethical foundation?

Pedro Henrique Winter[1]

RESUMO

Este artigo explora a validade de se considerar os dez mandamentos como uma base ética universalmente válida. Destacando a origem dos Dez Mandamentos, seu contexto histórico e religioso tanto no momento do recebimento como nas gerações subsequentes. Na tradição judaica, os Dez Mandamentos são fundamentais para a vida religiosa e ética, sendo a base da Torah e desempenhando um papel crucial na educação religiosa. No cristianismo, Jesus reafirma e expande esses mandamentos, enfatizando o amor a Deus e ao próximo. Eles também têm impacto em outras religiões como Islamismo, Espiritismo, Mormonismo e Testemunhas de Jeová, refletindo princípios éticos universais. Além de seu valor religioso, os Dez Mandamentos influenciaram profundamente a legislação e a moralidade no mundo ocidental, servindo como base para leis contemporâneas contra homicídio, roubo e perjúrio. Eles moldaram aspectos culturais e sociais na educação, literatura e artes, além de terem sido associados a movimentos sociais como a abolição do Sati na Índia, impulsionada pelo missionário William Carey. Os mandamentos abrangem desde a exclusividade na adoração a Deus até a ética nas relações interpessoais, como honrar os pais, preservar a vida, manter a fidelidade conjugal, respeitar a propriedade alheia, ser verdadeiro e rejeitar a cobiça. Este estudo oferece uma compreensão clara do significado histórico, religioso e cultural dos Dez Mandamentos, mostrando como eles continuam a moldar a moralidade e influenciar a legislação na sociedade moderna.

[1] O autor é graduando em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira; Mestrando em Estudos Teológicos pelo Southwestern Baptist Theological Seminary; Bacharel em Administração pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; e Pós-Graduado em Finanças e Mercado de Capitais pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Atua como seminarista na Primeira Igreja Batista em Ijuí. ORCID: https://orcid.org/0009-0009-6000-6651. E-mail: pedrohwinter@gmail.com

Palavras-chave: Dez Mandamentos. Ética. Fundamentos Morais.

ABSTRACT

This article explores the validity of considering the Ten Commandments as a universally valid ethical foundation. It examines their origin, historical and religious context at the time of reception and in subsequent generations. In Jewish tradition, the Ten Commandments are fundamental to religious and ethical life, forming the basis of the Torah and playing a crucial role in religious education. In Christianity, Jesus reaffirms and expands these commandments, emphasizing love for God and neighbor. They also impact other religions such as Islam, Spiritism, Mormonism, and Jehovah's Witnesses, reflecting universal ethical principles. Beyond their religious value, the Ten Commandments have profoundly influenced legislation and morality in the Western world, serving as a basis for contemporary laws against homicide, theft, and perjury. They have shaped cultural and social aspects in education, literature, and the arts, and have been associated with social movements such as the abolition of Sati in India, promoted by missionary William Carey. The commandments range from exclusivity in worshiping God to ethics in interpersonal relationships, such as honoring parents, preserving life, maintaining marital fidelity, respecting others' property, being truthful, and rejecting covetousness. This study provides a clear understanding of the historical, religious, and cultural significance of the Ten Commandments, demonstrating how they continue to shape morality and influence legislation in modern society.

Keywords: Ten Commandments. Ethics. Moral Foundations.

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, a aceitação de padrões éticos universais enfrenta uma resistência crescente, especialmente no contexto de um mundo pós-moderno. Este período é marcado pelo relativismo, onde a verdade é vista como subjetiva e individual, e cada pessoa ou cultura reivindica sua própria versão da moralidade. A noção de uma ética absoluta, como a dos Dez Mandamentos, muitas vezes é desafiada por ideologias que promovem a diversidade de perspectivas e a coexistência de múltiplas verdades, dificultando a imposição de um conjunto único de normas éticas.

Essa mudança ideológica cria uma complexidade adicional ao julgar comportamentos éticos de outros indivíduos e culturas. O conceito de tolerância e respeito pelas diferenças se torna predominante, tornando difícil condenar ou aprovar práticas com base em um código moral universal. A globalização e a interconectividade amplificam essa dificuldade, pois os valores e normas de uma cultura podem entrar em conflito com os de outra.

Os Dez Mandamentos representam um conjunto essencial de princípios de morais que foram entregues por Deus a Moisés no Monte Sinai. Estes mandamentos estabelecem diretrizes fundamentais para a conduta humana, abordando deveres tanto para com Deus, como o reconhecimento da sua exclusividade com Deus e a proibição da idolatria, quanto para com outros indivíduos, como a proibição do homicídio, roubo e falsidade testemunhal.

O valor religioso dos Dez Mandamentos é inquestionável, pois eles formam a base de três das principais religiões do mundo: judaísmo, cristianismo e islamismo. O judaísmo, com cerca de 14 milhões de seguidores, os vê como centrais na Torá, moldando a vida religiosa e

social. O cristianismo, com 2,3 bilhões de adeptos, os considera alicerces morais, promovendo uma ética de amor e justiça. No islamismo, com 1,8 bilhões de seguidores, princípios similares estão enraizados no Alcorão e na Sunnah, guiando a conduta ética dos seus adeptos.

Entretanto, este artigo visa explorar mais do que apenas o valor religioso dos Dez Mandamentos; busca investigar se eles podem ser considerados um código ético universalmente válido. Ao examinar suas raízes históricas, impacto cultural e interpretações contemporâneas, pretende-se oferecer uma visão abrangente sobre como esses preceitos continuam a moldar o pensamento ético e moral em diversas tradições religiosas e seculares. Com isso, procura-se compreender a perenidade desses princípios e sua capacidade de orientar tanto indivíduos quanto sociedades inteiras em direção a uma vida de integridade e justiça.

Para desenvolver essa investigação, o artigo será organizado em quatro partes. Inicialmente, serão apresentados os fundamentos dos Dez Mandamentos, considerando suas origens, sua função religiosa e sua importância cultural e social. Em seguida, cada um dos mandamentos será analisado, distinguindo-se aqueles que orientam a relação do ser humano com Deus daqueles que regulam as relações interpessoais. Na terceira parte, os fundamentos éticos dos Dez Mandamentos serão comparados com os de diferentes tradições filosóficas, religiosas e históricas, incluindo a ética bíblica, a filosofia grega, os códigos éticos das civilizações antigas, o pensamento medieval e as perspectivas modernas. Por fim, examinar-se-á a relevância contemporânea desses princípios nos âmbitos pessoal, jurídico e social, buscando evidenciar sua contribuição para a reflexão sobre a validade universal dos fundamentos morais. Esse percurso permite avaliar tanto a influência dos Dez Mandamentos na formação de valores morais quanto as possibilidades e os limites de considerá-los uma base ética universalmente válida.

1. FUNDAMENTOS DOS DEZ MANDAMENTOS

Os Dez Mandamentos, também conhecidos como Decálogo, são um conjunto de leis morais e religiosas que foram dadas por Deus a Moisés no Monte Sinai, servindo como um código de conduta para os israelitas.[2] Horton afirma que a os Dez Mandamentos são um resumo do acordo pactual entre Deus e os israelitas.[3] Por meio de um pacto solene, Israel foi feito nação sacerdotal – separada de todas as nações, para poder ser instruída na verdade divina e finalmente levar a luz a todas as nações.[4] Neste ponto será examinado o contexto histórico e religioso dos dez mandamentos, destacando suas origens, desenvolvimento e importância na tradição religiosa judaico-cristã e seu impacto cultural e social.

[2] CHILDS, B. S. **The Book of Exodus**: a critical, theological commentary. Louisville: Westminster John Knox, 1974, p. 35.

[3] HORTON, Michel. **A lei da perfeita liberdade**: a ética bíblica a partir dos Dez Mandamentos. São Paulo: Cultura Cristã, 2000, p. 21.

[4] PEARLMAN, M. **Através da Bíblia livro por livro**. Rio de Janeiro: CPAD, 1964, p. 34.

1.1 Origens e desenvolvimento

Os Dez Mandamentos foram dados ao povo israelita durante um período crucial de sua história. Inicialmente convidados no Egito durante a época de José, um patriarca hebreu de destaque, os israelitas foram posteriormente reduzidos à condição de escravos com a ascensão de novos faraós que não conheciam José. Os israelitas foram forçados a realizar trabalhos árduos na construção de monumentos e cidades faraônicas, vivendo sob um império poderoso e avançado, conhecido por suas construções impressionantes e sua religião politeísta, que adorava diversos deuses associados a diferentes aspectos da vida e da natureza.

A opressão dos israelitas no Egito levou Deus a chamar Moisés para libertar seu povo, culminando no Êxodo, um evento icônico onde os israelitas fugiram do Egito em busca de uma nova identidade como nação livre. Após várias pragas enviadas por Deus para pressionar o faraó, Moisés liderou os israelitas na fuga através do Mar Vermelho, iniciando uma jornada desafiadora pelo deserto rumo à Terra Prometida, Canaã. Durante essa jornada, enfrentaram escassez de alimentos e água, e momentos de dúvida e desobediência.

Três meses após a saída do Egito, os israelitas chegaram ao Monte Sinai, onde Deus decidiu estabelecer um pacto formal com seu povo. Moisés subiu ao monte e recebeu os Dez Mandamentos esculpidos em tábuas de pedra, em um evento marcado por manifestações impressionantes da presença divina, como trovões, relâmpagos e uma nuvem espessa. Essas manifestações destacavam a solenidade e a importância das leis entregues, que eram princípios fundamentais da nova aliança entre Deus e Israel. Como a constituição é um dos aspectos essenciais para a formação de uma nação, a entrega dessas leis é considerada por muitos como o marco do início de Israel como uma nação distinta e unificada.

1.2 Função religiosa

Na tradição judaica, os Dez Mandamentos são conhecidos como “Asseret Hadibrot” (As Dez Palavras) e são vistos como o resumo da Torah, condensando os princípios fundamentais que governam a vida religiosa e ética de Israel. [5] Eles fornecem uma base moral e ética clara que orienta o comportamento dos judeus, abordando tanto a relação com Deus quanto com o próximo, promovendo justiça, integridade e responsabilidade.[6] Além disso, desempenham um papel crucial na educação religiosa, sendo memorizados e recitados desde a infância para garantir a continuidade da fé e da prática judaica.[7]

Dentro da liturgia judaica, a entrega dos Dez Mandamentos no Monte Sinai é celebrada na festa de Shavuot. Além disso, eles constituem a base para a observância do Shabat, o dia de descanso no sábado, que é um dos pilares das práticas religiosas judaicas.

[5] FRETHEIM, T. E. **Exodus**. Westminster John Knox, 1991, p. 238.
[6] WRIGHT, C. J. H. **Old Testament ethics for the people of God**. Chambersburg: InterVarsity, 2004, p. 152.
[7] TELUSHKIN, J. **Biblical Literacy**: the most important people, events, and ideas of the Hebrew Bible. Nova Iorque: William Morrow, 2000, p. 37.

Os Dez Mandamentos desempenham também um papel central nos escritos rabínicos e na literatura do restante da Tanakh. Nos escritos rabínicos, conhecidos como a literatura do Talmud e do Midrash, os Dez Mandamentos são frequentemente citados e discutidos como fundamentos da ética e da lei judaica. Os rabinos analisam cada mandamento detalhadamente, explorando suas implicações legais, morais e espirituais. Por exemplo, o mandamento de "Não matarás" é interpretado não apenas como a proibição do homicídio, mas também como uma proibição de causar qualquer dano físico ou emocional a outro ser humano (Sanhedrin 57a). Além disso, os rabinos usam os Dez Mandamentos como um meio para discutir conceitos mais amplos, como a justiça, a compaixão e a santidade, ligando-os a outras partes da lei judaica e aos ensinamentos éticos.[8]

No restante da Tanakh, os Dez Mandamentos são reiterados e referenciados em diversos contextos. Os profetas, por exemplo, faziam frequentes alusões aos princípios dos Dez Mandamentos, condenando o povo por violar essas leis e chamando-os ao arrependimento e à fidelidade a Deus (Jr 7.9-10). O Livro dos Salmos e os Provérbios incorporam temas dos Dez Mandamentos em suas reflexões poéticas e sapienciais, mostrando como esses mandamentos informam a sabedoria e a conduta moral.

Na tradição cristã, os Mandamentos são frequentemente interpretados à luz dos ensinamentos de Jesus, que enfatizou a centralidade do amor a Deus e ao próximo como a essência da lei (Mt 22.37-40). Jesus Cristo, reafirma a importância dos Mandamentos, mas também os expande e aprofunda. No Sermão da Montanha, por exemplo, Jesus menciona explicitamente alguns dos Mandamentos e oferece interpretações mais abrangentes. Ele explica que não apenas o ato de cometer adultério é pecaminoso, mas até mesmo olhar com desejo é uma violação da lei moral (Mt 5.27-28). Da mesma forma, Jesus expande o mandamento de "Não matarás" para incluir a proibição da raiva injustificada e do ódio contra o próximo (Mt 5.21-22).

Para Reifler, não há ruptura entre a revelação de Cristo, e a revelação de Deus no Antigo Testamento, pois ambos os testamentos formam uma unidade essencial.[9] O evangelho de Mateus relata que Cristo afirmou não ter vindo para revogar a lei, mas para cumpri-la, reforçando a continuidade e a integralidade dos ensinamentos bíblicos (Mt 5.17-18).

Os apóstolos, particularmente Paulo, também se referem frequentemente aos Dez Mandamentos em suas epístolas. Paulo vê os Mandamentos como essenciais para a conduta ética dos cristãos, mas também enfatiza que a lei deve ser cumprida no espírito do amor e não apenas na letra. Em Romanos 13.9-10, Paulo cita vários dos Dez Mandamentos, incluindo "Não adulterarás", "Não matarás", "Não furtarás" e "Não cobiçarás", concluindo que todos esses preceitos são resumidos no mandamento de "Amarás o teu próximo como a ti mesmo".

Além da função normativa, tanto no judaísmo como no cristianismo, os Dez Mandamentos têm um significado espiritual relevante. Eles representam, a vontade de Deus para a humanidade, oferecendo o caminho para que ela viva em harmonia com Deus. Esta dimensão espiritual é particularmente evidente nos primeiros mandamentos, que focam na

[8] FRETHEIM, 1991, p. 213.
[9] REIFLER H. U. **A Ética dos Dez Mandamentos**. São Paulo: Vida Nova, 1992, p. 44.

relação entre Deus e o homem, estabelecendo a exclusividade da adoração a Deus e o respeito pelo seu nome e pelo Seu dia sagrado.[10]

Fora do judaísmo e do cristianismo, os Dez Mandamentos também influenciaram diversas religiões e movimentos religiosos, incluindo o Islamismo, o Espiritismo, os Mórmons e as Testemunhas de Jeová. No Islamismo, princípios similares aos Dez Mandamentos são encontrados no Alcorão e nos Hadiths. Por exemplo, o Alcorão enfatiza a importância do monoteísmo, a honestidade e a justiça, ecoando os mandamentos de não ter outros deuses, não roubar e não dar falso testemunho.[11]

Allan Kardec, o fundador do Espiritismo, reconhece os mandamentos como diretrizes éticas essenciais para o desenvolvimento moral e espiritual.[12] Para os Mórmons, os Dez Mandamentos são parte integrante de sua doutrina e práticas. O Livro de Mórmon e outras escrituras mórmons reiteram a importância dos mandamentos como princípios eternos dados por Deus.[13] Da mesma forma, as Testemunhas de Jeová consideram os Dez Mandamentos como instruções divinas que devem ser seguidas, embora interpretem certos mandamentos, como o do sábado, de maneira diferente, focando mais na observância de princípios éticos gerais.[14]

1.3 Importância cultural e social

Além de seu valor religioso, os Dez Mandamentos têm sido um ponto de referência para a legislação e a moralidade no mundo ocidental. Muitas das leis contemporâneas sobre homicídio, roubo e perjúrio, por exemplo, encontram seus fundamentos nos princípios estabelecidos por eles.[15]

Para os judeus, os Dez Mandamentos possuem uma importância cultural e social significativa, sendo considerados a base da constituição divina dada por Deus à nação de Israel. Eles não se limitam à esfera religiosa, mas moldam todos os aspectos da vida judaica, influenciando tanto suas leis quanto sua cultura. Souza afirma que as leis encontradas no Pentateuco formam a base não apenas da religião judaica, mas da sociedade hebraica como um todo.[16]

Na cultura ocidental, eles influenciaram significativamente o desenvolvimento de sistemas jurídicos e éticos. Princípios como a proibição do roubo, do assassinato e do falso testemunho foram incorporados nas legislações de muitos países ocidentais, servindo como bases morais para a formulação de leis civis e penais. A Declaração Universal dos Direitos

[10] BRUEGGEMANN, W. **Sabbath as resistance**: saying no to the culture of now. Louisville: Westminster John Knox, 2014, p. 35.
[11] SAEED, A**. Islamic thought**: an introduction. Londres: Routledge, 2007, p. 145.
[12] KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1857, p. 112.
[13] SMITH, J. **O Livro de Mórmon**. Salt Lake City: The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 1830, p. 28.
[14] WATCH TOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY. **Raciocínios à base das Escrituras**. Nova Iorque: Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 2006, p. 89.
[15] WRIGHT, 2004, p. 192.
[16] SOUZA, Renan D. **O ensino da Bíblia e a educação cristã**: reflexão teológica em Deuteronômio 6:4-9. Cachoeira: Revista Hermenêutica, 2013, p. 15.

Humanos, por exemplo, reflete esses princípios ao enfatizar o direito à vida, à propriedade e à justiça.[17]

Um exemplo histórico dessa influência social dos Dez Mandamentos é o trabalho de William Carey na Índia. Como missionário britânico, Carey mobilizou esforços globais para acabar com a prática do Sati, onde viúvas eram queimadas vivas junto com os corpos de seus maridos. Carey argumentou que essa prática violava o mandamento de não matar, e seu trabalho foi fundamental para sua abolição.[18]

Valores como a honestidade, a integridade e o respeito às autoridades são reforçados por meio da educação, literatura e artes, refletindo a ética dos Dez Mandamentos. A ética de trabalho protestante, que teve um impacto profundo na cultura ocidental, também encontra suas raízes em parte nos princípios dos Dez Mandamentos, promovendo a diligência, a responsabilidade e a honestidade no trabalho.[19] Assim, os Dez Mandamentos não apenas orientam a moralidade individual, mas também ajudam a definir os padrões culturais e sociais que sustentam a coesão e a ordem, especialmente nas sociedades ocidentais.

2. ANÁLISE DETALHADA DOS MANDAMENTOS

Nesta seção, os Dez Mandamentos serão examinados individualmente, considerando seus significados, suas implicações éticas e sua relevância para a vida pessoal e comunitária. Para organizar a análise, os mandamentos serão divididos em dois grupos: o primeiro ao quarto, relacionados à adoração, à reverência e à dedicação a Deus; e o quinto ao décimo, voltados às relações humanas e a princípios como honra, preservação da vida, fidelidade, respeito à propriedade, veracidade e contentamento. Essa divisão permitirá observar como o Decálogo articula as responsabilidades diante de Deus e os deveres para com o próximo, oferecendo uma perspectiva abrangente sobre seus fundamentos éticos.

2.1 Primeiro ao quarto Mandamentos

O primeiro mandamento é: “Não terás outros deuses diante de mim (Êxodo 20:3). O primeiro mandamento é o testemunho da singularidade e exclusividade de Deus, é nele que Deus releva Seu caráter, Seu ser e a Sua ação. Em outras palavras, nele Deus revela quem Ele é: O único Deus. Não é possível desenvolver uma ética cristã sem conhecê-lO.[20] Molnar afirma que esse é o primeiro mandamento porque ele também contradiz a principal tendência humana de localizar o divino em nós mesmos e colocar nosso ego exaltado no foco da adoração e de se considerar o centro da criação.[21] Em outras palavras, a afirmação do primeiro mandamento atinge diretamente a idolatria.

[17] HOLLENBACH, D. **The common good and christian ethics**. Cambridge: Cambridge University, 2002, p. 89.
[18] SMITH, G. **William Carey and the Reform of Sati**. Cambridge: Journal of Ecclesiastical History, 1990, p. 45
[19] WEBER, M. **The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism**. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1905, p. 123.
[20] REIFLER, 1992, p. 59.
[21] MOLNAR, T. **The Pagan Temptation**. São Francisco: Ignatius, 2005, p. 37

A finalidade do primeiro mandamento é explicitar que Deus deseja ter a prioridade sobre Seu povo e exercer plenamente Seus direitos.[22] Para Reifler, "nós não precisamos de deuses, porque podemos confiar na suficiência de Deus". A implicação ética é que a lealdade a Deus deve preceder todas as outras lealdades, moldando a moralidade pessoal e comunitária.[23]

O segundo mandamento, "Não farás para ti imagem de escultura", reflete a preocupação divina com a idolatria e a adoração de ídolos. Ele proíbe não apenas a criação física de imagens para adoração, mas também a reverência a objetos criados em detrimento da adoração ao Deus verdadeiro. Este mandamento visa preservar a pureza da fé e a reverência adequada a Deus, sem que seja contaminada por formas de adoração que desviam a devoção genuína. O teólogo holandês J. Van Imschoot aponta que o antigo conceito de imagem "não era apenas uma semelhança do ser representado, mas participava dele, em certo sentido era ele mesmo".[24]

A interpretação desse mandamento tem sido amplamente discutida dentro da teologia judaico-cristã, especialmente em relação à arte sacra e à representação religiosa.[25] Recentemente, a série "The Chosen" suscitou um novo debate sobre o que constitui idolatria.[26] Enquanto alguns pastores permitem o uso de imagens para fins didáticos, outros são mais rígidos e consideram qualquer uso da imagem de Jesus ou de Deus como uma violação do segundo mandamento.[27] No entanto, a implicação ética do segundo mandamento é clara: a devoção a Deus não deve ser substituída por representações materiais ou simbólicas, enfatizando a necessidade de uma fé pura e direta na prática religiosa.

O terceiro mandamento, "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão", enfatiza a santidade do nome de Deus e proíbe seu uso de maneira irreverente, falsa ou sem significado. Este mandamento reflete a importância de tratar o nome de Deus com respeito e reverência, destacando-o como algo sagrado e não sujeito a uso indevido ou casual. Para Molnar, esse mandamento é essencial porque protege contra a banalização do sagrado e reafirma a seriedade da relação entre o divino e o humano.[28]

Reifler afirma que a finalidade do terceiro mandamento é afirmar a santidade de Deus. Por isso ele poderia ser traduzido como "não usar o nome de Deus para o mal". Isso ocorre em situações como "quando O amaldiçoamos alguém, quando empregamos o nome de Deus sem pensar, quando O invocamos em cerimônias ocultas e quando juramos levianamente".[29] Portanto, a implicação ética é que o respeito ao nome de Deus não se limita apenas à

[22] CALVINO, J. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã**. São Paulos: CEP, 1985, p. 142.
[23] CHILDS, 1974, p. 412.
[24] IMSCHOOT, P. V. **Imagens**, in: Dicionário Enciclopédico da Bíblia. São Paulo: Vozes, 1977, p. 715.
[25] VON RAD, G. **Old Testament Theology, Volume I**: The Theology of Israel's Historical Traditions. Nova Iorque: Harper & Row, 1966, p. 103.
[26] CHAGAS, T. **'The Chosen': série viola ordens bíblicas e desperta idolatria, criticam pastores.** Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/the-chosen-viola-biblicas-idolatria-pastores-163843.html> Acesso em 22 jun 24.
[27] REIFLER, 1992, p. 79.
[28] MOLNAR, 2005, p. 102.
[29] REIFLER, 1992, p. 81.

linguagem, mas também abrange a integridade e a autenticidade nas promessas, juramentos e compromissos feitos em nome de Deus.

O quarto mandamento, "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar", ordena a observância do sábado como um dia sagrado de descanso e adoração. Este mandamento destaca a importância de reservar um tempo dedicado a Deus e ao descanso espiritual e físico. Segundo Molnar, o sábado representa uma pausa na atividade humana para refletir sobre o propósito divino e realinhar-se com as prioridades espirituais.[30]

A interpretação deste mandamento também suscita diversas discordâncias entre as diferentes linhas teológicas, tornando crucial examiná-lo à luz da perspectiva de Jesus Cristo. Jesus frequentemente criticava os fariseus e saduceus por sua interpretação rigorosa do sábado, acusando-os de distorcer a verdadeira essência da lei divina. Ele demonstrava que não era proibido comer no sábado, mesmo que isso envolvesse debulhar espigas para obter alimento, nem era errado realizar atos de bondade neste dia sagrado.[31]

Reifler argumenta que os fariseus transformaram a ética em uma filosofia defensiva e limitadora, mais preocupada em evitar transgressões e estabelecer fronteiras legais do que em promover uma ética construtiva, alegre e positiva.[32] Eticamente, este mandamento encoraja um equilíbrio saudável entre trabalho e descanso, destacando que o propósito da vida não reside em acumular bens materiais, mas sim em servir a Deus, cuidar da família e participar da comunidade de fé.

2.2 Quinto ao décimo Mandamentos

Os primeiros quatro mandamentos tratam da relação entre o homem e Deus. A partir do quinto mandamento, Deus institui leis a respeito do relacionamento entre os seres humanos.[33]

O quinto mandamento, "Honra a teu pai e a tua mãe", estabelece a importância do respeito, reverência e cuidado pelos pais. Childs afirma que este mandamento não apenas estabelece a obrigação filial de respeitar e honrar os pais, mas também promove a coesão familiar e a transmissão de valores morais de uma geração para outra. A honra aos pais implica não apenas em obedecer, mas em reconhecer o valor e a importância dos pais na formação pessoal e social de um indivíduo.[34] Cabe destacar que este é o único mandamento com promessa (Ef 6.2).

Nos tempos modernos, o quinto mandamento continua a ser relevante, confrontando desafios contemporâneos como o envelhecimento da população e a dinâmica familiar em constante mudança.[35] Ele inspira debates sobre políticas públicas que promovem o bem-estar dos idosos e a valorização das relações intergeracionais, destacando sua contínua importância ética e social na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

[30] MOLNAR, 2005, p. 103.
[31] YOUNG, E. J. "Sábado" in: R. P. Shedd. **O Novo Dicionário Bíblico**. São Paulo: Vida Nova, 1962, p. 1422.
[32] REIFLER, 1992, p. 90-91.
[33] REIFLER, 1992, p. 97.
[34] CHILDS, 1974, p. 422.
[35] CAMARGO E. J. C. **Estudos de Problemas Brasileiros**. São Paulo: Atlas, 1984, p. 29.

O sexto mandamento, "Não matarás", estabelece um princípio fundamental de preservação da vida humana. Segundo Bonhoeffer, este mandamento não se limita apenas à proibição do homicídio direto, mas abrange também qualquer ato que prejudique ou ameace a vida de outro ser humano.[36]

Atualmente, o debate do que significa "Não matarás" afeta os mais diversos assuntos como pena capital, guerras, suicídio, eutanásia, aborto, infanticídio e genocídio.[37] Tratando especificamente do aborto, Reifler afirma que do ponto de vista bíblico, é impossível diferenciar entre vida em formação e vida pós-natal. O autor menciona o fato de que em Lucas 1.41 o autor bíblico menciona que João Batista, um feto de 6 meses "estremeceu de alegria com a saudação de Maria, que tinha Jesus no ventre, a sua mãe Isabel. Bem como, em Lucas 1.15, as Escrituras afirmam que Jesus seria "cheio do Espírito Santo, já desde o ventre materno".[38]

Eticamente, este mandamento fundamenta a moralidade básica da não-violência e da justiça social, enfatizando o valor intrínseco da vida e a responsabilidade pela segurança e bem-estar do próximo. Além disso, ele implica um compromisso com a promoção da paz e da reconciliação, contrapondo-se à guerra, ao homicídio e a qualquer forma de violência injustificada. Este mandamento não apenas protege a integridade física das pessoas, mas também sustenta a construção de uma sociedade baseada no respeito mútuo e na dignidade humana.

O sétimo mandamento, "Não adulterarás", estabelece um princípio ético fundamental de fidelidade e respeito nos relacionamentos conjugais. O mandamento vai além da proibição do adultério físico, abrangendo qualquer forma de infidelidade emocional ou espiritual que comprometa a integridade do casamento e a confiança entre os cônjuges.[39] Ávila afirma que "a família é o único fenômeno social, além do fenômeno religioso, que se encontra em todos os tempos e em todas as culturas".[40]

Jesus menciona que a quebra do sétimo mandamento pode ser vista como uma exceção à proibição do divórcio (Mt 5.31-32), destacando como a infidelidade compromete a integridade do relacionamento. Eticamente, esse mandamento reforça a valorização do casamento como uma instituição sagrada, fundamentada na confiança e respeito mútuo. Além disso, o sétimo mandamento desafia as normas culturais contemporâneas que tendem a trivializar a infidelidade, reafirmando a importância de manter a pureza e a santidade dos laços conjugais como fundamentais para a harmonia familiar e social.

O oitavo mandamento, "Não furtarás", estabelece um princípio ético crucial de respeito à propriedade alheia e de justiça social. Segundo Brueggemann, este mandamento vai além

[36] BONHOEFFER, D. **Ethics**. Guildford: Touchstone, 1943, p. 309.
[37] REIFLER, 1992, p. 114.
[38] REIFLER, 1992, p. 135.
[39] BONHOEFFER, 1943, p. 312.
[40] ÁVILA, F. B. **Introdução à Sociologia**. Rio de Janeiro: Agir, 1981, p. 220.

da proibição simples do roubo material, abrangendo qualquer forma de exploração econômica ou injustiça que prive indivíduos ou comunidades de seus direitos e recursos.[41]

Para Reifler, o oitavo mandamento apresenta nossa obrigação moral perante o próximo quanto ao dinheiro e à propriedade. "Não furtar" significa não possuir coisa alguma que não tenha sido obtida por meios lícitos e honestos.[42] Do ponto de vista ético, o mandamento enfatiza a importância da honestidade, integridade e responsabilidade no uso dos recursos materiais e na interação social. Ele promove uma sociedade onde os direitos de propriedade são respeitados, as transações são justas e os mais vulneráveis são protegidos contra exploração e privação. Além disso, o oitavo mandamento desafia as estruturas econômicas injustas que perpetuam a desigualdade social e econômica, reafirmando a responsabilidade individual e coletiva de promover a equidade e o bem-estar comum.

O nono mandamento, "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo", estabelece um princípio ético fundamental de veracidade e justiça na comunicação. Segundo Durham, ele não se restringe apenas a evitar mentiras deliberadas, mas também inclui a obrigação positiva de falar a verdade com integridade em todas as circunstâncias.[43]

Historicamente, esse mandamento era ainda mais crucial, dado que acusações falsas poderiam resultar em punições severas, incluindo a pena de morte baseada apenas no testemunho de duas ou mais pessoas. Na esfera ética, o nono mandamento promove o respeito pela dignidade humana e protege contra a difamação injusta, exigindo responsabilidade moral na comunicação precisa e honesta para evitar distorções que possam prejudicar a reputação ou os direitos alheios. Além disso, desafia a disseminação de informações falsas e a manipulação da verdade, especialmente em contextos jurídicos e sociais onde a justiça depende da precisão e da sinceridade dos testemunhos.

Por fim, o décimo mandamento, "Não cobiçarás", aborda diretamente as inclinações internas do coração humano em relação à inveja e ao desejo descontrolado. Este mandamento inibe a cobiça em geral. Especialmente, proíbe a cobiça da mulher, dos empregados, dos animais e de todos os bens e ideias de outra pessoa.[44]

Em sua análise, Brueggemann argumenta que este mandamento visa não apenas a ação externa, mas também o desejo interno que pode levar à injustiça e à violação dos direitos dos outros.[45] A palavra hebraica para "cobiçar" implica ter uma intenção oculta no coração, que pode se manifestar posteriormente em ações concretas de furto e roubo.[46]

Portanto, O décimo mandamento, enfatiza cultivar contentamento e gratidão em vez de competição e insatisfação. Ele promove respeito pelos limites e direitos alheios, desafiando a cobiça pelo que pertence ao próximo. Além disso, destaca a importância de um coração puro

[41] BRUEGGEMANN, W. **Theology of the Old Testament**: testimony, dispute, advocacy. Minneapolis: Fortress, 2001, p. 239.
[42] REIFLER, 1992, p. 181.
[43] DURHAM, J. I. **Exodus**. Grand Rapids: Zondervan, 2017, p. 225.
[44] REIFLER, 1992, p. 229.
[45] BRUEGGEMANN, 2001, p. 66.
[46] LUTERO, M. **Livro de Concórdia**: as confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal, 1982, p. 443.

e desapegado de bens materiais para relacionamentos justos e harmoniosos na sociedade, influenciando tanto a conduta individual quanto a construção de uma comunidade ética baseada no respeito mútuo e na integridade.

3. COMPARAÇÃO ENTRE TRADIÇÕES ÉTICAS

Os dez mandamentos não são apenas normas religiosas; eles também estabelecem fundamentos éticos que têm sido debatidos e analisados ao longo da história. Neste ponto serão examinados os fundamentos da ética presentes nos dez mandamentos, explorando a base moral e a autoridade que sustentam esses preceitos, bem como seus princípios éticos e sua relevância para a ética pessoal e social.

3.1 Ética na perspectiva bíblica

Como mencionado anteriormente, a ética bíblica é profundamente enraizada nos Dez Mandamentos, que são considerados a base moral divinamente revelada para a humanidade. Esses mandamentos estabelecem princípios éticos essenciais que regulam a relação do indivíduo com Deus e com o próximo. Eles abrangem desde a adoração exclusiva a Deus até a proibição de homicídio, adultério, roubo e falsidade, promovendo uma ética de santidade e justiça que permeia toda a Bíblia (Êx 20; Dt 5).

Além dos Dez Mandamentos, os ensinamentos éticos de Jesus Cristo ocupam um papel central na Bíblia. Jesus não apenas reitera os mandamentos de amor a Deus e ao próximo como fundamentais (Mt 22.37-39; Mc 12.29-31), mas também os amplia, enfatizando o perdão (Mt 6.14-15), a misericórdia (Lc 6.36) e o amor pelos inimigos como características essenciais do Reino de Deus (Mt 5.43-48; Lc 6.27-36). Sua ética é marcada pela radicalidade do amor sacrificial (Jo 15.13) e pela promoção da justiça social (Lc 4.18-19) e da compaixão pelos marginalizados e oprimidos (Mt 25.35-40).

Paulo em suas cartas também trata amplamente da ética cristã, destacando a importância da fé em Cristo e da transformação interior pelo Espírito Santo. Paulo instrui as comunidades cristãs sobre a unidade na diversidade (Ef 4.1-6), a prática do amor fraternal (Rm 12.9-10; 1Ts 4.9), a honestidade (Ef 4.25), a pureza sexual (1Ts 4.3-5) e a submissão mútua dentro das relações (Ef 5.21; Cl 3.18-4.1). Ele ensina que, embora “tudo me seja permitido, nem tudo me convém” e que se deve buscar aquilo que edifica tanto a cada um quanto ao próximo (1Co 6.12; 10.23). Além disso, em sua carta a Tito, Paulo critica os cretenses por suas atitudes contraditórias em relação à fé que professavam (Tt 1.10-16).

Os livros poéticos da Bíblia, oferece uma ampla gama de perspectivas sobre a conduta humana e a vida espiritual. Nos Salmos, encontra-se uma busca ardente pela justiça e pela retidão, combinada com uma devoção profunda a Deus. O livro de Provérbios apresenta sabedoria prática para uma vida justa e próspera, enfatizando o temor ao Senhor, a honestidade e a humildade como virtudes essenciais. Eclesiastes convida à reflexão sobre o sentido da vida e a ética pessoal diante das incertezas humanas, buscando contentamento em Deus e sabedoria diante das vicissitudes da existência. Jó, por sua vez, explora a ética através

do sofrimento e da provação, desafiando a integridade moral em meio ao sofrimento injusto e destacando a fé, a paciência e a confiança na justiça divina como pilares éticos fundamentais.

Os profetas do Antigo Testamento, não apenas proclamaram a palavra de Deus e denunciaram injustiças sociais, mas também apresentaram uma ética de justiça, compaixão e compromisso com os oprimidos e marginalizados. Eles confrontaram as elites governantes por sua corrupção moral e social, exortaram o povo à prática da justiça e ao cuidado dos necessitados, enfatizando que o verdadeiro culto a Deus inclui uma vida de integridade e retidão (Is 1.17; Jr 22.3; Ez 18.5-9).

Em resumo, a ética bíblica se fundamenta no amor, na justiça e na busca pela santidade. O amor, conforme exemplificado por Cristo, implica em renúncia própria e cuidado pelos interesses dos outros (Fp 2.3-8). A justiça é valorizada acima de rituais externos, como sacrifícios, refletindo o desejo divino por retidão (Pv 213). Por fim, a santidade, inspirada na natureza santa de Deus, convoca os crentes a se distanciarem das práticas corruptas do mundo e a viverem em conformidade com o padrão moral divino (1Pe 1.15-16). Assim, a ética bíblica não se limita a um conjunto de regras, mas é um testemunho vivo do relacionamento transformador entre o Criador e suas criaturas, guiando os crentes rumo a um crescimento moral e espiritual pleno.

3.2 Ética na perspectiva Grega

O estudo e a reflexão ética profunda remontam à Grécia Antiga, onde os filósofos gregos se dedicaram a compreender não apenas a conduta humana, mas também as bases que fundamentam as normas morais e os princípios éticos. Originada do termo grego "*éthos*", que se refere ao caráter individual e aos costumes sociais, a ética antiga abarca uma diversidade de perspectivas, desde os questionamentos socráticos até as teorias aristotélicas sobre a felicidade e o bem supremo. [47]

Sócrates, pioneiro na abordagem ética, introduziu um método peculiar de questionamento constante, visando não apenas revelar a ignorância humana sobre temas éticos, mas também incentivar a reflexão crítica sobre as próprias crenças. Através do "*elenchos*", um método de investigação, Sócrates buscava alcançar um conhecimento mais profundo das virtudes, argumentando que a sabedoria é o caminho para a virtude. Para ele, conhecer o bem era inseparável de praticá-lo, lançando assim as bases para o que viria a ser o "intelectualismo ético".[48]

Por outro lado, Platão, discípulo de Sócrates, desenvolveu uma ética que transcende o mundo sensível, centrando-se na alma humana e em sua busca pela contemplação das Ideias eternas.[49] Para Platão, a ética não se limita à conduta terrena, mas prepara a alma para retornar ao mundo inteligível, onde reside o verdadeiro bem e justiça.[50] Sua visão da felicidade

[47] SANTAS, G. **Socrates**: Philosophy in Plato's Early Dialogues. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1979, p. 15.

[48] COOPER, J. M. **Knowledge, Nature, and the Good**: essays on ancient philosophy. Princeton: Princeton University, 1999, p. 102.

[49] IRWIN, T. H. **Plato's Ethics**. Oxford: Oxford University, 1995, p. 185.

[50] DEWEESE, Garrett. J.; MORELAND J. P. **Filosofia Concisa**: uma introdução aos principais temas filosóficos. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 89.

como resultado da disciplina moral e da harmonia entre razão e desejo influenciou profundamente a filosofia moral subsequente, destacando a importância da virtude como guia para uma vida ética plena.

Aristóteles, por sua vez, sistematizou a ética em sua obra "Ética a Nicômaco", distinguindo entre virtudes intelectuais e morais e argumentando que a felicidade humana é alcançada através da prática virtuosa. Para Aristóteles, a virtude moral não é apenas um conhecimento teórico, mas sim um hábito adquirido através da prática constante. Sua abordagem pragmática enfatizou a importância do equilíbrio entre razão e emoção na tomada de decisões éticas, refletindo um compromisso com a formação de hábitos que levam ao florescimento humano.[51]

A ética dos Dez Mandamentos e a ética grega convergem na valorização de princípios éticos universais como a honestidade e a justiça. No entanto, divergem na fonte e na natureza desses princípios, com os Mandamentos vistos como revelações divinas inquestionáveis e a ética grega baseada na razão e na reflexão filosófica.[52]

3.3 Códigos éticos em civilizações Antigas

Ao contrário dos gregos, que abordaram a ética de maneira filosófica, diversas outras civilizações desenvolveram conceitos mais práticos de ética através, principalmente, de suas legislações. Os egípcios, por exemplo, baseavam sua ética na ideia de harmonia e equilíbrio (*ma'at*), que permeava todas as áreas da vida, orientando comportamentos individuais e sociais em direção à ordem cósmica.[53] Suas leis, inscritas em códigos, focavam em punições proporcionais aos crimes cometidos, refletindo um senso de justiça que tinha raízes éticas na preservação da ordem social.

Na sociedade mesopotâmica, a ética era essencialmente codificada no famoso Código de Hamurabi, promulgado pelo rei da Babilônia por volta de 1754 a.C. Este código não apenas estabelecia leis escritas para regular a vida cotidiana, mas também refletia valores éticos fundamentais como justiça retaliativa, equidade nas punições e a manutenção da ordem social.[54] Além de suas implicações legais, o código oferecia compensações para vítimas e delineava responsabilidades claras para todos os cidadãos, evidenciando uma visão de ética ligada à coesão social e à preservação da hierarquia na antiga Mesopotâmia.

Na Índia antiga, os ensinamentos dos Vedas e dos Upanishads influenciaram profundamente a ética hindu, enfatizando o conceito de *dharma*, que se refere ao dever moral e à ordem cósmica. O *dharma* orientava não apenas as ações individuais, mas também as responsabilidades sociais e as relações interpessoais, formando a base de um sistema ético que buscava harmonizar o indivíduo com a sociedade e o cosmos.[55]

---

[51] BROADIE, S. **Ethics with Aristotle**. Oxford: Oxford University, 1991, p. 79.

[52] MILLER, F. D. **Ancient Greek Ethics**: an overview. Nova Iorque: Internet Encyclopedia of Philosophy, 2013, p. 67.

[53] ASSMANN, J. **The mind of Egypt**: history and meaning in the Time of the Pharaohs. Cambridge: Harvard University, 2001, p. 75.

[54] NEMET-NEJAT, K. R. **Daily Life in Ancient Mesopotamia**. Westport: Greenwood, 1998, p. 28.

[55] RADHAKRISHNAN, S. **Indian Philosophy**, Volume 1. Oxford: Oxford University, 1994, p. 91.

Os pontos de convergência dessas tradições éticas na antiguidade com os Dez mandamentos residem na valorização de princípios universais como a justiça, a honestidade e a responsabilidade social. No entanto, as diferenças são marcantes, pois os Dez Mandamentos são vistos como revelações divinas diretas de um único Deus, enquanto as legislações dos povos antigos geralmente derivavam de uma combinação de tradições religiosas, filosóficas e pragmáticas.[56]

3.4 Ética na Idade Média

Durante a Idade Média, a ética estava profundamente entrelaçada com a teologia cristã, influenciando tanto o pensamento filosófico quanto as práticas cotidianas. A visão predominante era a de uma ordem divina que permeava todas as esferas da vida humana, regulando não apenas as relações entre indivíduos, mas também estabelecendo princípios morais universais. Santo Agostinho, em suas obras como "A Cidade de Deus", explorou a natureza do bem e do mal à luz da vontade divina, argumentando que a virtude moral está intimamente ligada à busca pela harmonia com Deus.[57]

Por outro lado, Tomás de Aquino desenvolveu uma ética baseada na razão e na teologia, articulada em sua obra monumental "Summa Theologica". Para Aquino, a lei natural, derivada da razão e do plano divino, serve como fundamento para a moralidade humana, enquanto as virtudes teologais como fé, esperança e caridade orientam o comportamento moral em direção ao bem supremo.[58]

A ética na Idade Média também foi moldada pelos ideais cavaleirescos, exemplificados no código de conduta dos cavaleiros e nas ordens de cavalaria como os Templários. Estes guerreiros não apenas defendiam princípios de honra, coragem e lealdade, mas também estavam sujeitos a uma ética de serviço e proteção aos mais fracos, inspirados por ideais cristãos de serviço desinteressado.[59]

Além das influências cristãs, a filosofia islâmica também desempenhou um papel significativo na ética medieval, especialmente através das obras de filósofos como Avicena e Averróis. Avicena, em sua obra "A Cura", explorou temas éticos relacionados à virtude, argumentando que a ética deve estar em consonância com a razão e a verdade religiosa para alcançar o florescimento humano.[60]

A vida monástica medieval também foi um campo fértil para o desenvolvimento da ética, onde ordens como os beneditinos e cistercienses praticavam uma disciplina moral rigorosa baseada na obediência, pobreza e castidade, refletindo um compromisso com a perfeição espiritual e a comunhão com Deus.[61]

---

[56] CHILDS, 1974, p. 412.
[57] AGOSTINHO, S. **A Cidade de Deus**. São Paulo: Paulus, 1984, p. 315.
[58] AQUINO, T. de. **Summa Theologica**. Notre Dame: University of Notre Dame, 1989, p. 112.
[59] BENNETT, M. **The Templars**. Stroud: Sutton Publishing, 1993, p. 45.
[60] AVICENA**. The Cure**. Provo: Brigham Young University, 1989, p. 228.
[61] LECLERCQ, J. **The Love of Learning and the Desire for God**: a study of monastic culture. Bronx: Fordham University, 1993, p. 72.

Por fim, enquanto os Mandamentos fornecem diretrizes claras sobre conduta moral e adoração, a ética medieval expandiu esses princípios para abordar questões teológicas complexas, como a natureza do pecado e da redenção. Apesar das interpretações variadas ao longo do tempo, ambos os sistemas éticos buscaram promover uma sociedade justa e moralmente responsável, embora suas aplicações práticas e ênfases possam ter diferido conforme as necessidades e os contextos históricos.[62]

3.5 Kant e a fundamentação da Ética Moderna

Immanuel Kant, em sua obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes", estabeleceu um marco fundamental na ética moderna ao propor uma abordagem deontológica. Para Kant, a moralidade não depende das consequências das ações, mas sim da obrigação moral intrínseca que deriva da razão prática pura.[63] Ele formulou o imperativo categórico como uma regra moral absoluta: "Age apenas segundo uma máxima tal que possas querer ao mesmo tempo que se torne lei universal".[64] Isso significa que a ética deve ser baseada no respeito pela dignidade humana e na conformidade com deveres universais que se aplicam a todos os seres racionais.

Além de Kant, outros pensadores modernos contribuíram significativamente para o desenvolvimento da ética. Por exemplo, John Stuart Mill, no utilitarismo, enfatizou a maximização da felicidade como critério ético, onde as ações são julgadas pelos seus resultados positivos para o maior número de pessoas.[65] Ao contrário de Kant, Mill valoriza as consequências das ações como determinantes da sua moralidade, defendendo uma abordagem consequencialista. [66]

Por outro lado, Friedrich Nietzsche questionou os fundamentos tradicionais da ética, propondo uma crítica radical das noções de bem e mal como valores absolutos.[67] Para Nietzsche, a moralidade deve ser subjetiva e expressar a vontade de poder individual, desafiando as normas estabelecidas em favor de uma ética baseada na superação pessoal e na criatividade.

Já Jean-Paul Sartre, no existencialismo, argumentou que a ética deve surgir da liberdade individual de escolha e responsabilidade pela própria existência.[68] Ele rejeitou qualquer essência humana pré-determinada ou valores universais, enfatizando a necessidade de cada indivíduo criar seus próprios princípios éticos através de escolhas autênticas. Esta perspectiva não apenas desafia concepções tradicionais de moralidade, mas também tem ganhado relevância crescente nas correntes sociais contemporâneas.

Portanto, enquanto os Dez Mandamentos oferecem uma base moral absoluta e divinamente revelada, a ética moderna se caracteriza pela pluralidade de abordagens e

[62] BAINTON, R. H. **The Medieval Church**. Princeton: Princeton University, 1950, p. 217.
[63] KANT, I**. Fundamentação da metafísica dos costumes**. Mesquita: XYZ, 1785, p. 30
[64] KANT, 1785, p. 41.
[65] MILL, J. S. **Utilitarianism**. Londres: ABC, 1863, p. 45.
[66] DEWEESE, 2011, p. 88.
[67] NIETZSCHE, F. (1887). **On the genealogy of morality**. Combridge: DEF, 1887, p. 72.
[68] SARTRE, J.-P. **Being and Nothingness**. GHI, 1943, p. 89.

interpretações filosóficas sobre a moralidade humana. Defendendo desde abordagens consequencialistas, voltadas a uma moral autônoma do indivíduo, até uma ética baseada na vontade do poder.

3.6 Ética em outras religiões

Ao explorar a ética em diversas religiões, é possível observar tanto semelhanças marcantes quanto diferenças significativas entre suas abordagens. Princípios éticos fundamentais, como justiça, honestidade e responsabilidade social, são amplamente compartilhados, sugerindo uma ética universal que transcende fronteiras culturais. Por exemplo, a proibição do roubo e da mentira é comum em várias tradições religiosas. No entanto, as interpretações específicas desses princípios variam devido a seus contextos culturais, históricos e teológicos distintos.

3.6.1 Islamismo

A ética no islamismo é profundamente enraizada nos ensinamentos do Alcorão e nas tradições do Profeta Muhammad (Hadith). Esses textos, sagrados para os islâmicos, estabelecem os princípios fundamentais que orientam o comportamento moral e social dos muçulmanos. O Alcorão enfatiza a importância da justiça, misericórdia, e responsabilidade social, promovendo uma vida de integridade e piedade. Além disso, os ensinamentos islâmicos enfatizam a submissão à vontade de Deus (Allah) como a base para todas as ações éticas, refletindo um compromisso com a fé que permeia todas as esferas da vida humana.[69]

No islamismo, a justiça (*'adl*) é um dos princípios centrais que devem ser aplicados tanto na vida pessoal quanto na vida comunitária. O Alcorão frequentemente menciona a importância de agir com justiça e equidade, independentemente das circunstâncias. Em várias passagens, é enfatizado que a justiça deve prevalecer mesmo que isso implique em testemunhar contra si mesmo ou contraparentes próximos (Alcorão 4:135). Críticos, entretanto, apontam que a aplicação da justiça pode variar significativamente dependendo do contexto cultural e jurídico de diferentes países islâmicos, o que pode levar a inconsistências na prática.[70]

A responsabilidade social também ocupa um lugar central na ética islâmica. O conceito de Zakat, ou caridade obrigatória, é um dos cinco pilares do islamismo e exige que os muçulmanos doem uma parte de sua riqueza aos necessitados. Este princípio não é apenas um ato de generosidade, mas uma obrigação moral e religiosa que visa reduzir a desigualdade e promover a justiça social. Além disso, a ética islâmica incentiva a realização de atos voluntários de caridade (Sadaqah), que são altamente valorizados. No entanto, apesar dessas diretrizes, críticos argumentam que os índices de desigualdade observados em muitos países islâmicos indicam que o Zakat, por si só, não é suficiente para resolver os profundos problemas de desigualdade econômica e social.[71]

[69] ESPOSITO, J. L**. Islam**: the straight path. Oxford: Oxford University, 2003, p. 25.
[70] SAEED, 2007, p. 123.
[71] SAEED, 2007, p. 145.

Outros aspectos essenciais da ética islâmica são a integridade pessoal e a sinceridade (*ikhlas*). Os muçulmanos são incentivados a agir com honestidade e a evitar a hipocrisia em todas as áreas da vida. A intenção por trás das ações é de suma importância; ações realizadas com sinceridade e para agradar a Deus são consideradas superiores às realizadas por motivos egoístas ou superficiais. Este foco na intenção demonstra que a ética islâmica vai além das ações exteriores, abrangendo o estado interno do coração e da mente.[72]

A ética islâmica, apesar de seus ensinamentos sobre justiça, misericórdia e responsabilidade social, enfrenta críticas devido ao tratamento desigual das mulheres. A Sharia, ou lei islâmica, é frequentemente citada por criar desigualdade de gênero em áreas como herança, testemunho judicial e direitos matrimoniais, onde a herança das mulheres e o valor de seu testemunho são metade dos homens[73]. As leis de casamento e divórcio também tendem a favorecer os homens, restringindo as liberdades femininas.[74] Críticos argumentam que essas práticas perpetuam a desigualdade e contrariam os princípios do Alcorão, enquanto defensores afirmam que refletem responsabilidades sociais distintas.[75] A tensão entre tradição e modernidade alimenta debates sobre a necessidade de reformar a interpretação da ética islâmica para promover maior igualdade de gênero.

A ética muçulmana e os Dez Mandamentos compartilham semelhanças em aspectos como justiça, honestidade e responsabilidade social. No entanto, apresentam divergências significativas em outros pontos. A principal diferença reside no fato de que a Sharia atribui diferentes direitos e responsabilidades a homens e mulheres, enquanto os Dez Mandamentos estabelecem uma base moral universal sem especificar desigualdades de gênero.

3.6.2 Hinduísmo

A ética no hinduísmo é fundamentada em um conjunto de valores e princípios que visam orientar o comportamento humano em direção à harmonia espiritual e social. No centro dessa ética está o conceito de Dharma, que representa a lei cósmica e a ordem moral que governa o universo. O Dharma varia de acordo com a idade, ocupação, gênero e contexto social de cada indivíduo, refletindo a complexidade e a adaptabilidade da ética hindu. Este conceito é explorado em textos como os Vedas e os Upanishads, que fornecem diretrizes sobre a conduta correta em diversas esferas da vida.[76]

Outro pilar central da ética hindu é o conceito de Ahimsa, ou não-violência, que foi popularizado mundialmente por Mahatma Gandhi. Ahimsa preconiza a ausência de violência em pensamento, palavra e ação, promovendo a paz e a harmonia entre os seres vivos. Este princípio é amplamente discutido no Bhagavad Gita, onde Krishna aconselha Arjuna a adotar a não-violência como uma forma de vida moralmente elevada.[77]

[72] ESPOSITO, 2003, p. 45.
[73] RAHMAN, F. **Major Themes of the Qur'an**. Chicago: University of Chicago, 1989, p. 102.
[74] ALI, A. **Ethical Dilemmas in Islamic Law**. Cambridge: Cambridge University, 2006, p. 148.
[75] SAEED, 2007, p. 169.
[76] RADHAKRISHNAN, S. **The Principal Upanishads**. Nova Iorque: Harper, 1956, p. 112.
[77] GANDHI, M. K. **The story of my experiments with truth**. Ahmedabad: Navajivan Publishing House, 1927, p. 59.

A ética hindu também enfatiza os quatro objetivos da vida humana, conhecidos como Purusharthas: Dharma (dever), Artha (prosperidade), Kama (prazer) e Moksha (libertação espiritual). Estes objetivos são vistos como etapas inter-relacionadas que devem ser equilibradas para alcançar uma vida harmoniosa e plena. O Manusmriti, um texto antigo de leis e condutas, detalha como cada indivíduo deve buscar esses objetivos em diferentes fases da vida, guiando o comportamento ético e moral.[78]

No entanto, a ética hindu enfrenta críticas, particularmente em relação ao sistema de castas, que tem sido uma característica histórica do hinduísmo. O sistema de castas, baseado em ideias de pureza e impureza, tem sido criticado por perpetuar desigualdades sociais e discriminação. Muitos críticos apontam que, embora os textos sagrados como o Bhagavad Gita falem da igualdade espiritual de todos os seres, na prática, o sistema de castas contraria esses ensinamentos, promovendo divisões sociais rígidas.[79] A ética hindu, portanto, é vista como complexa e multifacetada, contendo elementos tanto de profunda sabedoria espiritual quanto de práticas sociais controversas.

A ética hindu, assim como os Dez Mandamentos, enfatiza a aversão ao roubo e à violência, além de promover a honestidade. No entanto, a tradição hindu apresenta diferenças marcantes, como a distinção social baseada no sistema de castas, algo inexistente na Lei Mosaica. Além disso, a ética hindu carece de uma autoridade central ou de um conjunto fixo de mandamentos, resultando em maior flexibilidade e diversidade na aplicação de seus princípios éticos.

3.6.3 Budismo

A ética budista é estruturada em torno do Nobre Caminho Óctuplo, que é compreendido como uma forma de alcançar a libertação do sofrimento e a iluminação. Esse caminho é composto por oito práticas interligadas que incluem a compreensão correta, a intenção correta, a fala correta, a ação correta, o meio de vida correto, o esforço correto, a atenção plena correta e a concentração correta.[80] Cada uma dessas práticas tem como objetivo cultivar a sabedoria, a ética e a meditação, elementos essenciais para o desenvolvimento espiritual no budismo. Através dessas práticas, os budistas são incentivados a agir de maneira ética, a desenvolver um estado mental equilibrado e a adquirir uma compreensão profunda da natureza da realidade.

Outro aspecto central da ética budista é o princípio da não-violência, ou ahimsa. Este princípio preconiza a ausência de violência em pensamento, palavra e ação, e é fundamental para a moralidade budista.[81] A não-violência é refletida nos cinco preceitos básicos que todos os budistas são incentivados a seguir: abster-se de matar seres vivos, de tomar o que não é

[78] BUHLER, G. **The Laws of Manu**. Oxford: Clarendon, 1886, p. 72.
[79] AMBEDKAR, B. R. **Annihilation of Caste**. Lahore: The Annual Conference of the Jat-Pat Todak Mandal of Lahore, 1936, p. 22.
[80] HARVEY, P. **An Introduction to Buddhist Ethics**. Cambridge: Cambridge University, 2000, p. 42.
[81] HARVEY, 2000, p. 67.

dado, de conduta sexual imprópria, de discurso incorreto e de consumir intoxicantes (drogas e bebidas alcoólicas, por exemplo).[82]

A ética budista também enfatiza a importância da intenção por trás das ações. De acordo com o budismo, não é apenas o ato em si que é moralmente significativo, mas a motivação que o impulsiona.[83] A prática da intenção correta implica agir com compaixão, generosidade e sabedoria, evitando ações motivadas por ganância, ódio e ignorância. Este foco na intenção destaca a visão budista de que a ética não é apenas uma questão de comportamento externo, mas também de cultivo interno da mente e do coração. Através da meditação e da reflexão, os budistas buscam purificar suas intenções e alinhar suas ações com os princípios éticos.

Ao comparar a ética budista com os Dez Mandamentos, emergem tanto semelhanças quanto diferenças notáveis. Ambos os sistemas enfatizam princípios éticos fundamentais como a honestidade, a não-violência e a responsabilidade social. No entanto, enquanto os Dez Mandamentos são vistos sob a ótica do que é correto aos olhos de Deus, a ética budista se baseia na auto-regulação e na prática pessoal de desenvolvimento espiritual. Além disso, a moralidade budista está profundamente conectada ao princípio do karma, segundo o qual as ações têm consequências diretas nas vidas futuras

3.6.4 Confucionismo

A ética confucionista, fundamentada nos ensinamentos do filósofo chinês Confúcio, valoriza a harmonia social, a moralidade e o respeito pelas hierarquias familiares e sociais. Confúcio enfatizava a importância das cinco relações fundamentais: governante e súdito, pai e filho, marido e esposa, irmão mais velho e irmão mais novo, e amigo e amigo. Essas relações refletem uma ética que valoriza a ordem, a reciprocidade e a responsabilidade mútua, buscando promover a estabilidade e a harmonia na sociedade.[84]

Outro aspecto central da ética confucionista é a ênfase na virtude pessoal e no autocultivo. Confúcio acreditava que o desenvolvimento moral individual era essencial para uma sociedade harmoniosa. Princípios como *ren* (benevolência), *yi* (justiça) e *li* (propriedade) são fundamentais para o comportamento ético, guiando os indivíduos a agirem de maneira correta e a manterem relações sociais saudáveis. A prática dessas virtudes leva ao desenvolvimento de um caráter nobre e exemplar, a fim de influenciar a comunidade a que se pertence.[85]

A educação e o aprendizado contínuo também são pilares importantes da ética confucionista. Confúcio via a educação como um meio de alcançar a virtude e a sabedoria. Ele incentivava seus discípulos a estudarem os clássicos, a refletirem sobre suas ações e a se esforçarem para melhorar constantemente. A educação não era apenas um fim em si mesma,

[82] KEOWN, D**. Buddhist Ethics**: a very short introduction. Oxford: Oxford University, 2005, p. 83.
[83] KEOWN, 2005, p. 47.
[84] CONFÚCIO. **The Analects of Confucius**. Nova Iorque: Dover, 1997, p. 54.
[85] CONFÚCIO, 1997, p. 92

mas um caminho para a autorrealização e para a construção de uma sociedade mais justa e harmoniosa.[86]

Ao comparar a ética confucionista com os Dez Mandamentos, observa-se semelhanças nos preceitos éticos fundamentais, como ocorre também com o budismo. As principais diferenças, no entanto, residem na ênfase e na fonte de autoridade. Nos Dez Mandamentos, a moralidade está profundamente enraizada no relacionamento com Deus e na Sua vontade para as nossas vidas. Em contraste, a ética confucionista é estritamente secular, focada na moralidade humana e nas relações sociais, sem referências ao divino. É importante destacar que, embora o confucionismo seja adotado por muitos como uma religião, seu objetivo inicial era fornecer uma exposição filosófica e moral da vida, sem tratar de temas comuns às demais religiões, como a vida após a morte ou divindades.

4. RELEVÂNCIA CONTEMPORÂNEA

Os Dez Mandamentos têm uma relevância contemporânea significativa, influenciando diversas esferas da ética pessoal. Eles estabelecem diretrizes fundamentais para o comportamento humano, promovendo valores como honestidade, respeito e responsabilidade. Esses princípios são essenciais para a convivência harmoniosa e a manutenção de uma sociedade justa. Autores como C. S. Lewis destacam a universalidade desses princípios, argumentando que eles refletem um código moral inerente à natureza humana, independentemente de crenças religiosas específicas.[87] A ética pessoal, fundamentada nesses mandamentos, ajuda a moldar comportamentos que respeitam a dignidade humana e a justiça.

A relevância jurídica dos Dez Mandamentos é evidente nas legislações de muitos países ao redor do mundo. No Brasil, por exemplo, o Código Penal proíbe o homicídio (Art. 121), o furto (Art. 155) e o perjúrio (Art. 342), refletindo diretamente os mandamentos de não matar, não roubar e não dar falso testemunho.[88] De forma similar, nos Estados Unidos, muitos aspectos do sistema jurídico são influenciados por esses princípios bíblicos, demonstrando sua duradoura influência na promoção da justiça e da ordem social.[89]

A questão do adultério é outro exemplo de como os Dez Mandamentos influenciam a legislação contemporânea. Em países como Filipinas, Taiwan, Arábia Saudita, Iêmen, Sudão, Paquistão, entre outros, o adultério ainda é considerado um delito que pode ter implicações que vão desde multas até penas de prisão.[90] A índia aboliu sua lei anti-adultério recentemente

[86] TU, W. **Confucian thought**: selfhood as creative transformation. Nova Iorque: State University of New York, 1985, p. 173.

[87] LEWIS, C. S. **Mere Christianity**. Nova Iorque: HarperCollins, 1952, p. 20.

[88] **Código Penal.** Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo_penal_1ed.pdf.> Acesso em 21 jun 24.

[89] CARTER, S. L. **The ten commandments and their influence on American Law**. Williamsburg: William & Mary Law Review, 1998, p. 103.

[90] EXAME. ONU questiona que adultério seja crime em muitos países. Publicado em 18 out 2012. Disponível em: https://exame.com/mundo/onu-questiona-que-adulterio-seja-crime-em-muitos-paises/ Acesso em 21 jun 24.

em 2018 e a Coréia do Sul derrubou em 2015 uma lei que criminalizava o adultério com até dois anos de prisão. Nos Estados Unidos o número de estados que ainda consideravam o adultério crime em 2019 era de 23 estados, embora na prática essas leis nem sempre sejam cumpridas no caso americano.[91]

No contexto contemporâneo do mundo virtual, os Dez Mandamentos encontram novas aplicações. A questão da ética nas redes sociais e na robótica, por exemplo, pode ser orientada por esses princípios. A honestidade e a veracidade, destacadas no mandamento de não dar falso testemunho, são cruciais na era digital, onde a disseminação de informações falsas e a manipulação de dados são problemas recorrentes. Além disso, a consideração pelo bem-estar humano nas interações online e no desenvolvimento de inteligência artificial pode ser guiada pelos princípios de respeito e justiça dos Dez Mandamentos.[92]

Outros desafios contemporâneos relevantes incluem a pesquisa com células-tronco e o aborto, que são questões éticas complexas envolvendo considerações sobre o valor da vida humana. O mandamento "Não matarás" oferece uma perspectiva que valoriza a vida desde sua concepção, influenciando debates e políticas relacionadas a esses temas delicados. A ética derivada dos Dez Mandamentos promove uma abordagem que respeita a dignidade e os direitos de todos os envolvidos.[93] Esse princípio pode orientar a pesquisa científica de maneira que não comprometa a moralidade e a dignidade humana.

O mandamento de honrar pai e mãe também tem uma relevância contemporânea significativa. Em muitas culturas ocidentais, há uma tendência crescente de negligência dos idosos, contrastando com culturas asiáticas, onde o respeito e o cuidado com os pais são profundamente enraizados e praticados até o fim da vida. Esse mandamento destaca a importância de reconhecer e respeitar a contribuição dos pais, promovendo uma sociedade mais justa e compassiva.[94] As práticas culturais que valorizam o cuidado com os idosos refletem um compromisso com a ética familiar e social, presentes da Lei Mosaica.

Os Dez Mandamentos também encontram relevância nas áreas de direitos humanos e justiça social. Os princípios de não roubar e não dar falso testemunho, por exemplo, são fundamentais para a integridade dos sistemas econômicos e legais. Eles promovem a honestidade nas transações e a verdade nos testemunhos, o que é essencial para a justiça e a equidade. A influência desses mandamentos pode ser vista em várias declarações e convenções de direitos humanos que protegem contra a corrupção e a injustiça.[95]

Além disso, os Dez Mandamentos oferecem uma estrutura moral que pode ser adaptada às mudanças sociais e tecnológicas. No mundo em constante evolução, os princípios de respeito, honestidade, e justiça permanecem relevantes, fornecendo um guia moral em meio

[91] Publicado em 3 nov 19. https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/11/responsavel-por-formular-lei-de-adulterio-na-indonesia-e-acoitado-por-cometer-adulterio.shtml#:~:text=Em%20outros%20pa%C3%ADses%20de%20maioria,anti%2Dadult%C3%A9rio%20somente%20em%202018. Acesso em 21 jun 24.

[92] FLORIDI, L. **The ethics of information**. Oxford: Oxford University, 2013, p. 59.

[93] GEORGE, R. P. **Embryo ethics**: the moral logic of stem-cell research. The New Atlantis, 2001, p. 88.

[94] SINGER, P. **Practical Ethics**. Cambridge: Cambridge University, 1993, p. 132.

[95] MACINTYRE, A. **After virtue**: a study in moral theory. Notre Dame: University of Notre Dame, 1984, p. 57.

às novas situações éticas que surgem. Por exemplo, o uso de inteligência artificial e big data deve ser regulado por considerações éticas que garantam a privacidade e a segurança dos indivíduos, refletindo os princípios dos mandamentos.[96]

Portanto, os Dez Mandamentos continuam a ser uma referência ética vital em diversos aspectos da vida contemporânea, desde a moralidade pessoal até a legislação, as práticas sociais, os desafios tecnológicos e as questões bioéticas. Eles fornecem um alicerce sólido para a promoção de uma sociedade justa e moralmente responsável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quatro primeiros mandamentos, que tratam da relação com Deus, não são, e provavelmente nunca serão universalmente reconhecidos, devido à diversidade de crenças religiosas. Nem todas as pessoas reconhecem a existência de Deus e, portanto, não compartilham dos mesmos fundamentos religiosos. No entanto, os demais mandamentos, que orientam as relações interpessoais, apresentam princípios éticos encontrados em diferentes tradições morais, ainda que sua interpretação e aplicação variem conforme os contextos históricos e culturais.

Por fim, é essencial reconhecer que, apesar das mudanças culturais e das variações no que é considerado eticamente aceitável, os Dez Mandamentos mantêm seu valor e sua relevância há mais de três mil anos. Assim, eles não apenas moldaram a moralidade e a legislação ao longo da história, mas também continuam a influenciar normas e valores contemporâneos. Seus preceitos podem ser considerados uma importante referência para a construção de uma base ética amplamente compartilhada, embora nem todos sejam universalmente aceitos.

Diante do que foi exposto, pode-se concluir que os Dez Mandamentos oferecem uma base ética de ampla relevância, embora sua validade universal precise ser compreendida em diferentes sentidos. Enquanto os mandamentos relacionados à relação com Deus pressupõem convicções religiosas que não são compartilhadas por toda a humanidade, aqueles que orientam as relações interpessoais apresentam princípios que encontram correspondências em diferentes tradições éticas. Entretanto, a presença de princípios semelhantes em diferentes sociedades não significa que todos os mandamentos sejam universalmente aceitos, tampouco que sejam interpretados ou aplicados da mesma maneira.

Na perspectiva humana, portanto, os Dez Mandamentos representam uma importante referência ética, cuja influência permanece evidente na história e na sociedade contemporânea. Na perspectiva teológica cristã, porém, sua autoridade como expressão da vontade de Deus fundamenta a compreensão de sua validade moral, independentemente de seu reconhecimento social. Assim, os Dez Mandamentos continuam a contribuir significativamente para a reflexão ética, tanto por sua relevância histórica e cultural quanto por seu papel como fundamento moral na fé cristã.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. A **Cidade de Deus**. São Paulo: Paulus, 1984.

[96] BOSTROM, N. Superintelligence: paths, dangers, strategies. Oxford: Oxford University, 2014, p. 89.

ALI, A. **Ethical Dilemmas in Islamic Law**. Cambridge: Cambridge University, 2006.

AMBEDKAR, B. R. **Annihilation of Caste, Lahore, India**: The Annual Conference of the Jat-Pat Todak Mandal of Lahore, 1936.

AQUINO, T. de. **Summa Theologica**. Notre Dame: University of Notre Dame, 1989.

ASSMANN, J. **The Mind of Egypt**: History and Meaning in the Time of the Pharaohs. Cambridge: Harvard University, 2001.

AVICENA. **The Cure**. Provo, EUA: Brigham Young University, 1989.

ÁVILA, F. B. **Introdução à Sociologia**, Rio de Janeiro: Agir, 1981.

BAINTON, R. H. **The Medieval Church**. Princeton: Princeton University, 1950.

BENNETT, M. **The Templars**. Stroud: Sutton Publishing, 1993.

BONHOEFFER, D. **Ethics**. Guildford: Touchstone, 1943.

BOSTROM, N. **Superintelligence**: Paths, Dangers, Strategies. Oxford: Oxford University, 2014.

BROADIE, S. **Ethics with Aristotle**. Oxford, Inglaterra: Oxford University, 1991.

BRUEGGEMANN, W. **Sabbath as resistance**: saying no to the culture of now. Louisville: Westminster John Knox, 2014.

BRUEGGEMANN, W. **Theology of the Old Testament**: Testimony, Dispute, Advocacy. Minneapolis: Fortress, 2001.

BUHLER, G. **The Laws of Manu**. Oxford: Clarendon, 1886.

CALVINO, J. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã**. São Paulos: CEP, 1985.

CAMARGO E. J. C. **Estudos de problemas brasileiros**. São Paulo: Atlas, 1984.

CARTER, S. L**. The ten commandments and their influence on American Law**. Williamsburg, EUA: William & Mary Law Review, 1998.

CHAGAS, T. **'The Chosen': série viola ordens bíblicas e desperta idolatria, criticam pastores.** Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/the-chosen-viola-biblicas-idolatria-pastores-163843.html> Acesso em 22 jun 24.

CHILDS, B. S. **The Book of Exodus**: a critical, theological commentary. Louisville: Westminster John Knox, 1974.

CÓDIGO PENAL. Brasília: Senado Federal. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo_penal_1ed.pdf.> Acesso em 21 jun 24.

CONFÚCIO. **The Analects of Confucius**. Nova Iorque: Dover Publications, 1997.

COOPER, J. M. **Knowledge, Nature, and the Good**: Essays on Ancient Philosophy. Princeton: Princeton University, 1999.

DEWEESE, Garrett. J.; MORELAND J. P. **Filosofia concisa**: uma introdução aos principais temas filosóficos. São Paulo: Vida Nova, 2011.

DURHAM, J. I. **Exodus**. Grand Rapids: Zondervan, 2017.

ESPOSITO, J. L. **Islam**: The Straight Path. Oxford: Oxford University, 2003.

EXAME. **ONU questiona que adultério seja crime em muitos países**. Publicado em 18 out 2012. Disponível em: https://exame.com/mundo/onu-questiona-que-adulterio-seja-crime-em-muitos-paises/ Acesso em 21 jun 24.

FLORIDI, L. **The Ethics of Information**. Oxford: Oxford University, 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO, Publicado em 3 nov 19. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/11/responsavel-por-formular-lei-de-adulterio-na-indonesia-e-acoitado-por-cometer-adulterio.shtml#:~:text=Em%20outros%20pa%C3%ADses%20de%20maioria,anti%2Dadult%C3%A9rio%20somente%20em%202018. Acesso em 21 jun 24.

FRETHEIM, T. E. **Exodus**. Louisville: Westminster John Knox, 1991.

GANDHI, M. K. **The story of my experiments with truth**. Ahmedabad: Navajivan, 1927.

GEORGE, R. P. **Embryo ethics**: the moral logic of stem-cell research. The New Atlantis, 2001.

HARVEY, P. **An introduction to buddhist ethics**. Cambridge: Cambridge University, 2000.

HOLLENBACH, D. **The common good and christian ethics**. Cambridge University, 2002.

HORTON, M. **A lei da perfeita liberdade**: a ética bíblica a partir dos Dez Mandamentos. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

IMSCHOOT, P. V. **Imagens**, in: Dicionário Enciclopédico da Bíblia. São Paulo: Vozes, 1977.

IRWIN, T. H. **Plato's Ethics**. Oxford: Oxford University, 1995.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Mesquita: XYZ, 1785.

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1857.

KEOWN, D. **Buddhist Ethics**: A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University, 2005.

LECLERCQ, J. **The love of learning and the desire for God**: a study of monastic culture. Bronx: Fordham University, 1993.

LEWIS, C. S. **Mere Christianity**. Nova Iorque: HarperCollins, 1952.

LUTERO, M. **Livro de Concórdia**: as confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal. 1982.

MACINTYRE, A. **After virtue:** a study in moral theory. Notre Dame: University of Notre Dame, 1984.

MILL, J. S. **Utilitarianism**. Londres: ABC, 1863.

MILLER, F. D. **Ancient greek ethics: an overview**. Nova Iorque: Internet Encyclopedia of Philosophy, 2013.

MOLNAR, T. **The pagan temptation**. São Francisco: Ignatius, 2005.

NEMET-NEJAT, K. R. **Daily life in Ancient Mesopotamia**. Westport: Greenwood, 1998.

NIETZSCHE, F. (1887). **On the Genealogy of Morality**. Cambridge: DEF, 1887.

PEARLMAN, M. **Através da Bíblia livro por livro**. Rio de Janeiro: CPAD, 1964.

RADHAKRISHNAN, S. **Indian Philosophy.** Oxford: Oxford University, 1994. Volume 1.

RADHAKRISHNAN, S. **The Principal Upanishads**. Nova Iorque: Harper, 1956.

RAHMAN, F. **Major Themes of the Qur'an**. Chicago: University of Chicago, 1989.

REIFLER, H. U. **A ética dos Dez Mandamentos**. São Paulo: Vida Nova, 1992.

SAEED, A. **Islamic thought**: an introduction. Londres: Routledge, 2007.

SANTAS, G. **Socrates**: philosophy in Plato's early dialogues. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1979.

SARTRE, J.-P. **Being and Nothingness**. GHI, 1943.

SINGER, P. **Practical Ethics**. Cambridge: Cambridge University, 1993.

SMITH, G. **William Carey and the Reform of Sati**. Cambridge: Journal of Ecclesiastical History, 1990.

SMITH, J. **O Livro de Mórmon**. Salt Lake City: The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 1830.

SOUZA, Renan D. **O ensino da Bíblia e a educação cristã**: reflexão teológica em Deuteronômio 6:4-9. Cachoeira: Revista Hermenêutica, 2013.

TELUSHKIN, J. **Biblical literacy**: the most important people, events, and ideas of the Hebrew Bible. Nova Iorque: William Morrow, 2000.

TU, W. **Confucian thought**: selfhood as creative transformation. Nova Iorque: State University of New York, 1985.

VON RAD, G. **Old Testament Theology**. The Theology of Israel's Historical Traditions. Nova Iorque: Harper & Row, 1966. Volume 1.

WATCH TOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY. **Raciocínios à base das Escrituras**. Nova Iorque, EUA: Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 2006.

WEBER, M. **The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism**. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1905.

WRIGHT, C. J. H. **Old Testament Ethics for the People of God**. Chambersburg: InterVarsity, 2004.

YOUNG, E. J. "**Sábado"** in: R. P. Shedd. O Novo Dicionário Bíblico. São Paulo: Vida Nova, 1962.

Este artigo é parte integrante do Vol. 11 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2025 ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.010

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE, COSMOVISÃO E FORMAÇÃO CRISTÃ: IMPLICAÇÕES PARA O CONTEXTO FAMILIAR

Prosperity Theology, Worldview, and Christian Formation: Implications for the Family Context

Allison Roberto Campos Mendonça[1]

RESUMO

Este artigo analisa a Teologia da Prosperidade como uma estrutura interpretativa capaz de influenciar a formação da cosmovisão cristã no contexto familiar. Parte-se da compreensão de que uma cosmovisão não se limita a um conjunto de ideias, mas organiza pressupostos, valores, expectativas e práticas por meio dos quais indivíduos e comunidades interpretam Deus, o ser humano, a bênção, o sofrimento, o trabalho e os bens materiais. A pesquisa é qualitativa, bibliográfica e de caráter analítico. O estudo dialoga com autores da área de cosmovisão cristã, educação cristã, discipulado familiar e crítica à Teologia da Prosperidade. Sustenta-se que determinadas formulações dessa teologia podem deslocar o centro da experiência cristã da confiança no Deus soberano para uma lógica religiosa de resultados, na qual fé, declarações e práticas são associadas à obtenção de saúde, sucesso e prosperidade. No ambiente familiar, tais pressupostos podem ser transmitidos não apenas pelo ensino explícito, mas também por hábitos, expectativas e critérios cotidianos de realização. Conclui-se que uma resposta formativa e eclesial precisa ultrapassar a refutação de doutrinas isoladas e favorecer uma formação cristã integral, bíblica e cristocêntrica, capaz de articular fé, sofrimento, trabalho, dinheiro, discipulado e esperança.

Palavras-chave: Teologia da Prosperidade. Cosmovisão cristã. Família. Educação cristã. Discipulado.

[1] Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Bacharel em Teologia e Pós-Graduação em Psicologia Comportamental. Professor do Ensino Superior, psicólogo clínico e pastor. ORCID: https://orcid.org/0009-0002-1234-0072. E-mail: allisonmendonca@yahoo.com.br

ABSTRACT

This article analyzes Prosperity Theology as an interpretive framework capable of influencing the formation of the Christian worldview within the family context. It assumes that a worldview is not limited to a set of ideas, but organizes assumptions, values, expectations, and practices through which individuals and communities interpret God, the human person, blessing, suffering, work, and material goods. The research is qualitative, bibliographical, and analytical. The study engages authors in Christian worldview, Christian education, family discipleship, and critical studies of Prosperity Theology. It argues that some prosperity-oriented formulations may shift the center of Christian experience from trust in the sovereign God toward a religious logic of results, in which faith, declarations, and practices are associated with obtaining health, success, and prosperity. Within the family, such assumptions may be transmitted not only through explicit teaching but also through habits, expectations, and everyday criteria of achievement. The article concludes that a formative and ecclesial response should go beyond the refutation of isolated doctrines and promote an integral, biblical, and Christ-centered Christian formation capable of integrating faith, suffering, work, money, discipleship, and hope.

Keywords: Prosperity Theology. Christian Worldview. Family. Christian Education. Discipleship.

INTRODUÇÃO

A Teologia da Prosperidade ocupa lugar relevante no debate evangélico contemporâneo porque suas formulações não dizem respeito apenas ao dinheiro ou à cura, mas alcançam a maneira como o cristão compreende Deus, a fé, a bênção, o sofrimento e a realização humana. Em diferentes contextos religiosos, promessas de prosperidade, saúde e vitória podem ser associadas à prática da fé, à confissão positiva, à contribuição financeira e ao emprego de determinados princípios espirituais. O problema não está em reconhecer que o cristão pode orar por provisão, cura ou melhores condições de vida, mas em transformar essas experiências em critérios privilegiados para avaliar a fidelidade de Deus ou a autenticidade da fé.

Paulo Romeiro observa que a Confissão Positiva desafia seus adeptos a "crer o incrível" e a "transformar a realidade visível, palpável, na realidade da fé".[2] Nessa formulação, a fé é compreendida como princípio capaz de produzir efeitos sobre a realidade, deslocando-a da esfera da confiança e da submissão a Deus para uma função instrumental. Em outra obra, ao analisar a crise doutrinária no evangelicalismo brasileiro, o autor afirma que "a crise aumenta à medida que diminui o discernimento ou há falta dele por parte de igrejas e líderes cristãos".[3] As duas observações aproximam a discussão doutrinária de uma questão formativa: como os cristãos aprendem a interpretar aquilo que lhes é apresentado como promessa, bênção e vida de fé?

A categoria de cosmovisão oferece um caminho adequado para essa investigação. Uma cosmovisão organiza pressupostos fundamentais pelos quais a realidade é percebida e

[2] ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes**: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1993, p. 5.

[3] ROMEIRO, 1995, p. 7.

avaliada. Ela não permanece restrita às formulações teóricas, pois se expressa em hábitos, escolhas, prioridades, expectativas e práticas. Assim, uma proposta religiosa pode influenciar a vida dos fiéis mesmo quando seus pressupostos não são sistematicamente formulados.

Neste artigo, a Teologia da Prosperidade será analisada como uma estrutura interpretativa que, em determinadas formulações, pode funcionar como cosmovisão concorrente à compreensão bíblico-cristã da realidade. A expressão "concorrente" não significa que todos os seus elementos estejam fora do vocabulário cristão; ao contrário, sua força reside justamente em empregar categorias como fé, bênção, promessa, cura, oferta e vitória, reorganizando-as em uma lógica que pode privilegiar resultados imediatos e realização individual.

O problema que orienta a pesquisa é: de que maneira pressupostos associados à Teologia da Prosperidade podem influenciar a formação da cosmovisão cristã no ambiente familiar? O objetivo geral consiste em analisar essa influência, considerando seus desdobramentos teológicos e educativos. Especificamente, buscar-se-á apresentar o conceito de cosmovisão cristã, sintetizar elementos históricos e doutrinários da Teologia da Prosperidade, identificar deslocamentos interpretativos relacionados a Deus, fé, bênção e sofrimento e refletir sobre a responsabilidade formativa da família e da igreja.

Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa, bibliográfica e de caráter analítico. O diálogo teórico reunirá autores da cosmovisão cristã, da educação cristã e do discipulado familiar, além da análise crítica de Paulo Romeiro sobre a Teologia da Prosperidade. Não se pretende descrever todas as expressões do movimento nem atribuir indistintamente essa classificação a toda pregação sobre cura, provisão ou bênção. O interesse concentra-se em pressupostos recorrentes e em seus possíveis efeitos sobre a formação da fé.

Para desenvolver essa investigação, o artigo será organizado em quatro partes. A primeira apresentará o conceito de cosmovisão cristã e sua relação com a formação da fé. A segunda examinará as matrizes históricas da Teologia da Prosperidade e os deslocamentos que podem ocorrer na compreensão de Deus, da fé, da bênção e do sofrimento. A terceira analisará o papel da família, do discipulado e das diferentes influências na formação da cosmovisão cristã. Por fim, a quarta parte abordará os princípios para uma resposta educativa e pastoral, considerando a centralidade das Escrituras e de Cristo, a formação integral, o discernimento e o cuidado com aqueles que enfrentam situações de sofrimento e dificuldade.

1. COSMOVISÃO CRISTÃ E FORMAÇÃO DA FÉ

O conceito de cosmovisão, relacionado ao termo alemão *Weltanschauung*, refere-se à estrutura de pressupostos por meio da qual a realidade é interpretada. James W. Sire compreende cosmovisão como uma orientação fundamental do coração e da mente, composta por pressupostos conscientes ou inconscientes acerca da realidade.[4] Essa compreensão é importante porque impede reduzir a cosmovisão a um sistema intelectual

[4] SIRE, James W. **O universo ao lado**: um catálogo básico sobre cosmovisão. Brasília: Monergismo, 2020.

abstrato. Ela participa da maneira como as pessoas vivem, julgam, desejam, decidem e atribuem sentido às experiências.

No âmbito cristão, a cosmovisão encontra sua referência na narrativa das Escrituras. Bartholomew e Goheen afirmam que há "uma única história verdadeira: a história contada na Bíblia".[5] Essa narrativa oferece uma estrutura para compreender criação, pecado, redenção e esperança. Walsh e Middleton reforçam esse caráter abrangente ao afirmar que "a cosmovisão das Escrituras não tem início com Cristo e a salvação. Ela começa com Deus e a criação".[6] Desse modo, a fé cristã não pode ser reduzida à solução de necessidades individuais, pois situa a existência humana dentro da obra criadora e redentora de Deus.

A relação entre cosmovisão e formação é igualmente importante. Domingues afirma "que os sistemas de crenças são compostos por pressupostos que sustentam o modo de ser, agir, sentir e fazer das pessoas e a maneira como elas enfrentam os desafios da vida".[7] Isso significa que o ensino cristão produz efeitos para além da aquisição de conhecimento: ele participa da formação de critérios pelos quais a realidade é interpretada.

A própria Escritura associa fé e formação cotidiana. Em Deuteronômio 6.4-9, a Palavra deve integrar conversas, rotinas e relações familiares. Efésios 6.4 atribui aos pais responsabilidade no cuidado e na instrução dos filhos. Esses textos não apresentam a formação como atividade restrita a momentos formais de ensino, mas como processo que alcança a vida ordinária.

Por isso, a análise de uma tradição teológica precisa considerar não apenas o que ela afirma formalmente, mas também que tipo de compreensão da realidade ela favorece. Uma teologia que reorganiza as relações entre Deus, fé, sofrimento e bens materiais pode, consequentemente, reorganizar também expectativas, práticas e critérios de julgamento. Essa observação prepara o caminho para examinar a Teologia da Prosperidade como estrutura interpretativa.

2. TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: MATRIZES E REORGANIZAÇÕES DA FÉ

Compreendida a relação entre cosmovisão e formação da fé, é necessário examinar como determinados pressupostos teológicos podem organizar a interpretação da realidade cristã. Para isso, esta seção abordará tanto a formação histórica da Teologia da Prosperidade e da Confissão Positiva quanto suas implicações para a compreensão de Deus, da fé, da bênção e do sofrimento. O objetivo é identificar não apenas a origem dessas ideias, mas também a lógica religiosa que pode se estabelecer quando a fé passa a ser associada à obtenção de resultados concretos.

[5] BARTHOLOMEW, Craig G.; GOHEEN, Michael W. **O drama das Escrituras**: encontrando nosso lugar na história bíblica. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 28.

[6] WALSH, Brian J.; MIDDLETON, J. Richard. **A visão transformadora**: moldando uma cosmovisão cristã. Tradução de Valdeci Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 48.

[7] DOMINGUES, Gleyds Silva. **Educação cristã**: fundamentos bíblicos, teológicos e pedagógicos. Curitiba: InterSaberes, 2020, p. 37.

2.1 Matrizes históricas e Confissão Positiva

A Teologia da Prosperidade desenvolveu-se em diálogo com correntes religiosas e metafísicas que marcaram o cenário norte-americano entre o final do século XIX e o século XX. Segundo Romeiro, entre essas influências estão o Novo Pensamento e a Ciência Cristã, ambientes nos quais ideias sobre mente, palavra, saúde e realidade adquiriram importância particular.[8]

Essek William Kenyon é frequentemente associado à formação da chamada Confissão Positiva. Romeiro a define como "a teologia da fórmula da fé ou doutrina da prosperidade" difundida por televangelistas contemporâneos sob forte influência de Kenyon.[9] Posteriormente, segundo a reconstrução apresentada por Romeiro, Kenneth E. Hagin tornou-se um dos principais divulgadores dessas ideias no movimento Palavra da Fé, popularizando ensinamentos relacionados à confissão, à cura, à prosperidade e ao direito às bênçãos.[10]

Esse percurso histórico mostra que a Teologia da Prosperidade não constitui apenas uma coleção de mensagens motivacionais. Em suas formulações mais características, ela estabelece relações entre fé, palavra, comportamento religioso e resultados concretos. Por isso, sua análise exige atenção ao modo como tais relações afetam a compreensão da vida cristã. Conhecer as matrizes históricas da Teologia da Prosperidade permite avançar para a análise de seus pressupostos centrais. Mais do que identificar suas origens, importa compreender como determinadas interpretações relacionam Deus, fé, bênção e resultados, e como essa relação pode modificar a compreensão da experiência cristã.

2.2 Deus, fé, bênção e resultados

A Teologia da Prosperidade pode ser analisada como cosmovisão quando seus pressupostos passam a organizar a interpretação de diferentes dimensões da existência. Domingues observa que "a cosmovisão atinge mente e coração, visto que ela é portadora de significados construídos sobre as questões essenciais da existência humana".[11] Walsh e Middleton acrescentam que cosmovisões são percebidas quando se encontram "materializadas, incorporadas em modos reais de vida".[12]

O ponto central, portanto, não é apenas saber se uma mensagem promete prosperidade, mas compreender como ela redefine a relação entre Deus e o ser humano. Quando a fé é apresentada como instrumento para produzir resultados e determinadas práticas são tratadas como mecanismos de acesso a bênçãos garantidas, a experiência cristã tende a ser organizada por uma lógica de causa e efeito. A confiança no caráter de Deus corre, então, o risco de ser substituída pela confiança em métodos religiosos.

Romeiro registra uma autocrítica de Benny Hinn ao ambiente da Palavra da Fé, na qual aparecem a redução da mensagem cristã à fé desvinculada da salvação e a centralidade

[8] ROMEIRO, 1993, p. 7-8.
[9] ROMEIRO, 1993, p. 5.
[10] ROMEIRO, 1993, p. 5-8.
[11] DOMINGUES, 2020, p. 21.
[12] WALSH; MIDDLETON, 2010, p. 16.

concedida ao dinheiro.[13] Ainda que se trate de um testemunho reproduzido pelo autor, a passagem ilustra um risco real: quando prosperidade e retorno material se tornam critérios dominantes, categorias centrais do evangelho podem perder proporção.

A Bíblia apresenta Deus como Criador e Senhor e o ser humano como criatura chamada à comunhão, à obediência e ao serviço. Nesse horizonte, a bênção não pode ser reduzida à prosperidade econômica, e a fé não pode ser compreendida como técnica de controle da ação divina. A oração por provisão e cura permanece legítima, mas precisa estar situada dentro da confiança no caráter de Deus e da submissão à sua vontade.

A crítica de Timothy Keller à idolatria oferece um critério útil para essa discussão: "qualquer coisa mais importante que Deus para você, que domine seu coração e sua imaginação mais do que Deus, torna-se um ídolo".[14] Assim, dinheiro, saúde e sucesso não são necessariamente maus; tornam-se teologicamente problemáticos quando assumem função última na identidade, na segurança e na esperança.

Walsh e Middleton sintetizam a distinção fundamental ao afirmar que "existem apenas duas categorias básicas: o Criador e o criado".[15] Essa distinção permite reconhecer os bens materiais como parte da criação sem transformá-los em fundamento da fé. Quando as dádivas ocupam o lugar do Doador, a vida religiosa passa a ser organizada por um deslocamento de centro.

Se a fé é interpretada principalmente em função dos resultados que produz, essa compreensão também afeta a maneira como se explicam as experiências em que a cura, a prosperidade ou a solução esperada não acontecem. Por isso, a análise precisa considerar como determinadas formulações da Teologia da Prosperidade interpretam o sofrimento e quais implicações essa interpretação pode trazer para o discipulado cristão.

2.3 Sofrimento, enfermidade e discipulado

A interpretação do sofrimento constitui um dos pontos mais sensíveis da discussão. Romeiro critica o chamado "evangelho da saúde perfeita" ao afirmar que "dizer que a enfermidade é consequência da falta de fé ou pecado na vida do crente constitui-se numa falácia bíblica".[16] A afirmação evidencia o risco de transformar a doença em acusação espiritual.

A narrativa bíblica apresenta servos fiéis enfrentando enfermidades, perseguições, perdas e limitações, como Jó, Timóteo e o próprio apóstolo Paulo (Jó 1–2; 1Tm 5.23; 2Co 12.7-10). O sofrimento não pode, portanto, ser utilizado automaticamente como evidência de incredulidade. Quando isso ocorre, a pessoa que já enfrenta dor pode receber também uma carga de culpa religiosa, como se a ausência de cura ou prosperidade revelasse necessariamente deficiência espiritual.

[13] ROMEIRO, Paulo. **Os evangélicos em crise**: decadência doutrinária na igreja brasileira. São Paulo: Mundo Cristão, 1995, p. 40.

[14] KELLER, Timothy. **Deuses falsos**: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 17.

[15] WALSH; MIDDLETON, 2010, p. 72

[16] ROMEIRO, 1993, p. 26.

As consequências alcançam também o discipulado. Se a fé é avaliada predominantemente pelos resultados obtidos, seguir a Cristo pode ser confundido com alcançar uma vida de sucesso. Entretanto, o discipulado bíblico inclui obediência, serviço, perseverança, renúncia, esperança e fidelidade em circunstâncias favoráveis ou adversas. A cruz permanece elemento central da identidade cristã e impede que a realização pessoal seja convertida em medida da espiritualidade.

3. FAMÍLIA, DISCIPULADO E FORMAÇÃO DA COSMOVISÃO

Após examinar os pressupostos da Teologia da Prosperidade, é necessário considerar como diferentes compreensões da fé são assimiladas e transmitidas no cotidiano. A família constitui um espaço importante nesse processo, mas não atua isoladamente: outras influências também participam da formação de crianças e adolescentes, e a responsabilidade dos pais precisa ser compreendida em relação ao discipulado, à ação de Deus e à atuação da igreja. Esta seção examina essas dimensões e suas implicações para a formação da cosmovisão cristã.

3.1 A família como ambiente formativo

A família participa da formação da fé antes mesmo que crianças e adolescentes consigam formular teologicamente suas crenças. Valores, hábitos, prioridades e interpretações são comunicados na convivência diária. Por isso, a educação cristã no lar não pode ser reduzida à transmissão de informações religiosas.

Domingues compreende “a educação cristã como formação humana que alcança diferentes dimensões da pessoa e deve ser orientada pela verdade revelada”.[17] Essa visão se harmoniza com Deuteronômio 6, onde o ensino da Palavra está integrado ao cotidiano da casa, e não isolado em uma atividade eventual.

Ricardo Firagi expressa essa dimensão cotidiana ao afirmar que, no ambiente familiar, os filhos “observam, ouvem, absorvem e são moldados”.[18] A formulação é relevante porque mostra que a família ensina mesmo quando não está realizando uma aula. A maneira como os pais lidam com dinheiro, trabalho, frustração, doença, consumo, conflitos e igreja comunica continuamente uma interpretação da realidade.

Firagi também destaca que “o discipulado no lar não deve ser compreendido como atividade extra, mas como parte da própria vida cristã cotidiana”.[19] Assim, ensino formal e exemplo não podem ser separados. A fé apresentada verbalmente precisa encontrar correspondência nas práticas familiares para que o processo formativo seja coerente.

O cotidiano ajuda a compreender por que a Teologia da Prosperidade pode exercer influência familiar mesmo sem ser ensinada sistematicamente. Se a família associa repetidamente sucesso à bênção, sofrimento à falta de fé e dinheiro à medida de realização,

[17] DOMINGUES, 2020, p. 7.
[18] FIRAGI, Ricardo. **Discipulado começa em casa**: um método simples para o ensino claro do Evangelho aos filhos. São Paulo: Vida, 2025, p. 67.
[19] FIRAGI, 2025, p. 67.

tais pressupostos podem ser assimilados pelos filhos como critérios normais de interpretação da vida cristã. Embora a família exerça papel importante na formação da fé, ela não é o único ambiente em que crianças e adolescentes constroem suas referências e interpretam a realidade. Outras influências culturais, sociais e religiosas também participam desse processo. Por isso, além de reconhecer a responsabilidade familiar, é necessário refletir sobre como desenvolver discernimento diante de diferentes mensagens e concepções de vida.

3.2 Influências concorrentes e discernimento

A família não é o único agente formativo. Crianças e adolescentes também são alcançados por escola, mídia, redes sociais, entretenimento, grupos de convivência e discursos religiosos. Firagi adverte que, quando os pais não assumem intencionalmente o discipulado, outras influências o farão, mencionando "a cultura, as mídias sociais, as ideologias do mundo".

O reconhecimento dessas influências não deve conduzir ao isolamento cultural, mas ao desenvolvimento de discernimento. O desafio da família cristã não consiste em impedir todo contato com perspectivas diferentes, e sim em formar critérios para avaliá-las. A própria Teologia da Prosperidade demonstra que a concorrência interpretativa pode ocorrer dentro do campo religioso, pois utiliza vocabulário bíblico ao mesmo tempo que pode reorganizar seu sentido.

Nesse contexto, a advertência de Romeiro sobre a falta de discernimento permanece pertinente.[20] Quando a formação é frágil, mensagens que oferecem respostas simples para experiências complexas encontram terreno favorável. A educação cristã precisa, portanto, ensinar a interpretar textos bíblicos em contexto, reconhecer pressupostos, comparar discursos e relacionar as partes da Escritura à sua narrativa abrangente.

O reconhecimento das diferentes influências que participam da formação dos filhos conduz a uma questão complementar: qual é a responsabilidade dos pais nesse processo e quais são os seus limites? A educação cristã exige intencionalidade, exemplo e discipulado, mas não deve ser confundida com a capacidade de controlar a fé dos filhos ou produzir sua transformação espiritual. Essa distinção permite compreender a formação familiar em articulação com a ação de Deus e com a participação da igreja.

3.3 Formação do coração, responsabilidade dos pais e ação de Deus

A responsabilidade formativa dos pais não significa controle sobre a conversão dos filhos. Romeiro reconhece que "os pais têm grande influência na formação espiritual dos filhos, mas o milagre da salvação é obra de Deus".[21] A afirmação preserva uma distinção necessária entre responsabilidade educativa e soberania divina.

Firagi, ao tratar de Ezequiel 36.26, chama a atenção para a insuficiência de uma abordagem concentrada somente no comportamento: "corrigir atitudes sem tratar o coração

[20] ROMEIRO, 1995, p. 7.
[21] ROMEIRO, 1995, p. 103.

é superficial e ineficaz".[22] No contexto deste artigo, a ideia deve ser compreendida com cuidado: pais e educadores podem ensinar, corrigir, modelar e discipular, mas a renovação espiritual do coração não é produzida por técnica educativa.

A formação cristã busca, portanto, mais do que conformidade exterior. Seu propósito é apresentar uma compreensão bíblica de Deus, da pessoa humana, da graça, do sofrimento e da esperança, favorecendo a formação de critérios que orientem escolhas e práticas. Nesse sentido, o cotidiano familiar torna-se espaço privilegiado para relacionar fé e vida.

Família e igreja exercem funções complementares. A igreja contribui por meio da pregação, do ensino, da comunhão e do cuidado pastoral; a família participa da formação por meio da convivência, do exemplo, da conversa e das decisões do dia a dia. Firagi insiste que o discipulado dos filhos não deve ser inteiramente terceirizado à igreja ou à escola.[23]

Uma resposta educativa à Teologia da Prosperidade precisa, assim, ensinar uma teologia bíblica do dinheiro, do trabalho, do sofrimento, da bênção e da esperança. Os bens materiais podem ser reconhecidos como dádivas e instrumentos de serviço; a doença pode ser enfrentada com oração e cuidado sem culpa automática; o trabalho pode ser compreendido como vocação; e a esperança cristã pode permanecer fundamentada em Cristo mesmo quando as circunstâncias não correspondem às expectativas.

4. PRINCÍPIOS PARA UMA RESPOSTA EDUCATIVA E PASTORAL

A análise desenvolvida permite identificar alguns princípios para a resposta cristã à Teologia da Prosperidade. O primeiro é a centralidade das Escrituras em sua unidade narrativa. Textos sobre bênção, cura, fé e oferta precisam ser interpretados dentro do conjunto da revelação bíblica, evitando que sejam convertidos em fórmulas de garantia.

O segundo é a centralidade de Cristo. A fé cristã não se organiza em torno da conquista de resultados, mas da pessoa e da obra de nosso Senhor e Salvador Jesus. O discipulado encontra seu modelo no seguimento de Cristo, o que inclui serviço, obediência, sofrimento, esperança e amor ao próximo.

O terceiro princípio é a integralidade. A formação cristã precisa alcançar dinheiro, consumo, trabalho, saúde, sofrimento, família e vocação. Uma igreja pode rejeitar formalmente a Teologia da Prosperidade e, ao mesmo tempo, reproduzir parte de sua lógica quando mede o sucesso espiritual por crescimento, visibilidade, riqueza ou ausência de dificuldades.

O quarto princípio é o discernimento. Crianças, adolescentes e adultos precisam aprender a examinar mensagens religiosas, identificar pressupostos e perguntar que compreensão de Deus, do ser humano e da vida está sendo comunicada. Esse exercício evita a dependência de respostas prontas e amadurece a capacidade de interpretar novos discursos.

[22] FIRAGI, 2025, p. 51.
[23] FIRAGI, 2025, p. 66-67.

O quinto é o cuidado pastoral. Pessoas que enfrentam enfermidade, desemprego, luto ou crise financeira não devem ser tratadas como espiritualmente inferiores. A comunidade cristã precisa oferecer acolhimento, oração, solidariedade, orientação e esperança, evitando promessas que as Escrituras não autorizam garantir.

Tomados em conjunto, esses princípios deslocam a resposta da simples polêmica para o campo da formação. O objetivo não consiste em restringir a formação cristã à crítica de movimentos religiosos, mas em desenvolver discípulos capazes de reconhecer o senhorio de Cristo sobre toda a existência e interpretar a realidade com maturidade, responsabilidade e esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou a Teologia da Prosperidade como uma estrutura interpretativa capaz de influenciar a formação da cosmovisão cristã no contexto familiar. A análise indicou que suas implicações ultrapassam afirmações isoladas sobre riqueza ou cura, alcançando a compreensão de Deus, da fé, da bênção, do sofrimento e do discipulado.

Quando a experiência religiosa é organizada por uma lógica de resultados, a fé pode assumir caráter instrumental e os bens criados podem adquirir função desproporcional na identidade e na esperança. Essa reorganização torna-se particularmente relevante no ambiente familiar, onde crenças são comunicadas não apenas por palavras, mas também por práticas, expectativas e prioridades.

A contribuição dos autores da cosmovisão cristã permite compreender que interpretações religiosas se materializam em modos de vida. As reflexões sobre educação cristã e discipulado familiar mostram, por sua vez, que a formação da fé exige intencionalidade, exemplo, diálogo e coerência entre ensino e prática. Firagi reforça esse ponto ao destacar o lar como ambiente no qual os filhos observam e são moldados, enquanto Romeiro evidencia a necessidade de discernimento diante de propostas doutrinárias que associam fé a resultados garantidos.

O enfrentamento da Teologia da Prosperidade, portanto, não deve restringir-se à refutação de seus excessos. Uma resposta mais consistente requer formação cristã integral, bíblica e cristocêntrica. Família e igreja precisam ensinar a receber os bens materiais com gratidão sem transformá-los em medida da fidelidade divina, a enfrentar o sofrimento sem culpabilização automática e a reconhecer que a esperança cristã permanece em Cristo mesmo quando a vida não corresponde às expectativas de prosperidade.

Assim, a formação da cosmovisão cristã no contexto familiar constitui uma tarefa educativa e eclesial que envolve conhecimento bíblico, discernimento, testemunho e prática. Ao integrar essas dimensões, a comunidade cristã pode contribuir para que novas gerações interpretem fé, trabalho, dinheiro, sofrimento e esperança dentro da totalidade da narrativa bíblica.

REFERÊNCIAS

BARTHOLOMEW, Craig G.; GOHEEN, Michael W. **O drama das Escrituras**: encontrando nosso lugar na história bíblica. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2016.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Educação cristã**: fundamentos bíblicos, teológicos e pedagógicos. Curitiba: InterSaberes, 2020.

FIRAGI, Ricardo. **Discipulado começa em casa**: um método simples para o ensino claro do Evangelho aos filhos. São Paulo: Vida, 2025. E-book.

KELLER, Timothy. **Deuses falsos**: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa. São Paulo: Vida Nova, 2018.

ROMEIRO, Paulo. **Os evangélicos em crise**: decadência doutrinária na igreja brasileira. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes**: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

SIRE, James W. **O universo ao lado**: um catálogo básico sobre cosmovisão. Brasília: Monergismo, 2020.

WALSH, Brian J.; MIDDLETON, J. Richard. **A visão transformadora**: moldando uma cosmovisão cristã. Tradução de Valdeci Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. E-book.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail marivete@batistapioneira.edu.br

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subsequentes deverão obedecer ao padrão "AUTOR, data, página".

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

Referências

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.